

História do Educandário Gonçalves de Araújo



**Volume II: A época do diretor
Ramiz Galvão (1901-1930)**

AMÍLCAR GRAMACHO

História do Educandário Gonçalves de Araújo

Volume II: A época do diretor
Ramiz Galvão (1901-1930)

Amílcar Gramacho

História do Educandário Gonçalves de Araújo

Volume II: A época do diretor
Ramiz Galvão (1901-1930)

Brasília, 2026

História do Educandário Gonçalves de Araújo
Volume II: A época do diretor Ramiz Galvão (1901-1930)

Pesquisa e textos:
Amílcar Gramacho

Revisão, design gráfico e capa:
Usha Velasco

Foto da capa: Acervo Fotográfico do Arquivo
Francisco Batista Marques Pinheiro, da ISSSC (1924)

1ª edição
Brasília, fevereiro de 2026

G745h Gramacho, Amílcar, 1946-
 História do Educandário Gonçalves de Araújo –
 Volume II: A época do diretor Ramiz Galvão (1901-
 1930) / Amílcar Gramacho – Brasília (DF)
 368 f.: il.

ISBN: 978-65-01-97866-6

1. Educação. 2. Filantropia. 3. Antonio Gonçalves de
Araújo. 4. Irmandade do SS da Candelária. I. Título

CDD 370
CDU 37

*Em memória de Etelvina, minha mãe,
que me ensinou a respeitar o passado.*

Agradecimentos

Como o primeiro volume, este texto não teria vindo à luz sem a colaboração de muitas pessoas a quem renovo os meus sinceros agradecimentos. A José Gomes da Silva, saudoso provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, que me permitiu o acesso aos arquivos da Instituição, permissão que depois foi sempre renovada por seus sucessores, os provedores Pedro Ernesto Mariano de Azevedo, Luiz Alberto Queiroz Conceição, Rodrigo Gastalho Moreira — e especialmente a Antonio Soares da Silva, que, como seus antecessores, tem continuado a apoiar o meu trabalho de pesquisa sobre a história do Educandário, mas também por estimular a sua divulgação. A ele também sou grato por me ter concedido a honra e o privilégio de me tornar membro da Irmandade. A Celina de Coelho Jesus, hoje aposentada, e Dijavan Mascarenhas Campos, atual responsável pelo Arquivo da Irmandade, pela enorme atenção com que me orientaram na busca dos documentos indispensáveis para reconstruir os passos da história que aqui vai contada. Aos antigos colegas do Educandário com quem pude manter contato, por suas memórias dos anos que ali viveram, pelas repetidas manifestações de orgulho por terem pertencido àquela coletividade e pelo sentimento que sempre conservaram de gratidão à Araújo e à Irmandade. À professora Eliane Gudergues Pereira de Almeida, dedicada diretora do Educandário, pela imensa alegria que me proporcionou ao organizar, na festa do patrono de 2023, uma representação teatral da trajetória de vida de Gonçalves de Araújo de acordo com os registros biográficos que resultaram da minha pesquisa. E a Fernando Guedes Figueiredo, descendente do inesquecível filantropo, que além da sua

já assinalada contribuição para o primeiro volume, nos honrou, em 2025, com sua histórica visita ao colégio construído pela magnanimidade de seu ancestral.

Meus agradecimentos também a todos que dedicaram seu tempo para ler versões preliminares do que adiante vai escrito e contribuíram com seus comentários e observações. A Usha Velasco, que mais uma vez, com muita competência e carinho, assumiu a tarefa de revisão, diagramação e criação da capa deste livro. A Carmen, minha companheira de toda a vida, pelo incentivo permanente e incondicional aos meus projetos. Os erros e omissões que certamente permaneceram no texto, mesmo não intencionais, são de exclusiva responsabilidade do autor.

Sumário

Apresentação.....	11
I. O diretor Ramiz Galvão	17
II. Organizando as atividades do colégio	43
III. A seção feminina (1901-1930)	57
III.1. As alunas	59
III.2. O ensino e o corpo docente	79
III.3. Regentes, inspetoras e pessoal de apoio	112
III.4. Prata da casa	121
IV. A seção masculina (1905-1915)	153
V. Os capelães e a instrução religiosa	181
VI. Os cuidados com a saúde	195
VII. Obras e melhoramentos	215
VIII. As festas solenes do colégio e os discursos do diretor	229
IX. Teatro e poesia: cultura e gratidão	263
X. O diretor no lar e seu lazer produtivo	309
XI. Provedores e benfeitores	327
XII. Fim de um ciclo	347
Bibliografia	355
Síntese cronológica	359



O diretor Benjamin Franklin Ramiz Galvão¹

Apresentação

Inaugurado em 1900, com o nome de Asilo do Benfeitor Antonio Gonçalves de Araújo, sob a administração da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, essa instituição exemplar se tornou uma das obras filantrópicas mais significativas do Século XX na área educacional da cidade do Rio de Janeiro, e ainda hoje continua recebendo anualmente centenas de meninos e meninas em suas duas unidades no Bairro de São Cristóvão. A partir de 1940, o Asilo passou a se chamar Educandário Gonçalves de Araújo.

Desde então passaram pela instituição um sem-número de profissionais que se dedicaram aos cuidados básicos e à educação de milhares de crianças órfãs e necessitadas que tiveram a sorte de ali serem acolhidas.

Seu primeiro diretor foi o conhecido Barão de Ramiz Galvão, antigo preceptor dos filhos da Princesa Isabel nos últimos tempos do Brasil Império, e que na República continuou sendo uma das principais figuras nos meios culturais e educacionais. Apesar de pouco mencionada em suas biografias, a direção do Educandário foi a sua mais longa missão. Ali ele serviu e residiu por 30 longos anos. Foi da Irmandade que recebeu o fardão com o qual entrou para a Academia Brasileira de Letras. Apesar dos louros que recebeu por suas merecidas qualidades, como menino pobre que havia sido (e que também recebera apoio para a sua educação dos frades do Mosteiro de São Bento), ele jamais deixou de ensinar a seus alunos e alunas o sentimento da gratidão, um sentimento sempre levado no coração de todos quantos ali passaram os tempos difíceis de suas infâncias.

O Educandário seguiu sempre a orientação religiosa que tem sustentado por quase quatro séculos a história da instituição, em torno da qual se edificou a Igreja do Santíssimo Sacramento da Candelária e suas obras pias que marcaram a vida da Cidade Maravilhosa, como o Hospital Frei Antonio (antigo Hospital dos Lázaros).

O avanço das políticas de apoio social que vem acompanhando a evolução da economia no Brasil e no mundo — em contraste com a quase ausência de apoio governamental na época em que foi inaugurado o Educandário —, tem levado a instituição a modificar sua forma de atuação, adaptando-se à modernidade e à nova legislação que a acompanhou. A principal modificação nesse sentido, tendo em conta a longa história do colégio, foi a extinção, em 2008, do regime de internato que tinha vigorado desde a sua fundação. Evidentemente, a missão educacional que esteve presente desde o início, como o principal objetivo da Irmandade e do grande patrono Antonio Gonçalves de Araújo, não desapareceu nem se enfraqueceu; essa missão sem dúvida continua. Mas é inegavelmente uma nova etapa na história que apenas começa a ser escrita. Por essa razão, esta “história” vai tratar exclusivamente da fase que se encerrou, a do internato, quando as paredes do colégio não eram apenas as das salas de aulas, da capela, do refeitório e do pátio de recreio, mas também as paredes que guardavam o sono e os sonhos de todas as noites dos seus pequenos hóspedes.

Esses 108 anos de história encerram várias etapas e muitos momentos especiais que merecem ser recordados pelo significado da obra como um todo, e, em particular, como homenagem aos que a construíram com amor, dedicação e espírito humanitário.

O primeiro volume, que veio à luz em 2023, tratou das origens do projeto, proposto pelo provedor Luiz Augusto de Magalhães em 1881, e dos diversos obstáculos que tiveram de ser vencidos até que o legado de Antonio Gonçalves de Araújo, falecido em 1889, permitisse à Irmandade da Candelária sua efetiva realização.

Este segundo volume recupera o período em que Ramiz Galvão foi diretor, desde quando recebeu as primeiras crianças, em 1901, até se aposentar, em 1930, aos 84 anos de idade. Foi ele o organizador da estrutura funcional e educacional do colégio e o responsável por instituir suas tradições. Foi ele, também, por sua elevada competência profissional como educador e por suas capacidades intelectuais, o principal responsável por colocar o Gonçalves de Araújo entre as instituições de ensino mais destacadas do Rio de Janeiro.

Ao longo dos 31 anos em que dirigiu o Asilo, e seguindo a tradição da Irmandade, Ramiz Galvão se encarregou de redigir a cada ano um relatório em que resumia as atividades do novo colégio. Esse texto era complementado com as exposições de responsabilidade do Tesoureiro, do Procurador e do Secretário da Repartição dos Asilos. Todos os relatórios publicados no período em que Ramiz Galvão foi o diretor do Asilo se encontram no acervo da biblioteca da Irmandade, com exceção do relativo ao ano de 1905/6.²

Ramiz estabeleceu desde o início uma estrutura para os seus relatórios, estrutura que manteve com pequenas variações ao longo do tempo, considerando os seguintes tópicos:

1. Em “Ingressos e os desligamentos”, registrava os dados que nos permitiram identificar o quantitativo e os nomes dos estudantes sob sua guarda, a cada ano, e o período ao longo do qual permaneceram na instituição.
2. O item “Trabalhos do Asilo” dava conta das atividades acadêmicas dos estudantes nas várias classes do curso primário e nas diversas oficinas e cursos complementares.
3. No quesito “Pessoal”, fazia constar as alterações que se processavam no quadro de professores e mestres, além dos funcionários que atendiam as demais necessidades do Asilo, mencionando ainda as licenças, questões salariais etc.
4. Sob o título “Estado Sanitário”, item sempre de grande preocupação, relatava os problemas de saúde das crianças, indicando os

casos e os tratamentos realizados pelo clínico e pelo dentista que prestavam serviços ao Asilo. Várias doenças não tinham, na época, os tratamentos adequados, e por isso eram objeto de muita atenção por parte do diretor, para evitar o risco sempre presente de contaminações (como era o caso da tuberculose).

5. “Melhoramentos e obras” foi um dos quesitos frequentemente referidos em seus relatórios, por conta das dimensões do prédio e seu uso intensivo, demandando trabalhos permanentes de reparação, mas também pela necessidade de reordenar seus espaços para melhor atender às demandas crescentes das crianças.
6. Ramiz procurou sempre destacar os “Donativos” destinados ao colégio e às suas crianças. Alvo da admiração dos membros da Irmandade e da comunidade em geral, o Asilo contou com inúmeras contribuições, ora em dinheiro e livros para serem distribuídos em premiações, em espécie, como frutas e doces, por exemplo, mas também em equipamentos e materiais para uso nas oficinas.
7. Sob a rubrica “Exames”, o diretor dava conta do desempenho escolar, identificando aprovados, reprovados e os conceitos que receberam. A resultante desse processo de avaliação era a premiação e a exposição de trabalhos das oficinas, dois itens importantes que compunham a festa do encerramento do ano letivo.
8. O item final era quase sempre dedicado às “Festas e Cerimônias”, com destaque para a Festa do Patrono, quase sempre realizada em data próxima ao aniversário de nascimento de Antonio Gonçalves de Araújo (11 de agosto), e a Festa de Premiação, geralmente em janeiro. Esses eventos eram organizados sempre com muita dedicação, contando com convidados ilustres — compareceram vários presidentes da República —, com significativa cobertura da imprensa e sempre apoiados por vários colaboradores. Nesse item, Ramiz também fazia referência a passeios e outros eventos culturais, religiosos e educativos em que as crianças tivessem participado fora das dependências do colégio.

O presente texto está baseado principalmente nas informações desses relatórios e segue de perto a estrutura adotada pelo diretor para registrar os acontecimentos mais relevantes do colégio. O autor pouco mais fez além de compilar e resumir esse magnífico trabalho, complementando-o com documentos e fotos que a Irmandade da Candelária manteve em seus arquivos, e com informações da época, hoje acessíveis em arquivos de outras instituições públicas e privadas referidas na bibliografia, com destaque para o acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Além da amplitude e organização dos registros deixados por Ramiz Galvão, que nos permite formar, hoje, uma ideia bastante estruturada de como era a vida em um internato destinado à educação de crianças pobres, o diretor nos legou um excepcional conjunto de cartas e ofícios, de seu próprio punho, revelando diferentes aspectos da sua gestão pedagógica, seja na lida com o professorado, seja na busca de proporcionar aos jovens sob sua responsabilidade os primeiros passos para uma vida adulta e profissional. Documentos que confirmam a grandeza do intelectual respeitado e consagrado que já era ao assumir a direção do colégio, mas também o mestre assíduo e atento, preocupado em conduzir a bom futuro cada um de seus alunos e alunas.

O capítulo 1 tenta recupera etapas de sua biografia, que, no entender do autor, explicam a sua grande dedicação ao projeto educacional do Asilo. Essa biografia é complementada com os temas desenvolvidos nos capítulos 8 e 9, resumindo os discursos e peças teatrais que preparou para serem apresentados nos grandes eventos do colégio. Por meio deles, Ramiz Galvão evidenciou a sua visão sobre o papel e a importância da educação e da formação moral dos seus alunos e alunas, de modo a transformá-los em indivíduos aptos a conduzir suas famílias e a participar, como cidadãos e cidadãs, da construção do engrandecimento do seu país. Os traços finais da biografia de Ramiz, alinhados no capítulo 10, revelam características de sua personalidade profissional, separando escrupulosamente sua

atividade de diretor e sua vida privada, embora residisse com sua família no próprio colégio, além das várias outras atividades a que foi convidado a participar, como intelectual engajado que sempre foi. Os capítulos de 2 a 7 cobrem os diversos aspectos da vida no colégio, com base nos relatórios do diretor. O capítulo 11 recupera alguns registros biográficos dos provedores, responsáveis por conduzir os destinos da Irmandade da Candelária e que tiveram a missão de garantir os recursos e as condições práticas para que o Asilo Gonçalves de Araújo cumprisse os desígnios que justificaram a sua fundação. Lembra também alguns dos muitos benfeitores que, no período, apoiaram a gestão do colégio. O capítulo 12 recupera os momentos finais da vida desse ilustre personagem, sua aposentadoria como diretor, suas orientações para o futuro do Asilo e as homenagens a que fez jus após a sua morte.

Brasília, fevereiro de 2026

Notas

- ¹ Fotografia publicada no Almanaque Garnier de 1907, edição 008, p.7.
- ² Tais registros faziam parte do Relatório do Provedor, que cobria o período de 1º de julho de um ano a 30 de junho do ano seguinte.

I

O diretor Ramiz Galvão

Em maio de 1898, o jornal *Gazeta de Notícias* publicou uma nota sobre as comemorações do mês mariano no Recolhimento Nossa Senhora da Piedade, na Tijuca, ocasião em que o provedor da Irmandade da Candelária, Júlio César de Oliveira, homenageou com um diploma de benfeitor o então redator da *Gazeta*, Ramiz Galvão, “pelos inúmeros serviços prestados àquela casa de caridade”.³ Muito provavelmente ele se referia ao apoio dado pelo jornal quando a Irmandade assumiu a gestão daquela instituição.

Ambos voltaram a se encontrar em agosto daquele mesmo ano, por conta da constituição de um grupo que deveria se encarregar de organizar os festejos relativos ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, a ser comemorado dali a dois anos.⁴ Oliveira, por ser o representante da Irmandade, uma das mais prestigiadas instituições da comunidade luso-brasileira do Rio de Janeiro, e Ramiz Galvão, que naquele grupo representava o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que era uma das entidades promotoras do evento. Nesse grupo, Ramiz foi escolhido para ser um dos vice-presidentes, juntamente com o engenheiro Paulo de Frontin, figura das mais proeminentes no mundo empresarial.⁵

Naquele mesmo ano, o provedor havia dado início à construção do prédio destinado a abrigar o Asilo Gonçalves de Araújo e procurava uma pessoa para dirigir a nova instituição, que traduzisse, no campo da pedagogia, o que de melhor se poderia encontrar na capital. Os contatos que decorreram por conta daqueles festejos logo o convenceram de que Ramiz tinha todas as condições para desempenhar esse papel. No ano seguinte, Oliveira formalizou o convite e Ramiz aceitou o novo desafio.

Quem era Ramiz Galvão?

Os registros principais da biografia de Ramiz Galvão ficaram revelados pelo notável trabalho de Alfredo Mauricéa Filho, publicado em 1972.⁶ Entretanto, pouca atenção deu esse autor ao largo período em que Ramiz atuou como diretor do Asilo Gonçalves de Araújo, período esse que é o foco principal do presente volume. Assim, e para melhor contextualizar a atuação do seu diretor, entendemos que seria necessário resgatar algumas particularidades sobre a vida desse grande brasileiro, algumas delas ausentes do texto de Mauricéa, pois esse autor não contava com o acesso, hoje disponível, aos arquivos da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, além de outras fontes similares. Em meio a esses textos, foram de particular interesse os publicados pelo neto, Waldemar Saldanha de Ramiz Galvão (1889-1944), no *Jornal do Comércio*, como versões preliminares de um livro que tencionava publicar, mas que não chegou a efetivar.

Infância e juventude

Ao ser batizado, em 11 de outubro de 1847, na matriz de Nossa Senhora do Rosário, em Rio Pardo, distante 150 quilômetros da capital gaúcha, o menino recebeu o nome de Franklin. Havia nascido no dia 16 de junho do ano anterior, na pequena localidade de Passo do Couto, do citado município de Rio Pardo.⁷ Ainda segundo esse registro, era filho de João Galvão e de Joana Petrona Paula Ramos. Nessa mesma igreja haviam casado seus pais, em 12 de agosto de 1845, e batizada sua irmã, Maria, em 11 de julho de 1849 (nascida a 14 de janeiro de 1848).⁸

Esses primeiros registros são confusos quanto à naturalidade do pai (referido como inglês) e da mãe (mencionada ora como argentina, ora como espanhola ou ainda como brasileira). Registros posteriores deixam claro, entretanto, que a mãe era efetivamente argentina. Quanto ao pai, só muitos anos mais tarde, em 1928, foi que o próprio Ramiz esclareceu que era de origem norte-americana.⁹

O pequeno Franklin tinha apenas seis anos quando sua mãe resolveu se transferir para o Rio de Janeiro, após a morte do marido.¹⁰ Ao registrar a chegada de embarcações à capital do país, no dia 21 de março de 1852, o *Jornal do Comércio* mencionou terem desembarcado naquele dia D. Joana Petrona Paula Ramos e dois filhos menores. Tinham chegado no brigue Novo Porto, proveniente da cidade de Rio Grande (RS), em uma viagem que havia levado 19 dias.¹¹

A vida na capital não foi fácil. Mas a primeira providência de sua mãe foi conseguir uma escola para o filho. Sabe-se, por um jornal da época, que o menino Franklin Ramos Galvão chegou a cursar, naquele mesmo ano, o Colégio Mafra, na Rua da Assembleia, onde obteve destaque.¹²

Ainda em 1852, em 30 de julho, sua mãe, que era ainda muito jovem, com cerca de 21 anos, casou-se em segundas núpcias com o comerciante fluminense Manoel Pereira Gomes da Silva. Foi testemunha da celebração religiosa o coronel Miguel de Frias e Vasconcellos, que era então presidente da sociedade Amantes da Instrução, uma entidade privada que oferecia ensino gratuito a crianças pobres e onde Franklin passou a estudar no ano seguinte.

O novo casamento durou pouco, encerrado em junho de 1854 com a morte de Gomes da Silva. Naquele mesmo ano, com apenas 8 anos, Franklin concluiu o curso primário. E terá sido com a recomendação do coronel Vasconcellos, que então assumira o cargo de presidente da Câmara Municipal, que o menino foi levado por sua avó à presença do imperador Dom Pedro II, para solicitar uma vaga no colégio Pedro II. O próprio Ramiz iria relembrar esse episódio em 1925, ao escrever uma nota sobre o centenário de nascimento do imperador:

Vi o imperador pela primeira vez em princípios de 1855, quando eu contava oito anos e meio de idade. Minha boa avó conduziu-me então à Quinta de S. Cristóvão para pedir a D. Pedro II a minha admissão como aluno gratuito no Colégio Pedro II, atenta a nossa situação de pobreza. O imperador, que a todos sem exceção recebia diariamente, com lha-

neza e cordura, na varanda interna do Palácio, ouviu o pedido e só replicou:

— Mas este menino já fez a sua instrução primária?

— Já está pronto, meu Senhor, respondeu minha avó. — Ele já recebeu o diploma do Colégio Amantes da Instrução, onde estudou.

— Mas deveras pronto?

— Não posso duvidar, porque o professor, Sr. Inocêncio Drumond, começou até a ensinar-lhe particularmente rudimentos de francês e latim.

— Está bem, está bem, concluiu o imperador. Traga-me os papéis e eu os passarei ao ministro.

E fez-me afagos, que nunca esqueci.¹³

E assim ocorreu. Em fevereiro, o *Jornal do Comércio* reproduziu um despacho do Ministro do Império, dirigido ao reitor do colégio Pedro II, “mandando admitir no mesmo colégio como aluno externo gratuito a Franklin Ramis Galvão, filho de D. Joana Ramis Galvão”.¹⁴ Era um atestado de que o imperador havia realmente ficado impressionado com o menino.

O filho de D. Joana iria não apenas dispor de uma vaga para continuar seus estudos com os melhores mestres da época, mas estaria em contato, nos próximos sete anos do curso, com boa parte dos jovens que se tornariam figuras de destaque na sociedade.

Estranhamente, o despacho trazia o sobrenome “Ramos” trocado por “Ramis”. Talvez se tratasse de um erro tipográfico, mas o fato é que, dali por diante, seu nome iria aparecer como Ramis, até que mais tarde o “s” foi substituído por “z”. Retomaremos adiante a esta e outras curiosidades sobre o nome.

Ainda em 1855, em agosto, sua mãe contraiu novas núpcias. Dessa vez com o comerciante inglês José Hathaway, de 22 anos de idade.¹⁵ A consulta ao registro desse evento revelou, como no caso do anterior casamento de Joana, a presença de uma figura importante no ambiente cultural da capital. Tratava-se de Alexandre José de Mello Moraes (1816-1882), médico, jornalista, historiador e autor de inúmeros livros, que parece ter influenciado a trajetória futura do pequeno Franklin. Anos mais tarde, Ramiz se tornaria amigo de

Alexandre José de Mello Moraes Filho, de predicados similares ao do seu pai.¹⁶

Em 1856, a família Ramos Hathaway recebeu mais um membro: uma menina a quem deram o nome de Maria.¹⁷

Em janeiro de 1857, a família passou por um grande susto: um incêndio na casa onde moravam, felizmente debelado com a ajuda dos vizinhos.¹⁸

Por volta de abril de 1860, sua mãe teve uma nova menina, que recebeu o nome de Amélia. Mas os acontecimentos seguintes foram deploráveis: a 6 de junho, faleceu D. Joana, aos 29 anos de idade, de tuberculose, e menos de um mês após deu-se o óbito da pequena Amélia, por pneumonia.¹⁹

Por ocasião da morte de Joana, apareceu no Jornal do Comércio a seguinte nota:

José Hathaway e Benjamin Franklin Ramis Galvão muito agradecem às pessoas que os acompanharam na triste aflição em que se viram pela enfermidade e morte de sua esposa e mãe, Maria Joana Hathaway, já fazendo-lhes companhia durante essas noites, perdendo seus repousos tranquilos em suas casas, já por acompanharem o corpo da falecida ao seu último jazigo; e ao mesmo tempo rogam-lhes, assim como a todas as pessoas de sua amizade, o obséquio de assistirem à missa de sétimo dia que se há de celebrar, hoje, 13 do corrente, às 8 horas da manhã, na igreja de Santa Rita.²⁰

Hathaway voltou a casar-se em novembro daquele mesmo ano e formou nova família.²¹

Apesar de todos esses incidentes, Franklin seguiu seus estudos sempre com as melhores notas. Ao final de 1861, concluiu com brilhantismo o Bacharelado em Letras no Pedro II. Decidiu fazer, em seguida, o curso de Medicina, mas não lhe autorizaram a matrícula, por não ter atingido a idade mínima necessária para ingresso na faculdade, que era de dezesseis anos. Só foi aceito no ano seguinte.

Adulto

As ocorrências envolvendo o jovem Ramiz e sua família entre 1862 e 1868 constam dos relatos publicados mais tarde por seu neto, Waldemar de Saldanha Ramiz Wright.²² Contaria ele que, em 1862, o avô passou a dar aulas particulares para reforçar o orçamento doméstico, e que também obteve autorização para assistir às aulas do 1º ano do curso de Medicina, como ouvinte, época em que fez amizade com o então aluno Candido Barata Ribeiro. Por indicação deste, foi procurar apoio nos frades do Mosteiro de São Bento, que ofereciam hospedagem a estudantes pobres. Essa ajuda lhe permitiu “...socorrer com maior largueza a sua boa avó e a irmãzinha com o pouco que ganhava com os seus alunos.” Além disso, passou a conviver, no Mosteiro, com alguns de seus antigos professores do Pedro II: Frei Manuel de Santa Maria Amaral e o bacharel Antonio Maria Correa de Sá e Benevides, que então se preparava para o sacerdócio. Também teve o apoio do abade do Mosteiro, Frei Saturnino, que o ajudou (provavelmente após a morte da avó) a internar gratuitamente sua irmã pequena, Maria Hathaway, no Colégio das Irmãs de Caridade, em Laranjeiras. A menina completou ali sua formação e acabou por tomar o hábito daquela congregação.²³

Em 1864, o novo abade do Mosteiro, frei José da Purificação Franco, que havia sido vice-reitor do Pedro II, deu-lhe um novo espaço para residir na Rua dos Pescadores (atual Visconde de Inhaúma), permitindo ainda que continuasse a fazer suas refeições no Mosteiro. Em 1866, quando seus amigos Frei José de Santa Maria e o já então padre Antonio Sá e Benevides foram nomeados reitor e vice-reitor, respectivamente, do internato Pedro II, Ramiz foi por eles convidado a compartilhar um imóvel do colégio, na rua São Francisco Xavier.

Durante esse período, especialmente nos anos que passou no Mosteiro, Ramiz ali fez sua primeira comunhão e reforçou suas crenças religiosas. Também encontrou ali a inspiração para seus pri-

meiros escritos. Havia conquistado amigos que acreditavam nas suas potencialidades e lhe garantiam o tempo que precisava para construir o seu imenso templo de conhecimentos.

Primeiros escritos: religião e história

Já nessa época, Ramiz estava ciente da importância de conviver em ambientes em que pudesse compartilhar suas preocupações culturais. Assim, em 1863, com 17 anos, incorporou-se ao grupo de redatores da *Revista da Sociedade de Ensaios Literários*, e no ano seguinte foi um dos organizadores do Instituto dos Bacharéis em Letras. Nessa fase, influenciado por sua convivência no Mosteiro, explorou o papel do cristianismo na sociedade. Na primeira edição daquela revista publicou “A mulher regenerada pelo cristianismo”, um interessante texto sobre a evolução do papel da mulher em diferentes ambientes culturais.²⁴ Sua intenção era a de enaltecer o papel do cristianismo, demonstrando como havia proporcionado a redenção da mulher e, assim, possibilitado a organização de uma sociedade moderna e mais justa. Essa visão ele sintetizou no seguinte trecho:

Deus, fazendo com que seu filho nascesse do ventre de uma mulher, mandou o cristianismo para levantar a companheira do homem do abismo, das trevas, do nada, a que a materialista e bárbara antiguidade tinha atirado o anjo da família. [...] Hoje a mulher tem ante si abertas as portas do templo da ciência e da glória e tem ao mesmo tempo sua ventura debaixo do teto da família. Ela hoje é a fonte de inspiração do poeta, o assunto de meditação do filósofo, um dos encantos e dos fins da humanidade, a flor do lar, a fonte no Sarah da vida. Abaixo da religião ocupa o lugar mais elevado no coração do homem. Hoje a mulher é senhora; antes do cristianismo era escrava de um déspota, e nada mais!

Ainda em 1863, publicou outro pequeno ensaio sob o título “Nossas ideias”, em que procurava situar sua existência e sua missão no mundo, uma vez mais fundamentada nos pressupostos do cristianismo.²⁵

No ano seguinte escreveu “Os conventos”, destacando a importância das organizações religiosas na difusão da religião e do conhecimento. Nesse ensaio já se revelava um jovem agradecido pelo apoio recebido dos beneditinos, empenhado em defender os interesses da ordem, ameaçados pelas políticas do governo de então.²⁶

Mas nem só a religião era o objeto de suas preocupações. A história e sua interpretação chamavam sua atenção, como deixou evidente em “A glória de Colombo”, de 1864/5.²⁷

Em 1867, com 21 anos, por recomendação do imperador Pedro II, submeteu ao Instituto Histórico seu primeiro trabalho de grande fôlego, “O púlpito no Brasil”, uma profunda análise dos principais predicadores que haviam atuado no país, desde o padre Antonio Vieira até o frei Francisco de Monte Alverne. Uma pequena parte desse texto havia sido publicada, em 1865, na *Revista Mensal da Sociedade de Estudos Literários*.²⁸ Em 1867, foi publicado integralmente pela referida sociedade.²⁹ Por esse texto ele recebeu um elogio público estampado na primeira página do *Jornal do Comércio*, uma laudatória poesia assinada por “um seu admirador”, que gabava os méritos da obra e antecipava um futuro brilhante para aquele jovem.³⁰

Chama atenção nesse trabalho, uma vez mais, a vigorosa defesa do clero no Brasil, que ele considerava estar sendo muito desprestigiado pelo governo imperial. Na parte final do trabalho, procurando as razões para a escassez de novos oradores sacros que dessem continuidade à tradição inaugurada por Vieira, lamentava a diminuição da religiosidade cristã do povo, mas responsabilizava especialmente o governo pelo desprestígio do clero no país. Era, uma vez mais, a sua forma de retribuir o apoio recebido dos beneditinos.

Algum tempo depois, enquanto tentava exercer seus primeiros trabalhos na área médica, concluiu outro grande estudo, ainda sobre a temática religiosa, sobre a Ordem de São Bento.³¹ Esse estudo foi dividido em duas partes, sendo que na primeira Ramiz tratou da longa história dessa ordem na Europa. A segunda parte foi dedicada a reconstituir a história do mosteiro, existente no Rio de Janeiro

desde 1589, ano em que um grupo de beneditinos vindos da Bahia se estabeleceu na cidade. Nesse contexto, Ramiz traçou retrospectivamente as contribuições dos beneditinos para a cultura, a educação e as artes, além dos benefícios em favor dos governos locais. No aspecto cultural, destacou a criação do Colégio São Bento, inaugurado em 1858 e complementado na década seguinte com a criação de um seminário. No epílogo desse texto, como fizera na conclusão de “O púlpito”, Ramiz cuidou de expor os motivos das dificuldades recentes dos beneditinos do Rio de Janeiro, que eram causadas pelas injunções políticas e pelo peso dos crescentes gravames tributários que se lhes aplicavam.

Seu neto confirmaria mais tarde que esse trabalho havia sido feito como uma forma de agradecimento à acolhida que recebera no Mosteiro de São Bento. O mesmo sentimento de gratidão que ele revelara aos 11 anos, agradecendo publicamente aos que ajudaram a socorrer sua família no incêndio de 1857, e aos que ajudaram a velar os últimos dias de vida de sua mãe, em 1860. A gratidão era o “primeiro mandamento” no seu livro de regras morais.

O médico

Ramiz formou-se em 1868, e na festa de encerramento do curso, realizada em 3 de dezembro, foi escolhido por seus companheiros para ser o orador da turma. Pedro II esteve presente ao ato.³² Esse novo e especial encontro também foi lembrado por Ramiz em 1925:

Fiz gratuitamente toda a minha instrução secundária no Colégio Pedro II, bacharelando-me em 1861 após os sete anos do curso. Ali o imperador assistiu a todos os meus exames finais.

Esta circunstância prende-me a outra, que me causou a maior sensação e que demonstra não só a fenomenal memória como a delicadeza de sentimentos de D. Pedro II. Eis o fato.

Passados anos e tendo eu concluído em 1868 os meus estudos superiores na Escola de Medicina, defendi teses com a presença do impe-

rador e nesse ano recebi o respectivo grau, cabendo-me a honra de ser o orador da turma, por escolha dos meus distintos colegas. Finda esta cerimônia, como era então da pragmática, dirigi-me ao imperador para beijar-lhe a mão. Nesse momento perguntou-me ele:

— E sua avó já não vive?

— É falecida, senhor.

— Que prazer seria o dela, se presenciasse este ato.

Tais palavras foram-me ao coração, escusado é dizer, e por isso também não as esqueci jamais.³³

Curta, entretanto, foi sua carreira médica. O estudo biográfico de Mauricéa menciona apenas que teria atuado em hospitais militares no Rio de Janeiro, atendendo feridos da Guerra do Paraguai, e na inspeção de saúde nos navios que chegavam à capital brasileira.

Os periódicos da época, entretanto, confirmam ter atendido no consultório dos doutores José Pereira Rego e José Pereira Rego Júnior, este último seu antigo colega do Colégio Pedro II. Na edição do ano seguinte, também é citado como um dos segundos-cirurgiões do Hospital Militar de Convalescentes, na rua do Andaraí Grande.³⁴ Sabe-se, ainda, por um relato de seu neto, Waldemar, que Ramiz também atendeu como médico no Mosteiro de São Bento, até 1882, ano em que teve de deixar o Rio de Janeiro para ser o preceptor dos filhos da Princesa Isabel.³⁵

Mas se não se firmou no exercício da medicina; encontrou seu espaço como professor em algumas cadeiras da faculdade onde se formou, cargo do qual teve que se jubilar quando assumiu o encargo de preceptor dos filhos da princesa Isabel.

A questão do sobrenome: Ramos, Ramis, Ramiz

Um tema curioso é como seu sobrenome passou de Ramos Galvão para Ramis Galvão, e finalmente para Ramiz Galvão. Os primeiros documentos que encontramos sobre a família, ainda no Rio

Grande do Sul, mencionavam claramente que o sobrenome materno era Ramos. Assim também constava na notícia da chegada ao Rio de Janeiro, em 1852, e, nesse mesmo ano, no registro do casamento de Joana com Manuel. A variação para Ramis surge em 1855, quando de sua matrícula no Colégio Pedro II. Depois disso, seu nome aparece alternadamente nas duas formas quando citado pelos jornais. Talvez por ser completamente estranha, alguns tipógrafos fizeram a correção para a forma comum, Ramos. Pelo menos até o momento em que o “s” foi substituído pelo “z”, o que parece ter acabado de vez com a confusão. Essa última alteração ocorreu por ocasião de seu casamento, em 1871.

Igualmente curiosa é a introdução do prenome Benjamim, que não constou do seu registro de batismo nem das citações que lhe foram feitas durante os primeiros anos no Rio de Janeiro. A primeira vez que aparece como Benjamim Franklin é em novembro de 1855, em uma lista de alunos do Colégio Pedro II, do 1º ano. É provável que, por conta de sua pouca idade, seus colegas o tenham apelidado de Benjamim (termo bíblico que geralmente indica o filho mais novo). E, ao que tudo indica, Franklin o incorporou.

Vale ainda lembrar, com base em seu biógrafo, que seu pai havia recebido pelo batismo o nome de John Coal, cuja tradução para o português resultaria em João Carvão. Para não usar a tradução literal, o pai teria preferido adotar um nome que soasse parecido, daí surgindo o “Galvão”.

Diretor da Biblioteca Nacional

Em novembro de 1870, faleceu o frei Camilo de Monserrate, o beneditino que havia dirigido por muitos anos os destinos da Biblioteca Nacional. No mês seguinte, para surpresa de muitos, o imperador Pedro II resolveu nomear para o cargo vago o jovem médico Ramiz Galvão. Tinha apenas 24 anos de idade. Ali seria o responsável por revolucionar a atuação do órgão e oferecer significativas

contribuições à historiografia brasileira, com seu ritmo incansável de trabalho e método organizativo.

Ramiz permaneceu na Biblioteca Nacional por 12 anos, tendo realizado um intenso trabalho de reorganização dos vários setores daquela instituição e iniciado, em 1876, a publicação dos *Anais da Biblioteca Nacional*. Dedicou-se a catalogar todas as peças e textos que conduzissem a um melhor entendimento da história nacional e do desenvolvimento do sentimento pátrio. Um dos pontos altos dessa atividade foi a organização de uma Exposição de História e Geografia do Brasil, inaugurada no dia 2 de dezembro de 1881, que teria servido de motivo para que Ramiz preparasse e depois publicasse, nos próprios *Anais*, um monumental Catálogo, que compreendia mais de 20 mil documentos, relacionados em cerca de duas mil páginas. Esse catálogo passaria a servir, dali por diante, como referência para os pesquisadores da história pátria.³⁶

Seu ingresso como diretor da Biblioteca Nacional era o passo que faltava para ser admitido como sócio do prestigioso Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o que ocorreu em 16 de agosto de 1872.

Constituindo família

Com o honroso emprego de diretor da Biblioteca Nacional, Ramiz sentiu sua condição de vida ascender para um patamar que lhe permitia formar sua própria família. Poucos meses após sua posse, casou-se com a jovem Leonor Maria Saldanha da Gama. A noiva era natural de Campos dos Goitacazes, proveniente de uma importante família local, irmã do então capitão-tenente (futuro almirante) Luiz Felipe de Saldanha da Gama. A cerimônia realizou-se na igreja matriz de São Francisco Xavier, no Engenho Velho, no dia 22 de agosto de 1871, oficiada pelo então abade do Mosteiro de São Bento, frei José da Purificação Franco. Foram testemunhas do ato o pai da noiva, José de Saldanha da Gama, e o já mencionado padre Antonio Maria Correa de Sá e Benevides, amigo de Ramiz desde quando cursara

o colégio Pedro II. Teria sido o padre Antonio Maria o elo que levou o estudioso Ramiz ao seio dos Saldanha da Gama, pois as duas famílias, que estavam entre mais destacadas de Campos dos Goitacazes, eram fortemente aparentadas.

Os filhos, em número de quatro, viriam em seguida: primeiro Leonor, em 20 de junho de 1872, seguida por Maria Augusta, em 21 de julho de 1874, Anna (Annita), em 14 de outubro de 1875 e Benjamin, em 28 de agosto de 1878.

Preceptor dos príncipes

Em 1882, pouco depois de encerrada a Exposição de História e Geografia do Brasil, e enquanto passava alguns dias de descanso em Campos, Ramiz foi procurado por emissários do conde D'Eu e da princesa Isabel. Queriam que ele assumisse o cargo de preceptor dos três filhos do casal: Pedro de Alcântara, herdeiro do trono, nascido em 1875, e seus irmãos Luís, nascido em 1878, e Antonio, nascido em 1881. Ramiz tentou se desvencilhar desse convite, por várias razões. Uma delas é que seria obrigado a residir em Petrópolis, tendo que alugar casa para sua família (seus quatro filhos eram ainda pequenos). Outra é que teria de abandonar suas aulas na Faculdade de Medicina. Finalmente, e talvez a mais sensível de todas, é que teria de se manter distante da sua tão querida Biblioteca. Estava muito envolvido com o trabalho que ali fazia e não pretendia se distanciar dos livros e documentos que constituíam a matéria-prima para suas pesquisas. Por tudo isso, relutou o quanto pode em aceitar o desafio que lhe propunham.

Seria ainda o neto, Waldemar, quem contaria mais tarde, com base nos arquivos de seu avô, o quanto ele havia sentido por ter de deixar a direção da Biblioteca Nacional, abandonando todos os projetos que tinha em mente. Teria mesmo confessado ao conde D'Eu que havia se identificado muito com os destinos da Biblioteca e que por isso “sentia uma certa dor com a ideia de a abandonar para

sempre...” Ao final de muita ponderação, de ter ouvido os pareceres dos amigos mais próximos e da recomendação do próprio imperador para que não recusasse o convite, escreveu ao marido de Isabel: “Sem deixar sempre de temer a minha insuficiência para tão elevadas funções, acredito como sempre acreditei que o cidadão não tem o direito de negar seus serviços à Pátria e, pois, que no caso vertente são os primeiros filhos da Pátria que os solicitam, não é lícito dizer — não.”³⁷ Aceitava o encargo como obrigação patriótica.

No curso da temporada que teve em Petrópolis como preceptor dos príncipes, Ramiz Galvão conviveu com o engenheiro André Rebouças, a quem nos referimos no volume anterior por seu relacionamento com Gonçalves de Araújo.³⁸ Ramiz, entretanto, jamais declarou ter conhecido pessoalmente o filantropo.

Pelos bons resultados de sua missão como preceptor, Ramiz foi recompensado com o título de “Barão de Ramiz”, que lhe foi atribuído por despacho de 20 de junho de 1888.



Escudo de armas do Barão de Ramiz e a legenda pela qual pautava sua vida: Labor et Fides (Trabalho e Fé)³⁹

A homenagem ao velho bibliotecário

Enquanto cumpria sua missão em Petrópolis, Ramiz escreveu um longo trabalho, ainda uma vez como preito de gratidão pelo apoio que recebera dos beneditinos, recuperando a biografia de seu antecessor na Biblioteca Nacional, que havia nascido em Paris no ano de 1818 e tinha vindo para o Rio de Janeiro em 1844. Pouco depois, se naturalizaria brasileiro e se inscreveria na Ordem de São Bento. Por conta de sua grande cultura, foi nomeado professor do Colégio Pedro II e, em 1853, diretor da Biblioteca Nacional, cargo no qual se manteve por 17 anos, até sua morte.⁴⁰

Ramiz, entretanto, não encerrou ali a homenagem ao seu predecessor. Acrescentou ao texto uma enorme quantidade de escritos inéditos do frade, que teve o trabalho de organizar e selecionar. E, dessa forma, uma parte da produção cultural do falecido diretor foi publicada, ainda que após sua morte, nos *Anais* da biblioteca que havia dirigido. Um grande gesto do seu sucessor.

No lado republicano

Seu trabalho com os filhos de Isabel foi interrompido em novembro de 1889, quando foi proclamada a República e o governo revolucionário intimou a família imperial a deixar imediatamente o país. Ramiz poderia ter seguido com a família imperial, mas entendeu que não deveria fazê-lo. Além de simpatizante do regime republicano, sua família era numerosa o suficiente para que optasse por permanecer no Brasil.

Na verdade, ele não teve qualquer problema de consciência em colaborar com o regime que havia deposto a monarquia. De acordo com Mauricéa, Ramiz teria deixado sua posição bem clara, quando, ao se despedir de seu aluno Luiz, recomendara: “Quando estudar sociologia, saberá que a forma republicana é a mais perfeita e a que pode realizar o ideal dos povos.”

Seu ingresso no governo de Deodoro da Fonseca foi através do positivista Benjamin Constant, um dos líderes do golpe republicano. Foi este que o chamou para ajudá-lo a aplicar seus projetos de mudanças no sistema de ensino, nomeando-o, em fevereiro de 1890, para o cargo de Inspetor Geral da Instrução Primária e Secundária. Ramiz continuou sua missão mesmo após a morte de Constant, que ocorreu em janeiro de 1891. Em janeiro do ano seguinte, publicou um artigo em sua homenagem, ocasião em que lembrou:

Encontrei-o ao alvorecer da República, nos primeiros dias do Governo Provisório, esmagado de trabalho, abalado ainda pelas emoções da batalha que ganhara, e preocupado com a grande obra da reconstrução da pátria. Foi então que magnânimo e bom apelou para o concurso de minhas débeis forças, oferecendo-me o posto de lutas e sacrifícios em que ainda hoje me conservo...⁴¹

Tempestades políticas e catástrofes familiares

As tensões do primeiro governo republicano se acentuavam a cada dia, dividindo em campos opostos o marechal Deodoro e seu vice, Floriano, que após a morte de Constant havia herdado a liderança sobre os positivistas. Em novembro de 1891, sob pressão do deputado e almirante Custódio de Mello à frente de uma frota naval, Deodoro foi forçado a renunciar e passar o governo a Floriano. Em abril do ano seguinte, as disputas retomaram vigor com o episódio do “manifesto dos 13 generais”, que resultou na prisão de jornalistas, políticos e militares acusados de participar de um complô para derubar Floriano.

Embora distante da política, Ramiz não foi poupado, acusado de monarquista e de adulterar os princípios propostos por Constant para o sistema de ensino. Ganhou, entretanto, alguma estabilidade quando seu amigo dos tempos da faculdade, o médico Barata Ribeiro, foi nomeado para o cargo de prefeito da capital, em novembro de 1892. Nessa época, o ensino primário passou a ser incumbência da

administração municipal, e Ramiz ficou encarregado de organizar esse serviço no Distrito Federal.

Foi nesse clima político conturbado que Ramiz teve de enfrentar uma catástrofe em sua família: a morte de três de seus quatro filhos. Eles já eram praticamente adultos quando foram vítimas de um surto de sarampo, que se agravou com complicações pulmonares. No dia 19 de março de 1893 faleceu o filho caçula, Benjamim, então com 15 anos de idade; em seguida Leonor, a mais velha, de 20 anos, no dia 26, e por último Maria Augusta, de 18 anos, no dia 30 do mesmo mês. A medicina da época não lhes deu chances de cura.

Naquele mesmo ano, somando-se à dor pela morte dos filhos, Ramiz teve de enfrentar uma situação bastante constrangedora, quando seu cunhado, o almirante Luís Filipe Saldanha da Gama, irmão de sua esposa, aderiu aos revoltosos da Armada. A permanência de Ramiz no governo municipal ficou insustentável, e ele foi exonerado do cargo a 11 de dezembro de 1893, quatro dias após a adesão do cunhado à Revolta.

Mas não foi só. Desde o início daquele ano, Ramiz estava trabalhando também, nos horários que tinha disponíveis, na redação do jornal *Gazeta de Notícias*. Com o agravamento das tensões políticas, esse jornal passou a formar parte do bloco que hostilizava o chefe de governo. Assim, ao ser exonerado da prefeitura, Ramiz passou a temer por sua liberdade, e decidiu se afastar do Rio de Janeiro.

Encontrou guarida em Minas Gerais, na cidade de Mariana, onde foi acolhido por seu antigo amigo do Pedro II e do Mosteiro de São Bento, frei Antonio Maria Correa de Sá e Benevides, que era então bispo daquela diocese. Passou ali grande parte do ano de 1894.

Dos textos que escreveu nessa época, longe da capital e de suas disputas políticas, apenas um terá marcado esse longo momento de reflexão, dando-lhe a oportunidade para chorar os filhos perdidos no ano anterior. Trata-se de um pequeno conto que dedicou à lembrança de sua filha Leonor, a mais velha. Nessa pequena história, situada durante os festejos religiosos da coroação da Virgem Maria, Ramiz

narrou a visão milagrosa vivida por uma mulher, viúva, que perdera sua jovem e única filha. Ele manteve esse texto guardado por muito tempo e só teve coragem de publicá-lo 17 anos depois, sob o pseudônimo de Zimar (Ramiz ao contrário), que jamais havia utilizado. O texto foi impresso no *Almanaque do Asilo Gonçalves de Araújo*, na oficina tipográfica que havia sido instalada pouco antes para o ensino profissional dos alunos. Ao dar-lhe luz em um livro cuja circulação sabia restrita, deixava cair a lágrima que escondera por tanto tempo. Poucos, certamente, se detiveram a ler (e compreender) aquele texto, que tampouco foi mencionado por seu principal biógrafo, embora tenham sido, certamente, as páginas mais intimistas de tudo quanto escreveria em sua longa vida.⁴²

Só após o fim do mandato de Floriano e a posse de Prudente de Moraes (15 de novembro de 1894) é que Ramiz retornou à capital, reassumindo seu posto na redação da *Gazeta*.

Embora o novo presidente tenha tentado apaziguar os ânimos e conseguido encerrar a guerra civil, o clima político continuou bastante agitado, a ponto de se atentar contra a vida do próprio Prudente de Moraes, ato do qual foi acusado como mandante seu vice, Manuel Vitorino de Almeida, apoiado por positivistas radicais. Prudente não se feriu, mas seu ministro da Guerra foi morto.

Apesar do fracasso da intentona e dos esforços do presidente para estabilizar o país, a situação política continuaria estremecida, o que diminuía as oportunidades de trabalho para Ramiz no serviço público.

Além disso, suas responsabilidades familiares voltaram a aumentar, em função da morte de seu genro, o paulista Raul Wright, de apenas 25 anos. Raul havia se casado em 1895 com Anita, a filha sobrevivente de Ramiz. Dessa união nasceram Roberto, em 1896, e Waldemar, em 1898. Quando este último nasceu, entretanto, Raul já estava doente, com a fatídica tuberculose.

Ramiz teve mais uma vez o apoio dos seus companheiros de redação da *Gazeta de Notícias*, onde então trabalhava. Novamente con-

doídos por sua sorte, registraram seus sentimentos em uma mensagem publicada na edição do dia seguinte ao óbito:

Há martírios íntimos, dores fundas, cuja intensidade dá a medida exata da fortaleza de um espírito pela soma de resistência necessária a suportá-los e, se não consegue abatê-los, dão-lhes o direito ao respeito que merecem os que praticam, sem ruído e sem ostentação, uma das mais úteis virtudes cristãs, a resignação. Está nesse caso o nosso digno colega por tantos outros títulos credor de nossa consideração e sincera estima.⁴³

O educador de crianças pobres

Com base no que resenhamos acima, fica claro que, ao assumir a direção do Gonçalves de Araújo, Ramiz Galvão já havia construído uma longa carreira e conquistado o reconhecimento de seus contemporâneos como historiador, literato e educador. Sua decisão teria surpreendido a muitos de seus contemporâneos, e talvez ainda hoje haja quem não compreenda por que um homem de tantos e tão assinalados trabalhos tivesse se disposto a assumir a responsabilidade de dirigir um colégio interno para crianças pobres e órfãs.

Sua nova missão era orientar a formação básica dos órfãos que ali seriam admitidos, para que pudessem almejar um futuro melhor, evitando que se transviassem do bom caminho e se tornassem um peso para a sociedade. Para aquelas crianças, era certamente um futuro modesto, que se deveria traduzir em um casamento honroso, no caso das meninas, ou no aprendizado de um ofício, no caso dos meninos, que lhes sustentassem a existência e a de suas famílias. Objetivos que Ramiz reafirmou no discurso que fez por ocasião da inauguração do prédio do Asilo, em 30 de dezembro de 1900:

Cada criança dessa coorte será um operário hábil e honrado ou uma mãe de família exemplar. E um operário hábil e honrado é o pai de uma prole moralizada, é a célula formadora do perfeito organismo industrial; uma exemplar mãe de família é o anjo do lar que prepara os

corações e burila os caracteres, é o modesto fator das gerações futuras que hão de levar por diante a nossa obra de patriotismo e de amor.⁴⁴

Era um desafio completamente diferente dos que assumira anteriormente. Se antes cuidara de três príncipes, passaria agora a cuidar de até duzentas crianças, a projetada capacidade do Asilo. Era também uma experiência distinta da que vive normalmente um professor que vê passar, ano após ano, levadas sucessivas de alunos em uma curta etapa de sua formação, como a que tivera como professor no Colégio Pedro II e na Faculdade de Medicina. No Asilo Araújo ele assumiria o papel de educador integral, responsável pela formação cultural e moral de crianças colocadas sob sua responsabilidade aos sete ou oito anos, e das quais só se despediria quando atingissem a idade adulta. Mas a principal diferença é que todos os seus antigos alunos eram crianças e jovens selecionados ora pela riqueza, ora pela nobreza de origens, ora pela excepcional aptidão para os estudos. Esse, evidentemente, não era o caso das crianças do Asilo. Muito pelo contrário, as crianças que ali receberia seriam selecionadas por critérios cujos fatores de eletividade eram a extrema pobreza e a perspectiva de uma vida adulta que intermediaria entre a miséria e a marginalidade. Além disso, não cabia a ele interferir nessa seleção, que era de responsabilidade exclusiva da Irmandade.

É certo que Ramiz encontrou no convite que lhe fez a Irmandade argumentos objetivos que, colocados em uma balança, facilmente influenciariam a aceitação. Mas o fato de ter permanecido nessa função durante três décadas supõe a existência de argumentos mais fortes para mantê-lo como timoneiro da instituição. Mesmo tendo se deparado ao longo daquele período com várias situações difíceis, nenhuma delas foi suficientemente desafiadora para fazê-lo desistir.

O primeiro argumento que deve ter considerado seria quanto ao equilíbrio financeiro da instituição, uma vez que o legado de Araújo era suficiente para sustentar o funcionamento do Asilo por muitos e muitos anos.

O segundo seria a independência do cargo em relação às instâncias superiores. Ainda que os provedores da Candelária tivessem mandato de um ano, renovável, havia uma notória estabilidade no seu quadro associativo, permitindo que o processo sucessório se desse geralmente com muita serenidade. Em contrapartida, os primeiros anos do regime republicano se caracterizavam por mudanças frequentes e intempestivas dos quadros dirigentes, caracterizando um empecilho para a condução de um trabalho de longo prazo em qualquer órgão da administração pública. Os longos períodos de gestão, como os que se viram nos tempos do imperador Pedro II, haviam definitivamente ficado para a história.

Outro ponto que ele deve ter considerado é que, além de remuneração condizente com a importância do cargo, a Irmandade também lhe proporcionava moradia e alimentação no próprio Asilo, para si e sua família, inclusive sua filha viúva e os dois netos.⁴⁵ Para mais, foi-lhe garantido o direito de usar livremente o tempo que dispusesse para se dedicar aos seus estudos e participar das reuniões do Instituto Histórico e Geográfico. Condições bem mais vantajosas, nesse particular, às que fez jus quando assumiu o cargo de preceptor dos filhos de Isabel, quando foi obrigado a se instalar às próprias custas em Petrópolis e a renunciar às aulas na Faculdade de Medicina.

Por último, a julgar pelo que afirmaria no discurso que pronunciou na festa de inauguração do prédio do colégio, Ramiz teria considerado a possibilidade de reproduzir no Asilo a experiência que vivera em primeira pessoa, em sua juventude, quando o acolhimento e a atenção que recebeu no Mosteiro de São Bento lhe permitiram superar as suas carências econômicas e lhe possibilitaram a tranquilidade para seguir seus estudos e construir um futuro seguro, do qual já se podia honrar. A fachada gótica e os amplos espaços do prédio que ocupou por algum tempo durante parte da construção devem tê-lo feito lembrar os espaços do Mosteiro de São Bento, recriando o ambiente de acolhimento que ali tivera e renovando-lhe

o sentimento de gratidão. Ali ele teria a sua oportunidade de mostrar o caminho a muitas crianças igualmente necessitadas.

De todos, este último parece ter sido o argumento mais forte, que teria justificado sua permanência à frente do Asilo Araújo ao longo de três décadas, com enorme dedicação e comprometimento. É o que pretendemos deixar evidente ao recuperar a memória desse período, nas páginas que se seguem.

Notas

- 3 *Gazeta de Notícias*, 31/05/1898, p. 2.
- 4 *Gazeta de Notícias*, 16/08/1898, p. 1.
- 5 Há registros de que Oliveira e Ramiz já se tinham conhecido anteriormente por conta do caso que levou a Irmandade da Candelária a assumir o Recolhimento N. S. da Piedade, no final de 1896. Ver *Gazeta de Notícias*, 31/05/1898, p. 2.
- 6 Mauricéa Filho, A. *Ramiz Galvão (o barão de Ramiz)*, 16-6-1846 a 9-3-1938 – *Ensaio biográfico e crítico*. R.J. Instituto Nacional do Livro. 1972, 348p.
- 7 Em 1939, o Passo do Couto passou a chamar-se Ramiz Galvão, em homenagem ao ilustre cidadão ali nascido.
- 8 Cf. Familysearch.org: Registros da Igreja Católica, Rio Pardo, Nossa Senhora do Rosário: Matrimônios 1843, abr - 1854, fev; e Batismos 1838, nov - 1850, abr. fls. 58v, 59 e 116. Constam como desconhecidos os nomes dos avós.
- 9 Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao>
- 10 Não se encontrou, nos arquivos paroquiais de Rio Pardo, registro sobre a morte de João Galvão.
- 11 *Jornal do Comércio*, 22/03/1852, p. 4.
- 12 *Jornal do Comércio*, 22/12/1852, p. 3.
- 13 Ramiz Galvão, B. F. “Gratas reminiscências”. *Jornal do Brasil*, 02/12/1925, p. 12.
- 14 BRASIL. Ministério do Império. “Expediente do dia 23 de janeiro de 1855”. *Jornal do Comércio*, 27/02/1855, p. 1.
- 15 A cerimônia ocorreu no dia 11/08/1855, na paróquia do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé. FamilySearch.org: Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica.
- 16 O poeta Moraes Filho seria tio-avô do também poeta e compositor Vinícius de Moraes (1913-1980).
- 17 Ao dar a essa filha o mesmo nome da menina que Joana havia trazido do Rio Grande do Sul, podemos supor que a primeira houvesse já falecido.
- 18 *Jornal do Comércio*, 15/01/1857, p. 2. Apesar de subscrito pelo padrasto, o texto parece revelar, pela forma e conteúdo, a mão e o espírito do menino estudioso e agradecido, então com 11 anos de idade.
- 19 *Correio Mercantil*, 11/06/1860, p. 1 e 11/07/1860, p. 1.

- 20 *Jornal do Comércio*, 13/06/1860, p. 3.
- 21 José Hathaway, cidadão inglês, nascido em 1833, casado com Maria da Glória Barbosa, teria falecido em 27/12/1886, com 52 anos de idade. Cf. *Jornal do Comércio*, 01/01/1886, p. 2.
- 22 Wright, Waldemar S. R. “Ramiz Galvão no Mosteiro de São Bento”. *Jornal do Comércio*, 07/05/1939, p. 6.
- 23 A Irmã Maria Hathaway atuou como ajudante de farmácia na Santa Casa e depois no Hospital S. João Batista. Faleceu em 20/06/1914, aos 58 anos (Familysearch.org: Reg. Óbitos da 5ª Circ. RJ).
- 24 Ramiz Galvão, B. F. “A mulher regenerada pelo cristianismo”. *Revista da Sociedade de Ensaios Literários* (RJ), 1863, ed. 001, pp. 125-130.
- 25 Idem, “Nossas ideias”. *Idem*. pp. 382-385.
- 26 Idem, “Os conventos”. *Idem*. 1864, ed. 001(4), pp. 15-19.
- 27 Idem, “A glória de Colombo”. *Idem*. 1864, ed. 007, pp. 247-262; 1864, ed. 008, pp. 292-307; 1865, ed. 009, pp. 327-336.
- 28 Idem, “O púlpito no Brasil (Fragmento)”. 1865, ed. 005, pp. 165-170. O texto completo foi republicado em 1922 na *Revista do IHGB*, Tomo 92, Vol. 146, pp. 7-160. A temática religiosa ainda marcou seu texto de estreia na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1872.
- 29 Ramiz Galvão, B. F. “O púlpito no Brasil” in Biblioteca do Instituto dos Bachareis em Letras. 1867, RJ. Tip. do Correio Mercantil. Pp. 29 a 248. Republicado em 1922 na *Revista do IHGB*, Tomo 92, Vol. 146, pp. 7-160. Versão digital disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=inu.30000006715324&seq=9> (Biblioteca do Senado Federal).
- 30 “Saudação ao esperançoso e jovem escritor brasileiro Benjamin Franklin Ramis Galvão, homenagem a seu recente trabalho O púlpito no Brasil”. *Jornal do Comércio*, 10/09/1867, p. 1.
- 31 Ramiz Galvão, B. F. “Apontamentos históricos sobre a ordem beneditina em geral e em particular sobre o Mosteiro de N. S. do Monserrate da Ordem do patriarca São Bento desta Cidade do Rio de Janeiro.” 1872. *Revista do IHGB*, Tomo 35, volume 45 – II, pp. 249-422. Versão digital disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
- 32 *Diário do Rio de Janeiro*, 04/12/1868, p. 1.
- 33 Ramiz Galvão, B.F. “Gratas Reminiscências”. *Op. cit.*
- 34 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 1869, p. 493 e 1870, pp. 298 e 479.
- 35 *Jornal do Comércio*, 10/03/1940, p. 8.
- 36 Uma detalhada análise sobre a atuação de Ramiz na Biblioteca Nacional pode ser encontrado em Caldeira, Ana Paula Sampaio. “O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional”. Tese de doutorado em História na FGV, RJ, 2015. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13985>.
- 37 Rebouças e Ramiz, este por conta de suas funções junto aos jovens príncipes, conviviam durante algum tempo em Petrópolis, como frequentadores assíduos da residência de Gastão e Isabel, da qual Araújo, entre 1885 e 1889, foi vizinho. Ramiz, ao contrário de Rebouças, parece não ter tido oportunidade de travar conhecimento com o futuro patrono do Asilo que dirigiria.
- 38 Ramiz Wright, W. “Ramiz Galvão: preceptor dos príncipes imperiais”. *Jornal do Comércio*, 10/03/1940, p. 8.
- 39 Mauricéa Filho. *Op. cit.* p. 27.
- 40 Ramiz Galvão, B. F. “Biografia de Frei Camilo de Monserrate”. *Anais da Biblioteca Nacional*, 1887, RJ, 1889, pp. 7-521.

- 41 *Gazeta de Notícias*, 22/01/1892, p. 2.
- 42 “A Rediviva”. Zimar (pseudônimo) *Almanaque Gonçalves de Araújo para 1912*, pp. 81-86.
- 43 *Gazeta de Notícias*, 12/07/1898, p. 1.
- 44 AFBMP. Relatório de 1900/01, pp. 97-110.
- 45 Era exigência prevista no regulamento do Asilo que o diretor, assim como boa parte da equipe responsável por velar pelo funcionamento da instituição, residissem no local.

II

*Organizando as
atividades do colégio*

Imprevistos e ajustes

Ramiz Galvão assumiu suas funções no Asilo Araújo em 1º de setembro de 1899, dedicando-se a redigir a proposta de regulamento do novo colégio e acompanhar a etapa final das obras do prédio. Aprovado o primeiro em 20 de junho de 1900 e inaugurado o segundo no dia 30 daquele mesmo ano, era de se esperar que fossem abertas em seguida as matrículas das crianças e iniciadas de imediato as atividades escolares. Mas o primeiro semestre de 1901 passou em branco. Havia surgido dúvidas quanto ao destino a ser dado às crianças que a Irmandade mantinha na Tijuca, por meio do Recolhimento Nossa Senhora da Piedade. E havia dificuldades financeiras decorrentes do enorme esforço que se fizera para as obras na Igreja da Candelária nos anos precedentes.

As duas situações acima mencionadas foram abordadas em uma reunião convocada pelo provedor Júlio César de Oliveira, no dia 3 de julho de 1901, e realizada no Consistório da Irmandade, com o objetivo de estabelecer as condições para o início das atividades do Asilo Gonçalves de Araújo e o encerramento do Recolhimento.

De acordo com os termos da Ata então lavrada, o provedor informou que havia se reunido previamente com Ramiz Galvão e que este lhe dissera estar em condições de iniciar as atividades no Asilo Araújo. Informou ainda que o patrimônio do Asilo proporcionava uma renda anual suficiente para assumir imediatamente o encargo de cerca de 30 meninas. Propôs que as primeiras meninas a serem matriculadas no Asilo seriam transferidas do Recolhimento, mas apenas as que tivessem 10 anos ou menos, que era a faixa etária para admissão prevista no regulamento. Esclareceu que esse número po-

deria depois ser expandido até completar 50 meninas, mas só depois que estivesse em funcionamento a seção masculina do Asilo, cujo número seria também inicialmente limitado a 50 meninos. Em suma, essas alternativas permitiriam que o Asilo Araújo pudesse, nos primeiros anos, apresentar um saldo positivo em seu orçamento e, assim, “coadjuvar a Irmandade nas suas emergências, segundo os estilos das nossas repartições”. Seria, por fim, encerrado o Recolhimento, por não ter fontes de receitas garantidas para cobrir os seus custos, sendo que as alunas que não pudessem ser admitidas no Asilo, por ultrapassarem a idade limite, seriam devolvidas às suas famílias, ou, quando não as tivessem, entregues a pessoas idôneas que as pudessem acolher convenientemente.⁴⁶

No que se refere ao Asilo, as propostas coadunavam-se com a intenção original do diretor, que era iniciar as atividades recebendo apenas crianças pequenas, às quais deveria ministrar os ensinamentos da primeira classe primária e fazer com que se afeiçoassem pouco a pouco ao seu novo habitat. O reduzido número inicial de alunas e o adiamento da seção masculina, além da folga financeira que proporcionaria, permitiria adiar algumas obras complementares e despesas adicionais para que pudesse estar perfeitamente capacitado para receber crianças dos dois sexos. Não menos importante, a contratação de pessoal poderia ser drasticamente reduzida, contratando-se inicialmente apenas uma professora. Com a progressão nos estudos e a chegada de novas crianças, iriam-se abrindo novas classes e contratando novas professoras. O mesmo deveria ocorrer com as oficinas, começando-se com exercícios simples e básicos de trabalhos manuais, e, quando as crianças alcançassem idade e condições apropriadas, introduzindo-se o aprendizado de trabalhos mais especializados.

E assim se procedeu. Ainda sob a gestão do provedor Júlio Cesar de Oliveira, a 21 de julho de 1901, foram recebidas 31 meninas menores de 10 anos, além de três moças maiores para ajudar nos serviços da casa. Eram todas egressas do Recolhimento. Dias depois, foram agregadas a esse grupo outras duas jovens.⁴⁷

Essa solução, entretanto, não satisfazia os pontos de vista da nova diretoria, que tomou posse no dia 31 de julho de 1901, ou seja, apenas dez dias após o início das atividades do colégio, sendo provedor Manuel Lopes de Carvalho. À nova direção cabia dispensar as 33 jovens que continuavam matriculadas no Recolhimento e que permaneciam instaladas na chácara da Tijuca. O assunto ficou suspenso até que, em reunião realizada no dia 18 de novembro desse ano, decidiu-se reformular a decisão de encerrar o Recolhimento e manter a maior parte daquele grupo de meninas sob abrigo e proteção da Irmandade. Foram os seguintes os procedimentos adotados:⁴⁸

1. Promover a colocação conveniente das asiladas do Recolhimento, que, por sua idade e habilitações, pudessem se empregar em ofícios e quaisquer indústrias particulares;
2. Transferir as restantes para o edifício do Asilo, ficando sujeitas ao diretor do estabelecimento e ao seu regulamento nos pontos aplicáveis;
3. Remover para o Asilo o material do Recolhimento que fosse necessário para a manutenção das referidas menores;
4. Enquanto essas meninas permanecessem no Asilo, seriam obrigadas a usar suas próprias insígnias, como distintivo; e sem quebra da indispensável disciplina manter-se-iam, quando possível, em regime que as discrimine das meninas do Asilo;
5. O produto das loterias concedidas pela Prefeitura do Distrito Federal à Irmandade, para manutenção do Recolhimento, continuaria a ser aplicado em favor das mesmas asiladas, havendo para esse fim uma escrituração própria;
6. A Irmandade faria mensalmente o ressarcimento ao Asilo da quantia correspondente à manutenção das meninas do Recolhimento.

Logo em seguida, em 28 de novembro, foram transferidas todas as 33 jovens que ainda continuavam no Recolhimento para o prédio do Asilo em São Cristóvão.

Dessas, poucas efetivamente foram dispensadas nos meses seguintes. Algumas simplesmente por terem alcançado a idade limite para o desligamento, e outras por não terem se adaptado ao regime da nova escola.

A nova decisão obrigou o diretor a criar soluções para acomodar um grupo tão heterogêneo e integrá-las às atividades do Asilo, para que todas tivessem acesso a estudo condizente com o seu nível e oportunidade para novos aprendizados nas oficinas.

Se, no primeiro momento, pudera destacar D. Paulina, a regente, para ser a professora das meninas pequenas que recebera inicialmente, com a chegada do segundo grupo houve necessidade de mais pessoal. Primeiro, porque a regente já não mais podia se dedicar a lecionar para as menores. Segundo, porque a diversidade de níveis de instrução entre as maiores exigiria organizar várias turmas, com várias professoras e mestras de oficinas.

Mas aumentar a equipe de pessoal esbarrava nas dificuldades financeiras, o que exigiu novos sacrifícios. Em janeiro de 1902, a Mesa Administrativa decidiu cortar em 20% os salários de todos os funcionários da Irmandade superiores a Rs.100\$000 (cem mil réis) mensais, o que incluía, no caso do Asilo, o diretor, a regente e o almoxarife.⁴⁹ Não houve reação contrária à medida. Todos parecem ter entendido que a prioridade era garantir a proteção que aquelas crianças necessitavam. E as economias assim geradas permitiram encontrar alternativas para atender às necessidades do colégio.

Foi possível contratar uma nova inspetora e uma pessoa para cuidar da lavanderia. E, para formar a primeira equipe de mestras nas oficinas de costura, de bordado e de flores, contou-se com as duas inspetoras e com a roupeira. Além disso, Ramiz Galvão convocou algumas das meninas maiores e mais avançadas nos estudos para atuar, sob a supervisão da regente, como auxiliares de ensino nas classes das meninas menores. Abigail Magalhães, de 18 anos, Iza da Silva e Antonieta Pinho, de 17 anos, foram chamadas a exercer essa função mediante uma remuneração mensal que seria creditada em suas cadernetas de poupança.⁵⁰ Era o mesmo valor atribuído às

outras três meninas, Evarista Silva, Silvina de Sousa e Silva e Constança Neves, que haviam sido chamadas para atender às necessidades dos serviços gerais. Esses valores seriam somados às premiações a que fizessem jus por bom comportamento e aplicação nas aulas e oficinas, e formariam um pecúlio que poderiam retirar mais tarde, ao deixarem a instituição.

O encargo de lecionar para as meninas mais adiantadas do curso primário foi assumido pelo próprio diretor. Além disso, o colégio conseguiu o apoio de um pequeno grupo de voluntários, para lecionar música e solfejo às meninas.

Também houve a necessidade de reorganizar a ocupação dos espaços do colégio. Como o início das atividades deu-se a partir das alunas pequenas, foram elas destinadas à ala esquerda do prédio. Mais tarde, quando chegaram as meninas maiores do mesmo Recolhimento, foram instaladas na outra parte do prédio, originalmente destinadas aos meninos.⁵¹ Não foi preciso construir, de início, o muro que deveria dividir o pátio de recreação.

A primeira equipe

Com esse pequeno grupo de empregados contratados, com as alunas remuneradas para os serviços da casa e das classes primárias, e com alguns voluntários, a primeira equipe do colégio ficou assim formada:

- Regente: D. Paulina Monteiro de Barros Pereira da Silva
- Inspetoras: D. Carolina Freire Correa e D. Suzana Santos
- Almojarife: Manoel Martins de Castro
- Porteiro: José de Almeida Figueiredo
- Roupeira e enfermeira: D. Armida de Vasconcellos
- Médico: Dr. Luiz Alves Pereira
- Dentista: Dr. José Gonçalves (voluntário)
- Professora de música: D. Joaquina de Oliveira (voluntária)
- Professora de solfejo: D. Kyta de Bellido (voluntária)

- Mestras de bordado: D. Carolina Freire Correa e D. Suzana Santos
- Mestre de flores: D. Suzana Santos
- Mestre de lavanderia: D. Eufrásia
- Capelão: Padre Thomaz Guizan
- Auxiliares de serviços gerais: Evarista Silva, Silvina de Souza e Silva, Constança Neves (alunas remuneradas)
- Auxiliares de ensino primário: Iza da Silva, Antonieta Pinho e Abigail Magalhães (alunas remuneradas)
- Professor das classes adiantadas do primário: Ramiz Galvão

Desse grupo, várias pessoas teriam uma participação importante na vida do colégio ao longo dos anos seguintes. Como D. Paulina, a regente, que se manteve em seu posto até 1921, quando se aposentou; a roupeira, D. Armida, que assumiu desde os primeiros meses o posto de mestra de Costura, função na qual foi aposentada em 1927, e o médico, Dr. Luiz Alves Pereira, que exerceu o seu ofício até se aposentar, em 1919. Dentre as primeiras alunas-mestras, Iza da Silva acabaria por desenvolver uma longa carreira no colégio. Ela foi um exemplo de sucesso na experiência feita pelo diretor para aproveitar suas melhores alunas e dar-lhes uma oportunidade de trabalho depois de concluídos os seus períodos como alunas.

Além do pessoal contratado e dos voluntários, o diretor contou ainda, por disposição do regulamento do colégio, com a colaboração dos “mordomos”, membros da Irmandade que eram destacados para acompanhar os trabalhos do colégio pelo período de um mês.⁵² Essas pessoas não tinham tarefas específicas, mas, em geral, sensibilizados pelo trabalho que ali se fazia, colaboravam com doações para o custeio da instituição e em benefício das crianças. Como havia entre eles muitos comerciantes, era comum que doassem artigos das suas atividades, como alimentos e tecidos, principalmente. Muitos outros membros da Irmandade custearam reformas e melhoramentos no prédio, para melhorar as atividades nas oficinas, mas também para passeios, brinquedos, livros, dinheiro para premiações e muitos outros itens, dos quais Ramiz Galvão costumava fazer detalhada des-

crição em seus relatórios. O próprio diretor e vários membros de sua equipe frequentemente participavam dessas doações.

O funcionamento do colégio

Independentemente do número de crianças e de sua composição etária, o colégio precisava funcionar de uma forma organizada. Por conta disso, uma das primeiras ações do diretor foi definir um quadro de atividades diárias para as crianças, adotando o seguinte esquema proposto pela regente:⁵³

Quadro I – Asilo Gonçalves de Araújo	
PAINEL DE ATIVIDADES DIÁRIAS DA SEÇÃO FEMININA	
5 da manhã	Levantar
5 a 6.1/2	Banho frio, vestuário e recreio
6.1/2 a 6.3/4	Café
6.3/4 a 8.1/2	Limpeza e arrumação da casa
8.1/2 a 10	Aulas e oficinas por turmas
10 a 10.1/2	Almoço
10.1/2 a 11.1/2	Recreio
11.1/2 a 1.1/2 da tarde	Aulas e oficinas por turmas
1.1/2 a 2	Recreio
2 a 4.1/2	Oficinas
4.1/2 a 5	Jantar
5 a 6.1/2	Recreio
6.1/2 a 7.1/2	Aulas
7.1/2 a 8	Chá
8 da noite	Repouso geral

Como se pode verificar, as atividades começavam bem cedo. É preciso lembrar que, naquela época, o prédio, apesar de novo, não contava com instalação de luz elétrica, sendo a iluminação obtida de lâmpões a gás, razão pela qual se devia aproveitar ao máximo a disponibilidade da luz solar. O grande relógio fixado na parede do bloco dos fundos do prédio, que dava para o pátio interno, marcava o compasso da vida no colégio.

Nessa tabela, o diretor não registrou as ocupações para os finais de semana, sendo provável que esse cronograma fosse aplicado também aos sábados. Aos domingos, por certo, não haveria aulas, oficinas e serviços de limpeza e arrumação da casa. Era dia da missa matinal e, certamente, de mais tempo para recreação.

Não constam dos relatórios da época a programação para as férias (inicialmente apenas no mês de janeiro), quando as crianças deveriam permanecer na própria instituição, como previa o regulamento. Nesse período, ao que parece, ficavam apenas suspensas as aulas do curso primário.

Durante a sua gestão, Ramiz não publicou outro quadro de horários, embora seja de supor que alguns ajustes tenham sido implementados, principalmente no que se refere ao tempo dedicado aos estudos, que era inicialmente de sete horas e deve ter sido alongado à medida que novas oficinas eram inauguradas. Essa é uma das evidências sugeridas pelo quadro de horários que foi publicado no ano de 1931, no qual se vê a destinação de nove horas para as aulas, oficinas e estudos.⁵⁴

A visitação por parentes deveria ocorrer em um domingo de cada mês, das 11 às 14 horas.⁵⁵

As orações diárias

Ramiz entendeu que as práticas religiosas que as meninas traziam do Recolhimento, tanto nas orações da manhã quanto nas da noite, deviam ser adaptadas para a nova casa. Ali deveriam adotar uma rotina de orações matinais na capela, logo ao saírem dos dormitórios, e as orações da noite deveriam ser feitas já nas respectivas

camas, perante a imagem fixada em cada dormitório. Ele também prescreveu as orações que deveriam ser feitas em cada um desses momentos.⁵⁶

A limpeza e arrumação da casa

O regulamento do Asilo estabelecia que o diretor deveria “distribuir e revezar pelos asilados o serviço interno do Asilo, tendo para isso na devida consideração a idade e o vigor físico deles”.⁵⁷

Esse dispositivo deixava claro que os trabalhos internos da instituição deveriam ser executados pelos próprios internos. Esses trabalhos compreendiam as atividades de limpeza do prédio e os serviços de apoio na cozinha e lavanderia.

Tais trabalhos eram considerados como parte da formação das crianças, pois deles se ocupariam no seio de suas famílias, assim que deixassem o colégio. E deviam ser executados tanto por meninas quanto por meninos, nos seus respectivos espaços.

Nos primeiros momentos da vida do colégio, como vimos, Ramiz chegou a implementar um esquema de remuneração de alguns desses serviços, a título emergencial, uma vez que recebeu apenas jovens com até dez anos. Mas, com a chegada das meninas de maior idade vindas do Recolhimento, os trabalhos passaram a ser feitos, nos termos do regulamento, em sistema de revezamento e de acordo com as suas capacidades físicas das jovens — e, sempre que possível, de forma a não sacrificar os horários de aulas das que ainda estivessem cursando o primário.

Os uniformes

Cabia ao roupeiro a tarefa de cuidar dos uniformes e demais peças de roupa necessárias para o funcionamento do colégio (art. 18 do Regulamento). O normativo não definia o padrão dos uniformes. Sabe-se, entretanto, que havia pelo menos um uniforme “de uso diário”, para ser utilizado nas atividades normais do colégio, e um uniforme “especial” ou “de gala”, para ser usado em dias de fes-

ta ou para comparecer a algum evento ou cerimônia externa. Esse uniforme especial deveria ter seu padrão seria definido pela Mesa Administrativa da Irmandade, em conjunto com o Diretor (art. 42).

Embora não tenhamos localizado documentos relativos ao tema, os registros fotográficos disponíveis no Arquivo da Irmandade e as publicações da época permitem uma reconstituição bastante fidedigna dos uniformes utilizados pelas alunas do Asilo ao longo da gestão de Ramiz Galvão.⁵⁸ Por ocasião da Festa do Patrono, realizada em agosto de 1903, quando ainda só havia meninas no colégio, o *Journal do Comércio* assim se referiu aos seus uniformes:

Elas são neste momento em número de 70, segundo nos informam, e todas trajavam no dia da festa um belo e novo uniforme de fustão branco, trabalho de suas próprias mãos, distinguindo-se as do Asilo propriamente dito pelo laço de fita vermelha no braço, e as do Recolhimento de Nossa Senhora da Piedade pela medalha pendente de fita vermelha ao pescoço.⁵⁹

Para o uso nas atividades diárias do colégio foram utilizados outros uniformes, de acordo com o que se identificou em outras imagens. Uma fotografia de 1903 sugere que o uniforme usado era um vestido em tom pardo, talvez bege, com saia e mangas longas e uma grande gola imitando um lenço. Não são visíveis os laços e as fitas que, no uniforme especial, distinguia as meninas do Asilo e do Recolhimento.

Os uniformes eram feitos pelas próprias meninas, nas oficinas de costura, utilizando tecidos doados por membros da Irmandade. No relatório de 1902/3, por exemplo, Ramiz mencionou que foram feitos na oficina 174 vestidos de zefir (uma espécie de tecido leve de algodão). Naquele mesmo período, o colégio recebeu em doação, dentre outros itens, 638 metros de zefir e 500 metros de oxford (outro tecido de algodão), mas o relatório não indicou as suas cores.⁶⁰

Um aspecto curioso da vida das internas naquela primeira fase da vida do Asilo era o corte de cabelo. Na verdade, há poucos relatos sobre o assunto, embora os registros fotográficos nos proporcionem evidências sobre o tema. Tais imagens mostram que teria sido práti-

ca usual naqueles tempos o corte bem curto, que lembra o estilo “à la garçonne” (como um menino), em moda nos anos 20.

Somente na gestão da diretora Ubaldina Dias Jacaré (1932-1933) é que o tema do corte de cabelo das internas foi mencionado. Ela explicou, em seu relatório, que desde a fundação do Asilo o corte de cabelo vinha sendo feito por cabeleireiros contratados, e que pretendia modificar aquela situação, pois havia conseguido identificar várias alunas bastante habilidosas naquela função, que ela considerava perfeitamente própria para as moças, as quais poderiam, futuramente, adotar como forma de sustento quando deixassem o colégio.⁶¹

Notas

46 AFBMP. Doc. 161.C.01137.05169

47 AFBMP. Relatório 1901/02, pp. 99 e 100; *Cidade do Rio*, 24/07/1901, p. 2.

48 Idem, pp. 12-13. Em outra decisão importante, complementando essas medidas, a Mesa decidiu, em sessão de 22/05/1902, criar a Repartição dos Asilos, composta por um secretário, um procurador, um tesoureiro e 12 zeladores, membros da Irmandade. Com isso, deixaria o Asilo de compor as atividades supervisionadas pela antiga Repartição da Caridade.

49 O diretor nunca fez menção desse fato nos seus relatórios. Apenas tratou dele sete anos depois, em uma carta ao provedor, datada de 27/06/1909, quando entendeu que a Irmandade tinha condições para reajustar os salários do seu pessoal. AFBMP. Correspondência. 1909. Ref. 014.C.01141 (47).

50 Esse valor correspondia, de acordo com os anúncios publicados no *Jornal do Brasil* da época, ao que se oferecia para contratar uma moça para cuidar de uma criança pequena em casa de família, por exemplo.

51 AFBMP. Relatório 1901/02, p. 31.

52 AFBMP. Regulamento de 1900, art. 5º.

53 AFBMP. Relatório 1901/02, p. 108.

54 AFBMP. Relatório 1930/31, pp. 91/2.

55 AFBMP. Regulamento de 1900. Art. 63.

56 AFBMP. Relatório 1901/02, pp. 107/8.

57 AFBMP. Regulamento de 1900. Art. 15 – item IV.

58 O uniforme dos meninos será mencionado no capítulo dedicado à seção masculina.

59 *Jornal do Comércio*, 18/08/1903, p. 2. Por conta da decisão de transferir para o prédio do Asilo as meninas que pertenciam ao Recolhimento N. S. da Piedade, situação que não estava prevista no regulamento, a Irmandade fez incorporar esse pequeno detalhe nos uniformes de modo a distinguir os dois grupos.

60 AFBMP. Relatório 1902/03, pp. 142 e 148-151.

61 AFBMP. Relatório 1932/33, p. 98.

III

A seção feminina

III.1 As alunas

As matrículas

De acordo com o regulamento, poderiam se candidatar para ingresso no Asilo Araújo crianças pobres, órfãs, de ambos os sexos, sem doenças contagiosas ou que impedissem o aprendizado, e com idades entre sete a dez anos. A matrícula seria efetivada após aprovação do provedor, levando em conta as condições dos candidatos e observadas as prioridades previstas, sendo uma delas a indicação por um membro da Irmandade. O último passo do processo de admissão era o exame médico. Na sequência, a criança era enviada ao diretor do colégio, juntamente com a sua documentação e o parecer médico, que fazia então a competente inscrição no Livro de Registro de Matrículas. Uma ficha era feita a partir desse registro e encaminhada para a regente. A documentação do aluno deveria ser, depois, devolvida aos arquivos da Irmandade.⁶²

Por vezes, sob circunstâncias específicas, algumas dessas regras deixaram de ser cumpridas, como vimos anteriormente, quando do início das atividades. Depois disso, mesmo levando em conta que os membros da Irmandade eram as principais referências para se conseguir uma vaga no Asilo, apenas em outras duas ou três situações excepcionais foram admitidas crianças com idade inferior a sete anos e superior a dez anos.

Os desligamentos

O regulamento previa que as crianças (meninas e meninos) seriam desligadas do colégio e devolvidas aos seus responsáveis tão

logo completassem a idade limite de 18 anos. Deveriam ter, nessa altura, concluído a sua formação básica, ou seja, o curso primário, e adquirido os conhecimentos profissionais constantes do programa. No caso das meninas provenientes do Recolhimento e que mantiveram sua matrícula vinculada a essa instituição, permaneceu durante algum tempo a regra do desligamento aos 21 anos. Tempos depois, contudo, o diretor resolveu equipará-las às regras do Asilo, autorizando a saída ao cumprir 18 anos.

Além dessa condição, o regulamento previa também certas situações excepcionais de desligamento, como as relacionadas com questões de saúde que impedissem a criança de continuar estudando, a exclusão por infração disciplinar grave (mediante proposta do diretor, mas decidida exclusivamente pelo provedor), e, por último, a saída por iniciativa dos próprios responsáveis pela criança.

Os casos em que Ramiz recomendou o desligamento por infrações disciplinares ocorreram muito raramente, embora fosse um homem de princípios rígidos no que se refere à preservação da ordem no ambiente escolar. Logo no início, por certo, por conta da transferência para o Asilo das meninas maiores do Recolhimento, sentiu-se obrigado a encaminhar o pedido de desligamento de duas meninas. Seu texto era incisivo:

Dentre as recolhidas de N. S. da Piedade, que ultimamente foram transferidas para este Asilo, há duas (...) que não devem aqui continuar sob pena de corromperem, com seus hábitos de indisciplina e com a irregularidade do seu procedimento, a turma de meninas que o Asilo educa. A segunda, pela desobediência formal com que perturba aulas, oficinas e dormitório; a primeira por estas mesmas razões e mais ainda pelo descomedimento de linguagem e ademanos a que se mostra afeita, são elementos de grave perturbação que julgo indispensável remover quanto antes do Asilo Gonçalves de Araújo — são ovelhas más no meio de um rebanho dócil e mais ou menos aproveitável.⁶³

Ao que parece, as irregularidades de procedimento foram sanadas. Pouco depois daquelas ocorrências, ao redigir o relatório do período, o diretor relatou não ter havido naquele ano, por parte das

alunas, “senão aquelas faltas que são próprias da tenra idade, ou defeitos inerentes ao descuido com que foi tratada a sua educação nos primeiros anos de vida”.

E acrescentou:

A insistência dos conselhos, a advertência paternal, leves privações como pena foram as mais das vezes suficientes para conseguir a correção. É de se esperar que, lutando com a rebeldia natural de alguns caracteres e com os maus hábitos adquiridos, venhamos com o tempo a obter ainda mais perfeito resultado. A direção desta casa almeja sobretudo enraizar dois princípios fundamentais: o respeito à autoridade e a afeição mútua das asiladas; nestes dois pontos, eixos primordiais sobre os quais gira todo o sistema educativo, maior tem sido o nosso esforço, porque exatamente neles é que se notavam falhas e desfalecimentos...⁶⁴

Anos mais tarde, novos problemas de disciplina surgiram, porém em decorrência do funcionamento, em um mesmo prédio, das seções masculina e feminina. Sobre isso, nós nos deteremos adiante.

Mais numerosos foram os casos de desligamento por iniciativa dos responsáveis pelas crianças internadas. Essa opção estava prevista em um dispositivo específico no Regulamento (art 77) e foi acionado um número significativo de vezes.

Evolução da população escolar no Asilo Araújo

De acordo com os registros disponíveis e as informações constantes nos relatórios anuais, o Asilo Araújo recebeu durante todo o período de gestão de Ramiz Galvão nada menos do que 528 crianças, sendo 444 meninas e 84 meninos.⁶⁵

Considerando as grandes dimensões do colégio, esse número de alunos poderia ser considerado pequeno. Mas é preciso lembrar que não se tratava de uma instituição de ensino na qual os alunos apenas comparecem para assistir às aulas diárias, e, em muitos casos, em vários turnos. Esse era o caso, por exemplo, da vizinha Escola Gonçalves Dias, onde a frequência anual, já naquela época, chegava a superar o milhar de alunos.⁶⁶

Pela distinta trajetória que tiveram as seções feminina e masculina durante a gestão de Ramiz Galvão, vamos considerar neste capítulo apenas o funcionamento da primeira, por ter se iniciado logo em 1901 e por suas características próprias, principalmente no que diz respeito à atuação das oficinas.

O Quadro II mostra o movimento de admissão e desligamento das meninas matriculadas no Asilo e no Recolhimento ao longo do citado período, e indica o ritmo de expansão anual do ingresso de novas alunas no colégio.

Como se pode verificar, a população escolar do Asilo oscilou bastante ao longo do período, dentro do qual poderíamos identificar quatro etapas distintas:

- A primeira, de 1902 a 1905, reflete o processo de abertura da instituição, iniciada com a absorção das alunas vinculadas ao antigo Recolhimento N. S. da Piedade. Nessa fase, a população escolar foi da ordem de 70 alunas.
- A segunda foi iniciada em 1905, já com a situação financeira da Irmandade reestruturada, o que possibilitou a abertura da seção masculina. Nessa fase, a população escolar da seção feminina se expandiu apenas marginalmente, alcançando o patamar de 84 meninas em 30/06/1914, pouco antes do encerramento da seção masculina.
- A terceira etapa teve início em 1915, após o encerramento da seção masculina. Coincidiu com um novo período de restrições financeiras que impediram a recomposição rápida do corpo de alunos. Ao longo dos anos seguintes, o número de matrículas se expandiu, embora muito lentamente, estimando-se que tenha alcançado 107 meninas em 30/06/1923.
- A quarta etapa, iniciada a partir de 1922/23, é a da consolidação do funcionamento do Asilo apenas com meninas; foram 27 as matrículas em 1923/24, com o que se pretendeu atingir a meta de 125 alunas internas. Em novembro de 1928, praticamente ao final da gestão de Ramiz Galvão, nova reavaliação das condições

Quadro II – Asilo Gonçalves de Araújo

Movimento de admissão e desligamento de meninas matriculadas
no Asilo e no Recolhimento no período 1901-1930

DE	ATÉ	ADMITIDAS	DESLIGADAS	MANTIDAS
01/07/1901	30/06/1902	80	13	67
01/07/1902	30/06/1903	7	3	71
01/07/1903	30/06/1904	2	7	66
01/07/1904	30/06/1905	?	?	68
01/07/1905	30/06/1906	?	?	69
01/07/1906	30/06/1907	?	?	68
01/07/1907	30/06/1908	9	2	74
01/07/1908	30/06/1909	6	5	75
01/07/1909	30/06/1910	8	4	79
01/07/1910	30/06/1911	7	7	79
01/07/1911	30/06/1912	18	15	82*
01/07/1912	30/06/1913	15	19	78*
01/07/1913	30/06/1914	23	17	84*
01/07/1914	30/06/1915	14	11	87*
01/07/1915	30/06/1916	12	6	91*
01/07/1916	30/06/1917	8	9	90*
01/07/1917	30/06/1918	6	4	92*
01/07/1918	30/06/1919	15	6	101*
01/07/1919	30/06/1920	7	7	101*
01/07/1920	30/06/1921	16	11	106*
01/07/1921	30/06/1922	15	13	108*
01/07/1922	30/06/1923	8	9	107*
01/07/1923	30/06/1924	27	6	128*
01/07/1924	30/06/1925	12	15	125*
01/07/1925	30/06/1926	13	9	129*
01/07/1926	30/06/1927	17	16	130*
01/07/1927	30/06/1928	17	15	132*
01/07/1928	30/06/1929	19	11	140*
01/07/1929	30/06/1930	35	21	154*

Fonte: AFBMP; elaboração do autor. (*) Os dados assinalados não foram informados nos relatórios, mas estimados com base nos dados publicados.

financeiras da instituição identificou haver recursos suficientes para ampliar para 150 o número de alunas matriculadas. Segundo o citado parecer, o superávit existente permitiria matricular um número bem maior de crianças, mas se achou prudente estabelecer aquele parâmetro como limite para a população escolar do Asilo naquele momento.⁶⁷

Pelas circunstâncias enfrentadas, não se alcançou a lotação de 200 crianças que se esperava acomodar no colégio quando se discutiram as plantas para a construção do prédio. Efetivamente, contudo, para a concretização da lotação de 150 crianças foi preciso fazer alterações (como a construção da sala de cinema em área anexa ao prédio) de modo a liberar o espaço necessário para instalação de um novo dormitório. Tal condição sugere que a estimativa original estava superdimensionada.

Tempo de permanência das alunas no Asilo Araújo

Uma característica interessante sobre a evolução do quadro de alunas diz respeito ao tempo médio de permanência no colégio. Embora o regulamento previsse que elas deveriam entrar com idades entre sete e dez anos de idade e sair ao completarem 18 anos, muitas, como mencionamos, foram retiradas por seus responsáveis antes dessa idade.

Com base nos dados apresentados no Quadro III, estimamos em sete anos e nove meses o tempo médio de permanência no colégio das 444 alunas que foram admitidas ao longo da gestão de Ramiz Galvão.

Cerca de 60% dessas meninas ficaram no internato por mais de oito anos. Entre as que ficaram tempo menor, deve-se registrar o grupo das que foram recebidas na cota do Recolhimento, que, embora tivessem inicialmente de permanecer até atingir a idade de 21 anos, foram admitidas na nova instituição com mais de 14 anos de

idade, algumas das quais já perto de alcançar a idade limite. Para esse grupo, o tempo médio de permanência no Asilo teria sido de apenas três anos e meio.

Além desse fato, a média de permanência foi afetada pela mudança do regulamento, que vigorou em 1915 e 1916, reduzindo a idade limite para 16 anos.

A menina que mais tempo passou no Asilo na condição de aluna foi Tarcila Leite, pelas condições muito particulares que levaram ao seu ingresso pelas mãos do provedor Mário Nazareth, quando tinha apenas quatro anos de idade.

Quadro III – Asilo Gonçalves de Araújo	
Tempo de permanência das alunas admitidas no período 1901-1930	
TEMPO DE PERMANÊNCIA	NÚMERO DE MENINAS
Até 1 ano	12
De 1 a 2 anos	14
De 2 a 3 anos	12
De 3 a 4 anos	19
De 4 a 5 anos	22
De 5 a 6 anos	36
De 6 a 7 anos	35
De 7 a 8 anos	32
De 8 a 9 anos	75
De 9 a 10 anos	74
De 10 a 11 anos	58
De 11 a 12 anos	38
De 12 a 13 anos	11
De 13 a 14 anos	5
De 14 a 15 anos	1
Total	444
Média (anos)	7,9

Fonte: AFBMP; elaboração do autor.

As meninas do Recolhimento

Como vimos anteriormente, as primeiras alunas que Ramiz recebeu no Asilo foram as que estavam internadas no Recolhimento Nossa Senhora da Piedade. Daquele grupo, foram inicialmente destacadas 36 meninas, matriculadas como as primeiras alunas do Asilo Araújo. Pouco depois, as demais 37 também foram transferidas para o prédio do Asilo, embora continuassem com as suas matrículas originais vinculadas ao Recolhimento, por conta do convênio em vigor entre a Irmandade da Candelária e a Prefeitura do Distrito Federal. O Asilo Araújo e o Recolhimento, portanto, passaram a ocupar o mesmo endereço e a se subordinar ao mesmo diretor, sendo que as meninas do Recolhimento, inicialmente, foram alojadas na ala destinadas aos meninos.

Por conta do citado convênio, a Irmandade decidiu continuar matriculando novas alunas no Recolhimento, para compensar as que se iam desligando, razão pela qual o diretor, em seus relatórios, relacionava as entradas e saídas das meninas matriculadas e desligadas em cada instituição. Para Ramiz, contudo, não havia motivos para fazer distinções entre os dois grupos — tanto que várias das meninas ingressadas pelo Recolhimento acabariam por assumir papel destacado na vida do Asilo.

Não obstante, as contrapartidas da Prefeitura para o sustento das meninas do Recolhimento exigiam negociações difíceis e demoradas, situação que destoava completamente aos padrões da Irmandade, o que levou a um processo gradual de encerramento das atividades do Recolhimento, que terminou em 17 de março de 1917, quando foi desligada a última remanescente daquele grupo, a jovem Ilydia Alves, ao completar 18 anos.

Desligamentos antes da idade regulamentar

Ao longo da gestão de Ramiz Galvão, não foram poucos os pedidos dos responsáveis para retirar suas crianças antes do prazo estabelecido no regulamento. No acervo arquivístico da Irmandade

conseguimos identificar que essa situação ocorreu em pelo menos 52 casos, todos documentados, o que corresponde a cerca de 10% do número de crianças internadas naquele período. O que é relevante no caso, entretanto, não é o percentual estatístico, mas sim os motivos que estavam por trás daquele procedimento.

A análise desses casos deixa evidente que, no momento da matrícula, o interesse dos pais ou responsáveis pelas crianças, motivados por suas dificuldades, os levavam a acatar plenamente as condições regulamentares do Asilo. Com o passar do tempo, entretanto, esses interesses poderiam assumir rumos diferentes. No caso da Irmandade e do diretor do Asilo, o propósito sempre se manteve imutável: educar e preparar as crianças que recebiam para que elas pudessem ter melhores condições na vida adulta. Até porque a Irmandade tinha recursos garantidos para se preservar em seu propósito. Não há registro de qualquer caso em que a Irmandade, por sua iniciativa, tenha dispensado sequer uma das crianças colocadas sob seus cuidados sob a alegação de que as condições financeiras dos pais ou responsáveis tivessem se alterado de modo a poderem retomar a sua educação e cuidados.

Os responsáveis pelas crianças, entretanto, estavam sujeitos a condições específicas, pessoais, de cunho econômico ou emocional, que poderiam se modificar com o passar do tempo, por conta de novos elementos e situações que não estavam sob seu controle. Em certos casos, as mães realizavam um segundo casamento, o que lhes permitia recuperar a condição econômica e reassumir a educação das suas filhas e filhos. Mas também havia os casos em que simplesmente se considerava a pobreza como algo próprio da sua condição, insuperável, razão pela qual consideravam que continuar estudando depois de aprender a ler e escrever era um luxo de pouca valia. Nessas condições, quando as crianças cresciam e adquiriam alguma condição de trabalho, esse luxo significava também dinheiro perdido, porque a criança não estava contribuindo para o sustento familiar.⁶⁸

Formalmente, a decisão sobre esses pedidos de desligamento antecipado era uma prerrogativa do provedor, após ouvir o parecer

do diretor. Este, a menos que entendesse haver razões muito fortes para atender ao pedido, sistematicamente recomendava o seu não atendimento. Fazia-o em defesa das próprias alunas, pois sabia que elas iriam abandonar uma valiosa oportunidade para melhorar seus conhecimentos e buscar um futuro mais alvissareiro. Mas também lembrava sempre, com base no regulamento do Asilo, que o desligamento antes do prazo não podia ser impedido sempre que o responsável pagasse a indenização prevista. Essa era uma condição conhecida e aceita no ato da matrícula, mas naquele momento a muitos surpreendia.

A indenização, de fato, não tinha qualquer impacto nas finanças da instituição. Ela representava essencialmente um “desincentivo” para os responsáveis que decidissem interromper o processo educacional das crianças. Tanto assim que, na maioria dos casos, a indenização foi dispensada. Em outros ela simplesmente foi paga, sem questionamentos, até porque não eram valores abusivos. Em alguns casos, porém, a regra produziu disputas desgastantes entre familiares das alunas e a direção do Asilo e a Irmandade, envolvendo, inclusive, demandas judiciais.

Em vários casos, a Irmandade entendeu que deveria dispensar a indenização considerando que o patrono da criança (muitas vezes um membro da Irmandade) havia colaborado anteriormente com doações significativas para o Asilo, e não havia sentido em aplicar-lhe um novo ônus. Em outros, foi concedida uma redução sobre a indenização devida. Em outros ainda, bem poucos, Ramiz concordou com o desligamento recomendando a não cobrança da indenização, devido ao mau aproveitamento do aluno ou aluna.

Em resumo, dos 52 pedidos apresentados à Irmandade para desligamento antecipado, 32 foram deferidos sem cobrança de indenização, dez foram indeferidos e os responsáveis acataram o regulamento, mantendo as crianças até completar a idade regulamentar, três optaram por pagar a indenização estabelecida e sete foram desligados mediante decisão judicial.

De acordo com a faixa etária, 16 solicitações diziam respeito a crianças com até 12 anos de idade, e 36 correspondiam a crianças de mais idade, geralmente já alfabetizadas e munidas de algum conhecimento de ofícios.

A maior concentração de pedidos ocorreu no período 1911-1920, quando se registraram 29 casos; até 1910, apenas dez solicitações haviam sido apresentadas. Na década final da gestão de Ramiz Galvão (1921-1930), ocorreram 13 pedidos.

Os sete casos mais polêmicos que tiveram uma solução envolvendo os tribunais, ou pelo menos a intervenção de um Juiz ou Curador de Órfãos, traduzem o empenho do diretor e da Irmandade no desempenho de sua missão em defesa do futuro das crianças que lhes eram entregues. Em todos esses casos, pelas informações disponíveis, parece que os interesses em curto prazo dos responsáveis se sobrepunham ao interesse de longo prazo das crianças, pelo menos em termos de consolidar sua educação. Isso explicaria a atitude que o diretor adotou, na maioria das vezes: recomendar ao provedor o seu indeferimento. E em todos os casos, os provedores sustentaram a posição do diretor, apesar do desgaste a que estavam sujeitos, pois tais disputas eram quase sempre exploradas pela imprensa. Ao final, as crianças acabavam por serem entregues a seus responsáveis, mas os órgãos judiciais davam ganho de causa à Irmandade quanto ao direito de cobrar a indenização.

De todos, o caso mais lamentado foi o de uma jovem que, depois de ter sido retirada com apenas 14 anos, tornou-se, um ano depois, em 1914, vítima de assassinato. O episódio repercutiu muito no Asilo. Na missa celebrada por ocasião da festa de encerramento do ano letivo, padre Séve a todos emocionou na sua prédica ao Evangelho, lembrando o ocorrido com a inditosa ex-aluna.⁶⁹ E, no relatório de 1915/16, o provedor usou o exemplo para reiterar sua contrariedade em relação à saída de alunas antes de completarem seus estudos e atingirem a idade regulamentar.⁷⁰

As premiações e as cadernetas de poupança

Com base na documentação encontrada nos Arquivos da Irmandade, sabemos que a concessão de prêmios em dinheiro às alunas já vigorava no tempo do Recolhimento N. S. da Piedade, mas desconhecemos as regras de sua utilização e em que época esse benefício havia sido instituído.⁷¹ A jovem Eugenia da Costa Braga, por exemplo, requereu sua caderneta em 13 de setembro de 1910, logo após seu casamento, com 24 anos de idade. Ela havia sido desligada antes mesmo da entrada em funcionamento do Asilo Araújo, em 1901.⁷²

No caso do Asilo Araújo, entretanto, sabemos que esse benefício estava previsto no Art. 7o do Regulamento, onde constava que os bons alunos teriam direito a alguns benefícios, como inscrição do nome no quadro de honra do Asilo, além de prêmios em dinheiro que seriam atribuídos no final de cada ano, da seguinte forma:

- Aos três asilados de cada classe, dentre os aprovados com grau 10.
- Ao laureado com o primeiro prêmio, em cada classe, além de ter seu nome no quadro de honra, seria concedida a importância de Rs 50\$000, cujo valor seria depositado em seu favor em uma caderneta na Caixa Econômica.
- Outros prêmios poderiam ser doados por membros da Irmandade ou mesmo por terceiros, e seriam distribuídos segundo o arbítrio do diretor (quase sempre em dinheiro, mas também na forma de livros).
- O regulamento também previa que alunos que tivessem mérito destacado, por terem sido laureados por vários primeiros prêmios, poderiam ter seu nome proposto à Irmandade, que lhe poderia conferir diploma de irmão da Candelária ou de uma Ordem Terceira.

Este último benefício parece não ter sido aplicado ao longo da administração de Ramiz Galvão, embora algumas de suas alunas tivessem sido, mais tarde, agraciadas com o diploma de membro da Irmandade. Não obstante, as premiações em dinheiro foram mui-

to mais amplas do que o previsto no Regulamento, face às doações feitas por muitos dos membros da Irmandade, pelo próprio diretor, professores e outras pessoas que se dispunham a apoiar o Asilo.

O regulamento previa, também, as condições para o recebimento da caderneta, a retirada do valor dos prêmios acumulados e dos juros correspondentes. As meninas só poderiam requerer suas cadernetas após dois anos do seu desligamento regulamentar, ou antes, caso fossem contrair casamento. O curioso é que o regulamento previa também que a administração da irmandade aprovasse o enlace.⁷³ Essa regra revelava a dimensão do compromisso da Irmandade em buscar o melhor futuro possível para suas meninas. Entretanto, não encontramos qualquer registro indicando que essa aprovação tenha sido de fato aplicada.

Além dos prêmios por resultados nos estudos e bom comportamento, as meninas também tinham direito a uma parcela dos seus trabalhos nas oficinas, na forma de serviços ou em produtos que eram vendidos após as exposições de fim de ano. E, como já vimos, quando Ramiz teve de contar com as meninas maiores para completar o quadro de pessoal, no início do funcionamento do Asilo, propôs e foi autorizado a atribuir-lhes uma pequena remuneração por conta dos serviços que realizavam, e que foi igualmente creditada nas cadernetas dessas moças. Todos esses valores eram ciosamente registrados pelo diretor e aplicados nas contas das meninas.

O conceito de mérito era a tônica daquela sociedade, e foi o desempenho escolar o fator que sempre estimulou os membros da instituição, e a todos que acompanhavam o seu desenvolvimento, a contribuir anualmente para garantir a premiação das mais dedicadas. Isso fez com que, em poucos anos, a festa de premiação e encerramento do ano letivo passasse a contar com recursos que permitiram ao diretor premiar com dinheiro não apenas o primeiro colocado de cada classe, mas também o segundo e o terceiro (geralmente com Rs 30\$000 e Rs 20\$000, respectivamente). Desse modo, muitas vezes a premiação distribuída ultrapassou a quantia de Rs 2:000\$000.⁷⁴

Em 1916, por iniciativa do provedor Mario Nazareth, foi instituído um prêmio adicional, de Rs 100\$000, à aluna que se destacasse por “procedimento exemplar”.

Os arquivos da instituição mantêm muitas cartas de ex-alunas solicitando o acesso às suas cadernetas. Com base nesses registros, constatamos que Zaira Sabóia, uma das alunas que mais se destacou nos primeiros tempos do colégio, tinha Rs 1:562\$331 consignados em sua caderneta quando a retirou, em 1927. O maior valor, contudo, foi acumulado na conta de Maria Coutinho Amorim, totalizando Rs 4:575\$214 quando ela solicitou sua caderneta, também em 1927, às vésperas de seu casamento. Naquela altura, essa importância correspondia a 22 vezes o seu ordenado como professora do Araújo, que era de Rs 200\$000 mensais. Neste último caso, contudo, estão incluídos também parte de sua remuneração como professora, como informou o diretor, no despacho de 25 de fevereiro de 1927, a seguir transcrito:

D. Maria Coutinho de Amorim, ex-aluna laureada do Asilo e hoje sua professora, tem aqui ainda em depósito a caderneta da Caixa Econômica nº 227.913, onde se acha inscrita a quantia de 4:157\$214, produto dos seus numerosos prêmios quando aluna, e das suas economias desde que se desligou.⁷⁵

Alguns registros fotográficos do Asilo Araújo e de suas alunas

Foi só a partir de 1917, na gestão do provedor Mário Nazareth, que o Asilo passou a contratar o serviço de fotógrafos para registrar seus eventos mais importantes. Mas, antes dessa época, muitos dos jornais e revistas da cidade fizeram a cobertura das festas do patrono e das festas de premiação, inclusive fotograficamente. Algumas dessas imagens, apesar da precária qualidade das técnicas então em uso, ilustram as páginas deste livro, pelo seu significado histórico.

A fotografia a seguir foi a primeira imagem de que se tem notícia a registrar um grupo de alunas do Asilo. Foi publicada na edição

do dia 5 de abril de 1903, na *Revista da Semana do Jornal do Brasil*, uma das poucas publicações do Rio de Janeiro que estampavam imagens fotográficas naquela época. Traz a indicação de ser de autoria do fotógrafo S. Moreira & Filhos.⁷⁶

A imagem permite identificar um grupo de meninas, além de alguns adultos, dentre os quais se pode identificar: o diretor Ramiz Galvão, o provedor Manuel Lopes de Carvalho, a regente D. Paulina e o padre Séve, pároco da Igreja de São Cristóvão.



Grupo de alunas com o provedor Manoel Lopes de Carvalho, Ramiz Galvão e outras pessoas, em 1902.

A citada revista não estampou qualquer matéria sobre o colégio, apenas identificou o nome do Asilo e seu diretor. No Relatório daquele período não se encontrou qualquer referência a um evento que tivesse justificado a imagem. Contudo, Ramiz mencionou, no rol dos donativos feitos ao Asilo, que o Sr. Antonio Edmundo Falcão havia feito várias doações para o colégio e oferecido “a cada uma das meninas uma prova fotográfica do grupo das alunas do Asilo e à administração do estabelecimento uma coleção de fotografias tiradas de vários pontos do edifício.”⁷⁷

Assim, com base nas evidências mencionadas, é provável que a foto tenha sido feita, de fato, em outubro de 1902, ou seja, no mês em que Antonio Falcão atuou como mordomo do Asilo. E, a ser cor-

reta tal hipótese, as pessoas na extremidade esquerda seriam a roupeira e enfermeira D. Armida de Vasconcellos e as inspetoras Suzana Santos e Carolina F. Correa. Antonio Falcão seria o personagem sentado entre o diretor e o provedor, e o personagem à direita, junto ao padre Séve, poderia ser o médico, Dr. Luiz Alves.

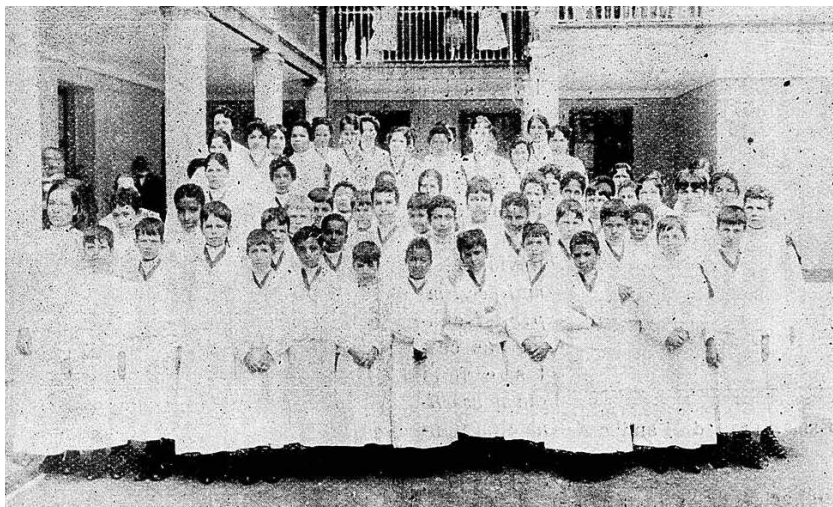
Na época havia cerca de 70 crianças no Asilo, mas na foto aparecem apenas 48. A imagem permite também fazer uma ideia do uniforme de uso diário então utilizado.

É bastante provável que a coleção de fotos mencionadas no Relatório, e que teriam sido oferecidas à administração do colégio, reproduzindo vários de seus espaços, tenham sido as utilizadas pelo diretor para ilustrar seu artigo publicado na *Revista Renascença*, em 1905, ao qual nos referimos no volume anterior, e que foram reproduzidas nas páginas 147 a 150 do citado volume.

É presumivelmente de 1903 a imagem reproduzida abaixo, de autoria do conhecido fotógrafo Augusto Malta.⁷⁸ Como se sabe, Malta era o fotógrafo que havia sido contratado pelo prefeito Pereira



Alunas no pátio e varandas na ala esquerda do prédio, em setembro de 1903 (foto de A. Malta).



Grupo de alunas, por ocasião da Festa do Patrono de 1905.⁷⁹

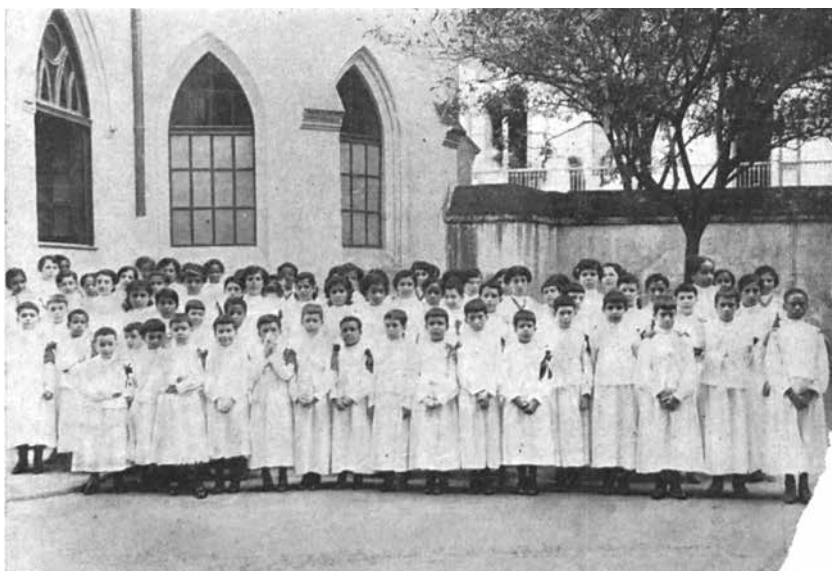
Passos para documentar as obras que estavam sendo executadas na cidade durante sua gestão. É de se supor, portanto, que essa foto tenha sido feita por Malta quando Passos visitou o Asilo Araújo, a convite de Ramiz Galvão, no dia 20 de setembro de 1903. Assim como as demais fotos feitas por Malta no colégio, apenas aparecem grupos de alunas, sem qualquer registro da presença dos meninos, que haviam sido matriculados a partir de 1905.

Outros registros fotográficos da época datam de 27 de agosto de 1905, publicados também pela *Revista da Semana do Jornal do Brasil* por ocasião da Festa do Patrono, ocasião em que esteve presente o presidente da República. Na foto acima vê-se que, por ser dia festivo, as meninas usavam o seu uniforme de gala, branco, como anteriormente descrito, podendo se identificar o laço e a fita que distinguem as meninas do Asilo e as do Recolhimento, assim como o cabelo curto, recém-cortado.

A foto na página seguinte, de 1912, mostra um conjunto de 64 meninas, com seu uniforme de gala e os distintivos que indicavam pertencerem ao grupo do Asilo ou do Recolhimento (estas já em menor número e de mais idade), podendo-se ver o muro que dividia o

pátio de recreação. Vale registrar, ainda, a título de curiosidade, que, induzido pelo corte de cabelo “à la garçonne”, o editor da revista identificou o grupo como sendo de “educandos”.

Na próxima fotografia, tomada por ocasião da Festa do Patrono de 1916, publicada na revista *Fon-Fon*, as meninas foram retratadas junto ao provedor Mario Nazareth e muitos membros da administração. Destaca-se nessa imagem, junto ao provedor, a pequena Tarçilla, de quatro anos, admitida no início daquele ano.



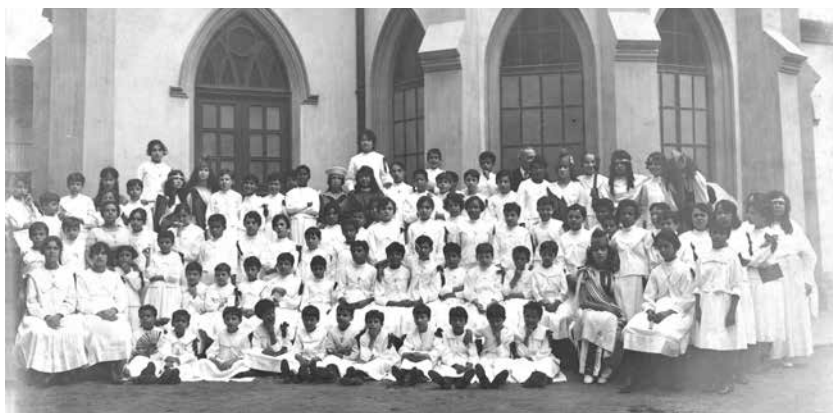
*Grupo de alunas, por ocasião da Festa do Patrono de 1912.*⁸⁰



*Alunas e membros da administração da Irmandade, por ocasião da festa do patrono de 1916.*⁸¹

De 1919 é o próximo registro, também feito por ocasião da Festa do Patrono daquele ano, quando o colégio recebeu a visita do presidente Epitácio Pessoa. Nessa oportunidade, a imagem foi tomada por um profissional contratado pelo Asilo, e o exemplar, de excelente qualidade, faz parte do acervo da instituição. As meninas vestem o uniforme branco, de gala, tradicional.

Também tomada por fotógrafo contratado pela Irmandade é a imagem da festa de premiação, realizada em fevereiro de 1920.



Alunas por ocasião da festa do patrono de 1919, algumas delas caracterizadas por terem atuado nas peças teatrais.⁸²



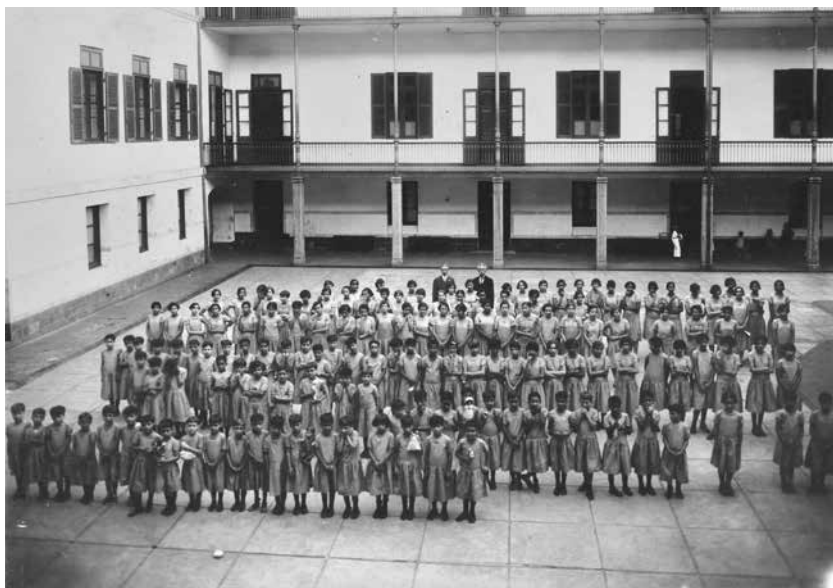
Grupo de meninas com o diretor, o provedor Nazareth e outros membros da Irmandade, por ocasião da festa de premiação de 1920.⁸³

A foto abaixo, onde aparecem pouco mais de uma centena de meninas, data de 1924, quando era provedor Albino Ferreira de Sá, que aparece em companhia do diretor.

Finalmente, é de 1930 a imagem na página seguinte, onde aparecem cerca de 140 meninas. Vestem um uniforme de uso diário, bastante modificado em relação ao que se via na foto de 1903, sem gola e com saias e mangas mais curtas do que as prevalecentes nos uniformes dos primeiros tempos.



Grupo de alunas, por ocasião da festa do patrono de 1924.⁸⁴



Alunas no pátio interno do colégio, vendo-se ao fundo o provedor Alberto Joaquim Esteves e o diretor Ramiz Galvão (1930).⁸⁵

III.2 O ensino e o corpo docente

O projeto original do colégio, proposto pela Irmandade da Candelária em 1881, tinha como foco de suas atenções o ensino profissionalizante. E embora estivesse direcionado a crianças órfãs, sem especificar o sexo, pode-se supor que ele se referisse principalmente aos meninos. Eram eles, pela cultura da época, os que poderiam tirar melhor proveito do aprendizado profissional e que, ao se tornarem adultos, teriam condições de sustentar suas famílias com o fruto das habilidades adquiridas. Para as meninas, por outro lado, as opções de capacitação profissional eram muito reduzidas, mesmo para as não órfãs e pobres, pois suas expectativas para a vida adulta resumiam-se, com raras exceções, às atividades no próprio lar ou em casas de outras famílias, como cozinhar, lavar, passar, costurar — além da mais importante, certamente, que era a educação dos filhos.

O ensino primário para as meninas era praticamente o mesmo dos meninos, apenas substituindo a prática de trabalhos manuais por trabalhos de agulha. Quanto ao ensino profissionalizante, o programa direcionado para elas envolvia: cozinha; lavagem; engomado; costura, corte e confecções; bordado; flores artificiais; outras, mediante avaliação posterior.

A organização do ensino na seção feminina

O diretor entendia que a estrutura principal para a formação das jovens sob seus cuidados deveria partir dos conhecimentos básicos ministrados no curso primário. Por esse motivo, foi sempre muito exigente com o aproveitamento de suas alunas e apelava insistentemente para que se dedicassem aos estudos. Procurou sempre formar turmas pequenas, de forma que pudessem receber mais atenção das professoras.

Por diferentes motivos, algumas adaptações tiveram de ser feitas ao longo do tempo. No curso primário, a alteração mais significativa foi a introdução de um curso preliminar, de alfabetização, sem maiores exigências, para facilitar a aclimação das meninas mais novas, recém matriculadas. E, embora não tenha tido sucesso com os cursos de música e ginástica, conseguiu dar mais ênfase para caligrafia e desenho.

Quadro IV – Asilo Gonçalves de Araújo	
Cursos complementares oferecidos às alunas (1902-1930)	
CURSO	PERÍODO
Desenho	1909; 1912 a 1930
Caligrafia	1911 a 1930
Música	1902 a 1905
Ginástica	1907/8; 1927 a 1930
Fonte: Relatórios; elaboração do autor.	

No que diz respeito aos cursos profissionais, a introdução de cada uma das diferentes atividades procurou acompanhar a evolução etária das crianças e suas habilidades potenciais. Era preocupação constante do diretor preencher integralmente o tempo de suas alunas com atividades que as mantivessem interessadas e ativas. A principal modificação, já na segunda década de funcionamento do colégio, foi a introdução dos cursos de datilografia, estenografia (taquiografia) e escrituração mercantil.

Ao longo do período 1902-1930, o Asilo ofereceu os seguintes cursos profissionalizantes às suas alunas:

Quadro V – Asilo Gonçalves de Araújo	
Cursos profissionalizantes oferecidos às alunas (1902-1930)	
CURSO	PERÍODO
Costura (diversos níveis)	1901 a 1930
Lavagem e engomado	1901 a 1927
Bordado (diversos níveis)	1902 a 1930
Flores artificiais (diversos níveis)	1902 a 1930
Cozinha	1903 a 1929
Datilografia (diversos níveis)	1920 a 1930
Estenografia (diversos níveis)	1920 a 1930
Escrituração comercial (diversos níveis)	1920 a 1930
Chapéus	1925 a 1929
Luvax	1925 a 1930

Fonte: Relatórios; elaboração do autor.

Carga horária das atividades escolares

Embora se tratasse de uma instituição privada e tivesse, de acordo com a legislação da época, liberdade para fazer seu próprio programa, é muito provável que o diretor tivesse seguido muito de perto o programa do ensino primário oferecido nas escolas públicas, assim como os conceitos para aprovação e reprovação.

No caso das oficinas em geral, e nos cursos complementares de desenho e caligrafia, no entanto, a descrição do que se iria ministrar não chegou a ser feita. Tudo indica que os programas seriam definidos pelas próprias mestras. Da mesma forma, seriam elas que estabeleceriam os critérios para avaliar o aproveitamento das alunas.

De acordo com o regulamento, o ano letivo deveria se estender de 3 de fevereiro a 30 de novembro, sendo que o tempo diário de classes não deveria exceder oito horas diárias, havendo sempre um intervalo de dez minutos entre cada seção. Os exames finais deveriam ocorrer em dezembro e as férias se estenderiam até 31 de janeiro. Além das férias, os alunos também não teriam aulas aos domingos, dias santos, dias de festa nacional, em toda a semana santa e em 11 de agosto, dia dedicado a homenagear o nascimento do patrono.⁸⁶

Embora Ramiz Galvão não tenha, durante sua gestão, publicado os tempos reservados para cada curso, podemos formar uma ideia dessa organização com base em uma tabela divulgada em 1931 (reproduzida a seguir), na qual constava a informação de que se mantinha

Quadro VI – Asilo Gonçalves de Araújo		
Carga horária e frequência dos diversos cursos e oficinas oferecidos à seção feminina em 1931		
HORÁRIO	CURSO	FREQUÊNCIA
Das 7h às 8h	Ginástica	2ª e 5ª
Das 8h às 10h	Curso primário	Diária
Das 11h às 13h	Trabalhos manuais; Caligrafia; Bordado à máquina	Diária
Idem	Desenho I	2ª, 4ª e 6ª
Idem	Desenho II	3ª, 5ª e sábado
Idem	Inglês	3ª, 5ª e sábado
Idem	Datilografia e estenografia	2ª e 6ª
Das 13h30 às 16h30	Marca; Malhas; Bordado; Flores; Costura de Confecções; Luvas	Diária
Das 17h30 às 19h30	Escrituração Mercantil	2ª e 5ª
Das 18h às 19h30	Estudos	Diária
Fonte: Relatórios; elaboração do autor.		

a estrutura anterior por ele organizada, com pequenas alterações nas oficinas e a inclusão do curso de Inglês.

Quanto aos critérios para distribuir as meninas nas diferentes oficinas, de cuja regulamentação não localizamos indicações, as informações disponíveis nos relatórios sugerem que as alunas mais novas não iam muito além da oficina de costura elementar. Depois podiam avançar nos demais cursos de costura e iniciar os de bordados e de flores. O curso de caligrafia era obrigatório para todas que ainda estivessem fazendo o curso primário (do primeiro ao sexto ano, mas não no de alfabetização). O de desenho, que também cobria vários anos, exigia estar pelo menos no 3º ano do curso primário. Os cursos de cozinha, datilografia, estenografia e escrituração mercantil, por seu turno, ficavam restritos às meninas maiores e, de preferência, às que já estivessem cursando pelo menos o 5º ano do primário. O relatório relativo ao ano de 1930 evidenciou a seguinte distribuição:

Quadro VII – Asilo Gonçalves de Araújo		
Distribuição dos cursos complementares e oficinas no ano escolar de 1930, segundo os níveis do curso primário (*)		
CURSO PRIMÁRIO	COMPLEMENTARES	OFICINAS
Classe preliminar	Caligrafia	Costura elementar
1ª classe	Caligrafia	Costura elementar ou Bordado ou Flores
2ª classe	Caligrafia	Costura elementar ou Costura adiantada ou Bordado ou Flores
3ª classe	Caligrafia e Desenho	Costura adiantada ou Bordado ou Flores
4ª classe	Caligrafia e Desenho	Idem
5ª classe	Caligrafia e Desenho	Idem
6ª classe	Caligrafia e Desenho	Datilografia e Estenografia e Costura adiantada
Curso concluído	Desenho	Datilografia e Estenografia, Escrituração Mercantil e Costura adiantada
Fonte: Relatório 1930/1931; elaboração do autor. (*) Estão mencionados apenas os cursos e oficinas que aplicaram exames de avaliação ao fim do ano letivo.		

Parece que o principal problema enfrentado por Ramiz era fazer as alunas superarem as dificuldades dos primeiros anos do curso primário. Isso teria sido uma constante durante sua longa gestão. Ainda em 1930, quando tinha um contingente de 140 alunas, apenas seis haviam concluído o curso. Nada menos do que 97 meninas (cerca de 69% do total) estavam matriculadas nas primeiras etapas do curso primário, isto é, do curso preliminar (alfabetização) à 2ª classe.

Quadro VIII – Asilo Gonçalves de Araújo	
Nº de alunas do curso primário no final de 1930	
CLASSE	ALUNAS
Preliminar (2 turmas)	43
1ª	24
2ª (2 turmas)	30
3ª	10
4ª	11
5ª	9
6ª	7
Soma	134
Alunas com primário concluído	6
TOTAL	140
Fonte: Relatório 1929/1930; Elaboração do autor.	

É certo que, naquele ano, havia sido autorizado pela Irmandade um aumento de 25 alunas na lotação do colégio, o que fez elevar aquele percentual momentaneamente. Mas as médias dos anos anteriores evidenciavam que as crianças matriculadas até a 2ª classe correspondiam a 50% do total das alunas que cursavam o primário. Uma das consequências dessa situação era que o número de meninas aptas a se envolverem com as demais atividades ficava sempre aquém do desejado, resultando em turmas relativamente diminutas nas oficinas. Assim, embora o colégio tivesse espaço suficiente para

acomodar novas atividades, o número de alunas era insuficiente para justificar a ampliação desses cursos. A tabela a seguir mostra a distribuição das alunas segundo os cursos complementares e oficinas em que estavam matriculadas no ano de 1930.

Quadro IX – Asilo Gonçalves de Araújo	
Nº de alunas que prestaram exames ao final de 1930	
CURSO/OFICINA	ALUNAS
Caligrafia	88 (*)
Desenho industrial – 1ª e 2ª turmas	18
Desenho industrial – 3ª turma	10
Desenho industrial – 4ª turma	7
Costura elementar – 1º ano	31
Costura elementar – 2º ano	21
Costura Adiantada I – 1º ano	10
Costura Adiantada I – 2º ano	4
Costura Adiantada II – 1º ano	10
Costura Adiantada II – 2º ano	4
Bordado – 1º ano	12
Bordado – 2º ano	8
Bordado – 3º ano	2
Flores – 1º ano	14
Flores – 2º ano	8
Flores – 3º ano	3
Datilografia – 1º ano	4
Datilografia – 2º ano	5
Estenografia – 1º ano	4
Estenografia – 2º ano	5
Escrituração Mercantil – 1º ano	4
Escrituração Mercantil – 2º ano	0
Fonte: Relatório 1929/1930; Elaboração do autor.	

A instrução primária: evolução e corpo docente

A composição do corpo docente foi um desafio nos momentos iniciais do colégio, por conta da decisão da Irmandade de incorporar as meninas que estavam no Recolhimento Nossa Senhora da Piedade. Naquela oportunidade, o diretor escreveu:

Não foi fácil desde o primeiro momento ministrar um ensino conveniente por causa de só haver para isso uma professora — a digna regente — e ser muito diverso o grau de adiantamento em que recebemos as alunas. Essa dificuldade, porém, ainda se tornou mais sensível quando, em novembro de 1901, chegaram as meninas do Recolhimento, umas totalmente analfabetas, outras com princípio de leitura, e ainda as de um terceiro grupo regularmente adiantadas.⁸⁷

E como ainda não contava com professoras contratadas, e a única de que dispunha, a regente, estava envolvida com as múltiplas atividades do colégio, restou-lhe a opção de lançar mão das próprias alunas para dar início ao primeiro ano letivo do Gonçalves de Araújo — o de 1902. Selecionou, dentre as mais adiantadas, três jovens para lecionar nas duas primeiras classes. Foram elas: Iza da Silva, Abigail Magalhães e Antonieta Pinho. E ele próprio assumiu a terceira classe. Não havia meninas com base suficiente para compor as demais classes do curso.

É importante esclarecer aqui que a legislação da época sobre a organização do ensino se aplicava apenas às escolas públicas. As escolas privadas, além de poderem estabelecer programa próprio, tinham total liberdade quanto à contratação de professores, não se exigindo, para o exercício do magistério, qualquer titulação formal.⁸⁸

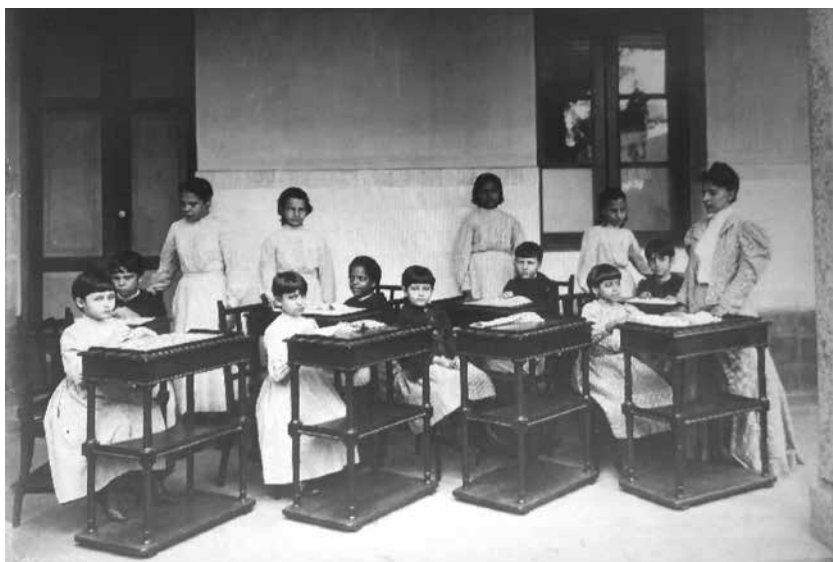
Na ocasião, para o ano letivo de 1902, Ramiz Galvão distribuiu as meninas em cinco turmas, segundo o quadro na próxima página.⁸⁹

Para o ano letivo de 1903, com base na experiência do ano anterior, Ramiz entendeu haver condições de distribuir as meninas em seis turmas distintas. Manteve as quatro turmas das duas primeiras

classes, ainda divididas segundo a instituição em que estavam matriculadas (Asilo ou Recolhimento), e incorporou ao time de professoras uma quarta aluna, Silvina Souza Silva. Além disso, criou a 4ª classe com as alunas aprovadas na 3ª do ano anterior, que também ficou sob sua responsabilidade.

Quadro X – Asilo Gonçalves de Araújo		
Organização do curso primário em 1902		
CLASSE	GRUPO	PROFESSOR
1ª	Asilo	Iza da Silva
1ª	Recolhimento	Antonieta Pinho
2ª	Asilo	Iza da Silva
2ª	Recolhimento	Abigail Magalhães
3ª	Asilo/Recolhimento	O diretor

Fonte: Relatório 1901/2; elaboração do autor.



Sala de aula da 1ª classe em 1903 (Foto de Augusto Malta)⁹⁰

Ao se dedicar às alunas mais adiantadas, Ramiz passava a ter condições de avaliar melhor as que apresentavam potencial para assumir, quando necessário, o encargo de orientar as colegas das classes iniciais. Foi assim que selecionou Silvina e, pouco depois, quando esta se desligou do colégio por atingir a idade limite (em julho de 1903), colocou em seu lugar a jovem Carolina Lopes.

Em 1904, o diretor finalmente pôde contar com uma professora contratada, D. Luiza Carolina Alvarenga da Cunha, a quem encarregou das duas primeiras classes. A aluna Iza da Silva passou a lecionar para a 3ª classe e Ramiz assumiu a 4ª e a 5ª classe (esta iniciada naquele ano, com apenas duas alunas: Iza e Antonieta Pinho). Foi também a partir desse ano que todas as classes passaram a funcionar com alunas das duas instituições (Asilo e Recolhimento) conjuntamente.

No ano de 1905, funcionou pela primeira vez a 6ª classe, sob encargo do diretor. Mas só até maio, pois, naquele mês, sua única aluna, Iza, teve de se desligar do colégio por ter atingido a idade limite. A saída dessa jovem exigiu que Ramiz fosse buscar uma nova mestra para a 3ª classe. Para o seu lugar foi contratada a jovem normalista Oridina Garcia, que naquele ano, ainda como adjunta estagiária, havia sido designada para a vizinha Escola Gonçalves Dias, da rede municipal.⁹¹

A partir dessa época, o curso primário manteve a mesma organização básica, embora, como seria natural, tendo que ajustar a equipe de professoras, continuando a envolver, sempre que possível, as alunas mais adiantadas para ensinar as menores. Essa estratégia não apenas reduzia custos para a Irmandade, mas ajudava as jovens mestras a reforçarem o seu aprendizado, seguindo a velha máxima de que “é ensinando que se aprende”. O mais importante era que, assim, abriam-se oportunidades para que aquelas jovens tivessem um primeiro contato com a carreira de professora, uma das poucas opções de trabalho formal para as mulheres naquela época. E, de fato, várias dessas alunas-mestras acabariam optando pelo magistério. Por outro lado, ao dedicar-se ele próprio a lecionar para as alunas nas classes mais adiantadas, Ramiz podia avaliar o trabalho



Imagens da Festa do Patrono de 1905: acima, a Professora Oridina (em pé) e suas alunas; abaixo, a regente D. Paulina (à direita), com professoras, inspetoras e convidados.⁹²

desenvolvido pelas professoras das classes iniciais e identificar eventuais falhas nos processos pedagógicos que necessitassem correção.

Dentre as alterações importantes ocorridas no período, no que diz respeito à organização do curso primário, vale destacar que em 1912, por ter aceitado o convite do prefeito do Rio de Janeiro para assumir a Diretoria de Instrução Primária do Município, Ramiz não pôde continuar lecionando no colégio, embora tenha continuado como diretor do Asilo. Com a anuência da Irmandade, ele contratou novas professoras para substituí-lo, que pagou com seus próprios recursos. No início de 1915, demitiu-se do cargo na Prefeitura e retomou suas classes no Asilo.

Somente em 1920, perto de completar 74 anos de idade, é que Ramiz resolveu deixar a sala de aula. No relatório daquele ano, registrou que havia se tornado impossível continuar com aquele trabalho, lembrando que o tinha assumido não por obrigação contratual, mas por dedicação às crianças.⁹³ Havia lecionado durante 17 anos.

Outra importante alteração na estrutura do curso primário, como já dissemos, foi a criação, em 1924, de uma classe preparatória, de alfabetização, para recepcionar as alunas recém-chegadas ao colégio.⁹⁴

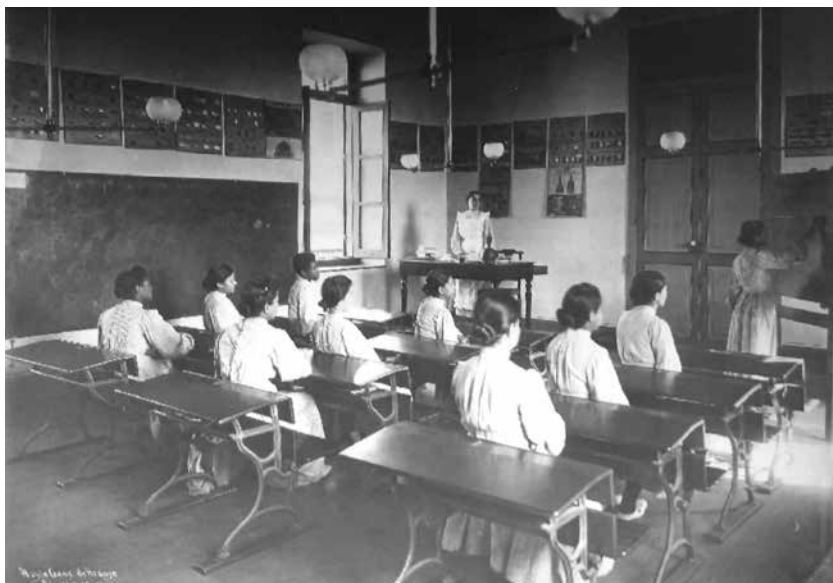
Durante sua gestão, Ramiz Galvão contou com o concurso de 30 professoras no curso primário, além dele próprio. Quatorze delas eram alunas ou ex-alunas do colégio: Iza da Silva (1902-1905; 1913-1930), Antonieta Pinho (1902-1903), Abigail Magalhães (1902-1903), Silvina Silva (1903), Carolina Lopes (1903), Maria Amorim (1907-1911; 1916-1936), Margarida Freitas (1909-1911), Atalá Miranda (1910), Albertina Ramos (1910-1911), Dulce de Andrade (1912-1913), Benedita Vianna (1912), Albertina Carvalhaes (1923-1933), Zaira Saboia (1924-1952) e Emília Ferreira (1930-1932). Ou seja, cerca de 50% das professoras foram “prata da casa”, meninas cujas qualidades ele descobriu e lapidou. Algumas delas acabariam por se dedicar à profissão e lecionaram por muitos anos no Asilo, mesmo após a aposentadoria de Ramiz Galvão.

A primeira professora contratada foi a já mencionada Luiza Alvarenga Cunha (1904-1915). Depois dela, vieram: Oridina Garcia (1905-1906), Leonor Leal Jourdan (1906-1929), Marieta Leal (1912-1913), Stella Reis (1913-1915), Silvia Machado (1915-1925), Maria Isabel Bivar (1920-1921), Lúcia de Moraes (1920-1921), Celi-
na Cunha (1920-1921), Dalila Barreiros (1921), Maria José Jourdan (1926-1927), Maria do Rosário Cochiarelli (1923), Dagmar Vieira (1924-1935), Moema de Carvalho (1927-1963), Maria Cândida Bruno (1929-1933) e Antonia Quinteiro (1930-1933). Desse grupo, as professoras Leonor Jourdan e Moema de Carvalho foram as que mais tempo trabalharam no Asilo.

Em 1930, último ano em que Ramiz esteve à frente da direção do Asilo, o curso primário era conduzido por nove professoras, das quais cinco eram ex-alunas do colégio.

Quadro XI – Asilo Gonçalves de Araújo		
Professoras do curso primário em 1930, por classe e nº de alunas.		
CLASSES	PROFESSORA	Nº DE ALUNAS
Preparatória (1ª turma)	Zaira Saboia	22
Preparatória (2ª turma)	Emília Ferreira	21
1ª	Albertina Carvalhaes	24
2ª (1ª turma)	Iza Lirio	17
2ª (2ª turma)	Antônia Quinteiro	13
3ª	Dagmar Vieira	10
4ª	Maria Cândida Bruno	11
5ª	Moema Carvalho	9
6ª	Maria Amorim	7
Total		134

Fonte: Relatório 1929/1930 e 1930/1931. Elaboração do autor



Sala de aula da seção feminina em 1903 (foto de A. Malta)⁹⁵

O ensino profissional: organização e corpo docente

Oficina de costura

Esta foi sempre a oficina mais frequentada ao longo de todo o período de gestão de Ramiz Galvão, tendo sido iniciada logo após a chegada das primeiras alunas, em julho de 1901. De fato, na época, era a única atividade com que se poderia envolver o grupo, então formado basicamente por meninas de até dez anos de idade.⁹⁶ No ano seguinte, de acordo com o relatório do diretor, 67 meninas frequentaram a oficina, sob os cuidados de D. Armida Rodrigues Ferraz de Vasconcellos, que também atuava como roupeira e enfermeira, e de D. Carolina Freire Correa, que também atuava como inspetora.

Pouco depois, a inspetora D. Carolina deixou o colégio e Ramiz passou a contar com a colaboração da aluna Constança Neves para atuar como adjunta dessa oficina.⁹⁷ Em julho de 1903, a oficina passou a ter a orientação da nova inspetora Ana Silva, então contratada, mas perdeu a colaboração de Constança, que faleceu em dezembro daquele ano.⁹⁸

A partir de 1904, essa oficina passou a receber o apoio de mestras contratadas diretamente pela condessa de Villela. Foi então reorganizada, criando-se uma seção para as principiantes e outra para as mais adiantadas.

Anos mais tarde, a oficina se desenvolveu e adquiriu condições para produzir trabalhos mais sofisticados, que eram expostos e vendidos nas exposições anuais, por ocasião da festa de premiação.

Além das já citadas, passaram pela oficina, como mestras: Armida, D. Carolina, D. Ana, D. Leonor Nunes, D. Augusta Quadra, D. Antônia Borges Tavares, D. Maria de Lourdes Coelho, e as ex-alunas Constança Neves, Apolinária Gonelli e Rosa Iris Alves.

Em 1930, quando Ramiz deixou a direção do Asilo, respondiam pela oficina de costura D. Maria de Lourdes Coelho, D. Augusta Qua-



Acima: grupo de alunas na oficina de costura, em 1903 (foto de A. Malta).⁹⁹
Abaixo: confecções da oficina de costura na exposição de 1920.¹⁰⁰

dra, D. Antônia Borges e a ex-aluna Rosa Iris. Naquele ano, participavam da oficina, em diferentes turmas, 80 alunas.

O foco de suas atividades esteve sempre voltado para produzir peças de uso do próprio colégio (cama e mesa) e vestimentas para as alunas. Com a chegada dos meninos, a partir de 1905, suas roupas também passaram a ser produzidas nessa oficina.

Oficina de bordado

Esta oficina foi iniciada em janeiro de 1902, sob os cuidados da inspetora Suzana Santos, que também conduzia a oficina de flores. Tendo essa inspetora deixado o Asilo em janeiro de 1903, foi substituída por Mathilde Senna, que não tinha o mesmo nível de conhecimentos da atividade. Entretanto, a partir de julho, com a contratação da inspetora Afra Silva, a oficina de bordado voltou a se desenvolver.¹⁰¹

Entre 1905 e 1911, esta oficina também passou a se beneficiar do auxílio de mestras contratadas pela condessa de Vilella. Na oficina de bordado, por conta desse reforço, a aluna Albertina Carvalhaes, que já se destacara nos primeiros anos, foi chamada a atuar como adjunta de Afra Silva.¹⁰²

Ao final de 1908, Albertina atingiu a idade para se desligar do Asilo. Ciente das suas competências, Ramiz propôs ao provedor a sua contratação, para atuar como mestra da referida oficina, e ela entrou em exercício em fevereiro do ano seguinte.¹⁰³ A partir de 1911, Albertina passou a responder sozinha pelas atividades, pois Afra Silva havia passado a atuar apenas como inspetora, desde fevereiro de 1910.

Essa oficina exigia habilidades manuais mais delicadas, e provavelmente por essa razão teve sempre um número reduzido de participantes. Nos primeiros tempos, tinha cerca de 20 alunas por ano.¹⁰⁴ Depois, divididas em dois ou três, grupos, dependendo do número e do estágio em que estavam, as estudantes oscilaram em torno de 15 a 20. A partir de 1920, esse número cresceu um pouco, com média de 25 a 30 alunas por ano.

Em 1923, por conta do maior número de alunos, e porque havia acumulado também as funções de professora do curso primário, foi nomeada como adjunta de Albertina a aluna Dolores Machado Loureiro.¹⁰⁵ Dolores, entretanto, desligou-se no início de 1924.¹⁰⁶

Em 1930, Albertina ainda lecionava na oficina de bordados, função que acumulava com a de professora da 1ª classe do curso primário.



Sala de exposição com trabalhos da oficina de bordados em 1920.¹⁰⁷

Oficina de flores artificiais

As flores artificiais, feitas geralmente de tecido, eram um item muito em voga no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Tinham fins decorativos em espaços domésticos ou públicos, além de servirem como adorno de vestimentas. Sua produção era estritamente artesanal e exigia mãos delicadas, razão pela qual o ensino dessa arte teria sido incluído na grade do ensino profissional das meninas.

A oficina de flores foi inaugurada em janeiro de 1902, com 20 alunas, tendo como mestra a inspetora D. Suzana Santos, que havia sido contratada em novembro do ano anterior. Com a saída dessa inspetora, em janeiro de 1903 ficou encarregada da oficina a nova inspetora, D. Mathilde Senna, que, segundo o diretor, não tinha os mesmos predicados da antecessora, inibindo os avanços das alunas nessa arte.¹⁰⁸ Com a saída dessa inspetora, a oficina ficou sem mestra, mas permaneceu funcionando com base nos ensinamentos deixados por D. Suzana.

No ano de 1905, Ramiz lembrou, em seu relatório, a necessidade de contratar uma mestra hábil para conduzir a oficina de Flores, questão que foi sanada com a contratação da inspetora D. Afra Silva, no ano seguinte.¹⁰⁹ Nessa ocasião, a aluna Judith Oliveira atuou como auxiliar de D. Afra. A oficina de flores também contou por algum tempo com o apoio das mestras contratadas pela condessa de Vilella.¹¹⁰

Tendo Judith completado, em 1908, a idade para o desligamento, Ramiz propôs a sua contratação como mestra, por sua habilidade com esse trabalho. A moça conduziu, a partir de então, as atividades dessa oficina, com frequência de 18 a 20 alunas, até março de 1920, quando deixou as atividades do colégio para se casar.

A 1º de abril de 1920, foi contratada D. Amélia Torres da Silva, que passou a responder pela oficina.¹¹¹

Em 1930, segundo o relatório daquele ano, dela participaram 25 meninas, que ainda tinham D. Amélia como responsável por sua orientação.

De acordo com os relatórios do diretor, uma significativa parcela da produção da oficina era para atender às encomendas da Igreja da Candelária.



Oficina de flores artificiais em dois momentos: acima, alunas em aula em 1903 (foto de A. Malta);¹¹² abaixo, trabalhos apresentados na exposição de 1920.¹¹³

A oficina de lavagem e engomado

Esta foi uma das primeiras oficinas mencionadas por Ramiz no Relatório de 1901/2. Ele registrou, então, que, tendo ficado pronta a lavanderia em novembro de 1901, e após a chegada das meninas maiores do Recolhimento, havia sido possível iniciar o funcionamento desta oficina em dezembro do mesmo ano, tendo sido inscritas 32 alunas sob a supervisão de D. Eufrásia, a recém-contratada responsável pela lavanderia.

A oficina prestava serviços para a própria casa, mas também para a Igreja da Candelária, lavando e engomando paramentos e outras peças de uso nas cerimônias religiosas.

Nos anos seguintes, o número de alunas envolvidas com a oficina foi se reduzindo gradualmente. No ano de 1906, estavam matriculadas apenas 12 meninas.

O diretor declarou, em seu relatório da época, que não estava nem um pouco satisfeito com o funcionamento de algumas oficinas, e essa era uma delas.¹¹⁴

No relatório de 1908/9, ele registrou: “As oficinas de lavagem, engomado e cozinha não sofreram alteração alguma este ano, pelo que continuo a fazer sentir a necessidade de mestras hábeis e idôneas, como fiz em meu relatório passado.”¹¹⁵

Talvez por conta dessa insatisfação, Ramiz pouco mencionaria essa oficina nos relatórios seguintes, embora fizesse questão de registrar, no rol dos trabalhos que se faziam dentro das oficinas, a quantidade de peças que haviam sido processadas na lavanderia. Os números evoluíram de cerca de 40 mil peças, nos primeiros anos, até alcançarem 152 mil peças em 1927, último ano ao qual Ramiz fez referência a essa oficina.¹¹⁶

A oficina de cozinha

Em março de 1903, foi contratada uma cozinheira que, além das suas próprias funções, passou a ensinar as meninas. De acordo com o relatório do período seguinte, apenas quatro alunas participaram dessa oficina.¹¹⁷ Nos anos seguintes, a participação oscilou entre seis e dez alunas.

Em seu relatório de 1907, Ramiz comunicou ao provedor sua insatisfação com a qualidade de algumas oficinas: “Nas oficinas de cozinha, lavado e engomado, como V. Exa. sabe, não há nem houve ainda professores especiais; há simplesmente duas empregadas que dirigem esses serviços com medíocre competência. Ainda assim, o zelo da distinta regente do Asilo supre tais lacunas, aconselhando, fiscalizando e procurando por todos os modos que os referidos trabalhos se executem de forma satisfatória.”¹¹⁸

Em 1911, ele voltou a lamentar a situação: “Ainda não tive oportunidade de ter cursos especiais de engomado e de cozinha, posto

que as alunas pratiquem sempre as duas artes, fazendo os trabalhos triviais do próprio estabelecimento.”¹¹⁹

Nos relatórios seguintes, deixou de mencionar qualquer atividade da oficina de cozinha, mas, em 1914, voltou a insistir:

Na seção feminina, o que precisaria ser melhorado é a oficina de cozinha, onde a instalação atual não permite senão o preparo do trivial, e esse mesmo muito limitado aos poucos pratos que constituem a refeição usual dos asilados, suficiente e sã, não há dúvida, mas sem a variedade necessária para o ensino de uma arte. Para realizar-se um bom *desideratum* seria necessária a instalação de um fogão distinto e menor, e bem assim a escolha de uma mestra hábil e competente para preparar convenientemente artistas desta especialidade.¹²⁰

Em 1917, o diretor registrou finalmente ter sido contratada, em março, a mestra de cozinha D. Clara Candreva.¹²¹ Mas não era ainda uma solução definitiva, pois D. Clara deixou o serviço pouco depois. Foi substituída, no início de junho, por D. Emma Schotler, que permaneceu no cargo apenas até o final daquele ano.¹²² Em 1º de julho de 1918, reabriu-se a oficina de cozinha, com D. Francisca de Menezes Vieitas.¹²³ A nova mestra atuou com regularidade até o final de 1922, com cerca de seis alunas a cada ano.

Em 1º de março de 1923, foi substituída por D. Ophelia Portugal.¹²⁴ Ao longo dos anos seguintes a oficina de cozinha continuou atuando com uma média de seis alunas por período.

A oficina de luvas

De acordo com o relatório do diretor relativo ao ano de 1925, a oficina de luvas foi aprovada pela Mesa Administrativa com base na proposta feita pelo irmão (e futuro provedor) Antonio Louçã de Moraes Carvalho, proprietário da Luvaria Gomes, uma das mais importantes da capital nesse ramo de comércio.

Para fazer funcionar essa oficina, Antonio Louçã doou as máquinas, os materiais necessários e também cedeu a mestra, D. Amélia.¹²⁵ Inscreveram-se seis alunas, que teriam elaborado 94 pares de luvas.

Nos relatórios dos anos seguintes, o diretor continuou registrando o funcionamento dessa oficina, sempre aos cuidados da mesma mestra, mas jamais voltou a se referir ao número de alunas inscritas, nem mencionou quantas teriam sido aprovadas e premiadas. No relatório de 1929/30, Ramiz não mencionou o funcionamento dessa oficina.

A oficina de chapéus femininos

O uso de chapéus foi muito impulsionado pela moda feminina dos anos 1920, e, talvez por isso, a sua confecção tenha sido considerada como uma opção de trabalho para as jovens, quando deixassem o Asilo. O diretor não indicou, em seus relatórios da época, quem introduziu esse projeto, embora seja provável que tenha sido uma iniciativa do mesmo irmão que propôs a oficina de luvas.

A oficina de chapéus foi inaugurada a 2 de maio de 1925, tendo como mestra D. Maria Batista Teixeira e contando, inicialmente, com seis alunas. Foram produzidos 20 chapéus.¹²⁶ Em setembro, assumiu a direção da oficina D. Brasiliana Trajano, gratuitamente. Em março do ano seguinte ela foi substituída pela ex-aluna Emília Ferreira.

A julgar pelas poucas referências feitas por Ramiz sobre esta oficina, nos seus relatórios dos anos seguintes, não teria sido uma experiência promissora. O que podemos inferir é que se tratava de uma atividade destinada a meninas maiores, já bastante adestradas nas atividades de outras oficinas similares (costura e flores, por exemplo), e sobre as quais pesavam sempre mais responsabilidades dentro da vida do Asilo. Na falta de informações específicas, é provável que essa atividade tenha sido descontinuada em 1929.¹²⁷

Os cursos de estenografia e datilografia

Estes dois cursos foram iniciados em março de 1920, por proposta do então provedor Mario Nazareth. O diretor não se opôs à inovação, embora fosse um defensor de uma linha de orientação

mais tradicional, focada na preparação das alunas para os serviços domésticos condizentes com a missão de esposas e mães de família, ou, ainda, como professoras, atividade que ele entendia se coadunar com as primeiras. Em seu relatório de 1920/1921, registrou:

A Mesa Administrativa da Irmandade, por proposta de V. Ex. e com o intuito muito louvável de abrir horizontes novos à carreira das nossas asiladas quando daqui saírem, estabeleceu o ensino de Datilografia, da Estenografia e da Escrituração Mercantil. Essas aulas começaram a funcionar em março, as duas primeiras, e em junho p.p. a última. Tanto esta como aquelas têm reduzido número de alunas, visto reclamarem um regular preparo literário, que só nas classes mais adiantadas do curso primário se pode encontrar.

Mas, apesar do registro apenas protocolar sobre a inovação, era algo revolucionário para a época, pois ampliava de fato as perspectivas para as meninas do Asilo — para as que lá estavam e para várias das seguintes gerações que por ali passariam.

Para lecionar as duas matérias foi contratada a professora D. Laura Sanchez Steele, nomeada em 30 de dezembro de 1919. Desde 1917 ela atuava na Escola Nacional de Artes e Ofícios Wenceslau Brás, uma instituição pública voltada para preparar professores para as escolas profissionais. Na mesma época foram adquiridas seis máquinas de escrever, com suas respectivas mesas e cadeiras.¹²⁸

Os cursos foram concebidos com um programa para dois anos. No relatório daquele primeiro ano, Ramiz publicou apenas os resultados dos exames finais de estenografia, dos quais participaram dez meninas. Desse grupo, três frequentavam a 5ª série, outras três estavam na 6ª série e quatro já haviam concluído o curso primário. Era, portanto, um curso destinado apenas a meninas maiores, como definiu o diretor. Todas foram aprovadas, sendo que três delas com grau 10.¹²⁹ Essas mesmas alunas fizeram também o curso de datilografia.

Nos anos posteriores, a frequência oscilou entre oito e dez alunas, distribuídas em duas ou até três turmas.

O curso de escrituração mercantil

Em 1920 foi também criado o curso de escrituração mercantil. Para atuar como professor da nova matéria, o provedor Mario Nazareth nomeou, em 25 de maio de 1920, o senhor Arthur Manhães Tojeiro, que desde 1911 era funcionário da Irmandade e respondia pela Contabilidade da instituição.¹³⁰ As aulas tiveram início em junho.

Assim como os cursos de taquigrafia e datilografia, esperava-se que esse curso pudesse proporcionar novas oportunidades de emprego para as moças que saíam do colégio. Eram ensinamentos que potencializavam as habilidades que elas desenvolviam ao longo do curso primário (que Ramiz fazia questão de ser bastante consistente), com o aprimoramento da caligrafia, uma arte então indispensável para os registros comerciais, que eram feitos manualmente. Era destinado também às meninas mais adiantadas.



*Sala dos cursos de estenografia, datilografia e escrituração mercantil, em 1920.*¹³¹

Arthur Tojeiro lecionou no Asilo Araújo de 1920 até 1932, quando o curso foi encerrado. Continuou sua carreira na Irmandade como guarda-livros, aposentando-se em 1943, após 32 anos de serviços.¹³² Faleceu em 21 de janeiro de 1944, quatro meses após sua aposentadoria.¹³³

Os cursos complementares: organização e corpo docente

O curso de caligrafia

Dentre as características que marcaram a formação das alunas que passaram pelo Asilo durante a direção de Ramiz Galvão, o aprimoramento da caligrafia foi um dos pontos de destaque. Naquela época, e especialmente para as moças pobres, que tinham escassas oportunidades de avançar nos estudos, ter uma boa caligrafia era um cartão de apresentação que traduzia um indicador de boa educação e de nível cultural. Além disso, uma caligrafia bonita era uma necessidade para melhorar os resultados dos trabalhos nas oficinas de bordados e de costura.

Vale lembrar, além disso, que, nos tempos iniciais do colégio, começos do século 20, as máquinas de escrever eram uma novidade tecnológica ainda ao alcance de poucos. A escrita impressa, ainda que inventada por Gutemberg no século XV e já bastante aperfeiçoada, era uma opção economicamente viável apenas para documentos de grande tiragem, como jornais, livros e documentos especiais. Assim, grande parte dos registros documentais e da comunicação escrita eram feitos normalmente à mão; uma boa caligrafia era quase uma exigência para bem se comunicar e um diferencial para valorizar a qualidade dos textos.

A caligrafia fazia parte do programa do curso primário, como já vimos, e provavelmente terá sido ensinada e exercitada durante as aulas de língua materna, pois não havia qualquer menção espe-

cial com relação ao tema nos primeiros relatórios sobre os trabalhos do Asilo.

A partir de 1911, entretanto, Ramiz Galvão passou a dar destaque à participação da aluna Benedita Martins Viana como auxiliar nas aulas de caligrafia, o que sugere que se tratava de uma matéria complementar, pois não era mencionada nos relatos sobre exames de final de ano e premiações.¹³⁴ No relatório de 1914/5, voltou a mencionar que a então ex-aluna Benedita Viana continuava como professora provisória de caligrafia para as quatro primeiras séries do curso primário.¹³⁵ No relatório seguinte, registra que Benedita continuava a lecionar caligrafia e que havia recebido lições de aprimoramento com o professor Carlos Cabrita.¹³⁶ Nos anos seguintes, as referências a essa aula constavam sempre dos relatórios, mas sem mencionar a matéria ao relatar os resultados de exames e premiações. A partir de 1918, porém, a aula de caligrafia ganhou *status* próprio e passou a ter suas melhores alunas premiadas.¹³⁷ Em 1919, a matéria também teve participação nos exames finais, o que deixou então evidente que todas as alunas do curso primário, da 1ª à 6ª série, tinham a obrigação de cursar caligrafia.¹³⁸

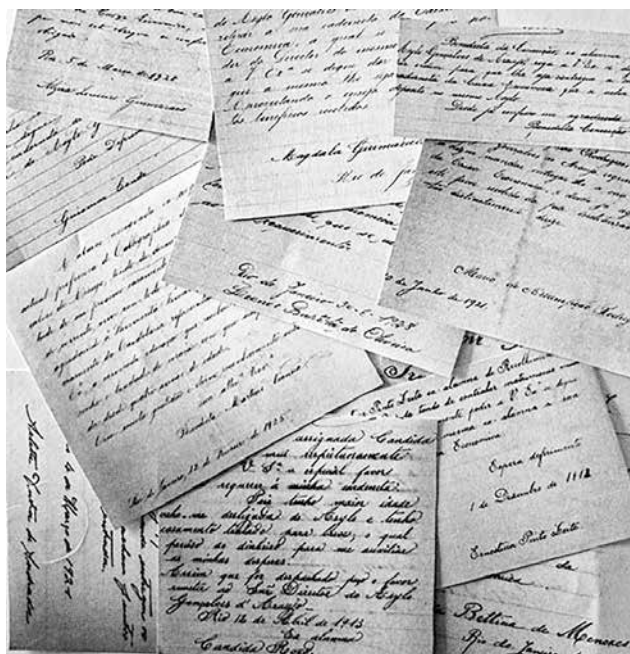
Durante o período em que funcionou a seção masculina, os relatórios do diretor não fizeram qualquer menção ao aprimoramento da caligrafia para os meninos, o que embasa a interpretação de que se tratava de um reforço para as oficinas de costura e bordado.

Benedita ensinou a sua arte caligráfica até fevereiro de 1925, quando se casou. Depois dela, exerceram essa função as alunas Iracema Pereira da Costa (até agosto de 1927), Benedita da Conceição (até dezembro de 1928) e Tarcila Leite, que permanecia no cargo quando Ramiz deixou o colégio. Quando atingiam a idade para desligamento como alunas, foram contratadas como professoras e continuaram lecionando por mais alguns anos, até se casarem, quando então deixavam definitivamente o colégio.

Por conta das aulas de caligrafia, todas as meninas do Asilo adquiriram um bom padrão de qualidade na forma de escrever. Algumas se aprimoraram bastante e deixaram registros dessas habili-

dades nos trabalhos que iam para as exposições anuais organizadas pelo colégio, e que ainda hoje podemos apreciar, com base nos registros fotográficos da época.

Muitos outros exemplos dessas habilidades ficaram gravados nos textos guardados nos arquivos da Irmandade, na forma de algum tipo de requerimento, como os que utilizamos para a montagem da imagem abaixo.



Montagem com textos assinados pelas alunas.¹³⁹

O curso de desenho

Com a multiplicação das escolas profissionais no Rio de Janeiro e a avaliação positiva dos resultados dessas experiências, começou a se formar a conscientização de que o ensino de desenho era essencial para se obter mais proveito nas oficinas.

O curso de desenho foi introduzido no Asilo Araújo em abril de 1909, com cinco meninos e três meninas (embora não tenhamos encontrado indicações sobre serem turmas mistas ou separadas). Para tanto, contou com os préstimos do professor Claudionor Valle de Oliveira, sobrinho do ex-provedor Júlio César de Oliveira. Claudionor era formado pela Escola Nacional de Belas Artes, onde havia entrado em 1901, e trabalhava como desenhista na Diretoria de Viação e Obras da prefeitura.¹⁴⁰ Foi uma curta experiência, entretanto. Já no relatório do ano seguinte, o diretor lamentava o encerramento do curso por impedimentos daquele professor.¹⁴¹ Anos mais tarde, durante a gestão de Ramiz Galvão na Diretoria Geral de Ensino, Claudionor foi nomeado para dirigir a 1ª Escola Profissional, onde ficou até novembro de 1918, quando faleceu em decorrência da Gripe Espanhola.¹⁴²

Em 23 de setembro de 1911, Ramiz conseguiu colocar novamente em funcionamento o curso de desenho, dessa vez com a colaboração do abalizado professor Braz Inácio de Vasconcelos, um dos mais antigos professores do Ginásio São Bento, e que também lecionava na Escola Normal e nos cursos oferecidos pela Associação Nacional dos Empregados no Comércio. Ele era um competente retratista, razão pela qual, em 1912, dispôs-se a fazer um retrato de Ramiz Galvão e solicitou formalmente ao provedor da Irmandade a autorização para realizar esse trabalho.¹⁴³ A obra foi inaugurada por ocasião da festa de encerramento do ano letivo, realizada em 26 de janeiro de 1913, passando a ficar exposta na sala da Secretaria do Asilo.¹⁴⁴

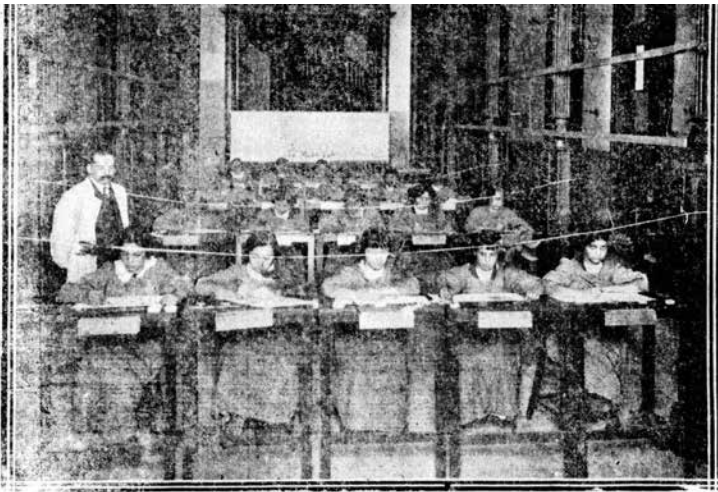
Braz e Vasconcellos lecionou no Asilo Araújo até 1914, sendo dispensado por ocasião do encerramento da seção masculina.¹⁴⁵

Em 1º de abril de 1916, o curso de desenho foi retomado por intermédio do professor Luiz Dumont, então responsável pelo ensino de desenho nas escolas profissionais do Distrito Federal.

Louis Eugene Dumont, seu nome de origem, era francês, nascido em 1880. Teria ido primeiramente para São Paulo, aonde chegou em 1898. Ali foi professor de francês no colégio Anglo-Brasileiro. Em 1904, ainda morador na capital paulista, requereu a cidadania brasileira.¹⁴⁶

Uma crônica da escritora Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello (1852-1910), faz referência a pinturas que seriam de sua autoria, feitas para a inauguração do Teatro Nacional, em 1909. Além de descrever e elogiar suas pinturas, Dolores menciona ter Dumont estudado na Academia Real de Belas Artes e na Escola de Artes Decorativas da Bélgica.¹⁴⁷

Não encontramos registro de outros trabalhos similares de Dumont no Rio de Janeiro. O que sabemos é que, em 1911, estava empregado como professor de Artes Decorativas no Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca. Em outubro daquele ano, deu uma entrevista ao jornal *A Imprensa* em que explicou sua visão sobre o ensino de desenho nas escolas profissionais, fazendo referências ao destaque que era dado a esse curso nas escolas profissionais na Europa e nos Estados Unidos. A entrevista estendeu-se para dentro da sala de aula (foto abaixo), onde as alunas praticavam seus ensinamentos. Ele mostrou alguns trabalhos das alunas, dentre os quais destacou o executado pela jovem Cadma Souto.¹⁴⁸



Professor Luiz Dumont e suas alunas no Instituto Profissional Orsina da Fonseca, em 1911.

Em 1913, Dumont publicou um conjunto de três livros dedicados ao ensino de desenho nos Institutos Profissionais.¹⁴⁹ No ano seguinte, quando Ramiz Galvão era diretor do Ensino Público da Prefeitura do Distrito Federal, foi por ele enviado a São Paulo para manter contatos com o sistema educacional público paulista. Em 1916, foi nomeado superintendente do ensino de desenho nas escolas profissionais femininas do Rio de Janeiro.¹⁵⁰

Sua carreira e seus cursos evoluíam com muito sucesso até que, em 3 de maio de 1922, Dumont solicitou uma licença de seis meses, alegando ter sido “forçado por motivos de família a partir para a Europa”. Para substituí-lo em sua ausência, indicou a ex-aluna Cadma Souto, por ele mencionada na reportagem de 1913, declarando-se fiador de sua competência.¹⁵¹ Em dezembro daquele ano, por intermédio de Ramiz, solicitou prorrogação da licença. Em junho de 1923, voltou a solicitar nova prorrogação, alegando que, por doença de sua esposa, estava impossibilitado de viajar para o Brasil.¹⁵² Foi finalmen-



Visão geral da exposição de trabalhos da aula de desenho em 1922.¹⁵⁵

te desligado em agosto de 1924, sendo então efetivada no posto a professora Cadma Souto.¹⁵³ Meses antes, ele havia sido exonerado da função que exercia no município por abandono de emprego.¹⁵⁴

O professor Dumont, na verdade, havia contraído matrimônio em Portugal, em agosto de 1922, acabando por se radicar definitivamente naquele país, onde nasceram suas duas filhas. Faleceu em Lisboa, no dia 22 de junho de 1950.¹⁵⁶

A professora Cadma Ferreira Souto, que passou então a responder pelo curso de Desenho, era nascida em Petrópolis, em 1º de janeiro de 1896, filha do engenheiro José Leão Ferreira Souto, que havia sido ativo propagandista do movimento republicano. Ao assumir as aulas no Asilo, era também professora no Instituto Profissional Orsina da Fonseca, na Escola Profissional Paulo de Frontin e na Escola Normal.

Em 1926, Ramiz propôs a contratação de uma adjunta para dividir o encargo com a professora Cadma, pois o número de alunas que seguiam o curso era superior a 50. Ele indicou a ex-aluna Emília Ferreira dos Santos, que estava deixando o colégio por ter atingido a idade de 18 anos, e havia se destacado nos últimos anos com excelentes trabalhos, que fizeram parte da exposição do colégio.¹⁵⁷

Quando Ramiz solicitou sua aposentadoria e lhe foi concedido um período de licença para cuidar da saúde, em outubro de 1930, a professora Cadma foi indicada para substituí-lo, ocasião em que o curso de desenho ficou sob a responsabilidade da adjunta, Emília Ferreira.

As aulas de música e canto

Logo após o início das atividades do colégio, em 1901, o diretor se deu conta de que as alunas do Recolhimento tinham alguma orientação musical, voltada para a participação nas missas e outros eventos religiosos promovidos pela Irmandade. E parece ter-se entusiasmado com o que ouviu: “Verdade é que as meninas do Recolhimento vinham habituadas a cantar, e não só executavam cânticos fáceis na missa, como até se abalanchavam a executar missas inteiras

na igreja da Candelária, mas tudo de ouvido, ignorando a mais simples nota de música!”

Insistiu o diretor em dar continuidade a esse tipo de atividade, oferecendo melhores recursos pedagógicos. Para isso, contou com o auxílio das senhoritas Joaquina de Oliveira, filha do ex-provedor Júlio Cesar de Oliveira, e Kytta de Bellido, então aluna do Instituto Nacional de Música, que a isso se prestaram sem ônus para o colégio, na condição de voluntárias. Também colaborava na organização dos ensaios, igualmente como voluntária, D. Leonor Monteiro de Barros, mãe da regente.

No ano letivo de 1902, nove meninas acompanharam as aulas de música de Joaquina e onze as de solfejo e canto coral, lecionadas por Kytta.¹⁵⁸ No ano seguinte essas aulas se mantiveram, praticamente com o mesmo grupo de alunas. Em 1904, apenas a professora Kytta manteve suas aulas de solfejo e canto. Não há registros para o ano de 1905, mas sabemos que essa professora ainda se apresentou no concerto da Festa do Patrono daquele ano.¹⁵⁹

A partir de 1906, os relatórios não mencionam mais as aulas de música. As meninas, não obstante, continuaram se apresentando nos eventos religiosos do colégio, do Hospital dos Lázaros e na Igreja da Candelária.

Ginástica

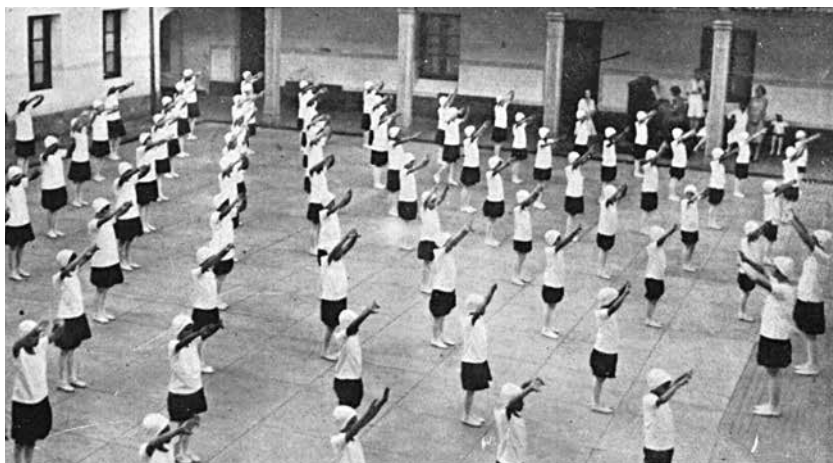
Só no relatório de 1907/8 Ramiz Galvão fez referência à ginástica. Foi para informar que a Condessa de Villela, além de colaborar com as oficinas, havia proporcionado o funcionamento de aulas de ginástica sueca para as meninas, ministrado por um professor por ela contratado. Mencionou também que a condessa havia doado o enxoval para a prática dos exercícios. Essas aulas, entretanto, funcionaram apenas de setembro de 1907 até maio de 1908.¹⁶⁰

Essa oficina voltou a ser mencionada somente 20 anos mais tarde, quando Ramiz informou que havia sido contratada, em agosto de 1927, D. Violeta Campos Borda, professora de ginástica ritmada. Disse então, também, ter contratado, em dezembro, a pianista D.

Helena Stamile, para fazer o acompanhamento musical durante os exercícios.¹⁶¹

Daí por diante, apresentações de ginástica passaram a fazer parte da programação das principais festas do colégio.

Em 1929, Ramiz foi autorizado a adquirir 125 blusas brancas para o uniforme de ginástica, e a remunerar as professoras de costura e as alunas que produziram as calças do citado uniforme, que seriam utilizadas na apresentação da Festa do Patrono, em agosto daquele ano.¹⁶² Também foi reformado o pátio central, para melhorar as condições para os exercícios de ginástica.



Alunas fazendo apresentação de ginástica por ocasião da Festa do Patrono de 1929, podendo-se ver o piso recém-reformado do pátio e a pianista que fazia o acompanhamento musical dos exercícios.¹⁶³

III.3 – Regentes, inspetoras e pessoal de apoio

A grande obra educacional do Asilo Araújo foi construída diurnamente por um grupo de professoras, mestras e vários outros colaboradores, como vimos anteriormente. Não menos importante, contudo, foi o papel de outro grupo de profissionais: as regentes, as inspetoras e o pessoal de apoio.

Regentes e inspetoras

As regentes, assim como as inspetoras, eram as pessoas que estavam em contato permanente com as crianças, durante as 24 horas do dia. Por norma, assim como o diretor, deveriam residir no próprio colégio. Não havia repouso semanal nem férias, embora fosse comum que a administração atendesse pedidos de afastamento por motivo de doença ou repouso por recomendação médica.¹⁶⁴

Não terá sido tarefa fácil para o diretor encontrar pessoas dispostas e capazes de enfrentar condições tão particulares de trabalho. Por essa razão a rotatividade foi alta, especialmente entre as inspetoras, embora algumas tenham permanecido no cargo por vários anos.

D. Paulina Monteiro de Barros Pereira da Silva foi a primeira regente do Asilo. Havia entrado para o Recolhimento N. S. da Piedade em 1º de janeiro de 1900, como professora, onde ficou até 20 de julho de 1901, quando assumiu a regência do Asilo Gonçalves de Araújo.¹⁶⁵ Era filha de Marcos Antonio Ribeiro Monteiro de Barros e de D. Leonor Augusta de Alambary Luz Monteiro de Barros, e bisneta do Barão de Paraopeba (Romualdo José Monteiro de Barros).¹⁶⁶ Nasceu em 10 de janeiro de 1858, na cidade de São Paulo. Sua irmã, Evangelina Monteiro de Barros, foi durante muitos anos figura de destaque na área educacional, como diretora do Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca.

Ao ser contratada para o Asilo, aos 43 anos, D. Paulina já estava viúva do comendador Manoel Joaquim Pereira da Silva, falecido em novembro de 1896. Não tiveram filhos.

Ela exerceu a função de regente durante 20 anos, tendo solicitado, durante todo esse tempo, apenas um período de licença para cuidar da saúde.¹⁶⁷ Obteve sua aposentadoria em 17 de janeiro de 1921, encerrando suas atividades efetivamente em 1º de março daquele ano, aos 63 anos de idade.¹⁶⁸

Por ocasião de sua despedida, foi homenageada pelo diretor com um discurso relembrando o seu histórico no Asilo e a importância de sua missão:

Iniciastes comigo a organização deste benemérito instituto; trabalhastes aqui com rara assiduidade e com zelo intenso para que o ideal de Araújo se realizasse com êxito e pudéssemos satisfazer aos intuitos caridosos e inteligentes da Irmandade; merecestes o apreço e a consideração de todas as administrações superiores, que nestes 20 anos se sucederam; em suma, quantos acompanharam neste período, de perto ou de longe, a existência, o desenvolvimento e o progresso do Asilo Gonçalves de Araújo, fizeram justiça ao vosso esforço e à dedicação constante com que destes desempenho à vossa importante e espinhosa missão. Quanto a mim, tive em vossa pessoa uma auxiliar devotada e infatigável, que não poupou sacrifícios para correspondermos à confiança em ambos de nós depositada invariavelmente pela benemérita Irmandade.

Tantos trabalhos e cansaço mereciam o prêmio do repouso, que acaba de vos ser concedido, e que ides felizmente gozar no seio da ilustre família e ao lado de vossa veneranda progenitora, que vos vai receber com efusão d'alma depois de tantos anos de separação.

Podeis levar a certeza de que cumpristes lealmente o compromisso assumido em 1901, e de que a gratidão do Asilo acompanhará sempre o vosso nome.

As nossas educandas, as filhas adotivas de Gonçalves de Araújo, essas não podem assistir à vossa despedida sem a justa emoção de quem vê partir a senhora que por muitos anos lhes fez o papel de mãe. Elas vos dizem, d. Paulina, um adeus saudoso, convencidas de que, se alguma vez sentiram o vosso rigor, este foi sempre inspirado pelo íntimo desejo de as tornar melhores, obedientes, fiéis à disciplina, que é condição essencial e imprescindível numa casa de educação e fator primordial da felicidade futura.

Aceitai, pois, d. Paulina, as nossas homenagens nesta hora solene: as da Mesa Administrativa da Irmandade, as do diretor do Asilo — vosso ve-

lho companheiro de labutações, as do corpo docente do nosso instituto, as de todo o pessoal administrativo que vos auxiliou — as homenagens finalmente da coorte juvenil, que, cheia de carinho e de respeitoso afeto, vos dirá a uma só voz: sede feliz, gozai por muitos anos do merecido repouso; lembrai-vos sempre de nós, como nós guardaremos a lembrança de vosso zelo e dos vossos distintos predicados. Adeus!

Ao final, as alunas acompanharam D. Paulina até o portão do prédio, e algumas mestras a seguiram até sua residência.

As homenagens à regente foram complementadas no ano seguinte com a inauguração de seu retrato, encomendado ao pintor Augusto Petit.¹⁶⁹ D. Paulina faleceu no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1941, aos 83 anos.



À esquerda, D. Paulina em 1905, por ocasião da Festa do Patrono de 1905; à direita, o seu retrato, instalado em 1922 na sala de Exposição dos Trabalhos Caligráficos.¹⁷⁰

Foram suas sucessoras na regência do Asilo, durante a gestão de Ramiz Galvão:

- D. Joanna Ferry, de 01/03/1921 a 30/05/1924.
- D. Maria do Amparo Figueiredo Vianna, de 01/06/1924 a 30/04/1927.
- D. Carmen Tavares, de 01/05/1927 a 06/01/1931.

As inspetoras

Se D. Paulina foi, por duas décadas, a figura onipresente na vida das internas, garantindo que a “grande casa” funcionasse de forma organizada e previsível, seu contato com as alunas tinha sempre a intermediação das inspetoras, que estavam sob sua responsabilidade direta. De acordo com o Regulamento, eram deveres destas funcionárias:

- Vigiar com solicitude o procedimento e a aplicação dos menores, usando de brandura e dando-lhe constante exemplo de cumprimento do dever.
- Acompanhá-los nos recreios e passeios, assim como nas horas de estudo, na ausência dos professores e mestres.
- Presidir às mesas do refeitório, instruindo as crianças nas regras de civilidade e nos usos da boa sociedade.
- Cuidar da ordem nos dormitórios.¹⁷¹

Eram, portanto, as inspetoras que acompanhavam de perto a vida das internas, desde o despertar até o adormecer. Se não era a atividade mais difícil, era certamente a mais trabalhosa, pois exigia atenção permanente, exceto nos horários em que as alunas estivessem em aula ou nas oficinas.

Até 1915, a seção feminina do colégio funcionou com apenas duas inspetoras. Só naquele ano, após o encerramento da seção masculina e a abertura de vagas para mais meninas, é que a equipe foi ampliada para três. Depois, em 1922, foi preciso contratar uma quarta inspetora, e no ano seguinte uma outra. Esse quadro de cinco

inspetoras permaneceu até ao final da gestão de Ramiz, quando o efetivo de alunas chegou perto de 150.

Entre 1901 e 1930, foram contratadas nada menos do que 32 inspetoras, um indicador da alta rotatividade dessa função. Ocuparam o cargo as seguintes funcionárias, com a indicação do período (aproximado) em que trabalharam no Asilo:

- Carolina Freire (1901-1903)
- Suzana Santos (1901-1903)
- Mathilde Senna (1903-1903)
- Afra Silva (1903-1936)
- Anna da Silva (1903-1916)
- Guilhermina Nazareth (1915-1916)
- Elvira Coutinho (1916-1916)
- Amélia Costa (1916-1916)
- Maria da Gloria (1916-1918)
- Elisa Magalhães (1919-1920)
- Amélia Marques (1919-1920)
- Angelina Correa (1920-1926)
- Estephania da Luz (1920-1922)
- Carlinda Lemos (1920-1922)
- Cinira do Valle (1921-1922)
- Isabel Ribeiro (1922)
- Maria do Amparo F. Vianna (1922-1924)
- Maria de Jesus Rocha (1922-1922)
- Clara Cajado (1922-1922)
- Izabel Nunes (1922-1923)
- Cirila Nogueira (1922-1926)
- Anna Caldas (1923-1932)
- Maria Celeste Andrade (1923-1924)
- Carmen Tavares (1924-1927)
- Rosina Dias (1924-1932)
- Maria Luiza Novaes (1926-1926)
- Maria da Silva Pereira (1926-1930)
- Maria Caldas (1927-1931)

- Maria do Carmo Castro (1928-1930)
- Celina Castro (1930-1930)
- Leocádia Pereira (1930-1931)
- Helena Castro (1930-1932)

Vale destacar os nomes de Anna Silva e Afra Silva, admitidas em julho de 1903, que foram as que permaneceram na função por mais tempo. Até 1915, elas dividiram o encargo de acompanhar de perto a vida diária das cerca de 80 alunas (em média) que ali estavam. Além do papel de inspetoras, as duas foram investidas, nos primeiros tempos, das funções de mestras de oficinas, o que aumentava ainda mais o seu tempo de convivência com as crianças (Afra na oficina de bordado e Anna na de costura).

Anna deixou o colégio em dezembro de 1916. Afra continuou exercendo a sua função, mas em julho daquele mesmo ano começou a apresentar problemas com a saúde, e solicitou uma licença de 30 dias para se tratar. Em junho de 1918, sua condição se agravou e ela solicitou um período maior de afastamento. Nessa ocasião, o diretor defendeu o seu afastamento alegando que ela trabalhava há 15 anos no Asilo e era quem substituía a regente nos seus eventuais impedimentos. Acrescentou que, por dedicação à casa, havia acumulado durante seis anos (de 1903 a 1910) o cargo de mestra da oficina de bordado, “proporcionando assim ao estabelecimento uma economia de mais de Rs. 6:000\$000”. Alegou também que as condições de sua saúde não lhe permitiam exercer o penoso trabalho de inspetora, recomendando, alternativamente, lhe fosse concedida a aposentadoria.¹⁷² Afra havia sido diagnosticada com uma cardiopatia, mas a Irmandade preferiu conceder o afastamento temporário, ainda daquela vez. A partir de 1924, contudo, Afra não teve mais condições de retomar o trabalho. Seus afastamentos foram renovados sistematicamente e a Irmandade manteve seus ordenados até seu falecimento, em dezembro de 1936, aos 79 anos de idade.¹⁷³

Afra Benta de Jesus, seu nome de solteira, era nascida no estado do Rio de Janeiro, filha de Ambrosina Rosa de Jesus. Casou-se em

1892 com Manoel Domingos da Silva, guarda-livros, de quem ficou viúva em 1898. Não tiveram filhos.¹⁷⁴

Também se destacaram pelo tempo em que exerceram a função as inspetoras Anna Caldas (nove anos) e Rosina Dias (oito anos). Igualmente importantes foram as inspetoras Maria do Amparo Figueiredo Viana, contratada em 1922 e que em 1924 foi convidada a ocupar o posto de regente, e Carmen Tavares, contratada em 1924, que em 1927 substituiu Maria do Amparo na regência, função na qual permaneceu até ao final da gestão de Ramiz Galvão.

A roupeira

De acordo com o regulamento, era incumbência dessa funcionária cuidar dos uniformes, roupas de cama e todos os demais itens da espécie necessários para o funcionamento do colégio, além de controlar o que era encaminhado para a lavanderia e de lá devolvido.

D. Armida Vasconcellos foi a primeira pessoa a assumir a função e fez parte das primeiras contratações do colégio, em 1901, função que acumulou com a de mestra de costura. Desempenhou as duas funções cumulativamente até setembro de 1924, quando pediu para ser dispensada da rouparia. Para o seu lugar o diretor contratou a ex-aluna Iracema Conceição, que acabava de completar 18 anos e não tinha família que a recebesse. Iracema, entretanto, ficou na função por pouco tempo. Em fevereiro do ano seguinte, foi substituída por D. Ana Bastos. Tendo esta senhora sido transferida para a função de porteira em outubro desse ano, foi contratada D. Maria Luiza Novais. Sendo esta chamada para assumir o cargo de inspetora, foi contratada D. Ilza Cardoso, em outubro de 1926, que respondeu pela função até 1928, quando foi substituída por D. Teresa Colonna. Esta última estava ainda no cargo quando Ramiz se aposentou, e permaneceu a serviço do colégio até 1932.

Outros funcionários

Na equipe do colégio havia ainda um grupo de funcionários e funcionárias que tinham pouco ou mesmo nenhum contato com as alunas. Talvez por esse motivo fossem pouco mencionados pelo diretor em seus relatórios anuais. Eram os casos do porteiro, do sacristão e dos serventes, bem como o pessoal da lavanderia e da cozinha. Durante algum tempo, o Asilo contou ainda com um almoxarife, o Sr. Manuel Martins Castro, mas quando ele faleceu, em 1910, suas funções foram absorvidas por outros funcionários.¹⁷⁵ Mais tarde (em 1916), acrescentou-se à equipe da casa uma organista efetiva, serviço que até então era contratado apenas para os eventos do colégio.¹⁷⁶ A primeira a ocupar esse cargo foi D. Clarisse Martins, substituída em 1918 por D. Maria Isabel Bivar.¹⁷⁷

Ramiz sempre tratou a todos com respeito e atenção, independentemente do cargo ou função que ocupavam. É o que se pode avaliar por uma correspondência do diretor, de 31 de julho de 1922, dirigida ao provedor. Nesse texto, Ramiz encaminhava uma solicitação de um dos serventes, que estava doente e internado em um hospital há um mês e pedia para continuar recebendo seus ordenados: “O servente João Martins de Campos serve no Asilo desde 1901, isto é, há 21 anos; e há muitos anos (na falta de almoxarife) se encarrega de compras e pagamentos do Asilo com a maior honestidade. É, pois, um empregado subalterno, sim, mas digno da equidade e da benevolência da Irmandade.”¹⁷⁸

Campos teve seu pleito atendido. Recuperado, continuou trabalhando no Asilo até 1932, quando faleceu. Exercia então a função de despenseiro. Esteve a serviço do Asilo durante toda a gestão de Ramiz Galvão.

Além destes, cabe mencionar os integrantes da equipe responsável pela saúde das meninas. Eles serão lembrados em capítulo próprio, adiante.

III.4 Prata da casa

Dentre os muitos colaboradores do diretor na seção feminina, um grupo em particular chama a atenção de quem relê seus relatórios. Trata-se daquelas alunas que, em diferentes momentos, tiveram a oportunidade de contribuir com seu próprio empenho para o aprendizado de suas pequenas colegas e para o funcionamento do colégio. Jovens que o diretor formou e a quem proporcionou suas primeiras oportunidades de trabalho no próprio Asilo.

Fruto de uma experiência que o diretor começou por adotar nos primeiros momentos do colégio, por uma necessidade momentânea, é bem verdade, mas que por seus excelentes resultados acabaria por se transformar em uma ferramenta importante para apoiar o desenvolvimento das capacidades individuais das suas alunas e de estímulo às demais jovens.

Algumas dessas moças descobririam, nessas primeiras experiências, a vocação de suas vidas profissionais, tornando-se professoras primárias. Outras confirmariam suas habilidades manuais, tornando-se mestras de caligrafia, de costura, de bordado, etc. Todas elas, por certo, justificaram o investimento feito pela instituição e devolveram, com seu trabalho e especial dedicação, uma parte daquilo que ali receberam.

Ao longo da gestão de Ramiz Galvão, identificamos nada menos do que 28 casos de alunas que tiveram essa oportunidade. Elas estão relacionadas a seguir, por ordem cronológica, considerando a condição em que assumiram suas funções (como alunas ou ex-alunas) e as funções que exerceram.

- Evarista Silva: aluna, 1901, auxiliar de limpeza.
- Silvina de Souza e Silva: aluna, 1901, auxiliar de limpeza; 1902, professora adjunta.
- Constança Neves: aluna, 1901, auxiliar de limpeza; 1902, mestra adjunta de costura.
- Iza da Silva: aluna, 1901, auxiliar de inspeção; 1902, professora adjunta; ex-aluna, 1915, professora.

- Abigail Magalhães: aluna, 1902, professora adjunta.
- Antonietta Pinho: aluna, 1902, professora adjunta.
- Carolina Lopes: aluna, 1902, professora adjunta substituta.
- Elisa Leite: aluna, 1908, auxiliar de enfermaria.
- Margarida de Freitas: aluna, 1909, professora adjunta.
- Maria Amorim: aluna, 1909, professora adjunta; ex-aluna, 1916, professora.
- Judith de Oliveira: ex-aluna, 1909, mestra de Flores.
- Albertina Carvalhaes: ex-aluna, 1909, mestra de Bordado; 1926, professora.
- Albertina Ramos: aluna, 1911, professora adjunta.
- Leonor Hippert: aluna, 1911, auxiliar de enfermaria.
- Maria Nazareth Damião: aluna, 1912, auxiliar de enfermaria.
- Dulce de Andrade: aluna, 1912, professora adjunta.
- Benedita Vianna: aluna, 1912, professora adjunta; 1916, ex-aluna, professora de caligrafia.
- Apolinária Gonelli: ex-aluna, 1923, mestra de costura.
- Zaira Saboia de Alencar: 1924, professora adjunta; ex-aluna, 1925, professora.
- Dolores Loureiro: aluna, 1924, mestra de bordado.
- Iracema da Conceição: ex-aluna, 1924, roupeira.
- Iracema da Costa: ex-aluna, 1925, professora de caligrafia.
- Emília Ferreira: ex-aluna, 1925, mestra de chapéus e adjunta de desenho.
- Marianna de Souza: ex-aluna, 1927, mestra de bordado.
- Maria de Lourdes Coelho: ex-aluna, 1927, mestra de costura elementar.
- Benedita da Conceição: aluna, 1928, professora de caligrafia.
- Rosa Iris Alves: ex-aluna: 1928, mestra de costura.
- Tarcilla Leite: aluna, 1928, professora de caligrafia.

Como seria natural, a maioria dessas jovens, ao deixar o colégio, acabaria por formar seu próprio lar e seguir sua própria vida como dona de casa e mãe de família. Algumas, entretanto, alongaram seu relacionamento com o colégio por muito mais tempo.

Dos casos acima identificados, logramos recuperar alguns registros biográficos de sete dessas moças. Maria Amorim, Judith e Albertina já haviam sido homenageadas pelo diretor, em 1912, ao publicar suas fotos e dados biográficos no *Almanaque Gonçalves de Araújo* daquele ano. E também se referiu a elas em seu discurso na Festa do Patrono, comemorada em 11 de agosto daquele ano, afirmando que as três meninas “honram os anais do Asilo Gonçalves de Araújo e fazem a glória de seus mestres.”¹⁷⁹ Essas três jovens seriam lembradas com muita justiça em 1950, na festa que comemorou o cinquentenário do colégio. Nessa oportunidade, foram também lembradas duas outras ex-alunas que haviam se destacado na vida do colégio nos anos posteriores: Iza da Silva e Zaira Saboia de Alencar. A esses nomes acrescentamos, nesta retrospectiva, outras duas moças, alunas e mestras, cujas histórias de vida se associaram de forma marcante à vida da instituição: Bendita da Silva e Tarcilla Leite.

Maria Coutinho de Amorim (Almada)

Das 528 crianças que Ramiz Galvão recebeu no Asilo Gonçalves de Araújo, esta jovem foi, sem dúvida, a que mais se destacou. No *Almanaque* de 1912, o diretor publicou sobre ela a seguinte resenha:

Maria Coutinho de Amorim, filha de Manuel Coutinho de Amorim e de d. Maria de Amorim (falecida), nasceu nesta capital a 3 de setembro de 1892. Entrou para o Asilo de N. S. da Piedade em 1897 e foi daí transferida para o Asilo Gonçalves de Araújo a 21 de julho de 1901, quando este inaugurou os seus trabalhos. Atravessou todo o curso colegial com raro brilhantismo, conquistando em aulas e oficinas 13 prêmios diferentes, dos quais sete foram primeiros. Em 1908 concluiu o referido curso, mas desde o ano anterior começara a reger a 3ª classe de estudos no próprio Asilo, demonstrado aí singulares dotes de professora. Pelos distintos predicados, que revelou e nunca foram desmentidos, mereceu em 1908, da Mesa Administrativa da Irmandade, o prêmio excepcional, a que alude o art. 71 do Regulamento do Asilo Gonçalves de Araújo: este subsidiará completamente a educação superior da jovem laureada.

A Senhorita Maria de Amorim, presentemente desligada do corpo de alunas, prepara-se para o concurso de admissão à Escola Normal, que se deve efetuar este ano.¹⁸⁰



*A aluna Maria Amorim em 1912
(foto reproduzida no Almanaque)*

Além dessas informações, acrescentamos aqui alguns elementos de sua história familiar que conseguimos resgatar (em parte porque a morte da mãe foi notícia nos jornais), um resumo de suas realizações posteriores no colégio, como aluna exemplar, e registros sobre sua atuação profissional como professora primária dedicada e reconhecida por suas companheiras de profissão.

O drama familiar que a levou para o Recolhimento N. S. da Piedade foi publicado nos jornais de março de 1895. De acordo com as notícias, no mês anterior, no quarto 25 de uma casa de cômodos na rua Costa, 43, na Gamboa, o alfaiate Manuel Coutinho de Amorim estava preocupado com a mulher, Maria de Amorim, lavadeira e mãe de quatro filhos pequenos, prestes a dar a luz ao quinto filho. Apesar da experiência dos partos anteriores, bem-sucedidos, desta vez as coisas não lhe corriam bem. O marido chamou vários médicos, mas eles não foram de grande ajuda, pois a situação da mulher não melhorou. Um deles chegou mesmo a suspeitar de cólera e recomendar a remoção da doente para um hospital de isolamento e a lacração do quarto em que moravam. Não era o caso, entretanto. Sem atinar com o problema, a situação continuou a se agravar. Maria entrou em trabalho de parto e o seu bebê chegou sem vida. Pior, ela própria viria a falecer no dia seguinte, 1º de março.¹⁸¹ Manuel ficou com o encargo de quatro filhos até que, em 1897, conseguiu vaga para internar uma filha menor no Recolhimento, que acabava de passar para a administração da Irmandade da Candelária. Era a pequena Maria Coutinho de Amorim, então com cinco anos de idade.¹⁸²

Ela iria completar nove anos quando foi relacionada no grupo das 36 crianças do Recolhimento que seriam transferidas para o novo Asilo Gonçalves de Araújo.

Maria se desenvolveu muito bem nos estudos e logo conquistou a atenção das professoras. Além de estudiosa, era participativa. Eram frequentes suas apresentações nos dias de festas do Asilo. Em 1903, ganhou um prêmio instituído pelo pároco da igreja de São Cristóvão, eleita por suas colegas como a melhor aluna. Depois, em 1905, no dia em que se inaugurou a seção masculina do internato, leu o discurso de agradecimento ao patrono e ao provedor. Em 1906, na Festa do Patrono, foi ela a encarregada de ler o discurso em homenagem ao desembargador Ataulfo de Paiva. Em 1908, com 16 anos, concluiu os cursos iniciais no colégio, mas desde o ano anterior, por indicação do diretor, já atuava como professora das colegas menores. Por seu desempenho excepcional, foi premiada pela Irmandade da Candelária com uma bolsa para prosseguir seus estudos assim que deixasse o colégio. Nesse mesmo ano, na festa em homenagem a Araújo, sua participação foi registrada pelo *Correio da Manhã*:

A asilada Maria Amorim recitou uma bela e longa poesia dedicada à memória do fundador do Asilo. Com naturalidade a asilada disse os versos, prendendo a atenção do auditório de maneira surpreendente (...) e terminou com um preito de gratidão em nome das asiladas ao seu protetor. Os aplausos foram delirantes.¹⁸³

Em agosto de 1909, o repórter de *O País* que foi cobrir a Festa do Patrono daquele ano também comentou a apresentação de Amorim, ao declamar a poesia *O ouro dos homens*:

Foi chocante. A contrastar com a modéstia do seu trajar, impressionava a propriedade e pose natural com que proferia toda a longa poesia do ilustre poeta, que se achava presente e que não deixou de cumprimentá-la quando terminou... Vê-se que é talentosa. A sua dicção é precisa e destacada. Quando ela terminou, os aplausos foram quase intermináveis.¹⁸⁴

Em 15 de agosto de 1911, Maria participou de uma apresentação em benefício da velhice desamparada, que se realizou no Teatro Municipal, junto a outras jovens e à consagrada atriz Palmira Basto,

tendo declamado ainda uma vez a poesia O ouro dos homens, de Alberto de Oliveira.¹⁸⁵ Em janeiro de 1911, por ocasião do encerramento do ano letivo de 1910, a menina foi alvo de um discurso dirigido especialmente a ela pelo diretor Ramiz Galvão. Nessa oportunidade, muito emocionada e com lágrimas nos olhos, foi capaz de declamar, na íntegra, o emotivo poema Y Juca-Pirama, de Gonçalves Dias. Alberto de Oliveira, presente, emocionado, exclamou: “Nunca foi Gonçalves Dias tão bem interpretado!”¹⁸⁶

Aquela participação marcou sua despedida do Asilo. Já revelava, então, sua predileção pelo modelo representado pela figura do diretor Ramiz Galvão: o gosto pelas letras, pela participação cívica, pela valorização dos valores pátrios, pela pedagogia e pelo discurso.

No ano seguinte entrava para a Escola Normal, para se capacitar como professora, tendo sido admitida já na 2ª série do curso, após se submeter e obter aprovação em exame de nível. E não se intimidou no novo ambiente: por ocasião da Festa da Bandeira naquela escola, foi um dos destaques, recitando poesias contemporâneas.¹⁸⁷

Sua carreira no magistério caminharía a passos largos. Em 1913, ainda cursando o 3º ano da Escola Normal, foi nomeada como adjunta da Escola de Aplicação, anexa à Normal. Nesse mesmo ano, na festa da Bandeira, recitou o poema Saudação à Bandeira, de Leôncio Correia. Não perdia oportunidades para envolver seus alunos e colegas de magistério em eventos que pusessem em relevo o civismo e a profissão de mestra. Foi uma das organizadoras da festa literária que homenageou a romancista Julia Lopes de Almeida.¹⁸⁸

Em 1915, fez parte da comissão organizadora da festa de formatura de sua turma na Escola Normal.¹⁸⁹

No seu relatório de 1914/5, o diretor Ramiz Galvão voltou a destacar o sucesso da menina prodígio, que havia concluído com brilhantismo o curso da Escola Normal. O diretor fez questão de comemorar aquela conquista oferecendo, no dia 21 de fevereiro de 1915, um jantar aos membros da administração da Irmandade diretamente envolvidos com o Asilo, assim como a regente, D. Paulina, a mestra de costura, D. Armida, e a professora Maria Salomé.

Também presentes o engenheiro Francisco Carlos da Silva Cabrita e esposa, ambos professores, que haviam sido os orientadores dos estudos de Maria Amorim, quando ela se preparava para prestar o concurso para ingresso na Escola Normal, e a quem o diretor fez um agradecimento especial. O casal estava acompanhado das suas quatro filhas, Edith, Helena, Amélia e Eurídice, todas futuras professoras. Ao champanhe, Ramiz Galvão proferiu um emocionado discurso, ao fim do qual anunciou que o provedor Mário Nazareth havia mandado fazer um retrato de Maria de Amorim para ser colocado em uma das salas do Asilo. Esse retrato foi inaugurado no dia 11 de abril daquele mesmo ano, na presença de todo o corpo do Asilo.¹⁹⁰ Pouco antes, Maria Amorim havia sido nomeada professora adjunta efetiva de 3ª classe, dando assim início a sua carreira no magistério público da prefeitura do Rio de Janeiro.¹⁹¹

Em março de 1916, foi publicada a sua nomeação como adjunta de 3ª classe na Escola de Aplicação.¹⁹² Na mesma época, Maria Amorim voltou a lecionar no Asilo, integrando o seu corpo docente, mas fez questão de fazê-lo sem remuneração, manifestando assim sua gratidão à instituição. Em maio de 1917, foi promovida na municipalidade à adjunta de 2ª classe.¹⁹³ Foi efetivada como professora municipal em 18 de novembro de 1920.¹⁹⁴

Em 1923, o ainda provedor Mário Nazaret entendeu que a Irmandade deveria considerar quitada sua dívida de gratidão e passou a remunerá-la como às demais professoras. Nesse ano, por ocasião da festa de premiação, o diretor lembrou o histórico daquela aluna que tanto o orgulhava:

Poucos dias tenho na minha vida de velho professor, como esse 22 de janeiro de 1911, em que as lágrimas de alegria me jorraram dos olhos ao cobrir de flores a fronte da minha distintíssima e querida discípula, glória do Asilo Gonçalves de Araújo, que eu me dispensei de nomear, porque todos a conhecem.¹⁹⁵

Dois anos depois, a 18 de janeiro de 1925, Ramiz voltou a referir, para suas novas alunas, o exemplo de Maria Amorim:

Em toda a minha vida de professor, exercida em mais de meio século, tive cinco grandes e extraordinários discípulos. Um foi o malogrado príncipe brasileiro d. Luiz de Bragança e Orleans, tão cedo e infelizmente roubado à vida quando heroicamente acabava de se bater defendendo a pátria de seus avós; dois foram mais tarde ilustres professores de ensino superior em Ouro Preto e no Rio de Janeiro; outro veste hoje e honra a toga de juiz nesta capital; o quinto é uma laureada filha desta casa, que vos dá admiráveis lições e ao mesmo tempo ilustra o professorado municipal; não careço citar-vos o nome seu, de todos conhecido e querido.¹⁹⁶

Aos 35 anos de idade, Maria Amorim entendeu que era chegado o momento de formar família. Em 28 de abril de 1927, contraiu matrimônio com Átalo Almada, nascido em 1892, funcionário público, filho do marechal Américo de Andrade Almada e de Etelvina Uruahy Almada. Nesse ato, teve a presença de seu mestre Ramiz Galvão como uma das testemunhas. Desde então, passou a adotar o nome de Maria de Amorim Almada.

Às vésperas de seu casamento, Maria solicitou licença do cargo de professora do colégio pelo prazo de três meses, sem vencimentos. Foi atendida, mas o provedor Albino Coelho fez questão de que ela tivesse seus salários mantidos. A licença teve de ser prorrogada até o final daquele ano e depois, por ter engravidado, pediu nova prorrogação, até 30 de junho de 1928.¹⁹⁷ Em 24 de março, a criança que gerou nasceu sem vida.¹⁹⁸ Não teria outras. Em 1º de julho de 1928, reassumiu suas funções no colégio.

Durante o restante da gestão de Ramiz Galvão, Maria Amorim foi seu braço direito na organização do curso primário no Asilo. Após a aposentadoria do velho diretor, ela foi a responsável por recomendar a professora Ubaldina Dias Jacaré, à época diretora da Escola Gonçalves Dias, para assumir a direção interina do Asilo Araújo até a chegada da congregação religiosa a quem a Irmandade pretendia entregar a administração do internato. Maria foi ainda a responsável por conduzir, em termos pedagógicos, o processo de transição decorrente da chegada das religiosas Josefinas, que assumiram a gestão do colégio no início de 1934.¹⁹⁹

Apesar de exercer o cargo de professora pública na Prefeitura, Maria Amorim continuou lecionando no Asilo durante essa nova fase. Entretanto, por sua grande competência, a carreira no setor público passou a exigir dela sempre novas e maiores responsabilidades. Prova dessa competência ficou estampada na publicação de um edital firmado pela superintendente Alba Cañizares, por ocasião de sua transferência da Escola Bolívia para a Escola Estados Unidos:

Sra. Diretora D. Maria Amorim Almada:

Deixando vós a direção da Escola Bolívia, a chamado honroso do Departamento para um posto de mais alta e bela atividade técnica, cumpro o grato dever de justiça de salientar a obra de construção educacional que vínheis realizando na 6^a Circunscrição, oferecendo sempre um exemplo edificante de aplicação ao estudo e à realização dos novos ideais educativos, disciplina austera no cumprimento do dever e espírito de solidariedade.

Deixais uma tradição de competência e encantadora gentileza.²⁰⁰

Em 1936, contudo, com dificuldades para compatibilizar os seus horários com os das aulas no Asilo, redigiu uma sentida e longa exposição endereçada ao provedor Antonio Louçã. Nela, fez um detalhado histórico de sua vida no internato, como aluna e professora. Uma história de quase quatro décadas, lembradas na primeira pessoa. A primeira parte do texto resume a sua história nos tempos em que o colégio foi dirigido por Ramiz Galvão, sua ascensão como estudante e como professora dedicada ao colégio, lembrando que, nessa última fase, ainda que de forma interina, chegou a responder como diretora do Asilo:

Os meus serviços no Asilo, como professora, datam, se não me falha a memória, de 1907, quando ainda aluna quase menina, e nessas funções permaneci até 1912, ano em que logrei ingressar na Escola Normal, como prêmio à minha conduta e estudos, prêmio que me conferira a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária.

Durante o período de normalista, por motivo do esforço que então tive de dispendir no devotamento ao estudo e na conquista de louros para

glória minha e do Asilo, deixei a direção de classe, vindo a reassumi-la em 1916, na situação de membro do Corpo Docente do Asilo, desligada como aluna.

Devo declarar que nas funções de professora-aluna não percebia gratificação alguma, e isso digo, porque o critério para casos idênticos foi modificado posteriormente.

Em 1916, na situação definitiva de professora do Asilo, recusei aceitar remuneração porque a gratidão me impunha essa renúncia. Embora modestíssimo o ordenado que então recebia da Prefeitura como professora municipal, a concessão que me fizera a Irmandade de morar no Asilo supria a deficiência do ordenado.

Essa demonstração material do meu reconhecimento estendeu-se até 1923, quando a administração do Dr. Mario Nazareth recusou aceitar por mais tempo os meus serviços gratuitos.

O meu zelo, a minha assiduidade, pautei-os sempre à altura de minha conduta no Asilo. Nunca me aproveitei da circunstância de prestar trabalho gratuitamente para usufruir regalias ou solicitar favores. Era pontual e de assiduidade absoluta. Poucas vezes me utilizava das faltas que o regulamento nos facultava. Ao Asilo e à escola pública consagrei-me com igual devotamento. Essa minha boa vontade e essa minha dedicação mais evidente se tornam quando de mim solicitavam qualquer trabalho extraordinário. Por ocasião das festas do Asilo, depois do trabalho na escola, entregava-me com entusiasmo ao serviço de ensaios das alunas, e após a saída do Dr. Ramiz Galvão tive a meu cargo a responsabilidade de organização de algumas festas.

Quando a Diretora D. Ubaldina Dias Jacaré necessitou, por motivos de moléstia, um repouso de oito dias fora do Asilo, confiou-me o Sr. Provedor a direção da casa durante esse período e, como me achava então no gozo de férias, pude prestar ao Asilo uma assistência diária de 12 horas.

O melhor do meu esforço e de minha boa vontade esteve sempre a serviço do Asilo e disto não receio contestação.

A parte final do documento traz à tona o seu grande dilema, impossibilitada de continuar a serviço do Asilo e de suas crianças, por conta dos novos e superiores desafios que decorrem da sua carreira como professora da rede municipal, especialmente desde que teve de assumir a direção de uma escola:

Em 1933, quando o Departamento de Educação, numa prova de confiança, me investiu no cargo de Diretora e a escola me impõe maiores responsabilidades, esperando de mim o fruto da confiança que vinha inspirando, senti então a impossibilidade de continuar a atender ao Asilo na medida do que fazia.

Comissionada Diretora e afastada da escola onde sempre trabalhara – a Gonçalves Dias, circunstância que me facultava conciliar interesses, vi-me em dificuldades para conseguir o que até então fizera.

A Escola Estados Unidos, que dirijo presentemente, localizada longe do Asilo, na categoria de escola experimental, com sua organização singular e deficiência social da escolaridade que a frequenta, essa escola, uma das maiores em capacidade e das maiores também em responsabilidades, obriga-me a estudos e a uma permanência prolongada, integral.

Agora compreendo realmente que não posso dispor em favor do Asilo do mesmo tempo, dos mesmos zelos.

E tanto isso é verdade que, no ano passado, fui forçada a requerer uma licença de cinco meses, embora sem ônus para a Irmandade.

Recomeçando o trabalho no Asilo após aquele período de interrupção, esforcei-me por atender às exigências do horário, mas fatores independentes de minha vontade e inerentes à escola levaram-me a incorrer em impontualidades, que nunca me foram peculiares, e a granjear juízos que nunca mereci. Para reabilitar-me no conceito em que sempre fora tida, implorei à Sra. Madre a tolerância de entrada no espaço de 9 horas a 9 e 30 minutos.

Também na direção de uma grande casa, reconheço ser insustentável a concessão de favores e o abuso da bondade.

Encontro-me neste dilema depois de um olhar sobre o passado: continuar no Asilo com desdobramento de esforços e talvez sacrifício da saúde ou deixá-lo, abandonando ao nada tanto tempo de trabalho profícuo.

Sem alternativas, não lhe restou outro opção que despedir-se e, como lhe era de direito, requerer sua aposentadoria:

Não é justo que, ao cabo de uma vida devotada exclusivamente à árdua missão de educadora, fique-me apenas a modesta remuneração que recebo da Prefeitura como professora primária.

Estas ponderações, feitas com a sinceridade com que pauto todos os meus atos, certo encontrarão eco no espírito esclarecido de V. E. Sr.

Provedor e dos dignos membros da Mesa administrativa da Irmandade da Candelária, sempre postos a serviço das causas justas.

Ao Exmo. Sr. Provedor e Dignos Membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária submeto o julgamento de minha vida no Asilo e acato a decisão que me julguem merecer.

Aproveito a oportunidade para reiterar os protestos de minha profunda gratidão ao Asilo e à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária.

27 de abril de 1936. (ass) Maria de Amorim Almada²⁰¹

A Irmandade não podia deixar de reconhecer o valor da sua ex-aluna e dedicada professora. Em 7 de maio daquele mesmo ano, tendo-se computado que, descontados os períodos em que esteve licenciada, havia lecionado no Asilo durante 24 anos e oito meses, foi-lhe concedida a aposentadoria com os vencimentos integrais.²⁰²

Na rede municipal, além de professora, Maria Amorim exerceu a direção da Escola Souza Aguiar até 1933, quando foi nomeada para dirigir a Escola Gonçalves Dias.²⁰³ Em 1934, foi nomeada diretora da Escola Bolívia, na Rua Ana Neri.²⁰⁴ No final desse ano, foi dirigida a Escola Estados Unidos, no Catumbi.²⁰⁵ Em 1937, foi designada para a Escola Emília do Couto, onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1947, encerrando mais de três décadas de magistério.²⁰⁶



Maria Amorim Almada em 1934²⁰⁷ e em 1950²⁰⁸

Em 1950, por ocasião do 50º aniversário do colégio, Maria foi uma das homenageadas pelas alunas da época. No álbum intitulado “Ato de Gratidão das alunas do EGA na comemoração do Cinquentenário”, destinado a relembrar as mestras que haviam passado pela casa, uma página lhe foi dedicada, trazendo a seguinte mensagem:

Maria Coutinho de Amorim! Como aluna laureada, viveu por muitos anos nesta casa como professora. Teve por prêmio excepcional, conferido pela Irmandade do S. Scto. da Candelária, completar sua educação pela Escola Normal da Capital da República. Conquistou sempre, por merecimento, suas promoções no Magistério e chegou à classe de Diretora de Escola, aposentando-se com trinta e dois anos de trabalho tenaz e ininterrupto. Deu ao Magistério, que abraçou com decidido pendor e entusiasmo, o melhor do seu esforço.²⁰⁹

Maria Amorim faleceu aos 70 anos de idade, a 5 de agosto de 1962.²¹⁰ Residia então na rua Heráclito Graça, no bairro de Lins e Vasconcelos.

Apesar de estar afastada da atividade profissional há 15 anos, não tinha sido esquecida por suas companheiras de magistério, que fizeram publicar na imprensa um emocionado “Preito de Saudade”. Um belíssimo texto redigido pela amiga e também professora Edith Cabrita, relembrando os pontos altos de sua carreira e suas excepcionais qualidades como mestra, assim como o início de sua formação sob a égide do velho professor Ramiz Galvão. Ali também se registrou a última missão a que se dedicara, após ter se aposentado do magistério público: a catequese na igreja do Cristo-Rei.²¹¹

Ela também foi lembrada em uma significativa homenagem organizada pela Associação Brasileira de Educação, com a presença de grande número de professores. Uma das oradoras, sua ex-aluna e então diretora da Escola Normal, fez questão de relembrar as muitas lições aprendidas da mestra, entre elas a de que “se bem orientada, toda criança e todo adolescente são capazes de se autodirigirem”.²¹² Uma lição que talvez resumisse as experiências do começo de sua vida no Gonçalves de Araújo.

Albertina Carvalhaes

No *Almanaque Gonçalves de Araújo* de 1912, Ramiz também destacou a presença desta jovem.

Albertina Carvalhaes, filha de Francisco Emílio de Araújo Carvalhaes e de D. Maria de Avellar Carvalhaes (ambos falecidos), nasceu nesta Capital a 14 de junho de 1884. Entrou para o Recolhimento de N. S. da Piedade em fevereiro de 1897 e foi daí transferida em 28 de novembro de 1901 para o Asilo Gonçalves de Araújo, quando aquele estabelecimento se extinguiu.

Fez todo o curso colegial com excelentes notas e concluiu-o em 1908, tendo obtido sete prêmios diversos nas oficinas de costura, flores e bordado.

Desligada do corpo de alunas em fevereiro de 1909, foi a 12 do mesmo mês nomeada mestra da oficina de bordado — cargo do qual ainda hoje se desempenha com aplauso.²¹³



*Albertina Carvalhaes em 1912
(foto reproduzida no Almanaque)*

Albertina havia ingressado no antigo Recolhimento Santa Rita de Cassia e, com a extinção deste, passou para o Recolhimento N. S. da Piedade, administrado pela Irmandade da Candelária. Foi esse também o caminho seguido por sua irmã Laura Carvalhaes, nascida em 1881, e que foi desligada do Asilo em 1904.

Dedicou-se exclusivamente ao colégio, acumulando, durante vários anos, as aulas de bordados e as turmas da 1ª classe do curso primário. Lecionou no Asilo até o final de

1933, tendo deixado a instituição em virtude da reorganização resultante da chegada das religiosas Josefinas. Tinha então 49 anos e havia trabalhado como mestra durante 24 anos.

Faleceu no dia 28 de março 1958, aos 73 anos.²¹⁴ Era solteira e vivia na rua General Argolo, nas vizinhanças do colégio onde havia passado quase quatro décadas de sua existência.

Judith Christiana de Oliveira (Monteiro da Silva)

Ramiz Galvão assim apresentou a jovem, no Almanaque de 1912:

Judith Christiana de Oliveira, filha de Alexandrino Christiano de Oliveira e de D. Maria Carlota Ramos de Oliveira (ambos falecidos), nasceu no Porto Velho do Cunha (Estado do Rio) em 26 de dezembro de 1886. Entrou para o Recolhimento N. S. da Piedade a 3 de janeiro de 1901 [15 anos] e foi daí transferida a 3 de agosto do mesmo ano para o Asilo Gonçalves de Araújo.

Tendo obtido excelentes notas em todo o curso do estabelecimento, conclui-o em 1908, depois de haver sido cinco vezes laureada nas oficinas de costura, bordado e flores e na aula de Música.

Desligada do corpo de alunas em fevereiro de 1909, foi a 12 do mesmo mês nomeada mestra da oficina de flores, cargo em que continua a demonstrar talento e zelo.²¹⁵

Assim como suas duas colegas, Judith exerceu sua nova função na condição de professora interna, continuando a residir no colégio até fevereiro de 1920. No mês seguinte, a 17 de março, casou-se com o jovem Francisco Mariano Monteiro da Silva, funcionário dos Telégrafos. A cerimônia religiosa foi feita na capela do colégio, tendo como testemunhas o diretor Ramiz Galvão e o velho médico do Asilo, o Dr. Luiz Alves Pereira.²¹⁶

No ano seguinte, Judith ganhou seu primeiro bebê, o menino José Mariano. Outro menino, Geraldo Mariano, nasceu em 1925, mas não chegou a completar um ano de vida, falecendo naquele mesmo ano com dez meses apenas.

No ano seguinte, porém, o casal exultou com a chegada de duas meninas gêmeas, que se chamariam Auta e Maria. O pai não demorou a estampar a felicidade que inundava o seu lar, fazendo publicar uma nota no *Jornal do Comércio*.²¹⁷ Auta, entretanto, teve pouco mais



*Judith Christiana de Oliveira em 1912
(foto reproduzida no Almanaque)*

do que um sopro de vida. Sua morte deixou os pais transtornados a ponto de o registro de Maria ter sido feito no cartório apenas uma semana após seu nascimento. Ela foi, então, registrada como Maria Victória, talvez uma forma para marcar as batalhas que a família havia passado naqueles dias.

Maria Victória tinha apenas dez anos quando a tuberculose levou à morte sua mãe, em 11 de setembro de 1936, e logo depois seu pai, em 27 de novembro do mesmo ano. Poucos anos mais tarde, em 1942, a doença levaria tam-

bém o primogênito, José Mariano, quando contava 20 anos de idade. Judith havia conseguido superar os desafios da pobreza e da orfanidade com o apoio do Asilo, mas não tinha quem a pudesse ajudar a vencer a terrível tuberculose. Victória, entretanto, sobreviveu, e em janeiro de 1949, com 23 anos, casou-se com Jayr Sirtoli de Caldas.²¹⁸ Viveu até a idade de 90 anos.²¹⁹

Iza da Silva (Lyrio)

Iza teria lugar no Almanaque do colégio, se ali ainda estivesse em 1912. Mas já tinha sido desligada, por limite de idade, em 1905.

Ela nasceu em 5 de maio de 1884, no estado do Espírito Santo. Era filha de Jose Carlos da Silva e de Possidônia da Silva.²²⁰

Não encontramos registros que mencionem a data em que Iza foi entregue aos cuidados do Recolhimento N. S. da Piedade, sendo provável que tivesse sido destinada inicialmente ao antigo Recolhimento Santa Rita de Cássia, pois já havia completado 17 anos quando foi transferida para o novo Asilo Gonçalves de Araújo, em julho

de 1901. Por ser das mais velhas, fez parte da equipe incumbida dos serviços gerais da casa e de cuidar das alunas pequenas, juntamente com Constança Neves, Silvina de Souza e Evarista da Silva. Em 1902, enquanto cursava a 3ª classe do primário, atuou como professora para as pequenas das 1ª e 2ª classes. Nesse ano, não só foi aprovada com distinção na 3ª classe, como foi também foi aluna de destaque nas aulas de canto e na oficina de costura. Na Festa do Patrono desse mesmo ano, fez parte do coral que cantou a Missa de Battman, assim como foi uma das primeiras internas a ensaiar e cantar o recém-composto Hino de Araújo. Na festa de encerramento do ano letivo, foi encarregada de ler uma mensagem de agradecimento ao diretor Ramiz Galvão. Em 1903, lecionou para a 2ª classe enquanto cursava a 4ª classe. No ano seguinte, passou a lecionar para a 3ª classe, enquanto cursava a 5ª classe. Em 1905, começou o ano ainda lecionando para a 3ª classe enquanto cumpria as exigências da 6ª classe, da qual era a única aluna. Mas não a concluiu, pois completou a idade limite para permanecer como asilada. Saiu em maio de 1905, aos 21 anos.

Terá retornado para o Espírito Santo. Algumas notas publicadas nos jornais de Vitória dão conta de que se envolveu com atividades religiosas, inclusive com participações em apresentações musicais, onde sua voz se destacava. Foi lá que, em dezembro de 1909, casou-se com o militar Cleto Correa Lyrio, também natural do Espírito Santo, filho do coronel Joaquim Correa Lyrio.²²¹ Lá também nasceram os primeiros filhos do casal, Hugo Affonso, em 1910, e Ethéocles Humberto, em 1911.²²²

Iza continuou em contato com suas antigas colegas do Asilo. Uma delas, por sinal, iria dedicar-lhe uma mensagem de amizade que fez publicar, na certeza de que seria lida pela amiga. Dizia:

À estremecida amiga Iza da Silva Lyrio — A saudade é a grata recordação da pessoa que idolatramos do imo da alma: é a reminiscência dos belos tempos que não voltam mais e a prova mais eloquente das almas apaixonadas, sensíveis e leais; e é com a saudade que se prendem os corações sinceros e verdadeiros. — Silvina de Souza Aguiar (S. Cristóvão).²²³

Era a mesma Silvina de Souza, sua antiga colega do Recolhimento e depois do Asilo.

Iza e sua família se transferiram novamente para o Rio de Janeiro, quando seu marido passou a trabalhar na Repartição dos Telégrafos. Talvez não soubesse que seu destino a levaria de volta ao Campo de São Cristóvão. Foi no Rio de Janeiro que, em julho de 1914, nasceu a filha Maria Isabel. E, no início de 1915, foi convidada por Ramiz Galvão para ser professora da 1ª classe do primário.

Em outubro desse ano foi mãe novamente, desta vez de Beatriz, que faleceu com menos de quatro meses de vida. Mas duas outras crianças viriam ainda completar a família: no natal de 1917 nasceu Celso, e a 10 de agosto de 1920 mais uma menina, que recebeu o nome da mãe: Iza. Dessa vez a mãe-professora foi obrigada a se licenciar do trabalho por cinco meses.

Iza continuou lecionando no Asilo até 1931, quando, por motivo de doença, teve a recomendação de se aposentar. Seu pedido foi acatado pela Comissão de Aposentadorias da Irmandade.²²⁴

Faleceu no dia 24 de junho de 1948, aos 65 anos, três anos após a morte do marido. Vivia em São Cristóvão desde 1915.

Em 1950, no centenário do colégio, foi também lembrada pelas alunas em um delicado álbum comemorativo.

Zaira Saboia de Alencar

Na festa do cinquentenário do colégio, a ex-aluna Zaira Saboia de Alencar ainda atuava como professora. Na página do álbum alusivo à data, suas alunas escreveram:

Zaira Saboia de Alencar! Modelo de aluna, hoje modelo de mestra, pelo senso de responsabilidade com que se devota ao seu magistério — Zaira Saboia de Alencar faz parte do corpo docente desta casa, o que conquistou como aluna laureada e do qual é elemento de destaque.

Oxalá estes exemplos dignificantes, essas alunas gloriosas que por aqui passaram, possam servir de modelo à geração presente e às que hão de vir!

Que neste vergel florido — fecundado pelo calor da caridade, umede-
cido pelo orvalho da bondade, cuidado pelo manejo de mãos carinhosas
— continuem a desabrochar flores que sejam o orgulho de seus benfei-
tores e mestras; que sejam padrões de glória da casa que lhes deu luz,
pão e carinho; outras tantas estrelas a se engastarem na coroa de glórias
do Gonçalves de Araújo!

Zaira nasceu no Ceará no dia 1º de abril de 1905, filha de Jucun-
do Saboia de Alencar e Julia Maria da Conceição.²²⁵

Entrou para o Asilo em agosto de 1915, quando tinha 10 anos. A
solicitação foi feita por sua tia e tutora D. Thereza de Alencar Lou-
reiro, irmã de seu pai. Não constam informações sobre o destino
de sua mãe. O exame médico assinado pelo Dr. Luiz Alves, do Asi-
lo, não identificou qualquer doença na menina, nem defeito físico.
Classificou-a apenas, como deveria ser um padrão da época, como
de “temperamento linfático”, ou seja, muito quieta.

Sabe-se que pertencia a uma família numerosa e com alguns
membros bem situados profissionalmente.²²⁶

O desempenho da menina Zaira no Asilo foi sempre destacado
por suas colegas, seus mestres e pelo diretor Ramiz Galvão. Em 1921,
aos 16 anos, conclui o 6º e último ano do curso primário elemen-
tar. Também conquistou prêmios em oficinas de costura, bordado,
flores, desenho, cozinha e escrituração mercantil. Por sua desenvol-
tura, foi chamada a se apresentar como oradora ou como atriz nas
peças encenadas por ocasião das festas do patrono e de encerramen-
to do ano letivo. Em 1919, representou um dos personagens na peça
A Trindade Suprema. No ano seguinte, foi uma das atrizes em As
artes e a moral. Em 1921, foi a oradora responsável por fazer o agra-
decimento à Irmandade. Em 1922 atuou em A pátria brasileira. No
ano seguinte, um desenho seu foi destaque na Exposição; reproduzia
uma poesia em homenagem a Araújo, usando inclusive caracteres
taquigráficos. Em 1923, concluiu o curso de datilografia e taquigra-
fia, recebendo seu diploma na Festa do Patrono daquele ano. Ainda
nesse ano, recebeu o prêmio especial por procedimento exemplar,
repetindo o que já havia feito no ano anterior. No ano de 1925, dei-

xou de fazer parte do colégio como aluna e foi chamada a lecionar para a primeira classe do curso primário.



À esquerda, Zaira, em 12/08/1923, participando da encenação de *Os estados e a União*.²²⁷ À direita, peça desenhada por ela, reproduzindo estenograficamente um verso escrito em homenagem a Gonçalves de Araújo.²²⁸

De acordo com sua ficha funcional, foi admitida como professora suplementar em 1º de março de 1924, passando a professora auxiliar em 1º de agosto do mesmo ano. Foi ela própria quem redigiu seu pedido de desligamento do colégio, em 12 de janeiro de 1925. Nesse texto, agradeceu “não só à benemerita Irmandade do S. Sacramento da Candelária o amparo e a educação que aqui recebeu, como a V. Exa. [o provedor] por lhe ter proporcionado a vantagem de uma colocação como professora adjunta do estabelecimento, função com que se julga muito honrada, pronta a prestar sempre o seu serviço ao digno Instituto que V. Exa. com tão grande carinho administra”.²²⁹

O cargo de professora adjunta havia sido proposto pelo diretor para dar continuidade ao trabalho que ela já vinha exercendo. Em 1º de fevereiro de 1925, foi efetivada.²³⁰

Zaira atravessou as importantes mudanças na gestão do colégio, ocorridas a partir do final da gestão de Ramiz Galvão. Em fevereiro de 1931, deixou de ser professora interna e passou a residir fora do

colégio.²³¹ Continuou lecionando até ser afastada por doença, em 15 de maio de 1952. Foi aposentada a título precário, por decisão da Mesa da Candelária, em agosto de 1952. Passou, portanto, a maior parte de sua existência no Asilo; foram 37 anos, decorridos entre 1915 e 1952. Uma longa jornada que poderia ter seguido ainda por mais uns anos, não fosse a evolução da doença que a impediu de seguir lecionando.

Vilma Lícia, que foi sua aluna em 1948, quando fazia o 3º ano do primário, declarou ao autor que ela era ótima professora. Lembrou-se também que Zaira sofria de reumatismo, o que lhe dificultava escrever no quadro negro.

Nos registros do colégio, ficou inscrita a palestra que proferiu às alunas nas comemorações do 7 de setembro de 1945, reproduzida no relatório daquele período.²³²

Zaira faleceu em 5 de junho de 1974. De acordo com o registro de óbito feito na 10ª Circunscrição do Registro Civil, tinha 69 anos, era solteira e residia na Rua Carijós, no bairro do Meier.²³³



A ex-aluna Zaira Sabóia de Alencar, em 1932 (27 anos) e em 1950 (45 anos)²³⁴

Benedita Martins Vianna (Ribeiro)

Nascida no Rio de Janeiro em 6 de abril de 1894, era filha de André Martins Vianna e Amélia Cândida Soares. Havia ingressado no Recolhimento em 1898, com apenas quatro anos, sendo depois transferida para o Asilo em 1901.

Embora conseguisse estar entre as premiadas nas oficinas de costura e bordado, Benedita teve algumas dificuldades nas primeiras classes do curso primário. Só em 1911, já então com 17 anos, conseguiu concluir a 4ª classe. Mas o que ela gostava mesmo era de



*Benedita Vianna Ribeiro (1972)*²³⁵

desenhar as letras em seu caderno. Sua predileção não passou despercebida ao diretor, que reforçou seu interesse com aulas especiais de caligrafia, ministradas pelo professor Carlos Cabrita, o amigo de Ramiz que já apoiava Maria Amorim para ingressar no curso da Escola Normal. Benedita também se beneficiou dos ensinamentos do curso de desenho, que foi reiniciado naquele ano.

Aproveitando a arte aprimorada da jovem, o diretor a convidou para repassar seus conhecimentos de caligrafia às colegas que cursavam as primeiras classes do primário. A nova responsabilidade lhe assentou bem, pois Benedita se tornaria uma das alunas mais aplicadas do colégio, concluindo com distinção, em 1913, a 6ª e última classe do curso primário.

Apesar de desligada como aluna no final desse ano, sua história no internato não havia ainda chegado ao fim, pois foi contratada para continuar dando suas aulas de caligrafia para todas as classes do curso primário. Nessa condição, pôde continuar residindo no Asilo.

Pode-se dizer que todas as meninas que entraram no Asilo a partir de 1911 desenvolveram com Benedita a técnica de desenhar as

letras que deveriam aplicar tanto na escrita quanto nas oficinas de bordados. Ela continuou lecionando até o final de 1924, quando, aos 30 anos de idade e depois de ter vivido ali mais de duas décadas, decidiu deixar o Asilo para iniciar uma nova vida como mulher casada.

O marido era Eduardo Alves Ribeiro, comerciante bem-sucedido que enviuvara havia dois anos, e pai de quatro filhos. Muito religioso, era membro de várias irmandades e também da Candelária, onde teriam se conhecido. A cerimônia religiosa realizou-se na capela do Asilo, no dia 14 de fevereiro de 1925, e contou com a presença do provedor Albino de Sá Coelho, do ex-provedor Mario Nazareth e de Antonio Carvalho, futuro provedor.

No dia 12 de fevereiro de 1925, Benedita assim se despediu do colégio:

A abaixo assinada ex-asilada e atual professora de Caligrafia do Asilo Gonçalves de Araújo, tendo de deixar o cargo em virtude de seu próximo casamento, que se realizará a 14 do corrente, vem com todo respeito pedir sua exoneração, agradecendo à Benemérita Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, representada na pessoa de V. Exa., a esmerada educação que recebeu, o extremado carinho e bondade de coração com que sempre foi tratada desde quatro anos de idade.

Com muita gratidão e eterno reconhecimento subscreve-se,
Benedita Martins Vianna.²³⁶

Em 2 de abril de 1928, Benedita tornou-se a primeira ex-aluna a ser admitida como irmã da Irmandade da Candelária.

Benedita e Eduardo tiveram duas meninas: Maria do Carmo, nascida em 1925, e Maria Therezinha, nascida em 1930. Mas, apesar de sua nova vida, as antigas ligações com suas companheiras do Asilo não se desfizeram. Afinal, havia sido uma convivência que se estreitara ao longo de muitos anos, em particular com a enfermeira e mestra D. Maria Augusta Quadra. O resultado dessa amizade produziria seus frutos quando as filhas de Benedita se casaram com dois dos sobrinhos de Maria Augusta, ambos oficiais da Marinha.

Benedita faleceu no Rio de Janeiro a 13 de abril de 1977, com 83 anos de idade.²³⁷

Tarcilla Leite (Pasqualette Martins)

O português Pedro da Costa Leite era um bem-sucedido comerciante de café quando, em 1900, tornou-se membro da Irmandade da Candelária.²³⁸ Em 1911, na gestão do provedor Antônio Gonçalves Reis, foi eleito Secretário da Caridade, cargo para o qual foi reconduzido em 1912, na provedoria de Augusto Matias Tavares Ferreira. Em 1913, na gestão de Mario Nazareth, tornou-se secretário do Hospital dos Lázaros. Em 22 de janeiro de 1915 era um dos membros da Comissão de Reforma do Regulamento do Asilo, que aprovou a proposta de encerramento da seção masculina do Asilo.

Ao que parece, entretanto, seus negócios de comércio de café, naquela altura, não corriam bem, e o teriam deixado financeiramente arruinado. Em abril de 1915, desesperado pela situação, acabou por cometer suicídio. Tinha apenas 48 anos. O registro do óbito mencionou que era solteiro. Todos sabiam, contudo, que Pedro vivia em companhia de D. Maria da Costa Paiva, divorciada judicialmente, o que naquela época era um impedimento legal para que pudesse contrair novo matrimônio. Desse relacionamento tiveram uma menina, Tarcilla, nascida em 10 de junho de 1912.²³⁹ Foi por causa dessa criança que seu último ato, antes da fatal decisão, foi escrever uma carta ao amigo Mario Nazareth. Rogava-lhe que cuidasse de sua filha.

Embora Pedro e Maria não fossem formalmente casados, Tarcilla tinha sido registrada e legalmente perfilhada por seu pai, como constou no registro de nascimento da menina. Pedro havia adotado o mesmo procedimento com o primeiro filho do casal, Tasso, nascido em 1910, mas falecido no ano seguinte.

A carta de Costa Leite recomendando a filha aos cuidados do amigo provedor não faria sentido se a mãe estivesse em condições para cuidar da criança. É provável, pois, que estivesse gravemente doente. De fato, ela viria a falecer em dezembro daquele mesmo ano de 1915. Por essa razão, o provedor Nazareth não perdeu tempo em matricular Tarcilla no Asilo. O exame médico para admissão foi realizado pelo Dr. Luiz Alves, em abril de 1916.²⁴⁰ Ela não havia sequer completado quatro anos.

Na festa de encerramento do ano letivo de 1916, realizada em 28 de janeiro de 1917, com apenas cinco anos, Tarcilla se apresentou recitando a poesia *A esquecida*.²⁴¹

Ela só foi inscrita para o 1º ano primário em 1918, quando tinha sete anos, mas, por conta da Gripe Espanhola, aquele ano letivo foi anulado e ela só conseguiu a aprovação no final do ano seguinte, quando tirou grau 10.

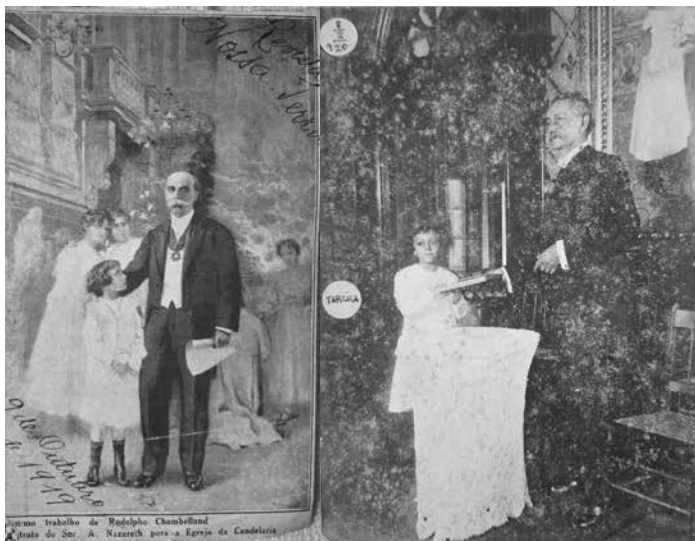


*Alunas e o provedor Nazareth, por ocasião da Festa do Patrono de 1918.*²⁴²

Tarcilla foi a menina escolhida para compor o retrato do provedor Nazareth, encomendado ao artista Rodolfo Chambelland em 1919, adiante reproduzido.

Na festa realizada em 8 de fevereiro de 1920, no encerramento do ano letivo de 1919, ela foi uma das premiadas por “procedimento exemplar”. Ainda uma vez, por ser a caçulinha do grupo, mereceu o destaque dos fotógrafos que registraram o evento.²⁴³

No ano de 1922, teve excelente desempenho em Caligrafia. Em 1924, foi bem-sucedida na oficina de Flores e na aula de Desenho. Na Festa do Patrono de 1925, foi uma das participantes da peça *As virtudes colegiais* e a voz de Araújo. Ainda naquele ano, foi novamente destaque na oficina de Flores e conquistou uma vez mais o prêmio de “procedimento exemplar”. Em 1926, por ocasião do aniversário



À esquerda, reprodução do quadro de Chambelland, representando o provedor Nazareth tendo ao seu lado a pequena Tarcila; à direita, Tarcilla recebe prêmio das mãos do diretor (1920).

do provedor Albino Coelho, foi escolhida pelo diretor para ler uma mensagem ao homenageado. Na Festa do Patrono desse mesmo ano, participou da peça Os gloriosos latinos. Na festa de encerramento do ano, foi premiada por seu desempenho em Dattilografia e Estenografia e novamente na oficina de Flores. Em 1927, na Festa do Patrono, voltou a subir ao palco para participar da peça A divina loucura. Ao final do ano, foi laureada na aula de Desenho, em Dattilografia, em Estenografia e em Escrituração Mercantil. Na Festa do Patrono de 1928, participou da apresentação da peça A cruzada feminista. Na festa de encerramento do ano, foi destaque na aula de Desenho e em Escrituração Mercantil.

Em 1929, ainda na condição de interna, passou a lecionar Caligrafia. Nesse ano participou, na Festa do Patrono, da encenação de A verdadeira soberania, fazendo dois personagens. No final desse ano deixou de ser aluna, mas continuou no colégio na condição de professora contratada para lecionar Caligrafia.

Tarcilla deixou de lecionar em 30 de novembro de 1932, para contrair matrimônio com o dentista Amarante Henrique Pasqualette Martins, um dos filhos do dentista do Asilo, Henrique Pasqualette Martins. A cerimônia civil ocorreu no dia oito de dezembro do mesmo ano e foi realizada no próprio colégio.²⁴⁴ Estavam presentes os provedores Antonio Louçã, Albino Coelho e seu tutor, o conde Antonio Dias Garcia.

Com o casamento, passou a chamar-se Tarcilla Leite Pasqualette Martins. O casal teve três filhos: ESY, nascida em 1934, professora primária; Sylvio, nascido em 1935, dentista; e Pedro, nascido em 1939, médico.

Tarcilla ficou viúva em 1978. Na época o casal vivia na rua Caruaru, 273, no Grajaú. De acordo com seus familiares, ela faleceu aos 82 anos, em 7 de março de 1995.



*A ex-aluna Tarcilla Leite Pasqualette Martins com os filhos (c.1941)*²⁴⁵

Notas

- 62 AFBMP. Regulamento de 1900, artigos 34 a 41.
- 63 AFBMP. Correspondência. 1901. 014.B.01133 (231). Antes do final daquele mês, o diretor acrescentou outra menina àquela lista, por insubordinação.
- 64 AFBMP. Relatório 1901/02 pp.107/8.
- 65 Por terem sido extraviado os livros de registros de entrada e saída de alunos do período, não é possível garantir a inexistência de falhas na tentativa de reconstituição que fazemos aqui.
- 66 Ver o depoimento da diretora Ubaldina Dias Jacaré, que, no ano de 1933, esteve à frente do Asilo Araújo, mas que foi a responsável por aquela escola ao longo de vários anos (AFBMP. Relatório 1933/34, p. 99).
- 67 AFBMP. Correspondência. 1928. Ref. 014.D.01159 – 273.
- 68 Uma consulta às edições diárias do *Jornal do Brasil* da época permite identificar uma diversidade de anúncios procurando meninas de 10 a 15 anos para “serviços leves” ou “cuidar de criança pequena”, em casas de família, assim como de outros tantos em que os responsáveis por meninas dessa idade as ofereciam “em aluguel” para esses mesmos serviços.
- 69 *Correio da Manhã*, 28/12/1914, p. 3.
- 70 AFBMP. Relatório 1915/16, p. 72.
- 71 AFBMP. Correspondência. 1902. Ref. 014.B.01134 (82).
- 72 AFBMP. Correspondência. 1910. Ref. 014.C.01142.
- 73 AFBMP. Regulamento de 1900. Artigos 72 e 73. No caso dos meninos, a caderneta era liberada ao cumprir 18 anos de idade.
- 74 Na festa de premiação realizada em 26/01/1930, a última de que Ramiz participou, o total de prêmios em dinheiro atingiu Rs. 2:690\$000. A arrecadação com a venda de trabalhos das oficinas colocadas na exposição desse ano apurou 6:409\$700. AFBMP. Relatório 1929/30, pp.93 a 96 e 100.
- 75 AFBMP. Correspondência. 1927. Ref. 014.D.01158 (169).
- 76 *Revista da Semana* (do *Jornal do Brasil*), 05/04/1903, p. 4.
- 77 AFBMP. Relatório 1902/03, p. 149.
- 78 Esse conjunto de fotografias pertence ao acervo do MIS/RJ, e está catalogado com data de 20/07/1908. Acessado no blog *Madureira Ontem e Hoje*, <https://www.facebook.com/madureiraontemehoje/>
- 79 *Revista da Semana*, 10/09/1905, p. 12.
- 80 *O Malho*, 24/08/1912, p. 14.
- 81 *Fon-Fon*, 07/09/1916, p. 29.
- 82 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043 C 02889 (36.3).
- 83 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043 C 02889 (35.3) e *Selecta*, 14/02/1920, p.24.
- 84 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043 C 02889 (48.1) e *Revista Vida Doméstica*, nov/1924, p. 57
- 85 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043.C.02889, fl. 33-2.
- 86 AFBMP. Regulamento de 1900: Arts. 43 a 54.
- 87 AFBMP. Relatório 1901/02, p. 102.
- 88 Apesar das várias reformas do ensino introduzidas ao longo da Primeira República, essa condição não se alterou ao longo do período em que Ramiz permaneceu como diretor do Asilo.
- 89 AFBMP. Relatório 1901/1902, p. 104.

- 90 Foto do acervo do MIS/RJ, publicada na plataforma Facebook *Madureira ontem e hoje*.
- 91 Também naquele ano entrou em funcionamento a seção masculina do colégio, situação que ampliava as atribuições do diretor. Ainda assim, ele se manteve na condução das classes mais adiantadas da seção feminina.
- 92 *Revista da Semana*, 10/09/1905, p. 10.
- 93 AFBMP. Relatório 1919/20, p. 277.
- 94 AFBMP. Relatório 1924/25, p. 78.
- 95 Foto do acervo do MIS-RJ, publicada na plataforma Facebook *Madureira ontem e hoje*.
- 96 AFBMP. Relatório 1901/02, p. 105.
- 97 AFBMP. Relatório 1902/03, p. 141.
- 98 AFBMP. Relatório 1903/04, pp. 135/6.
- 99 Foto do acervo do MIS-RJ, publicada na plataforma Facebook *Madureira ontem e hoje*.
- 100 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043.B.00633.02673(6).
- 101 AFBMP. Relatório de 1903/04, p. 135.
- 102 AFBMP. Relatório de 1907/08, p. 74.
- 103 AFBMP. Correspondência Recebida, 1909, Ref. 014.B.01141-16.
- 104 AFBMP. Relatório de 1901/02, p. 105.
- 105 AFBMP. Correspondência. 1923. Ref. 014.D.01155 e Relatório de 1923/1924, p. 124.
- 106 AFBMP. Correspondência. 1924. Ref. 014.D.01156(2).
- 107 AFBMP. Acervo fotográfico. Ref. 043.C.02889 (43.04).
- 108 AFBMP. Relatório 1902/03, pp. 141 e 145.
- 109 AFBMP. Relatório 1906/07, p. 80.
- 110 AFBMP. Relatório 1907/08, p. 74 e Relatório 1908/09, p. 71.
- 111 AFBMP. Relatório 1919/20, p. 281.
- 112 Foto de Malta do Acervo do MIS-RJ, publicada no Facebook *Madureira ontem e hoje*.
- 113 AFBMP. Acervo fotográfico. Ref. 043. B. 00633.
- 114 AFBMP. Relatório 1906/07, pp. 80 e 86.
- 115 AFBMP. Relatório 1908/09, p. 71.
- 116 AFBMP. Relatório 1927/28, p. 66.
- 117 AFBMP. Relatório 1903/04, p. 142.
- 118 AFBMP. Relatório 1906/07, p. 80
- 119 AFBMP. Relatório 1910/11, p. 2.
- 120 AFBMP. Relatório 1913/14, p. 168.
- 121 AFBMP. Relatório 1916/17, p. 210.
- 122 AFBMP. Relatório 1917/18, p. 258 e 267.
- 123 AFBMP. Relatório 1918/19, p. 224.
- 124 AFBMP. Relatório 1922/23, p. 158.
- 125 AFBMP. Relatório 1924/25, p. 69.
- 126 AFBMP. Relatório 1925/26, p. 69.
- 127 AFBMP. Relatório 1928/29, p. 71.
- 128 AFBMP. Relatório 1919/20, pp. 49, 273 e 278.
- 129 AFBMP. Relatório 1920/21, p. 158.
- 130 AFBMP. Relatório 1919/20, p. 281.
- 131 AFBMP. Acervo fotográfico. Ref. 043. C. 0288 (41.02).
- 132 *Vida Doméstica*, 1934, julho, p. 196.
- 133 Arthur tinha como irmão mais novo o famoso dramaturgo Gastão Manhães Tojeiro, fundador da Sociedade Brasileira de Atores Teatrais.
- 134 AFBMP. Relatório 1910/11, p. 2.
- 135 AFBMP. Relatório 1914/15, p. 221.

- 136 AFBMP. Relatório 1915/16, p. 204.
- 137 AFBMP. Relatório 1918/19, p. 257.
- 138 AFBMP. Relatório 1919/20, pp. 289-290 e 312-313.
- 139 Elaboração do autor.
- 140 *O País*, 24/11/1901, p. 3.
- 141 AFBMP. Relatório 1909/10, p. 70.
- 142 *O País*, 20/11/1918, p. 3.
- 143 Correspondência. 1912. Ref. 014.C.01144-43.
- 144 AFBMP. Relatório 1912/1913, pp. 161 e 166. Este retrato não faz parte do acervo da Irmandade.
- 145 AFBMP. Relatório 1914/15, p. 224. Ao falecer, em 1922, aos 75 anos de idade, o professor Braz de Vasconcellos ainda lecionava no Ginásio São Bento.
- 146 Arquivo Nacional. NA.BR.RJANRIO.A9.O.PNE.35419.
- 147 *Correio da Manhã*, 20/06/1909, p. 1. Esses painéis, em número de 20, encimam a grande escadaria de entrada do teatro, e contornam o grande vitral que domina esse espaço. Oficialmente, contudo, a administração do teatro considera os painéis como sendo de autor não identificado.
- 148 *A Imprensa*, 23/10/1911, p.5.
- 149 Jorge Alexandre dos Santos Gaspar; Lucia Maria Aversa Vilela. *O ensino de desenho no Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca: Os livros de Luiz Dumont*. Disponível em <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/437/4372136006/index.html>.
- 150 *Jornal do Comércio*, 03/06/1916, p. 5.
- 151 AFBMP. Correspondência. 1922. Ref. 014.D.01154 (157).
- 152 AFBMP. Correspondência. 1922 e 1926. Ref. 014.D.01155-155, 157 e 166.
- 153 AFBMP. Relatório de 1924/25, p. 72.
- 154 *Correio da Manhã*, 12/04/1924, p. 7.
- 155 AFBMP. Acervo fotográfico. Ref. 043.C.02888 (40.03).
- 156 Familysearch.org.
- 157 AFBMP. Correspondência. 1926. 014.D.01157 (33). Emília assumiu também, naquela ocasião, a função de contramestra da oficina de chapéus. Anos depois, quando essa oficina foi extinta, foi encarregada de lecionar para o 1º ano primário.
- 158 AFBMP. Relatório 1901/02, pp. 103-4 e 132.
- 159 *A Notícia*, 28/08/1905, p. 3.
- 160 AFBMP. Relatório 1907/08, p. 77. Naquele ano o próprio regente da seção masculina havia começado a dar aulas de ginástica para os meninos.
- 161 AFBMP. Relatório 1927/28, p. 67.
- 162 AFBMP. Correspondência. 1929. Ref. 014.D.01160 (53).
- 163 AFBMP. Relatório 1929/30, p.65; a foto foi publicada na revista *Fon-Fon*, 17/08/1929, p. 55.
- 164 Em 1925, um decreto (nº 4982, de 24/12/1925) do presidente Arthur Bernardes concedia 15 dias de férias para algumas categorias do setor privado. Mas a regra não vingou na prática. A Irmandade adotou um regime de férias para seus funcionários a partir 1930/1931, embora a universalização desse benefício trabalhista só tenha se tornado obrigatória a partir de 1943.
- 165 AFBMP. Correspondência. 1913. Ref. 014.C.01145.
- 166 Monteiro, Frederico de Barros. *A família Monteiro de Barros*, SP, 1951, disponível em <https://pt.scribd.com/doc/306365152/Livro-Barao-de-Paraopeba>.
- 167 AFBMP. Relatório 1912/13, p. 149.
- 168 AFBMP. Relatório 1920/21, pp.149/150.

- 169 AFBMP. Relatório 1921/22, pp 204-205. A Festa de Premiação e a abertura da Exposição deu-se em 29 de janeiro de 1922, e tudo indica que a inauguração tenha ocorrido nessa oportunidade. A inauguração do retrato foi noticiada em *O Jornal* de 31/01/1922, p. 9, constando ali que era obra de Auguste Petit. A obra não foi localizada no inventário realizado em 2017.
- 170 *Revista da Semana*, 10/09/1905, p. 12 e Relatório 1921/1922, pp. 204/5.
- 171 AFBMP. Regulamento de 1900, art. 16.
- 172 AFBMP. Correspondência. 1918. Ref. 014.B.01150-3.
- 173 *Jornal do Brasil*, 20/12/1936, p. 45.
- 174 FamilySearch.org.
- 175 AFBMP. Relatório 1910/11, p. 40.
- 176 AFBMP. Relatório 1915/16, p. 207.
- 177 AFBMP. Relatório 1918/19, p. 226.
- 178 AFBMP. Correspondência. 1922. Ref. 014.D.01154 (137).
- 179 AFBMP. Relatório 1912/13, p. 160.
- 180 AFBMP. *Almanaque Gonçalves de Araújo para 1912*, pp.49-50.
- 181 *Gazeta de Notícias*, 01 (p. 2), 02 (p. 1) e 03 (p. 1) de março de 1895. O registro do óbito, feito no Reg. Civil da 6ª Circunscrição do Rio de Janeiro, em 01/03/1895, informa que Maria Amorim era espanhola (cf. FamilySearch.org).
- 182 O registro oficial de seu nascimento foi feito apenas em 4 de agosto de 1911, prestes a cumprir 19 anos, sendo declarante seu irmão Antonio Coutinho Amorim.
- 183 *Correio da Manhã*, 10/08/1908, p. 3.
- 184 *O País*, 09/08/1909, p. 3.
- 185 *A tribuna*, 14/08/1911, p.3. AFMP, Relatório 1911/2, p. 15.
- 186 AFBMP. Relatório 1910/11, pp. 33-37.
- 187 *O País*, 20/11/1912, p. 3.
- 188 *O País*, 24/09/1915, p. 5.
- 189 *Gazeta de Notícias*, 28/05/1915, p. 5.
- 190 AFBMP. Relatório 1914/15, pp. 240-244.
- 191 *O País*, 14/03/1915, p. 6.
- 192 *Gazeta de Notícias*, 16/03/1916, p. 5.
- 193 *Correio da Manhã*, 15/05/1917, p. 4.
- 194 *Jornal do Brasil*, 19/08/1926, p. 15.
- 195 AFBMP. Relatório 1922/23, pp. 188-197
- 196 AFBMP. Relatório 1924/25, pp. 98-102.
- 197 AFBMP. Correspondência. 1927, Ref. 014.D.01158(170) e 1928, Ref. 014.D.01159(21).
- 198 FamilySearch.org. 3ª Pretoria RC/RJ.
- 199 AFBMP. Relatório 1935/36, p. 71.
- 200 *Jornal do Brasil*, 24/06/1934, p. 35
- 201 AFBMP. Correspondência. 1935-1939. Ref. 014.A.01078 (325).
- 202 Idem, idem.
- 203 *O Globo*, 21/04/1933, p. 6.
- 204 *A Batalha*, 06/06/1934, p. 6.
- 205 *Gazeta de Notícias*, 27/12/1934, p. 6.
- 206 *Jornal do Brasil*, 16/03/1937, p. 18 e *Diário Carioca*, 02/04/1947, p. 8.
- 207 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043.C.0288(40) (detalhe).
- 208 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 169.B.01329.06065 (detalhe).
- 209 AFBMP. Ref. MAP.01.E.00159.
- 210 FamilySearch.org. 10ª Circ. Reg. Civ. RJ.

- 211 *Diário de Notícias*, 14/08/1962, p. 8. Edith Cabrita (1899-1977) era filha do professor Francisco Carlos da Silva Cabrita (1857-1923), amigo de Ramiz Galvão, e que havia orientado os estudos de Maria Amorim para seu ingresso na Escola Normal.
- 212 *Diário de Notícias*, 25/08/1962, p. 8.
- 213 AFBMP. *Almanaque Gonçalves de Araújo para 1912*, pp. 51-52.
- 214 FamilySearch.org. 8ª Circ. RC/RJ.
- 215 AFBMP. *Almanaque Gonçalves de Araújo para 1912*, pp. 50-51
- 216 AFBMP. Relatório 1919/20, p. 314.
- 217 *Jornal do Comércio*, 14/09/1926, p. 4.
- 218 FamilySearch.org. 5ª Circ. RCRJ.
- 219 Informação acessada em 05/02/2019 no site do Poder Judiciário do Rio de Janeiro: <https://www3.tjrj.jus.br/PORTALEXTRAJUDICIAL/CNO>.
- 220 FamilySearch.org. Esp. Santo. Regs. Igreja Católica.
- 221 *Jornal Oficial* (Vitória-ES), 17/08/1906, p. 1, e *Diário da Manhã* (Vitória-ES).
- 222 *Diário de Noite* de 25/09/1934, p. 3.
- 223 *O Malho*, 1910, nº 424, pp. 15-16.
- 224 AFBMP. Correspondência. 1931. Ref. (248).
- 225 Com base no registro de nascimento feito pela própria em 1923. Quando entrou no colégio, sua tutora declarou ter nascido em 01/11/1906, razão pelo qual só foi desligada em 1925.
- 226 *O País*, 26/02/1921, p. 4, divulgou uma biografia da família, por ocasião da morte do avô de Zaira, Trajano de Alencar, aos 95 anos. Ali constou que havia sido pai de 14 filhos, dos quais quatro ainda estavam vivos. Dizia ainda a nota que o falecido era primo-irmão do escritor José de Alencar e do almirante Alexandrino de Alencar, e irmão do falecido médico cearense Rufino de Alencar e do desembargador João Antonio de Alencar, membro do Tribunal de Justiça do Ceará.
- 227 *O Malho*, 25/08/1923, p. 35 (detalhe).
- 228 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043.C.02889 (46.3).
- 229 AFBMP. Correspondência. 1925. Ref. 101.A.00001 (276).
- 230 AFBMP. Correspondência. 1925. Ref. 101.A.00001 (42).
- 231 AFBMP. Relatório 1930/31, p. 107.
- 232 AFBMP. Relatório 1945/46, pp.119 e seg.
- 233 FamilySearch.org. 10ª Circ. RC/RJ.
- 234 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 169.B.01329.06065.
- 235 AFBMP. Fichas de Irmãos e Irmãs. Ref. 045.A.03222 (312).
- 236 AFBMP. Correspondência, 1925. Ref. 101.A.0001 (45).
- 237 FamilySearch.org. 8ª Circunscrição RC/RJ.
- 238 AFBMP. Fichas de Irmãos e Irmãs. Ref. 045. A. 03221.
- 239 FamilySearch.org. 9ª Circunscrição RC/RJ.
- 240 AFBMP. Correspondência. 1916. Ref. 014.C.01148 (121).
- 241 AFBMP. Relatório 1916/17, p. 235.
- 242 *Revista Selecta*, 31/08/1918, p. 23.
- 243 Imagens reproduzidas na revista *Nossa Terra*, gentilmente cedidas por um dos netos de Tarcilla.
- 244 AFBMP. Relatório de 1932/33, p. 83; *Diário de Notícias*, 30/11/1932, p. 9.
- 245 Imagem cedida pela família.

IV

*A seção masculina
(1905-1915)*

A intenção original de atender meninos e meninas

Quando, em 1881, a Irmandade decidiu incluir nos seus Estatutos o objetivo de “asilar e instruir a infância desvalida”, referia-se tanto a meninos quanto a meninas. Renovou essa intenção quando, em 1885, aprovou o regulamento do Asilo da Infância Desvalida da Candelária, detalhando as atividades a serem ali desenvolvidas e especificando as que estavam direcionadas para meninos e para meninas. Anos mais tarde, já de posse das verbas destinadas por Gonçalves de Araújo para um novo Asilo, e quando se decidiu a construir um novo prédio para sediá-lo, a Irmandade cuidou para que ele fosse grande o suficiente para acolher crianças de ambos os sexos, pois essa era a interpretação do que o filantropo havia estabelecido em seu testamento.

Assim, quando, em 16 de julho de 1901, o diretor Ramiz Galvão apresentou seu relatório sobre as providências que havia adotado para o recebimento de seus primeiros alunos e o início das aulas nas novas instalações, informou que estavam prontas as salas de aula e oficinas tanto na ala destinada às meninas, quanto na ala destinada aos meninos. Propunha, ainda, que o colégio começasse a funcionar apenas com uma turma de cada sexo. E acrescentava que apenas estava pendente a construção de um muro que deveria dividir o pátio de recreio, de modo a separar os espaços destinados a meninos e meninas.

Como vimos anteriormente, as circunstâncias obrigaram o diretor a seguir caminho diferente do planejado, adiando o funcionamento da seção masculina do colégio.

Em junho de 1905, finalmente, foram contratados os membros da equipe responsável pela condução da nova seção, composta pelas seguintes pessoas:

- José Maria de Souza Lima, que seria o regente e, de início, o professor do curso primário.
- Mariano Antonio do Amaral, como inspetor.
- Olavo Freire, como professor de Trabalhos Manuais.

Os primeiros meninos

Entre os dias 8 e 10 de junho, entraram no colégio 19 meninos: Cícero Thomaz Pinheiro, Aníbal Corrêa Ramos, Belisário Soares, Umberto Pilotto, Sebastião de Vasconcellos, Almachio dos Santos, Luiz de Castro Monte, Hilário de Lemos, Rubens Breves, Aristóteles Arruda, José Bernardo da Costa, Luiz de Castro Heitor, Juvelino de Castro Heitor, Joaquim Duarte Marques, Mario dos Santos, Nestor Machado, Rodolfo Silva, Pedro Soares e Luiz Joaquim da Silva. Até o final daquele mês, ainda seriam admitidos mais três: Luiz José de Castro, Américo da Silveira Martins e João Francelino Alves de Mello, totalizando 22 meninos.

Era um grupo evidentemente pequeno, mas que deveria ser ampliado para atingir o número de 30 meninos, como estava estabelecido para aquela etapa. Naquela altura, o número de meninas era de 68.²⁴⁶

A inauguração da seção masculina

No dia 11 de junho de 1905, “sem grande aparato, mas com expressiva significação”, como o provedor Lopes de Carvalho registrou no Relatório da Irmandade daquele ano, foi festejada a inauguração da nova seção. Ele também fez questão de registrar, no mesmo relatório, que o ato representava a superação das dificuldades financeiras que encontrara em 1901:

Como se torna evidente, essa medida, há muito requerida, aumentará certamente os encargos da Repartição. Com maiores folgas, porém, para a manutenção do Instituto, consideramos propício o momento e abrimos às crianças do sexo masculino as portas do Asilo.²⁴⁷

A inauguração contou com a presença de convidados, membros da Irmandade e dos internos. Os meninos usaram uniforme de brim bege, enquanto as meninas usaram um vestido em tecido branco, com um laço vermelho no ombro esquerdo. Em seu discurso, Ramiz relembrou o gesto altruísta de Gonçalves de Araújo, a piedosa administração da Irmandade da Candelária e a importância social que representava a missão de resgatar as crianças desvalidas. Suas palavras traduziam sua satisfação em ver cumprido integralmente o propósito do patrono com a admissão de meninos no Asilo: “Raiou finalmente o dia feliz de se ver completo o pensamento generoso do grande Gonçalves de Araújo (...). Urgia, pois, rematar a obra encetada em 1901, e a atual Administração dos Asilos em boa hora quis ter a glória de ligar seu nome a este novo ato de amor.”

Recordou os papéis que a sociedade da época prescrevia para meninos e meninas, homens e mulheres:

Se a mulher é o anjo do lar, se ela com suas virtudes e sua doçura é a base da família e a modeladora do caráter da prole, o homem é na sociedade o braço forte, é a energia cerebral que dirige os destinos dos povos, é o gênio da indústria que fortalece as nações ou do comércio que entretém todas as fontes da riqueza pública. A educação perfeita de um e outro impõe-se, portanto, à sociedade como um problema da mais alta ponderação, nem há no mundo trabalho de maior valia, porque tudo, absolutamente tudo, depende desta preparação das gerações que se sucedem e têm por dever melhorar a obra de seus antepassados (...)

E acaso os infelizes meninos, que a orfandade enlutou e a penúria ameaça aniquilar, são menos dignos do que quaisquer outros do amparo da beneficência? De onde saíram tantos gênios que encheram o mundo de luz senão dos desvãos da pobreza? De onde partiram, senão da quase miséria, tantos industriais ilustres, tantos sábios que dilataram os horizontes da ciência, tantos artistas gloriosos que deram e dão renome à sua pátria? No Brasil, (...) eu pudera citar-vos dezenas desses nomes

aureolados, que subiram merecidamente pelo talento e pela educação às mais distintas posições sociais. Talvez não fosse preciso sair desta sala para oferecer-vos a prova cabal...

(...)

É certo que no Rio de Janeiro são pouquíssimos os asilos destinados ao sexo masculino. A caridade brasileira olhou sempre com mais carinho para o destino da mulher. Enxameiam, entretanto, na cidade os meninos totalmente desprovidos de amparo, forças vivas que se perdem no lodaçal do vício ou da ociosidade, rebentos que fenecem à míngua do orvalho santo da educação.

Ramiz finalizou exortando os novos internos a adotar, no seu novo lar, “a obediência e o amor ao trabalho como primeiras virtudes”, mas também lembrou que estavam ali para aprender, pois “como não se levantam edifícios sem alicerces, não tereis êxito algum no mundo sem aproveitardes a educação”.

Na complementação do ato festivo, foi inaugurado no salão de honra o retrato do provedor Lopes de Carvalho, obra do pintor Maurício Jobim, ocasião em que a menina Maria de Amorim pronunciou um discurso ressaltando os benefícios proporcionados pela instituição e a generosidade do provedor. Foi também descerrada uma placa de mármore, que ficou afixada na parede do corredor do primeiro andar, à entrada da capela, com os seguintes dizeres: “Em 11 de junho de 1905 inaugurou-se a seção masculina do Asilo Gonçalves de Araújo, sob os auspícios da administração da Irmandade do S. S. Sacramento da Candelária, de 1904-1905.” Em seguida vinham os nomes dos membros da administração da irmandade e o nome do diretor do Asilo.²⁴⁸

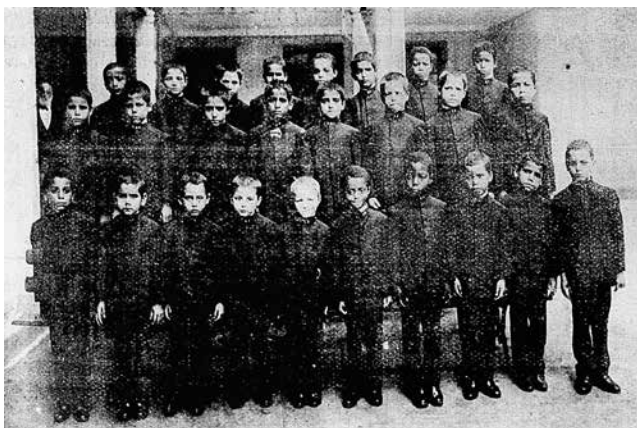
Registros fotográficos

No dia 27 de agosto daquele mesmo ano, poucos meses após a inauguração da seção masculina, o colégio promoveu a festa anual de homenagem ao patrono. Essa festa contou com a honrosa presença do presidente da República, Rodrigues Alves, e ensejou uma histórica cobertura fotográfica em matéria de três páginas da *Revista*

da Semana. Uma delas, abaixo reproduzida, estampa o grupo de meninos, então aumentado para 26 integrantes.

Três anos depois, novamente por ocasião da Festa do Patrono, foi feita uma nova foto do grupo de meninos, desta feita ladeados pelo regente Sousa Lima e pelo inspetor Mariano do Amaral.

Em 1912, ainda por ocasião da Festa do Patrono, foi tomada a última fotografia dos meninos do Asilo na gestão de Ramiz Galvão.



Os primeiros meninos do Asilo, por ocasião da festa do patrono de 1905.²⁴⁹

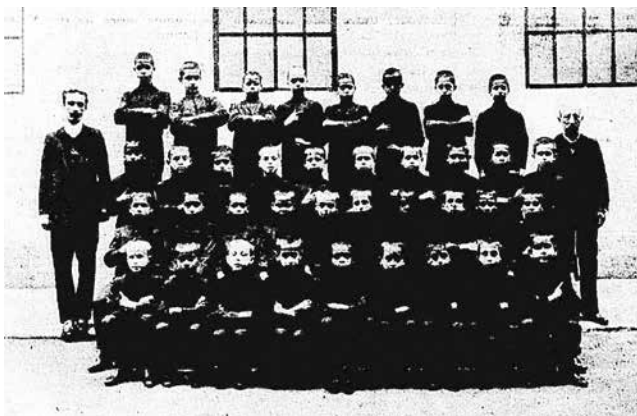
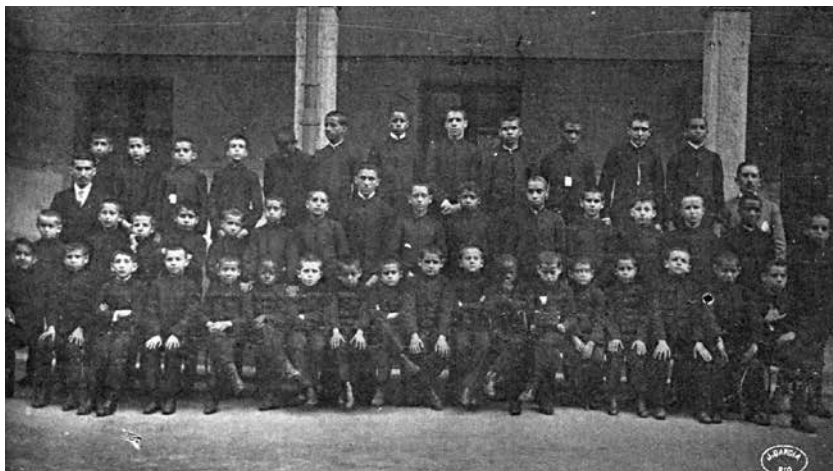


Foto de 1908, vendo-se o grupo de meninos com o regente Sousa Lima (à direita) e o inspetor Amaral (à esquerda).²⁵⁰



Grupo de alunos por ocasião da festa do patrono de 1912, vendo-se o regente e o inspetor.²⁵¹

As realizações da seção masculina

O quadro na página seguinte resume o que foi a curta história da seção masculina em termos do número de meninos que passaram pelo colégio. A partir do grupo inicial de 22 alunos, matriculados em 1905, a quantidade cresceu lentamente, com uma média de cinco alunos adicionais nos primeiros três anos, número bastante pequeno para preencher uma nova sala de aula e para justificar a expansão da quantidade de oficinas.

Ainda assim foi necessário, ano a ano, ampliar a estrutura e o corpo docente, para atender às necessidades dos meninos que se iam adiantando em idade e nos estudos. Como era previsto, deveriam ser incorporados gradualmente os cursos complementares e profissionalizantes, que faziam parte da proposta de formação dos alunos. Isso demandava, além da contratação de professores e mestres, investimentos em equipamentos, máquinas e adaptações nas salas que destinadas às novas atividades.

Seria, entretanto, uma experiência muito distinta da seção feminina. No lado das meninas, o diretor não tinha grandes dificulda-

des para encontrar novas atividades sem ter que fazer investimentos mais onerosos. Além disso, ele identificava entre suas pupilas algumas que desenvolviam melhor suas habilidades e que poderiam ser aproveitadas como mestras das colegas menores.

Quadro XII – Asilo Gonçalves de Araújo				
Movimento de admissão e desligamento de meninos matriculados no Asilo no período 1905-1915				
DE	ATÉ	ADMITIDOS	DESLIGADOS	MANTIDOS
01/07/1904	30/06/1905	22	0	22
01/07/1905	30/06/1906	5	0	27
01/07/1906	30/06/1907	6	0	33
01/07/1907	30/06/1908	4	0	37
01/07/1908	30/06/1909	4	1	40
01/07/1909	30/06/1910	2	2	40
01/07/1910	30/06/1911	10	8	42
01/07/1911	30/06/1912	13	5	50
01/07/1912	30/06/1913	10	7	53
01/07/1913	30/06/1914	3	5	51
01/07/1914	30/06/1915	5	56	0

Fonte: AFBMP; elaboração do autor.

As aulas

Sousa Lima, que no início lecionava para as duas primeiras classes do curso primário, não encontrou entre seus alunos nenhum a quem pudesse confiar o ensino dos mais novos. Assim, no ano letivo de 1909, ele continuava sendo o único professor para as cinco turmas, da 1ª à 5ª classe do primário. Só no ano seguinte Ramiz conseguiu a contratação da professora Olga de Vasconcellos, que assumiu as duas primeiras turmas. Em setembro de 1911, a professora Olga foi substituída por Ildefonso Cisneiros, e este, mais tarde, pelo pro-

fessor Haroldo Limoeiro. Souza Lima continuou sempre encarregado da 3ª, 4ª e 5ª classes. Extremamente dedicado, ainda achou tempo para oferecer aulas de ginástica, aproveitando os aparelhos doados por um dos membros da Irmandade.

Além das aulas do curso primário, funcionou desde o início o curso de Trabalhos Manuais, cujo responsável foi o professor Olavo Freire.²⁵² Era considerado uma etapa preparatória para os trabalhos das oficinas que se abririam posteriormente. No curso, os alunos produziam principalmente trabalhos de cartonagem, como pastas e caixas de papelão.

Também estava na categoria de curso preparatório o de Desenho. Mas este só foi iniciado em abril de 1909, com o professor Claudionor Valle de Oliveira, sobrinho do ex-provedor Júlio César de Oliveira. O curso, entretanto, teve curta duração, sendo reinaugurado apenas em setembro de 1911, com o professor Braz de Vasconcellos.

A oficina tipográfica

Em seu relatório de 1906/7, Ramiz lembrava que “na seção masculina não há por enquanto oficinas, mas é absolutamente indispensável que a Administração cuide de iniciá-las, porque os meninos estão chegando à idade de começar a sua educação profissional. Penso que uma pequena oficina tipográfica pode ser montada sem largo dispêndio”.²⁵³

Com as doações de dois membros da Irmandade, Ramiz pôde inaugurar a oficina em 10 de janeiro de 1909. Fez questão de coincidir esse ato com a festa de encerramento do ano letivo de 1908, pois entendeu que aquele era o momento ideal para homenagear os benfeitores que o ajudaram na realização do seu projeto e para assinalar aos pequenos internos a importância da nova conquista.

No discurso que fez na ocasião, ele enalteceu o gesto do Sr. Júlio Ottoni, membro da Irmandade, que havia oferecido todo o equipamento tipográfico necessário para o funcionamento da oficina, assim como a do comendador Gonçalves Guimarães, que havia custeado o revestimento do piso e das paredes do espaço onde iria

funcionar a oficina. O comendador Guimarães, além disso, assumiria, durante algum tempo, o pagamento dos honorários do mestre contratado para dirigir a oficina, o Sr. Carlos de Siqueira Porto, que trabalhava no conceituado jornal *Gazeta de Notícias*.

A eles, assim se referiu o agradecido diretor:

Um distinto patricio nosso, o Sr. Dr. Júlio Benedito Ottoni, é felizmente dos que aliam à grandeza da alma a lúcida concepção do quanto importa preparar o futuro da nação pela prosperidade de sua indústria, pela educação profissional de seus filhos e pela salvação dessa grande coorte de pobres e deserdados da sorte, que só na escola e na oficina se podem fazer cidadãos prestantes. Guiado por este pensamento caridoso e patriótico a um tempo, acaba de prestar ao Asilo Gonçalves de Araújo o insigne e extraordinário serviço de montar para as crianças a oficina que hoje se inaugura, e que vai funcionar sob a proteção do nome de seu venerando pai, o benemérito e saudoso conselheiro Cristiano Benedito Ottoni, luminar da engenharia brasileira e do magistério, gigante do trabalho e modelo da honra. Os meus jovens asilados não poderiam encontrar um tipo mais perfeito e mais digno de imitação para lhes guiar os passos: o saber, a atividade e a virtudes, estas três prendas raras, concretizadas todas na pessoa do imortal iniciador da Estrada de Ferro Central do Brasil.

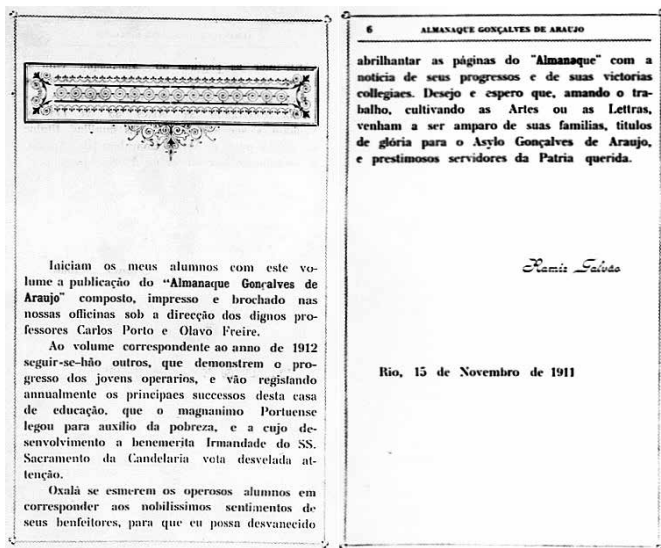
E, mais adiante:

E como os belos rasgos de generosidade e altruísmo nunca aparecem isolados, eis que à fecunda iniciativa do Sr. Dr. Júlio Ottoni se veio juntar a valiosa colaboração do nosso prezado comendador José Gonçalves Guimarães, atual procurador dos Asilos, outro coração de ouro, outro caridoso amigo dos pobres, que tomou a si o preparo condigno desta sala e a aquisição preciosa de um hábil mestre para o ensino da arte.

Em seus relatórios anuais, Ramiz sempre deu destaque aos trabalhos realizados pelos meninos nas oficinas. De tudo o que foi ali produzido, contudo, o mais representativo foi o *Almanaque Gonçalves de Araújo*. A primeira edição foi relativa ao ano de 1912, e dela restam raros exemplares, um na biblioteca da Irmandade e outro na Biblioteca Nacional. De acordo com os relatórios anuais da institui-

ção, outros almanaques teriam sido produzidos nos anos de 1913 e 1914, mas desses não se pôde localizar nenhum exemplar.

Além da edição do Almanaque, a Oficina Tipográfica se dedicava a executar diversos tipos de impressos para atender às necessidades do próprio colégio, da Irmandade ou mesmo de terceiros. Também editou, em 1910, o livro *Lendas e Variedades*, de autoria do então capelão do Asilo, cônego Francisco Bernardino de Sousa.



*Páginas de apresentação do primeiro Almanaque.*²⁵⁴

Apesar da importância que Ramiz dava à essa oficina, ela efetivamente ocupava poucos internos, uma vez que, além da idade mínima, era preciso estar relativamente avançado nos estudos. Outro problema era o desligamento antecipado. Nos primeiros anos, a oficina funcionou com cerca de sete a dez alunos, embora no ano de 1914 tivesse alcançado 14 inscritos. Esteve sempre sobre a orientação do mestre Carlos Siqueira Porto.

A oficina de Alfaiataria e a banda de música

Em 1911, a seção dos meninos caminhava para seu sexto ano de funcionamento. Os primeiros meninos, admitidos com sete e oito anos, já estavam com 13 ou 14 anos. Precisavam de mais opções de ocupações, que despertassem o seu interesse e lhes pudesse servir de ganha-pão quando dali saíssem. Em março daquele ano, Ramiz expôs a situação ao provedor:

Afora algumas horas de classe, um bom número de alunos fica sem ocupação definida durante certa parte do dia. É, pois, de alta conveniência dar-lhes ocupação séria, não só porque isto alimentará neles o salutar hábito do trabalho, como também porque assim se lhes aumentará a soma de habilitação práticas, que tem de servir de base à sua existência futura. É, aliás, o que fazemos e conseguimos na seção feminina do Asilo, ondo todo o tempo é utilmente aproveitado, e por isso mesmo a disciplina é mais regular.

Rogo pois a V. Exa. se digne habilitar-me a inaugurar para os meninos a oficina de alfaiataria, cuja montagem é pouco custosa, cujo exercício é compatível com a idade de muitos deles (13 a 15 anos), e que terá a dupla utilidade de lhes ser proveitosa para uso pessoal e de facilitar mais tarde alguma renda por obras feitas para fora. (...)

Faz-se igualmente necessário inaugurar ali o ensino da Música instrumental, para o que bastará a compra de alguns bancos e estantes modestas e a aquisição de um professor, porque os instrumentos da banda já os possuímos há cerca de um ano, oferecidos gentilmente pelos dignos irmãos comendador Dias Garcia e conde de Villela. O aprendizado desta arte é de grande valor, porque ela, além de poder constituir uma ganha-pão futuro para os alunos que tiverem aptidão especial, proporcionará igualmente ao Asilo alguma renda, como acontece no Instituto Profissional João Alfredo. (...) ²⁵⁵

São ônus, a que o Asilo não pode fugir desde que abriu a seção masculina, porque urge dar trabalho e oficinas a estes meninos pobres, de cuja educação se incumbiu. As necessidades crescem à proporção que os alunos avançam em idade, e não é lícito a um instituto desta natureza deixar de atender a todas elas com a devida solicitude, sob pena de falharmos à nossa missão.

A montagem da oficina de alfaiataria e da aula de Música poderia, aliás, ser realizada sem sacrifício do Asilo, se encontrarmos dois irmãos beneméritos que desta despesa se incumbissem, como tive a fortuna de achar no coração caridosos dos ilustres irmãos Dr. Júlio Ottoni e comendador José Gonçalves Guimarães, os quais nos obsequiaram com o preparo completo da oficina tipográfica há cerca de três anos.

Não ousou este momento apelar para nenhum deles em particular, mas é quase certo que V. Exa. os encontre entre os seus próprios colegas de administração, porque em todos palpita um coração generoso e rico de nobilíssimos sentimentos.

Conseguido este notável benefício, só ficaria pesando sobre o orçamento do Asilo a despesa subsequente com o pessoal de mestres.²⁵⁶

As propostas do diretor foram atendidas e as oficinas começaram a funcionar em pouco tempo. A de Alfaiataria, em junho de 1911, entregue inicialmente aos cuidados do mestre Manuel Coutinho Amorim (pai da aluna Maria Amorim), seria depois comandada pelo mestre J. Jacinto Nunes. Muitos dos membros da Irmandade, assim como faziam com relação às oficinas da seção feminina, doavam tecidos e outros itens necessários para os trabalhos que ali se desenvolviam. Diferentemente da tipografia, a maioria dos alunos seria inscrita nas aulas de Alfaiataria. A partir de então, a roupa de uso dos meninos passou a ser feita nessa oficina.²⁵⁷

Finalmente, em novembro de 1911, foi inaugurada a aula de Música Instrumental, com o professor José Joaquim dos Santos Lima.²⁵⁸

Com base nas aulas de Música Instrumental, chegou-se a formar uma banda que, em 11 de agosto de 1908, por ocasião da Festa do Patrono, se apresentou pela primeira vez. Nessa ocasião eles executaram o Hino de Araújo, segundo a partitura do maestro Francisco Braga, com acompanhamento das meninas, que cantaram os versos compostos por Ramiz Galvão.

Ramiz procurou dar aos meninos as mesmas oportunidades que dava às meninas desde o início das atividades do colégio, seja como auxiliares de ensino ou em outras atividades. E embora sentisse necessidade, principalmente, de quem pudesse auxiliar o regente Souza Lima nas suas funções como professor, parece não ter

encontrado candidatos aptos para tal, embora vários deles tenham sido elogiados por excelente desempenho escolar. Não obstante, em 1907, nomeou para sacristão da capela o menino Renato Leal, que, naquele ano, havia sido também o escolhido para o prêmio do padre Séve, e que ainda se destacaria conquistando vários outros prêmios enquanto esteve no colégio.

A equipe de pessoal da seção masculina

Estiveram a serviço da seção masculina as pessoas mencionadas no quadro a seguir.

Quadro XIII – Asilo Gonçalves de Araújo			
Professores, mestres e funcionários da seção masculina: 1905-1915			
NOME	CARGO	ENTRADA	SAÍDA
José Maria de Souza Lima	Regente e prof. primário	1905	1915
Mariano Antonio do Amaral	Inspetor	1905	1911
Afonso Diniz	Inspetor	1911	1911
Acácio Piques	Inspetor	1911	1912
Raimundo Nonato de Souza Lima	Inspetor	1912	1912
Manuel Philipe de Oliveira	Inspetor	1912	1915
João Batista de Azevedo	Inspetor	1912	1913
Silvério D'Onnel Batista	Inspetor	1913	1915
Olga de Vasconcelos	Professora primária	1910	1911
Ildefonso Cisneiros	Professor primário	1911	1912
Haroldo Limoeiro	Professor primário	1912	1915
Olavo Freire da Silva	Prof. de Trabalhos Manuais	1905	1915
Olavo Aguiar	Prof. de Trabalhos Manuais	1911	1912
Claudionor Vale de Oliveira	Prof. de Desenho	1909	1909
Braz de Vasconcelos	Prof. de Desenho	1911	1915
Manoel Coutinho Amorim	Mestre de Alfaiataria	1911	1911
J. Jacinto Nunes	Mestre de Alfaiataria	1911	1915
Carlos de Siqueira Porto	Mestre de Tipografia	1909	1915
José dos Santos Lima	Mestre de Música Instr.	1911	1915

Fonte: AFBMP. Relatórios anuais. Elaboração do autor.

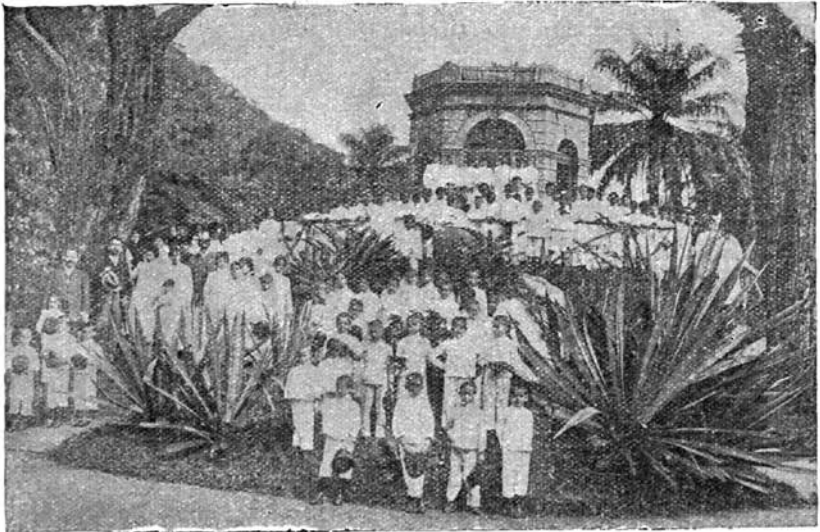
Desse grupo, além dos professores de desenho, já mencionados em capítulo anterior, e do mestre de alfaiataria (pai da aluna Maria Amorim), vale destacar o nome do professor de trabalhos manuais, Olavo Freire da Silva, que atuou durante os dez anos de funcionamento da seção masculina, tendo sido admitido como membro da Irmandade em 1907. Nascido em 10 de maio de 1869 no Rio de Janeiro, foi professor da Casa de São José e da Escola Normal, e já possuía uma larga lista de livros publicados quando foi convidado por Ramiz a lecionar no Gonçalves de Araújo. Seu livro *Primeiras noções de geometria prática*, cuja primeira edição datava de 1894, foi reeditado inúmeras vezes, até mesmo após a sua morte, em 1941. Olavo Freire foi também geógrafo, com importantes trabalhos publicados para o ensino dessa matéria, o que lhe renderia um artigo de Noronha Santos, publicado em 1946.²⁵⁹

Entretanto, sobre a figura mais importante da seção masculina, o regente Souza Lima, são muito escassas as informações disponíveis. De acordo com os jornais da época, encontramos apenas referências sobre sua aprovação em um curso de desenho geométrico, no Liceu Literário Português, em 1900, e de que seria, em 1903, diretor de um pequeno colégio localizado na rua Araújo.²⁶⁰ Por ter sido admitido como membro da Irmandade da Candelária, em 1907, encontramos em sua ficha a informação de ter nascido na cidade de Mariana, em Minas Gerais, filho de Raimundo Nonato de Souza e Rita Conceição Pereira de Souza. Constava ter então 30 anos, sugerindo ter nascido por volta de 1877. Consta também na ficha ter falecido em 16/02/1920. É provável que Raimundo Nonato de Souza Lima, acima relacionado como inspetor que atuou no ano de 1912, possa ter sido seu pai ou irmão.

A convivência entre meninos e meninas

Os relatórios da época revelam que meninos e meninas participavam juntos de vários eventos, dentro e fora do colégio, como o passeio ao Jardim Botânico. Ambos os grupos recebiam orientação religiosa, com a preparação para a comunhão e a crisma, além

da presença em atos litúrgicos fora do colégio. Em julho de 1908, por exemplo, 62 crianças, sendo 23 meninos e 39 meninas, foram crismadas pelo Cardeal Arcoverde na capela do Asilo. Em abril de 1909, foram todos em bondes especiais assistir à missa de coroação de Nossa Senhora na Candelária. E todos os anos, geralmente em dezembro, grupos de meninos e meninas faziam a primeira comunhão.



NO JARDIM BOTANICO — Um *pic-nic*, oferecido pela benemerita administração do Asylo Gonçalves Araujo aos asylados de ambos os sexos. Festa presidida pelo Dr. Ramiz Galvão, um dos nossos melhores educadores. Foi um dia memoravel esse, em que aquellas almas infantis tiveram a maior alegria, sob as copas das arvores daquelle horto notavel, instituido por D. João VI.

*Meninos e meninas do Asilo em passeio no Jardim Botânico.*²⁶¹

Ramiz também cuidava de fazê-los participar de eventos de interesse geral, principalmente daqueles em que estivessem presentes elementos de valoração da cidadania ou do progresso cultural do país. No final de outubro de 1908, levou a todos, em bondes especiais e com passagens gratuitas na barca da Cantareira, para visitar a Exposição Nacional, que se realizou na Praia da Saudade.

Quando não era possível levar a todos, Ramiz levava um grupo que os representasse. Como fazia com as visitas anuais, no Dia de Finados, ao túmulo do patrono e de outros membros da Irmandade, no Cemitério de São Francisco Xavier. Ou na grande homenagem oferecida pela população do Rio de Janeiro ao barão do Rio Branco, em abril de 1909, ocasião em que também enviou ao homenageado um documento em papel pergaminho impresso na oficina do Asilo.

Também eram sempre lembrados por muitos dos membros da Irmandade da Candelária, que lhes destinavam presentes como alimentos, tecidos e outros materiais para uso nas oficinas, dinheiro para premiações, etc. Alguns até mesmo para diversão das crianças, como foi o caso de Antonio Moreira Coutinho, que enviou 36 espingardas para brinquedo dos meninos, e D. Elisa Mesquita, que doou vários objetos e roupas para o folguedo carnavalesco dos meninos.

Quanto à participação dos meninos nas festas solenes do colégio, os registros feitos pelo diretor em seus relatórios anuais resumiram-se ao recebimento de prêmios no final do ano letivo (festa de premiação) e à apresentação da banda. E, embora poucas vezes tenha se referido, nos primeiros 15 anos de sua gestão, à exposição de trabalhos das oficinas, fez constar que, por ocasião da Festa do Patrono de 1910, foram expostos trabalhos da seção masculina.²⁶²

O problema da evasão escolar

Uma das razões para o fracasso da seção masculina foi que, além do pequeno acréscimo de novos alunos a cada ano, o grupo era afetado pelas saídas precoces, antes de atingir a idade regulamentar. Por exemplo, dos 22 que entraram em 1905, e que deveriam concluir sua permanência em 1914/5, ao atingirem a idade limite, apenas nove (menos da metade) cumpriram esse quesito. Esse movimento produzia, como resultado, um esvaziamento das turmas mais avançadas, inclusive dos cursos profissionalizantes que o diretor tanto se empenhava em instalar.

Uma provável explicação para tal comportamento é que esses meninos, assim que aprendiam a ler, escrever e dominar alguma aritmética, já passavam a ser considerados, pelas suas famílias, como habilitados para buscar trabalho e capazes de contribuir para o sustento dos irmãos menores. Tal possibilidade passava a influir na postura dos meninos com relação ao Asilo. Evidentemente, interromper prematuramente os estudos era jogar fora as possibilidades de um futuro mais promissor. Mas, para muitos deles, o curto prazo tinha um forte significado, pois, ainda que fossem pequenos os ganhos financeiros que poderiam obter, significava recuperar a liberdade de ir e vir e de retomar o convívio familiar. E, como o regulamento do colégio estabelecia restrições à saída prematura, não poucos adotavam procedimentos que motivassem sua expulsão.

Esse era um fenômeno bem conhecido do diretor. Em 1914, quando exercia o cargo de Diretor da Instrução Municipal, foram publicados vários mapas estatísticos sobre o sistema educacional da cidade. Valem como exemplo os dados da tabela na página a seguir, que agregam, para a cidade do Rio de Janeiro, por idade, o número de meninos e meninas matriculados no mês de novembro de 1913 na rede pública municipal da capital.

Como se pode ver na parte da tabela que se refere aos cursos diurnos, as matrículas se reduzem sensivelmente logo a partir dos nove anos de idade, o que permite interpretar que os pais consideravam essencial apenas o aprendizado da leitura e de outros conhecimentos básicos. A evasão aumenta significativamente à medida que as crianças crescem, e esse comportamento é muito mais intenso no que diz respeito aos meninos. Se, nos primeiros anos de escola, meninos e meninas dividiam as salas de aula em igualdade de número, essa proporção passa a cair continuamente nos anos seguintes. Os meninos matriculados com mais de 14 anos representavam apenas 8% (72 / 885) dos alunos que frequentaram as aulas naquele período, contra 92% (813 / 885) no caso das meninas.

Com relação à frequência nos cursos noturnos (que eram muito poucos, diga-se), os dados sugerem que parte dos meninos tentava

prossequir seus estudos nesse tipo de escola, especialmente os mais velhos. O número de meninos cima dos 14 anos (e seguramente muitos adultos contavam-se entre eles) que frequentava os cursos noturnos era significativamente maior do que os estudavam durante o dia (2.873 / 72).

Quadro XIV – Asilo Gonçalves de Araújo						
Alunos matriculados no ensino municipal da cidade do Rio de Janeiro em novembro de 1913, segundo a faixa etária e os cursos que frequentam						
IDADE	CURSOS DIURNOS			CURSOS NOTURNOS		
	MENINOS	MENINAS	SOMA	MENINOS	MENINAS	SOMA
6	3.628	4.023	7.651	11	10	21
7	5.110	4.705	9.815	28	11	39
8	5.266	4.363	9.629	51	9	60
9	3.754	4.047	7.801	58	23	81
10	3.242	4.044	7.286	142	53	195
11	2.277	3.500	5.777	118	79	197
12	1.630	2.970	4.600	130	139	269
13	778	2.098	2.876	117	127	244
14	325	1.248	1.573	767	177	944
>14	72	813	885	2.873	828	3.701
SOMA	26.082	31.811	57.893	4.295	1.456	5.751

Fonte: Subdiretoria de Estatística Municipal.²⁶³ Elaboração do autor.

Problemas disciplinares e o encerramento da seção masculina

Problemas com a disciplina também afetaram o adequado funcionamento da seção masculina. O diretor se referiu a essa questão no Relatório de 1910/1911, quando “grandes contrariedades” o levaram a propor a expulsão de seis meninos. Dois anos depois, novos problemas e novas expulsões, além de ter de substituir os dois inspetores da seção masculina. Por conta dessas ocorrências, Ramiz che-

gou mesmo a propor a alteração do regulamento do Asilo, de modo a que meninos e meninas passassem a ser dispensados ao cumprir 16 anos.²⁶⁴ Ou seja, ele via nos meninos e meninas de mais idade o foco dos problemas disciplinares, pois considerava essas ocorrências como uma estratégia para antecipar sua saída do colégio.

O regulamento não foi modificado e os problemas de disciplina se agravaram em 1914, levando a administração a adotar uma solução radical. A 11 de janeiro de 1915, Ramiz apresentou ao provedor Mario Nazareth a proposta de fechamento da seção masculina do Asilo. Nesse texto, revelava sua decepção com os resultados alcançados pelos meninos que por ali haviam passado e apontava as razões que acreditava terem sido responsáveis por gerar tais resultados. Alegava, ainda, que a situação não lhe abria alternativas.²⁶⁵

Nestes nove anos decorridos de 1905 a 1914, acompanhando cuidadosamente os trabalhos do estabelecimento, sinto chegar à conclusão, ditada pela experiência, de que foi uma utopia irrealizável a perfeita educação de meninos e meninas dentro do mesmo estabelecimento. Por maior que tenha sido a vigilância dos regentes do Asilo, por maior que tenha sido o empenho de separar totalmente os dois sexos, a vizinhança deles no atual edifício dá lugar a transgressões de disciplina, que perturbam seriamente a ordem indispensável numa casa de educação. Não houve, é certo, até hoje delitos de alta gravidade no que respeita à Moral; mas houve, há e haverá com esta aproximação, e com as comunicações inevitáveis, enxaças [oportunidades] de distração perniciosas, que é forçoso evitar para colherem os alunos do Asilo os frutos que ele pode e deve dar.

Por outro lado, também demonstrou a experiência de nove anos que, apesar de todo o esforço empregado, só três alunos do sexo masculino chegaram a completar o seu curso, já por sermos obrigados a desligar prematuramente asilados de péssimo procedimento, já por se atrasarem eles no curso, que é composto de seis classes, e atingirem, portanto, a idade do desligamento sem haverem completado o referido curso.

O desligamento prévio, a que acima me referi, tem dois fatores, ambos reais e inevitáveis: o primeiro é a ânsia pela liberdade, que se manifesta no princípio da puberdade dos rapazes, e que os incita a rebeldias tais que provocam a expulsão; o segundo é a própria ação das famílias in-

sensatas dos alunos, que, baldas de recursos pela maior parte, os aconselham a provocar essa expulsão, esperando que eles, lá fora, com seu trabalho, as ajudem a viver. Tenho disto mais de uma prova.

Há ainda um terceiro argumento de valor, que não devo calar. Na seção masculina a disciplina é forçosamente imperfeita, e, portanto, falha a educação, porque não há meio de encontrar, pelo ordenado mesquinho de 120\$000 mensais, homens educados que desempenhem satisfatoriamente a função de inspetor, com os incômodos e com a prisão a que semelhante emprego obriga. Inspetoras boas, temos tido; em nove anos ainda não logrei achar um só inspetor idôneo.

Em tais circunstâncias, Sr. Provedor, a seção masculina do Asilo não corresponde aos sacrifícios feitos pela Irmandade, lastimo dizê-lo. Eis o que me induz a propor a sua supressão desde já, concluídos como se acham os exames de 1914 e antes de se encetar o novo ano letivo.

Enquanto forem menos satisfatórias as condições econômicas do estabelecimento por motivos de ordem geral que todos reconhecem, a ala direita do estabelecimento poderá manter-se desocupada em parte; quando tais condições readquirirem a sua normalidade, todo o edificio poderá ser aproveitado para desenvolver a seção feminina, onde os frutos colhidos têm sido notórios, e onde poderão ser muito maiores, desde que para ela convirjam todas as forças do orçamento.

De fato, poderão aí instalar-se novas oficinas para o sexo feminino, coisa atualmente impossível na seção ocupada; e ninguém ignora quanto se faz hoje indispensável abrir novos horizontes à atividade da mulher, chamada a vários officios e misteres, que outrora lhe eram vedados.

Acresce outra consideração igualmente valiosa. No edificio do Asilo, dividido em duas seções como tem estado até aqui, o que nele resta para desenvolver as oficinas para o sexo masculino é pouquíssimo, ficando, portanto, a Administração coagida a limitar-se em um círculo estreitíssimo, que não pode corresponder aos elevados intuitos da Irmandade nem às necessidades sociais.

Conseqüentemente, Sr. Provedor, militam a favor do fechamento da seção masculina três argumentos todos poderosos: 1º a necessidade imprescindível da disciplina; 2º o insuficiente resultado colhido até hoje nessa seção em nove anos de trabalho; 3º a conveniência de se dar à seção feminina o maior desenvolvimento compatível com os nossos recursos e com o progresso industrial do país.

Aceita pela benemérita Irmandade esta proposta, e modificado o nosso Regulamento, assim nesta como em alguns outros pontos mercedores

também de retoque de acordo com as lições preciosas da experiência, acredito que o Asilo Gonçalves de Araújo poderá ser um estabelecimento modelar, sem os graves senões e contratempos, a que a atual organização infelizmente dá lugar.

Parece-me que destarte honraremos melhor o legado do imortal fundador. V. Exa., entretanto, a ilustrada Administração e digno Capítulo resolverão certamente o que for mais acertado.

O assunto foi amplamente discutido nas instâncias administrativas da Irmandade, tendo a Comissão de Regulamentação e Reformas corroborado integralmente a exposição do diretor. Naquela oportunidade, foi também acatada a proposta de reduzir a idade máxima para permanecer no colégio para 16 anos.²⁶⁶

Por sua vez, o provedor Mario Nazareth registrou as suas ponderações e os motivos que levaram a administração a adotar a drástica decisão:

Eu tive o cuidado de estudar a questão, confabulei com diretores de estabelecimentos de educação com crianças de ambos os sexos, especialmente com o Diretor de um Asilo – A Escola Premonitória 15 de Novembro, dirigida pelo Exmo. Sr. Franco Vaz, um dos espíritos mais lúcidos, talento dos mais aprimorados por sólida ilustração, educador que se vem batendo, desde os bancos acadêmicos, pela educação à infância e cujos livros têm sido lidos pelos estudiosos como um manancial de informes seguros, sob o ponto de vista didático.

Pois bem, esse notável educador também é da minha opinião, e cheguei à conclusão de que era difícilimo manter, num só edifício, e este mesmo pouco adequado as seções masculina e feminina, sob pena de com uma prejudicar a outra, neutralizando os efeitos da obra meritória de Gonçalves de Araújo.²⁶⁷

A destinação dos meninos

Quando foi tomada a decisão de encerrar a seção masculina, estavam ali matriculados 48 alunos. Desses, quatro haviam sido incorporados no segundo semestre de 1914. Alguns poucos estavam em idade de se retirar, como o jovem Philomeno Valadares, que de-

pois de desligado foi contratado por Ramiz para exercer o ofício de sacristão na capela do Asilo, tendo permanecido nessa função até 1919, quando atingiu 21 anos de idade.

Entendeu a administração da Irmandade avaliar caso a caso a situação desses alunos, e, com base nessa avaliação, deu-lhes encaminhamentos diferenciados: dois foram desligados por faltas graves; um abandonou o colégio; 29 foram devolvidos aos pais ou responsáveis (vários já haviam alcançado a idade de 17 anos, novo limite para permanecer no colégio); e, finalmente, outros 17 foram matriculados, às expensas da Irmandade, no Colégio Santa Rosa, em Niterói. Foram eles: Claudionor Medeiros, José Caetano Pinto, Lair Rippel, Djalma Rippel, João Nunes Fonseca, Guilherme Bibiani, Emilio Viana, Modesto Canedo, Agostinho Pinto, Henrique Bull, Geraldo Magalhaes, Mauricio de Carvalho, Manuel Francisco, José Gouveia, Francisco Ramos, Arlindo da Costa Carvalho e Oswaldo Christupp.

O Colégio Santa Rosa havia sido fundado em 1883 por uma missão de padres salesianos enviados por São João Bosco ao Brasil. Logo depois eles fundariam também o Liceu Coração de Jesus, na cidade de São Paulo, em 1885, e o Colégio São Joaquim, em Lorena (SP). Era, portanto, uma congregação cuja missão estava voltada para a formação de jovens.²⁶⁸

A escolha dessa instituição foi assim justificada pelo provedor:

Não havia para os meninos melhor asilo do que o Colégio dos virtuosos padres salesianos de Santa Rosa, ótimos educadores que ministram o ensino elementar conjuntamente com o profissional, tendo eu informações seguras do carinho com que as crianças são ali tratadas e da competência dos professores e administradores.

Lá estão 16 alunos que haviam ficado no Asilo, pois os demais foram reclamados por suas famílias, como expõe o Sr. Dr. Ramiz Galvão em seu relatório.

No Asilo Araújo, não poderia ter aplicação prática o ensino profissional completo, pois não havia espaço para se instalar outras oficinas além da alfaiataria, tipografia e encadernação; em Santa Rosa eles terão oficinas de carpintaria, ferraria etc., que são de maior utilidade e a que as proporções do grande edifício dão margem.

O Santa Rosa estava instalado em Niterói e funcionava em regime de internato e externato, com os cursos ginásial, preliminar e profissional. Como era uma escola paga, o Asilo Araújo assumiu o compromisso de contribuir com o valor de Rs 70\$000 (setenta mil réis) mensais por aluno. Também se responsabilizaria por eventuais despesas extraordinárias por motivos de saúde, e deveria recebê-los nos períodos de férias do colégio ou indicar os responsáveis a quem deveriam ser entregues.²⁶⁹

Com o encerramento da seção masculina, foram dispensados os respectivos professores e mestres, assim como o regente e os dois inspetores. Ramiz elogiou especialmente o trabalho do regente, “cujas qualidades intelectuais e morais (...) só não deram o fruto que todos ambicionávamos por circunstâncias alheias à sua vontade. Para que o êxito correspondesse a seus méritos e esforços, era preciso que outras fossem as condições do edifício, era mister que encontrasse sempre colaboradores idôneos e leais ao pessoal que trabalhava sob sua imediata direção – e só quem labuta nesta missão sabe quanto isso é difícil de encontrar no meio em que vivemos”.²⁷⁰

Ecos da seção masculina

Ainda durante o primeiro ano na nova instituição, uma tragédia ocorrida no dia 26 de outubro de 1915 levou à morte o menino Claudionor Medeiros. Ele foi um dos 27 alunos do colégio vitimados no afundamento da barca Sétima, que fazia a travessia de Niterói para o Rio de Janeiro. Segundo os jornais da época, 328 alunos do colégio estavam a bordo.²⁷¹ A grande maioria se salvou, mas infelizmente 27 meninos e um professor não tiveram a mesma sorte. O corpo de Claudionor só foi encontrado vários dias depois do acidente. A Irmandade pagou o seu funeral.

Menos trágico, mas igualmente triste, foi o histórico do desempenho da maioria dos meninos enviados pela Irmandade. Com base na correspondência trocada entre o diretor daquela instituição e o provedor, o desempenho escolar e disciplinar não parece ter sido

muito diferente do que tinha ocorrido no Asilo. O fato de estarem em um colégio pago e sob os cuidados de uma congregação religiosa tradicional na área da educação, com 30 anos de experiência apenas naquela unidade, contando com uma equipe mais numerosa e experimentada, em um espaço ainda mais amplo, nada disso parece ter proporcionado os estímulos suficientes para que se dedicassem aos estudos. Quase sempre identificados por seu pouco interesse em estudar, falta de dedicação nas oficinas e mau comportamento, acabariam por deixar a nova instituição antes de concluírem seus cursos. No segundo semestre de 1918 restavam apenas seis, que foram reduzidos para três ao final de 1919, para dois em 1920 e apenas um em 1921.²⁷²

Ramiz Galvão ainda chegou a lembrar à Irmandade a necessidade de reabrir a seção masculina. Foi por ocasião de seu discurso na Festa do Patrono realizada em 15 de outubro de 1922. Nessa oportunidade, dirigindo-se à figura de Araújo, mencionou:

Tua bela obra de amor às crianças, o formoso instituto que deste à terra brasileira, crescerá para consolo de muitas mães infelizes, que na penúria ou na triste viuvez deploram a impossibilidade de educar as filhinhas de seu coração. E um dia, quando esta mesma árvore atingir o auge do vigor e da opulência, graças à solicitude dos teus irmãos da Candelária, nesse dia se completará o teu formoso ideal, abrindo-se novo templo de educação profissional para o sexo masculino, que é o menos amparado nesta grande metrópole. São aqui de fato numerosos os estabelecimentos pios, em que se educam meninas pobres e desamparadas; mas seus irmãozinhos, vítimas da mesma penúria, não são por ventura merecedores de igual solicitude cristã?²⁷³

Os equipamentos que pertenciam à seção masculina foram vendidos nos anos seguintes. Os instrumentos da banda foram destinados ao Hospital dos Lázarus, e o material da antiga Oficina Tipográfica foi alienado.²⁷⁴

Ao longo do período em que funcionou a seção masculina do Asilo Araújo (1905-1915), por lá passaram 84 meninos, cuja relação vai publicada ao final.

Dos poucos registros que logramos localizar sobre o futuro desses jovens, vale destacar o de Eros Minucci, que em 1942/43 foi admitido como membro da Irmandade. Minucci, que era guarda-livros, chegou a participar da festa de encerramento do ano letivo de 1944, na seção feminina.²⁷⁵

A seção masculina seria reaberta somente no ano de 1940, em Teresópolis, transferindo-se mais tarde, em 1952, para um prédio na rua Teixeira Júnior, em São Cristóvão.

Notas

- 246 AFBMP. Relatório 1904/05, p. 151 e segs.
- 247 AFBMP. Relatório 1904/05, pp. 44-5.
- 248 AFBMP. Relatório 1904/05, pp. 181 e segs.
- 249 *Revista da Semana*, 10/09/1905, pp. 10-12.
- 250 *Gazeta de Notícias*, 09/08/1908, p. 3.
- 251 *Fon-Fon*, 17/08/1912, p. 43.
- 252 Exceto no período 1911-1912, em que esteve licenciado e foi substituído pelo professor Olavo Aguiar.
- 253 AFBMP. Relatório 1906/07, p. 81.
- 254 *Almanaque Gonçalves de Araújo para 1912*, pp. 5 e 6.
- 255 Refere-se ao antigo Asilo da Criança Desvalida, mantida pelo governo, cuja banda de música era amplamente requisitada para tocar em eventos públicos e mesmo privados. Havia sido ali que se revelaram, quando aluno, os dotes musicais de Francisco Braga.
- 256 AFBMP. Correspondência. 1911. Ref. 014.C.01143.
- 257 AFBMP. Relatório 1911/12, p. 2.
- 258 *Idem, idem*.
- 259 Santos, Noronha. "Olavo Freire e os estudos geográficos". *Anuário Brasileiro de Literatura*, 1943/1944, p. 255.
- 260 *Jornal do Brasil*, 14/12/1900, p.3 e *Gazeta de Notícias*, 26/11/1903, p. 3.
- 261 *O Malho*, 18/08/1906, p. 77.
- 262 AFBMP. Relatório 1910/11, p. 22.
- 263 *O País*, 22/07/1914, p. 10.
- 264 AFBMP. Relatório 1910/11, p. 49 e Relatório 1912/13, p. 149.
- 265 AFBMP. Correspondência. 1915. Ref. 014.C.01147.
- 266 A decisão de encerrar a seção masculina suscitou alguma oposição e o tema chegou mesmo a ser levado à imprensa. Os jornais *A Noite* (31/01/1915, p. 1, 04/02, p. 4 e 06/02, p. 3) e *A Época* (18 e 23/02/1915, p. 1) deram publicidade ao assunto.
- 267 AFBMP. Relatório 1914/15, pp. 81 e segs. O jovem O. Christupp não foi mencionado no relatório de Ramiz Galvão, mas seria mencionado nas correspondências posteriores entre o Santa Rosa e a Irmandade.

- 268 Taraciuk, Denise Campello. “Memorial Histórico: Cronologia do Colégio Santa Rosa: 1883-2005”. Disponível em <https://docplayer.com.br/50391858-Colegio-salesiano-santa-rosa-memorial-historico.html>
- 269 AFBMP. Correspondência. 1915. Carta do Diretor do Colégio Santa Rosa, datada de 16/03/1915.
- 270 AFBMP. Relatório 1914/15, p. 224.
- 271 Ver, por exemplo, *Correio da Manhã*, 27/10/1915, p. 7.
- 272 Esse último jovem manifestou depois, em 1923, desejo de entrar para o noviciado da ordem, e por esse motivo foi apoiado pela Irmandade até o ano de 1928, quando foi desligado do programa. Cf. AFBMP. Correspondência.1923, Ref. 014.D.01155.
- 273 AFBMP. Relatório 1922/23, pp. 175 e segs.
- 274 AFBMP. Relatórios de 1922/23, p. 148 e de 1924/25, p. 112.
- 275 AFBMP. Relatório 1944/45, pp. 123-126.

V

*Os capelães e a
instrução religiosa*

As práticas religiosas ocuparam sempre uma parte importante da vida das crianças internadas no Asilo — seja com as orações diárias, seja no aprendizado do catecismo como preparação para a primeira comunhão, seja em diversas formas de participação em atos e comemorações religiosas dentro do colégio, em especial nas Festas do Patrono, mas também fora dele, nas datas que eram importantes no calendário da Igreja da Candelária e mesmo no Hospital dos Lázaros. Para a realização dessas práticas, contou o Asilo com a colaboração de um capelão. Suas obrigações eram as previstas no Regulamento:

Art. 12. O capelão do Asilo terá por dever:

- I. Celebrar missa na capela do estabelecimento aos domingos, nos dias santificados e nas festas religiosas da casa;
- II. Celebrar missa por alma do benfeitor Gonçalves de Araújo, no aniversário do seu falecimento;
- III. Explicar aos asilados o catecismo, nos domingos e dias santificados;
- IV. Ministrare aos alunos e empregados os sacramentos, para que estiver autorizado;
- V. Indicar as orações diárias apropriadas para uso dos asilados;
- VI. Requisitar os objetos indispensáveis ao culto.

Talvez devido à tradição da prática do ensino religioso, há muito tempo integrado aos costumes da família e das escolas, os capelães nunca fizeram registros formais sobre suas atividades no Asilo para compor o relatório anual do diretor. Não obstante, Ramiz Galvão sempre procurou destacar a atuação desses membros de sua equipe, mencionando suas participações nos eventos mais importantes da casa, além do comparecimento das crianças às festas e cerimônias religiosas que faziam parte do calendário da Irmandade e suas repar-

tições. Registrou, por exemplo, ter ocorrido, no dia 8 de setembro de 1902, a primeira comunhão de oito meninas, administrada pelo padre Séve, na capela do Asilo. Também fez constar que, no dia 5 de julho de 1908, também na capela, foram ali crismados pelo cardeal D. Joaquim Arcoverde 62 educandos, na presença de seus familiares e de muitos irmãos da Candelária.²⁷⁶

Durante os 30 anos em que dirigiu o colégio, Ramiz teve a seu lado sacerdotes reconhecidos por seu elevado nível cultural e sua facilidade de comunicação com os alunos. Nas linhas a seguir, fazemos uma resenha biográfica desses religiosos, identificando o período em que atuaram como capelães do Asilo.

Padre Thomaz Aristóteles Guizan

O primeiro capelão do colégio, nomeado em 12 de julho de 1901, foi o padre Thomaz Aristóteles Guizan. Havia nascido em Vitória, no Espírito Santo, em 1864, filho de Emilio Francisco Guizan e Matilde Rodrigues Guizan.²⁷⁷ Na época, era também o sacristão-mor da Igreja da Candelária. Deixou o colégio em maio de 1902, talvez por conta das exigências com os encargos da igreja. Em setembro desse ano, foi nomeado pároco da Freguesia da Candelária.²⁷⁸ Acometido por uma doença, entretanto, veio a falecer no dia 19 de setembro de 1905, na cidade de Mendes (RJ), onde tentava se recuperar. Tinha apenas 41 anos.²⁷⁹

Cônego Francisco Bernardino de Sousa

Em 10 de maio de 1902, o cônego Bernardino de Sousa foi nomeado para o lugar do padre Guizan, como capelão do Asilo.²⁸⁰

Em 1902, recém-chegado ao Rio de Janeiro, padre Bernardino resolveu solicitar ao provedor da Irmandade a possibilidade de se lhe conceder um espaço no amplo e ainda semivazio prédio do Asilo para ali fixar residência, ainda que em caráter temporário. Como tinha o encargo de rezar na capela do colégio a missa dominical e dar classes de religião às meninas um dia por semana, além de pre-

pará-las para a primeira comunhão, alegava ter de deslocar-se várias vezes por semana, o que lhe era penoso, e que a possibilidade de residir no Asilo lhe permitiria atender melhor às suas obrigações.

Ramiz Galvão deu parecer favorável, sem objeções, mas definindo claramente o espaço que lhe seria destinado:

Nada tenho que opor ao que solicita o Revmo. Capelão do Asilo, pois de fato há por enquanto na ala direita do edifício muito espaço desocupado. Sou até de parecer que da residência do mesmo capelão no estabelecimento só vantagens podemos agora auferir, visto ser-lhe mais fácil assim atender com a necessária assiduidade às múltiplas obrigações do cargo. Acresce que, sendo ele sacerdote idoso e respeitabilíssimo, não há objeção de outra natureza que se possa oferecer à sua morada no Asilo e em ponto que nenhum contato tem com a seção das asiladas.²⁸¹

Durante sua permanência no Asilo, devido à idade avançada e saúde frágil, esteve afastado por algum tempo de suas atividades, sendo substituído no ensino do catecismo pelo padre Ricardino Arthur Séve, pároco da Igreja de São Cristóvão.

Em 1910, teve seu livro *Lendas e Variedades* publicado pela oficina tipográfica do Asilo. E ainda residia nas dependências do colégio quando faleceu, em 26 de setembro de 1912, sob os cuidados do médico Dr. Luís Alves. Tinha 76 anos de idade.

De acordo com Roberto Nunes Lindsay, professor da Escola Normal que publicou uma resenha biográfica sobre o cônego por ocasião de seu falecimento, teria sido o próprio Ramiz Galvão quem o convidara para o cargo. Contava então 68 anos de idade e estava recolhido em sua terra natal, Itaparica, na Bahia, retirado da vida pública desde a eclosão da revolução republicana. Anteriormente havia sido capelão da Capela Imperial e professor no Colégio Pedro II.²⁸² Por seus conhecimentos de geografia e etnografia, havia sido indicado pelo imperador para fazer parte da Comissão do Rio Madeira, percorrendo os estados do Pará e Amazonas, cujos apontamentos publicou depois em três volumes.²⁸³

Dizia ainda Lindsay: “Tal era a vastidão de seus conhecimentos, tal era a versatilidade de seu talento, que se não pode dizer de

pronto no que ele mais se distinguiu: se como pregador, se como professor.” “Como pregador, fazia jorrar do púlpito sagrado da Capela Imperial cascatas de luzes e de eloquência, doutrinando e infundindo pelo seu verbo inflamado a fé católica nos corações dos fiéis, que o ouviam com amoroso respeito e profunda veneração. Como professor, no santo sacerdócio do ensino, reunia a dupla qualidade de preceptor e de pai, educando as plêiades, aos jovens alunos do Colégio de Pedro II, onde ele era capelão e talvez um dos mais distintos professores.”²⁸⁴

No relatório daquele ano, Ramiz Galvão registrou seu pesar:

Desapareceu da vida terrena, depois de longa e penosa enfermidade, o distinto cônego Francisco Bernardino de Souza, que aqui exerceu por muitos anos o cargo de capelão e deixou saudosíssimas recordações. Talento invejável e carácter de rija tempera, o cônego Bernardino aliou sempre à maior sisudez um trato ameno e comunicativo. Seu exemplo e suas lições permanecem gravadas no coração de todos quantos tiveram a fortuna de o ter por companheiro ou por mestre.²⁸⁵

Padre Bento Alves da Rocha

No dia 1º de outubro de 1913, assumiu como capelão do Asilo o padre Bento Alves da Rocha, português, nascido em Celeirós, Braga, em 1871. Era filho de Manoel Júlio da Rocha e Ermelinda Alves Teixeira.²⁸⁶ Em 25 de março de 1919, durante sua capelania, o Asilo foi visitado pelo Núncio Apostólico, monsenhor Jacinto Ângelo Scarpardini, acompanhado do Vigário Geral do arcebispado, monsenhor Fernando Rangel de Melo. Em 1923, padre Bento solicitou licença para visitar sua família em Portugal. Retornou ao Brasil em dezembro, mas em junho de 1924 resolveu se demitir, para regressar definitivamente ao seu país de origem.²⁸⁷

Padre Dr. Henrique Carlos de Magalhães

Em 8 de setembro de 1924, foi nomeado capelão o padre Henrique Carlos de Magalhães, então com 40 anos de idade. Era nascido

em São Bento das Lages, estado da Bahia, em 1884, tendo sido ordenado sacerdote em 1907, em Pouso Alegre, Minas Gerais.

Sua chegada ao Asilo foi saudada com entusiasmo pelo diretor:

Outra aquisição notável fez o estabelecimento com a nomeação do sr. dr. padre Henrique de Magalhães para o cargo de capelão e professor de Doutrina, do qual se afastara o reverendo padre Bento Rocha. O ilustre capelão atual, nomeado a 8 de setembro de 1924, com as suas magníficas práticas ao Evangelho e com as suas lições de Catecismo aos Domingos, tem exercido uma influência salutaríssima no espírito das educandas, de forma a se sentir evidente melhoria na disciplina escolar; a sua doura e persuasiva palavra tem sido a todos os respeitos uma fonte de grandes benefícios intelectuais e morais para o Asilo.²⁸⁸

Dotado de excelentes dotes oratórios, foi, entretanto, destinado pouco depois, em janeiro de 1925, para outra missão. Em seu relatório, Ramiz registrou sua surpresa com a mudança:

Em dias de janeiro p.p. fomos surpreendidos pela notícia de que o reverendo padre dr. Henrique Magalhães, nosso capelão, muito distinto e muito zeloso, como fiz sentir em meu Relatório anterior, havia solicitado a sua exoneração. Era exato. O ilustrado sacerdote tinha sido nomeado vigário da Freguesia de Santo Antonio dos Pobres, e cumpria-lhe cumprir [sic] a ordem de seu superior hierárquico.²⁸⁹

Anos mais tarde, a 27 de abril de 1930, padre Magalhães tomou posse como vigário da paróquia da Candelária, voltando assim a se aproximar das atividades do colégio. Iria permanecer até o fim de seus dias vinculado à Irmandade da Candelária. Faleceu em 1964, aos 80 anos.

Monsenhor Rosalvo Costa Rêgo

No mesmo texto em que lamentava a saída de padre Magalhães da capelania do colégio, o diretor registrou a chegada de seu substituto, ocorrida no dia 7 de fevereiro de 1925:

Fácil é compreender o sentimento de todo o pessoal do Asilo nessa emergência. A Providência Divina velava, entretanto, pelo bem espiritual desta casa: foi-nos dada uma compensação consoladora, vindo para a nossa capelania um dos mais distintos membros do Clero brasileiro: o digno monsenhor Rosalvo da Costa Rego, vigário geral do Arcebispado. Nomeado este a 7 de fevereiro, disse aqui pela primeira vez a missa e desde logo se revelou luzeiro, pai e amigo desvelado das filhas de Gonçalves de Araújo. As suas homilias, as suas lições magistrais de Catecismo, os seus conselhos, tudo isso tem correspondido ao que melhor se poderia desejar. As nossas alunas têm um diretor espiritual de primeira ordem, e isso só pode contribuir para a sua felicidade. Graças sejam dadas a Nosso Senhor! ²⁹⁰

Monsenhor Rosalvo era nascido em Pilar, no estado de Alagoas, em 18 de agosto de 1891, filho de Pedro da Costa Rego e de Rosa de Oliveira Costa Rego e irmão do então governador daquele estado, Pedro da Costa Rego (filho). Pouco depois de assumir a capelania, foi nomeado vigário-geral da arquidiocese do Rio de Janeiro, o que lhe aumentava as atribuições. Por esse motivo, sua permanência no colégio foi relativamente curta, encerrando-se em abril de 1927.

Mais tarde, foi bispo auxiliar do Rio de Janeiro. Faleceu em 3 de fevereiro de 1954, aos 62 anos.

Monsenhor Francisco Mello e Sousa

Nascido em Mogi das Cruzes, São Paulo, em 4 de outubro de 1880, tinha se doutorado em Filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Ordenou-se sacerdote em 28 de outubro de 1904, com 24 anos.

Em 6 de abril de 1927, o monsenhor Francisco Mello e Sousa assumiu o posto em substituição ao monsenhor Rosalvo. ²⁹¹

De 1 a 3 de abril de 1929, foi realizado pela primeira vez um retiro espiritual, seguido de comunhão geral das alunas. A convite do capelão, dirigiu o retiro o padre Armando Lacerda. Essa prática seria mantida nos anos seguintes. Em julho, o arcebispo D. Sebastião Leme deu o Sacramento da Confirmação a 94 meninas.

Naquele mesmo ano, em 28 de outubro, o monsenhor Mello e Sousa comemorou seus 25 anos de ordenação sacerdotal. A missa foi celebrada pelo padre Henrique de Magalhães. Ramiz e a aluna Maria Júlia Vilela fizeram uma homenagem ao sacerdote. Em seu discurso, disse o diretor:

Não nos é lícito deixar que passe este dia, memorável na vossa existência, sem dar testemunho do alto apreço, da amizade sincera e da veneração que vos tributamos.

Quando lá fora os católicos do Rio de Janeiro prestam igual e justíssima homenagem ao nosso querido e distintíssimo prelado, o senhor dom Sebastião Leme, aqui temos também por dever festejar o jubileu sacerdotal do seu companheiro e colaborador na obra meritória de abrir o caminho do Céu às almas brasileiras.

Digne-se pois v. excia. de aceitar as nossas felicitações mais cordiais neste dia, em que também v. excia. há 25 anos se alistou na sagrada milícia dos levitas do Santuário.

Nosso Senhor Jesus Cristo, chefe supremo da nossa Igreja, cumule de consolações e bênçãos a vida de v. excia. Revma., apóstolo do Bem e abnegado cultor de almas.

São estes os votos dos vossos amigos, do digno sr. Provedor e dos ilustres oficiais da Irmandade do S. S. Sacramento da Candelária, de todos enfim que labutam nesta casa de Educação e Caridade, que a uma só voz saúdam com afeto e ardor o prezado capelão do Asilo Gonçalves de Araújo, prestimoso cidadão e ornamento do clero brasileiro.²⁹²

Monsenhor Mello e Sousa permaneceria como capelão do Asilo até 1º de abril de 1932.²⁹³ Deixou o posto para assumir a função de secretário do cardeal Sebastião Leme, de quem havia sido companheiro desde os primeiros tempos da carreira sacerdotal e com quem iria trabalhar até 1942, quando D. Leme faleceu. Comemorou seu jubileu de ouro sacerdotal em 1954.²⁹⁴ Faleceu em São José dos Campos, São Paulo, em 20 de agosto de 1963.²⁹⁵

Padre Séve – Pároco da Igreja de São Cristóvão

O padre Ricardino Arthur Séve assumiu como vigário da paróquia de São Cristóvão em março de 1902, em substituição ao cônego Escobar (Luiz Antonio Escobar de Araújo), que havia falecido no dia 3 de março daquele ano. Aos 74 anos de idade, o cônego era uma figura histórica da freguesia, pois havia sido seu pároco durante os últimos 45 anos, antes mesmo do início da construção da igreja que ele próprio havia promovido. Também havia entrado para a história do Asilo ao benzer a sua pedra fundamental, em 3 de janeiro de 1897.

Padre Ricardino nasceu a 3 de abril de 1870, no Maranhão, onde se formou para o sacerdócio e, em 1894, celebrou sua primeira missa. Era filho de Frederico e Maria Séve.²⁹⁶ Transferindo-se para o Rio de Janeiro alguns anos depois, passou a atuar como pregador em várias paróquias, tendo se destacado nessa atividade. Na condição de vigário da freguesia de São Cristóvão, sua atuação se ampliou também na imprensa católica; foi redator em vários jornais, como em *A Cruzada* e *A União*.

Padre Séve encontrou bem próximo de sua paróquia um espaço estimulante para desenvolver o seu trabalho como religioso. Considerado um dos melhores oradores religiosos de sua época, tinha ali, no diretor Ramiz Galvão, um forte estímulo para o desenvolvimento de sua arte. Foi um importante colaborador de Ramiz ao assumir, durante vários anos, a catequese das crianças ali internas, substituindo o então capelão do Asilo. Em função dessa estreita colaboração, Padre Séve resolveu instituir, em 1903, um prêmio a ser conferido anualmente à aluna e ao aluno que tivessem melhor comportamento, sendo essa escolha feita pelos próprios alunos. A primeira edição desse prêmio ocorreu no dia 3 de janeiro de 1904 e a aluna Maria Amorim foi a escolhida, tendo recebido como prêmio o livro *Adoremus!*, um manual de orações e exercícios piedosos jovens, de autoria do frei Eduardo Herberhold.²⁹⁷ O prêmio foi mantido pelos anos seguintes, até pelo menos o ano de 1910.

Por ser o pároco de São Cristóvão, sob cuja jurisdição estava a capela do Asilo, mas principalmente por seus excelentes dotes de

oratória, foi inúmeras vezes chamado a fazer a pregação do Evangelho nas missas solenes que se realizavam todo ano em homenagem ao patrono. Sua última participação ficou registrada na festa realizada em 15 de outubro de 1922, ocasião em que esteve presente o presidente da República, Epitácio Pessoa.

Padre Séve faleceu no dia 29 de julho de 1933, quando era capelão da igreja de Nossa Senhora do Parto. Tinha 63 anos. Mais tarde seu nome seria dado à praça onde se situa a Igreja de São Cristóvão, da qual havia sido pároco.

*Os capelães: registros fotográficos*²⁹⁸



Padre Thomaz Guizan



Monsenhor Mello e Sousa



Padre Ricardino Séve



Padre Henrique de Magalhães



Padre Rosalvo Costa Rego

A capela – alguns fatos históricos (1900-1930)

1900 – Transferiu-se para o altar da capela do Asilo o grupo de imagens da Sagrada Família (Jesus, Maria e José) que ficava em um altar da Igreja da Candelária.

1900 – A capela recebeu também um harmônio (pequeno órgão sem tubos) da marca Rodolphe, Fils & Debain, doado pelos membros da administração, além de um conjunto de bancos com genuflexório.

06/01/1901 – Às 11h foi rezada a primeira missa na capela do Asilo, em intenção do patrono Antonio Gonçalves de Araújo. Foi celebrada pelo padre João Gomes, da paróquia de São Cristóvão.

21/07/1901 – Pelo recém-nomeado capelão, padre Thomaz Guizan, foi celebrada a primeira missa na capela do Asilo, com a presença das primeiras educandas.

12/06/1902 – O capelão cônego Bernardino de Sousa celebrou, pela primeira vez na capela do Asilo, uma missa de sétimo dia, pela morte da jovem aluna Maria da Conceição Ramos, de 14 anos, vitimada por um surto de febre amarela.

08/09/1902 – Realizou-se, pela primeira vez, uma cerimônia de primeira comunhão de alunas do Asilo: Judith de Oliveira, Leonor Flores, Andréa Vianna, Leonor Hippert, Maria Nazareth, Alice Carvalho, Catharina Morente e Maria Menezes. Foi celebrante o padre Ricardino Séve, vigário de S. Cristóvão.

05/07/1908 – Celebrou-se, pela primeira vez na capela do Asilo, a cerimônia de Crisma, recebendo-a 62 crianças, entre meninos e meninas. O ato realizou-se na capela pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde.

08/08/1909 – Ao final da missa que abria a Festa do Patrono daquele ano, realizou-se a cerimônia da bênção do novo estandarte do Asilo, pelo padre Ricardino Séve.

17/03/1920 – Realizou-se, pela primeira vez na capela do Asilo, o casamento de uma ex-aluna: Judith Christiana de Oliveira, que então trabalhava como mestra da oficina de Flores, com o Sr. Francisco Mariano Monteiro da Silva, telegrafista. Foi celebrante o padre Ricardino Séve.

10/02/1923 – Realizou-se o casamento da mestra de Costura, Maria Augusta Quadra, com o professor aposentado Leopoldo Adelino de Carvalho, catedrático da Escola Normal, do Rio de Janeiro.

14/02/1925 – Novo casamento na capela, desta vez envolvendo a ex-aluna e mestra de Caligrafia, Benedita Martins Vianna, com o Sr. Eduardo Alves Ribeiro, viúvo, capitalista e membro da Irmandade.

18/07/1929 – O arcebispo D. Sebastião Leme celebrou a cerimônia de Crisma para 94 alunas do Asilo.

Notas

- 276 AFBMP. Relatório 1902/03, p. 141 e 1908/09, pp. 81-82.
277 AFBMP. Fichas de Irmãos. Ref. 045.A.03221.
278 *Jornal do Brasil*, 21/03/1902, p. 3.
279 *Jornal do Brasil*, 20/09/1905, p. 1.
280 AFBMP. Relatório 1901/02, p. 131.
281 AFBMP. Correspondência. 1902. Ref. 014.B.01134 (85).
282 Lindsay, R.N. “Conego Francisco Bernardino de Souza”, in *A Faceira*, novembro de 1912, p. 19.
283 Bernadino de Souza, F. “Pará e Amazonas, pelo encarregado dos trabalhos etnográficos cônego Francisco Bernardino de Souza” RJ, Tip. Nacional, 1874-1875, 3v.
284 Lindsay (*op. cit.*).
285 AFBMP. Relatório 1912/13, p. 167.
286 AFBMP. Fichas de Irmãos. Ref. 045.A.03222.
287 AFBMP. Relatório 1923/24, p. 128.
288 AFBMP. Relatório 1924/25, p. 72/73.
289 AFBMP. Relatório 1924/25, pp. 119-120.
290 *Idem, idem.*
291 AFBMP. Relatório 1926/27, p. 99.
292 AFBMP. Relatório 1929/30, p. 87.
293 AFBMP. Relatório 1931/32, p. 86.
294 *A Noite*, 29/10/1954, p. 11
295 *Correio da Manhã*, 25/08/1963, p. 16.
296 *Pacotilha* (MA), 19/05/1894, p. 2 e 19/07/1895, p. 2.
297 AFBMP; Relatório 1903/04, p.137.
298 Padre Guizan: *Jornal do Brasil*, 20/09/1905, p. 1.; Padre Magalhães: *Vida Doméstica*, jan/1928, p. 118; Padre Rosalvo: *A União*, 28/09/1919, p. 1; Monsenhor Mello e Sousa: *A Noite Ilustrada*, 09/04/1935, p. 26; Padre Séve: *A Noite*, 29/07/1933, p. 1.
299 AFBMP; Relatório 1900/01, p. 238.
300 *Idem*, p. 202.
301 *Idem*, p. 206.
302 AFBMP. Relatório de 1901/02, p. 100.
303 *Idem*, pp. 123/4.
304 AFBMP. Relatório 1902/03, p. 141.
305 AFBMP. Relatório 1909/10, p. 79.
306 AFBMP. Relatório 1919/20, p. 314.
307 AFBMP. Relatório 1924/25, p. 109.
308 AFBMP. Relatório 1929/30, pp. 70/71.

VI

Os cuidados com a saúde

A missão do médico do Asilo tinha início na fase das matrículas das crianças, com um exame preliminar da saúde do candidato ou candidata. A triagem era uma exigência do regulamento, para verificar se o candidato sofria de moléstia contagiosa ou incurável, casos em que a matrícula seria vedada. Era uma medida que se justificava naquela época, pois a medicina contava com poucos recursos e conhecimentos para combater muitas doenças. Era necessário também que os responsáveis apresentassem a comprovação de ter sido a criança vacinada contra a varíola.

Certas doenças eram consideradas não apenas como contagiosas, como também incuráveis, como o caso da lepra (hanseníase), enfermidade que a Irmandade da Candelária conhecia bem, pois desde 1763 era responsável pelo Hospital dos Lázaros (depois Hospital Frei Antônio), especializado nos cuidados a essa doença.³⁰⁹

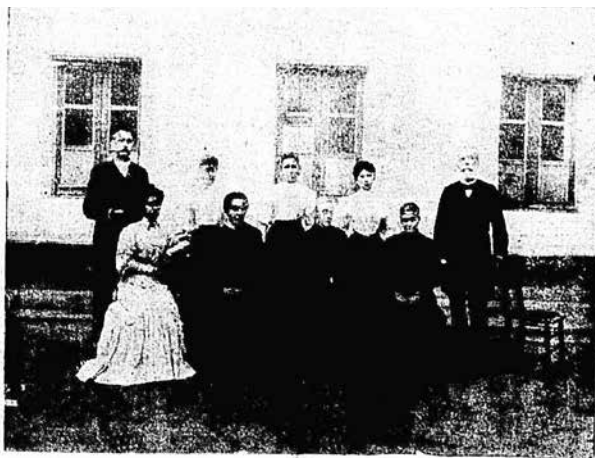
Desde 1897, quando assumiu o Recolhimento N. S. da Piedade, a Irmandade disponibilizava atendimento médico às crianças sob sua guarda.³¹⁰ No Asilo Araújo, esses cuidados seriam ampliados. Além da contratação do Dr. Luís Alves, que atendia às meninas do Recolhimento, a Irmandade buscou os serviços de um dentista. Anos mais tarde, contratou-se uma pessoa para exercer a função de enfermeira, com residência permanente no prédio. Até então, nos primeiros anos de funcionamento do colégio, uma das internas era destacada para essa função.

Ramiz Galvão considerava bastante satisfatória a assistência médica disponível para suas alunas. Não só por contar com os serviços de um médico experiente, mas também pelas condições sanitárias

do prédio do colégio e pelos rigorosos critérios de asseio estabelecidos pela regente. Em seu relatório para o ano 1901/2, afirmou:

Graças às esplêndidas condições higiênicas do prédio e da localidade em que se acha o Asilo, graças também aos cuidados solícitos que em matéria de asseio individual exige a digna regente, não houve durante todo o ano senão um caso de moléstia grave. A enfermaria esteve quase sempre constantemente vazia e o ilustrado médico do estabelecimento não teve que tratar senão casos de ligeiros resfriamentos, bronquites simples, embaraços gástricos leves e outras enfermidades de caráter passageiro e benigno.³¹¹

Mas, se o espaço que Ramiz dirigia tinha condições muito satisfatórias, o seu entorno, ou seja, as condições sanitárias da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX, eram bastante precárias. Um parâmetro dessa condição é que, em 1900, a expectativa de vida no Brasil ficava em torno de 30 anos. Contribuía



Corpo administrativo e docente. No primeiro plano (da esquerda para a direita) D. Anna Silva—inspectora, D. Afra Silva—inspectora; D. Paulina Pereira da Silva—regente; D. Luíza da Cunha — professora. Segundo plano: Dr. Ramiz Galvão—director; as alumnas-mostras Alberta Carvalhaes, Maria de Amorim Judith de Oliveira; Dr. Luiz Alves —medico.

Foto tomada por ocasião da Festa do Patrono de 1908, onde ficou registrada a presença do médico Dr. Luiz Alves.³¹²

muito para essa marca a espantosa taxa de mortalidade infantil, normalmente computada levando em conta os óbitos de crianças com menos de um ano de idade.

Embora as crianças admitidas no Asilo já tivessem, pela idade, superado os riscos do primeiro ano de vida, e ao serem recebidas não aparentassem estar doentes, certamente, pelas condições econômicas de suas famílias, apresentavam evidentes carências vitamínicas. Rapidamente, porém, revertiam essa situação, por conta de uma vida mais regrada e da boa alimentação, o que melhorava sua resistência às enfermidades mais comuns. E, embora continuassem sujeitas às gripes e outras doenças típicas de centros urbanos, tinham a vantagem de viver em um ambiente saudável e com pessoas aptas a detectar alguma ameaça mais grave.

O diretor, além disso, jamais poderia esquecer a sua dura experiência com a doença que lhe roubara três filhos ainda jovens; apesar dos seus conhecimentos, nem ele nem os outros profissionais a quem então recorreu puderam impedir a morte das crianças.

Houve um caso, entretanto, em que esses conhecimentos salvaram a vida de uma aluna do Asilo. Não constou dos relatórios que consultamos, mas foi mencionado pelo diretor em uma correspondência datada de 26 de março de 1915. Segundo relatou, teria sido uma situação de emergência, na qual teve de atuar para salvar “de grave envenenamento” uma das asiladas. Ramiz Galvão não acrescentou detalhes.³¹³

Portanto, apesar de todos os cuidados e condições de higiene que cercavam as crianças, o colégio passou por vários momentos de preocupação. Algumas vezes por conta das gripes, sendo que a mais grave ocorrência desse tipo foi a “Espanhola”, a grande pandemia do século, que assolou o Rio de Janeiro em 1918 e sobre a qual nos deteremos mais adiante.

Nos relatórios médicos, os casos mais frequentes eram as “supressões de transpiração”, um sintoma a que atualmente se refere como “congestão nasal” ou, mais simplesmente, “nariz entupido”. Em seguida, apareciam os casos de constipações (prisão de ventre), contusões, cólicas ovarianas (menstruais) e verminoses.

Em 1909/10, por exemplo, o resumo dos atendimentos feitos pelo Dr. Luiz Alves mencionava:

Seção feminina – Entraram para a enfermaria 129 meninas e saíram 128 tratadas de: supressão de transpiração, 28; embaraço gástrico, 29; sarampão, 18; congestão de fígado, 13; bronquite, 9; enterite, 5; bronquite asmática, 4; cólica ovariana, 3; nevralgia, 2; úlceras simples, 2; ferida penetrante, 2; otite externa, 2; gastralgia, 2; febre intermitente, 1; erisipela, 1; ferida contusa, 1; ferida incisa, 1; gastroenterite, 1; infecção intestinal, 1; reumatismo articular, 1; furúnculo, 1; eczema, 1; bolsa sinovial, 1.

Seção masculina – Entraram 56 doentes e saíram outros tantos tratados de: supressão de transpiração, 17; sarampão, 16; bronquite, 12; feridas contusas, 3; embaraço gástrico, 3; eclampsia, 1; ceratoconjuntivite, 1, erisipela, 1; febre intermitente, 1; nefrite, 1.³¹⁴

Apesar dos casos simples, era necessário manter a observação para que os problemas não se agravassem, como ocorreu em 1910/11, quando uma corriqueira obstrução intestinal levou uma menina ao hospital, onde esteve na iminência de uma intervenção cirúrgica que felizmente não foi necessária.³¹⁵

Igualmente grave foi o caso de outra aluna que, em 1924, foi diagnosticada com uma amigdalite supurada e recomendada para cirurgia. Chegou a ser hospitalizada, mas seu estado de fraqueza recomendou que a intervenção fosse adiada. Ela voltou ao colégio e conseguiu se recuperar fisicamente. No ano seguinte, foi novamente internada, sendo então realizada a cirurgia, da qual se restabeleceu por completo.³¹⁶

A peste bubônica foi motivo de alarme no início de 1908, quando o diretor foi alertado para o fato de que 17 ratos mortos haviam sido encontrados na cozinha. Ramiz chamou as autoridades de saúde pública e mandou fazer uma completa desinfecção do prédio. Felizmente, nenhum caso de contaminação foi constatado.³¹⁷

O sarampo também se fez presente em várias oportunidades, como em 1909/10, ocasião em que levou 24 meninas para a enfermaria. Felizmente, todas se recuperaram bem.

Na época, a varíola era a única doença que podia ser controlada por vacinação. Embora obrigatória, a vacinação não era adotada sistematicamente pela população. A Irmandade, entretanto, exigia por ocasião da matrícula, e periodicamente promovia a revacinação de todas as crianças. Por conta disso, não se registrou qualquer caso da doença no colégio, embora o Rio de Janeiro tenha passado por um forte surto de varíola em 1904, justamente quando tramitava no Congresso Nacional uma lei para universalizar a vacinação, tema que suscitou enormes disputas políticas que acabariam resultando no episódio conhecido como a “revolta da vacina”.

A febre amarela era outra doença que pairava sobre a população do Rio de Janeiro. O vírus transmitido pelo mosquito tinha como uma de suas características afetar o funcionamento do fígado dos pacientes, o que provocava icterícia e o aparecimento de cor amarelada no branco dos olhos. Causava muitas mortes nas épocas de calor e chuvas. Foi por causa da febre amarela que, antes de se completar um ano da chegada das primeiras crianças ao Asilo, ocorreria o primeiro óbito de uma interna no prédio do Campo de São Cristóvão. No dia 31 de maio daquele ano, a menina Maria da Conceição Ramos, de 14 anos, foi diagnosticada com a doença. Para evitar contágio e para receber melhor atendimento, foi imediatamente transferida para o Hospital São Sebastião, no Caju, especializado em enfermidades contagiosas, inaugurado poucos anos antes. A jovem, entretanto, não resistiu, falecendo no dia 5 de junho. Restou ao diretor acompanhar o enterro de seu corpo, no cemitério de São Francisco Xavier.

Naquele ano, a virulência da epidemia da febre amarela foi muito superior aos anos anteriores, tendo sido responsável por cerca de um milhão de mortes na cidade. Seu impacto foi tão nefasto que, em abril do ano seguinte, o governo resolveu proporcionar ao sanitarista Oswaldo Cruz as condições para iniciar a primeira grande campanha de combate ao mosquito transmissor da doença e a criação do Serviço de Profilaxia da Febre Amarela. Em seu relatório, Ramiz descreveu os esforços que foram feitos para salvar a menina e as muitas interrogações que cercavam a ciência médica da época:

Não consta que houvesse na vizinhança foco algum da citada moléstia, embora no resto da cidade se estivessem dando casos múltiplos fatais. Teria colhido o gérmen no dia 25 de maio, quando as meninas saíram para assistir à festa da Trindade no Hospital dos Lázaros? Tê-lo-ia sido no próprio Asilo, pela picada de algum mosquito (*Culex taeniatus*) portador do micróbio, segundo opinam modernamente alguns médicos eminentes...? Impossível nos parece responder com segurança, e nesta mesma dúvida labora o ilustrado facultativo do Asilo, Dr. Luiz Alves Pereira.³¹⁸

Tuberculose – a doença dos jovens

Apesar da primeira morte de uma criança no Asilo ter sido provocada pela febre amarela, a doença não viria a se manifestar novamente naquele prédio. O maior de todos os males da época, o mais insidioso e então quase sempre fatal, era a tuberculose.

Essa doença foi, durante muitos anos, uma das enfermidades mais letais para a população jovem, característica que acabaria por torná-la uma protagonista recorrente na literatura romântica do final do século XIX e início do XX. A tuberculose era, quase sempre, a responsável pela dolorosa separação de jovens enamorados e pelo fim trágico de um deles. Além disso, era uma doença mais comum entre a população pobre das grandes cidades. Como agravante, a doença era praticamente impossível de ser detectada em estado latente, quando era assintomática, deixando-se identificar apenas na sua fase mais aguda, quando os órgãos afetados, geralmente os pulmões, revelavam sua presença. Nessa fase, quando também se tornava contagiosa, já não havia muito o que fazer, a não ser afastar o enfermo do convívio familiar e social. Da descoberta do bacilo de Koch, em 1882, até o surgimento da estreptomicina, em 1940, o primeiro antibiótico que permitiu a cura da doença, muitos jovens tiveram a vida encurtada por esse mal.

O primeiro caso de tuberculose ocorreu antes mesmo da abertura das portas do Asilo no Campo de São Cristóvão. A vítima foi a menina Thereza Maria de Jesus, de 16 anos, que então era uma das internas do Recolhimento Nossa Senhora da Piedade, que ainda funcionava na Tijuca. Ela faleceu em janeiro de 1901, e o atestado de

óbito emitido pelo Dr. Luiz Alves apontava como causa a tuberculose miliar aguda, indicando que a tuberculose havia se espalhado por diversos órgãos do corpo.

No ano de 1903, duas meninas foram diagnosticadas com tuberculose. Eram ambas originárias do extinto Recolhimento: Constança Neves, interna que era um dos destaques do pequeno grupo coral da época, e que também atuava como auxiliar de serviço, e sua colega Armênia Magalhães. Constança faleceu em abril e Armênia em dezembro daquele ano.

Em 1904, foi a vez de Carolina Lopes, também originária do Recolhimento. Ela acabara de concluir, com excelente desempenho, a 3ª classe do primário. Chegou a ser retirada do Asilo para tratamento, mas acabou por sucumbir nos primeiros meses do ano. O diretor lamentou as três perdas em seu relatório:

Estas três asiladas, vítimas da tuberculose, traziam o germe fatal da moléstia; organismos desde muito debilitados por triste herança, chegando à idade crítica da puberdade, viram-se salteados violentamente por esse morbo que flagela a população das grandes capitais, e não houve cuidados que as livrassem da morte. São lúgubres páginas no livro de nossa existência essas perdas dolorosas. Mas elas em nada depõem contra as condições higiênicas excelentes do prédio do Asilo.³¹⁹

O falecimento da menina Lydia Fausta, também oriunda do Recolhimento, foi registrado no relatório de 1905. Ao comentar o ocorrido, o diretor registrou uma vez mais sua preocupação, resignando-se, no entanto, com a ausência de alternativas, ao reconhecer “que esse tipo de ocorrência só pode ser evitado impedindo-se a entrada de crianças filhas de tuberculosos e, portanto, portadoras do germen fatal.”³²⁰

No relatório de 1908/9 foram citados dois novos casos. Dessa vez não se mencionou o nome das meninas afetadas, indicando apenas que haviam sido enviadas às suas casas por motivo da doença. A medida, entretanto, não significava qualquer esperança de cura, podendo apenas proporcionar algum conforto espiritual, por passar seus últimos dias perto de familiares.

Semelhante procedimento iria ocorrer no ano de 1911 com Atalá Miranda. A menina havia ingressado no Asilo no ano de 1903, e havia concluído a 5ª classe no ano de 1910. Ao agravar-se seu estado de saúde, foi enviada para a casa de familiares, ali vindo a falecer em setembro de 1911, aos 17 anos. Seu caso, aliás, parecia dar razão às alegações do diretor, pois sua mãe havia falecido do mesmo mal, em 1900, quando Atalá tinha sete anos apenas.

Um novo caso da doença seria mencionado no relatório de 1918, envolvendo as irmãs Antonina e Mercedes Menezes, que eram filhas de pais tuberculosos, já falecidos. Constatada a doença, a avó solicitou a retirada de ambas para tratamento.³²¹

Apesar da doença continuar fazendo vítimas em todas as partes, algumas instituições privadas haviam começado a implementar medidas para fazer-lhe frente. Uma delas foi a Liga Brasileira contra a Tuberculose, constituída em 1900. Por iniciativa dessa entidade, seriam criados vários sanatórios ou preventórios, destinados a melhorar as condições de saúde de crianças com risco de contrair a tuberculose. Em 1914, outra importante iniciativa foi promovida pela Santa Casa do Rio de Janeiro, ao inaugurar o primeiro hospital dedicado exclusivamente a atender aos enfermos dessa doença: o Hospital Nossa Senhora das Dores, em Cascadura.

Foi para o hospital de Cascadura, em 1921, que foi enviada a aluna Anália Menezes dos Santos. Ela havia baixado à enfermaria do Asilo em junho daquele ano, apresentado um quadro que deixou confuso o Dr. Oswaldo Pereira, que, por esse motivo, lhe fez aplicar vários tratamentos. Consultou vários outros especialistas e, por fim, convenceu-se de que o mal da menina era mesmo a tuberculose. Depois de algum tempo internada no hospital, ela veio a falecer em 26 de setembro de 1922. Anália havia ingressado no Asilo em 1915.³²²

E, como para demonstrar que a doença não era exclusiva dos pobres, no ano seguinte ao falecimento de Anália a vítima foi o próprio Dr. Oswaldo, o médico que dela cuidara. Tinha 38 anos de idade.

Em maio de 1925, nova suspeita de tuberculose foi identificada na aluna Zilda Magalhães. O relatório desse período, contudo,

apenas menciona que o médico lhe recomendou tratamento “em clima melhor do que o da nossa cidade.” Seu tutor requisitou seu desligamento do colégio, já que estava prestes a cumprir 18 anos, no que foi atendido.³²³

Em julho do ano seguinte, a doença foi diagnosticada na jovem Marianna Leite. De acordo com o relatório de 1926/27, ela foi primeiramente removida para a enfermaria de isolamento do Asilo, e depois para o Hospital N. S. das Dores. Havia sido admitida no Asilo em 1924. Teria falecido no hospital, em setembro de 1935.³²⁴

O relatório de 1929 relata a ocorrência de dois novos casos. O primeiro foi identificado em novembro do ano anterior e se referia à menina Yolanda Thereza Scopel, admitida em 1923. Tinha 14 anos quando o médico do Asilo entendeu que apresentava os sinais da doença, recomendando que fosse removida. Seu tutor tomou-a aos seus cuidados e não consta que ela tenha retornado ao colégio.³²⁵

Em fevereiro de 1929, faleceu, no citado Hospital de Cascadura, a menina Maria Magdalena Vasques, de 17 anos, que para lá havia sido enviada por causa da doença. Havia sido admitida em 1921.³²⁶

O relatório de 1930/31, o último da longa gestão de Ramiz Galvão, menciona ter sido identificado mais um caso de tuberculose por exames comprovados em laboratório. O nome da menina não foi citado, nem o destino que lhe foi dado.³²⁷

Além do médico Oswaldo Pereira, a tuberculose também vitimou, já adulta, como vimos, a ex-aluna e mestra de Flores Judith Christiana de Oliveira, seu marido e o primeiro filho do casal.

Só na década de 40 é que novos avanços na medicina, como o uso da abreugrafia, os testes de Mantoux, a vacina BCG e, finalmente, o antibiótico estreptomicina começariam a reverter o triste prognóstico dessa terrível doença.

A Gripe Espanhola de 1918

Ao longo da gestão de Ramiz Galvão, alguns surtos de gripe exigiram especial atenção dos médicos. O primeiro deles, em 1905, chegou a levar 40 meninas para a enfermaria, mais da metade das internas naquele ano. Felizmente, não teve maiores consequências.

O caso mais grave de gripe viria a ocorrer em 1918. A “Espanhola”, como assim foi batizada na época, chegou ao Gonçalves de Araújo no dia 16 de outubro daquele ano. Já havia contaminado um número extraordinariamente grande de pessoas no Rio de Janeiro e todos sabiam que era muito letal, pois já percorrera vários países, sempre fazendo grande número de vítimas fatais. Ao ter notícia da chegada da doença ao Rio de Janeiro, o provedor Mário Nazareth adotou, como medida preventiva, impedir a presença de público externo nas missas que se realizavam na capela, além de suspender as visitas de familiares às educandas. De nada adiantou. O primeiro sinal se manifestou em uma das professoras que residia no colégio. Mantê-la em isolamento não impediu que a doença se alastrasse rapidamente. Todas as 91 alunas e oito empregados caíram de cama. Só não foram contagiados o diretor, Ramiz Galvão, a regente, D. Paulina, e outros seis funcionários. Livrou-se também o médico, Dr. Luiz Alves, mas seu filho, também médico, que havia sido chamado para auxiliá-lo, foi igualmente acometido pela gripe e só pôde trabalhar quatro dias.

Por essa época, a Irmandade ainda mantinha seis dos antigos meninos do Departamento Masculino matriculados no Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói. Seu diretor, o padre Antonio Dalla Via, procurou tomar medidas para proteção dos alunos. No dia 15 de outubro, enviou uma nota aos responsáveis pelos meninos para comunicar a suspensão das aulas, como abaixo se reproduz. Dois dias depois, entretanto, enviou um bilhete ao provedor da Irmandade, o Dr. Nazareth, mas já em situação desesperadora: “Peço tomar providências para retirar os seis alunos desse Asilo. As dificuldades são muitas, hoje já não há pão.”³²⁸

Um dos mais sérios problemas associados à pandemia foi a escassez de remédios e alimentos. A Irmandade teve de apelar para

os serviços públicos de abastecimento para conseguir leite e aves necessários para tratar dos doentes. Mas, se era difícil a situação dentro do colégio, eram assustadoras as notícias que chegavam do lado de fora. Era tão grande o número de pessoas doentes que muitas casas comerciais não tiveram condições de abrir por falta de funcionários. Além disso, muitos trabalhadores preferiram ficar em casa, com medo de contágio. Nos cemitérios, faltavam coveiros para enterrar os mortos.

No Asilo, todo o programa de ensino teve de ser interrompido, tanto nas classes do primário como nas oficinas. As oficinas retomaram suas atividades normais em novembro, mas o curso primário foi dado por encerrado, decidindo a administração que melhor seria que todas repetissem o curso no ano seguinte. A festa de fim de ano foi mantida, assim como a premiação das alunas, inclusive as do curso primário, em função do desempenho até a eclosão da epidemia.



A assustadora manchete de um dos principais jornais da cidade.³²⁹

Em seu relatório anual, o diretor assim resumiu o assunto:

Teria passado o ano compromissal sem maior novidade quanto ao estado sanitário, se não fora a gripe pandêmica, que a 16 de outubro irrompeu no Asilo e que salteou aqui 99 pessoas, sendo 91 alunas e oito empregados. Só passaram incólumes para tratar dos enfermos: o diretor, a regente, a enfermeira, duas inspetoras, uma professora interna, a cozinheira, o porteiro e dois serventes. Por felicidade também foi preservado da epidemia reinante o sr. Dr. Luiz Alves, nosso dedicado médico, que prestou por essa ocasião relevantes serviços...³³⁰

De acordo com o relatório daquele médico, a primeira pessoa a manifestar o sintoma da gripe foi uma das professoras residentes. Ela foi colocada em isolamento, mas logo se contaminou a professora de costura que dela cuidava, e, em seguida, todas as alunas e muitos dos empregados. Até mesmo o médico Oswaldo Pereira, filho do Dr. Luiz, que veio para auxiliar nos cuidados aos enfermos, caiu doente depois de quatro dias. O Dr. Luiz também fez questão de registrar seu agradecimento ao manto de fé que cobriu o colégio naquela oportunidade: “Graças a Maria Santíssima e à Sagrada Família, grande protetora deste Asilo, não tivemos nenhum falecimento, apesar do número elevado de doentes (99).”

Entre as pessoas a quem o médico fez questão de elogiar pela dedicação no trato dos doentes estava “a menina asilada Julia Barreira, que apesar de sua pouca idade foi inexcedível no desempenho de sua árdua tarefa.” Ele também elogiou o diretor, “que se multiplicava apresentando-se em toda a parte, já percorrendo frequentemente as enfermarias, indagando do estado de cada uma doente, encorajando as mais tímidas e graves, já preparando com o humilde signatário os medicamentos tônicos, já intercedendo junto às Comissões de Socorros para que não faltassem o leite e galinhas para a dieta, etc”.

Ainda em seu relatório, acrescentou o diretor:

Nesta emergência foi absolutamente impossível conseguir o auxílio de pessoal extraordinário estranho; a população da nossa cidade fora em sua maioria atacada pela mesma epidemia, e com os que no Asilo estavam sãos tivemos de acudir a todas as necessidades do serviço, que não foram pequenas, e v.ex.^a [o provedor] que dedicadamente fez reiteradas visitas ao estabelecimento, providenciando com zelo e animando os enfermos com sua palavra consoladora, foi testemunha desses fatos.

Por essa ocasião uma das questões mais sérias foi o fornecimento dos remédios, para o qual não bastava a farmácia atropelada por centenas de receitas; v.ex.^a mandando vir das drogarias as substâncias medicamentosas, e nós próprios arvorados em farmacêuticos resolvemos boa parte de semelhante dificuldade.

Outro embaraço foi o das dietas; mas ainda aí tivemos a fortuna de alcançar o necessário, graças à intervenção solícita de v.ex.^a e ao con-

curso do Comissariado de Alimentação (...), assim como da Comissão de Socorros Domiciliares, a cargo do revmo. Monsenhor Rangel, que nos prestaram precioso auxílio.

Ramiz Galvão concluiu: “Com o favor da Providência conseguiu o Asilo atravessar essa tremenda crise sem o menor desgosto. Todos os nossos doentes se salvaram, tendo alta ao cabo de 25 dias e carecendo apenas alguns dos reconstituintes que a fraqueza de seu organismo reclamava.”

Ramiz e os que com ele haviam enfrentado aquele pesadelo tinham razão em se sentir aliviados. Na cidade do Rio de Janeiro viviam então certa de 700 mil pessoas, das quais se estimou que metade adoeceu e que cerca de 15 mil faleceram, ou seja, pouco mais de 4% dos infectados.

No ano seguinte, ainda preocupado em promover o completo restabelecimento das internas, o provedor Mario Nazareth solicitou ao Serviço de Profilaxia Rural do Distrito Federal uma avaliação quanto à possível infestação por verminoses. Constatou-se por exames laboratoriais que 50% delas necessitava receber medicação apropriada para tratar o problema.

O colégio voltaria a passar por um novo surto de gripe dez anos mais tarde, quando o número de internas era o dobro das que ali estavam internadas em 1918. A doença se declarou no primeiro trimestre de 1928 e levou quase a totalidade das internas para o leito. Entre fevereiro e março, 136 meninas caíram doentes. Em abril, outras 70 também foram contaminadas. Mais uma vez, porém, todas se recuperaram.

Os serviços odontológicos

A parte que os serviços odontológicos ocupavam nos relatórios anuais do diretor era bastante restrita. Não houve nenhum registro de casos excepcionais. A principal atividade mencionada era a de cauterizações, um procedimento que deixou de ser usado há muitos anos, para mitigar dores de dentes cariados. Também eram comuns

as extrações de dentes. Com o passar do tempo, esse tipo de atendimento se reduziu, enquanto aumentava o de obturações. A maior parte dos casos se referia a dentes temporários (“dentes de leite”).

No relatório de 1911/12, Ramiz Galvão destacou a importante doação feita pelo Sr. Júlio Berto Círio, membro da Irmandade e um dos mordomos do Asilo naquele período, que permitiu uma ampla reforma nas instalações do gabinete dentário da seção feminina. Disse, ainda, que o equipamento antigo foi transferido para a seção masculina, aguardando que um novo doador surgisse para modernizar também aquele outro setor.³³¹

Os médicos

Dr. Luiz Alves Pereira Júnior

O Dr. Luiz Alves foi contratado pela Irmandade em 1º de abril de 1897, para dar atendimento médico às internas do Recolhimento N. S. da Piedade. Com a abertura do Asilo Gonçalves de Araújo no Campo de São Cristóvão, ele foi um dos primeiros servidores ali contratados. Sempre elogiado pelo diretor Ramiz Galvão por sua dedicação às crianças do Asilo, o Dr. Luiz aposentou-se no final de 1919. Exercia a medicina desde 1873, quando se formou.³³² Nascido no Rio de Janeiro, filho de Luiz Alves Pereira e Firmina Guilhermina Alves Pereira, era viúvo de D. Carolina de Aguiar e deixou seis filhos, um dos quais era o também médico Dr. Osvaldo Pereira, que o substituiu no Asilo. Faleceu em fevereiro de 1922, aos 71 anos de idade. Na ocasião, o jornal *O País* publicou a seu respeito os seguintes registros biográficos:

Sepultou-se ontem no cemitério de São João Batista o Dr. Luiz Alves Pereira, médico aposentado do Colégio Pedro II e do Asilo Gonçalves de Araújo. Político de real prestígio nesta capital, com grande influência na freguesia de Santa Rita, exerceu por longos anos funções de delegado de polícia, tendo sido 4º delegado auxiliar e substituindo na chefia de polícia o general Bernardo Vasques. Republicano ardoroso,

prestou ao marechal Floriano Peixoto serviços de alta valia, exercendo como delegado da 3ª circunscrição a mais eficaz vigilância no litoral e na zona de maior perigo. Clínico reputado pela sua ilustração e caridade, exerceu a sua profissão com o maior despreendimento de interesses, e prestou serviços relevantes à população pobre nas epidemias de febre amarela e na última de 1918. O Dr. Luiz Alves Pereira gozava na nossa sociedade e entre os seus colegas do corpo médico da mais justa estima. No Conselho de Intendência, eleito em 1895, desempenhou o ilustre cidadão o seu mandato com a máxima independência e exemplar probidade.³³³

Dr. Oswaldo de Aguiar Alves Pereira

O Dr. Oswaldo era filho do Dr. Luiz e foi convidado, em 1919, para assumir o lugar do pai como médico do Asilo, quando da aposentadoria deste. Ele já havia colaborado com o Asilo quando do surto de Gripe Espanhola, em 1918.

Infelizmente, o Dr. Oswaldo exerceu a nova missão por pouco tempo, pois faleceu em 1923, vítima de tuberculose pulmonar, um ano apenas após a morte de seu pai. Tinha 38 anos de idade e deixou viúva e seis filhos menores. Não era a primeira morte por tuberculose na família. Em 1914, havia falecido do mesmo mal Eurydina, irmã do Dr. Oswaldo.

Dr. Jaime Augusto dos Santos Miranda

O dr. Jaime nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1877, filho de Narciso Augusto Pinto Miranda e D. Adelaide Augusta dos Santos. Era casado desde 1908 com D. Margarida Leão dos Santos, sobrinha do ex-provedor Júlio César de Oliveira (filha de sua irmã Joaquina de Oliveira Leão).

A indicação de seu nome para substituir o Dr. Oswaldo mostra a preocupação da instituição em manter em seu quadro, em uma função de tanta responsabilidade com as internas, apenas pessoas de estrita confiança. O Dr. Jaime assumiu em 1923 e só deixou o cargo por motivo de seu falecimento, em 1937.

Dr. Henrique Pasqualette Martins

Nascido em Amparo, estado de São Paulo, em 11 de novembro de 1886, o Dr. Henrique era filho de Antonio Pasqualette Martins e Thereza Montanheiro Martins. Formou-se em Odontologia no Rio de Janeiro, em 1913.³³⁴

Passou a responder pelo consultório odontológico do Asilo em 1915, logo após a saída do Dr. Jorge Cavalcante.³³⁵ Tinha 29 anos. Permaneceu no exercício do cargo por cerca de 32 anos, até 1947, atendendo várias gerações de alunas.

Seus três filhos seguiram carreira na área da saúde: dois deles (Amarante e Oscar) como dentistas e outro (Henrique Jr.) como médico ginecologista. Amarante casou-se com a ex-aluna Tarcilla Leite.



*Dr. Jaime Miranda (1934) e Dr. Henrique Pasqualette Martins (1934)*³³⁶

Quadro XV – Asilo Gonçalves de Araújo

Pessoal envolvido com os cuidados à saúde (1901-1930)

1901	Contratado o médico Dr. Luiz Alves Pereira, que já atendia no Recolhimento.
1901	Assumiu, na condição de voluntário, o dentista Dr. José Gonçalves.
1902	Contratado o dentista Dr. Gastão de Almeida Senna Campos.
1905	Contratado o dentista o Dr. Jorge Cavalcante de Albuquerque.
1908	A aluna Elisa Leite foi indicada para auxiliar de enfermaria.
1910	O oftalmologista Dr. Paula Fonseca atendeu a um surto de conjuntivite.
1911	O Dr. Silvio M. Sá Freire substituiu temporariamente o Dr. Luiz Alves.
1911	A aluna Leonor Hippert atuou como auxiliar de enfermaria.
1912	A aluna Maria Nazareth Damião passou a atuar como auxiliar de enfermaria.
1913	O Dr. Oswaldo Alves Pereira e o Dr. Luiz de Gonzaga Soares Dutra substituíram temporariamente o Dr. Luiz Alves.
1915	Contratado o dentista Dr. Henrique Pasqualette Martins.
1917	Contratada a enfermeira D. Augusta Quadra.
1918	Durante o surto da Gripe Espanhola, o Dr. Oswaldo Pereira auxiliou nos cuidados às internas.
1918	Foi contratada a enfermeira Leopoldina Duarte de Pádua.
1919	Foi aposentado o Dr. Luiz Alves Pereira, sendo nomeado seu filho, Dr. Oswaldo de Aguiar Alves Pereira, como médico do Asilo.
1923	Por falecimento do Dr. Oswaldo Pereira, foi efetivado no cargo o Dr. Jaime Miranda.
1923	O dentista Dr. Armando H. Meirelles substituiu temporariamente o Dr. Pasqualette.
1926	Contratada a enfermeira D. Albertina dos Santos Silva.
1928	Durante um surto de gripe, foi contratada a enfermeira D. Cantionila Rocha.
1929	Contratada a enfermeira D. Carmela Ruban.

Fonte: Relatórios; elaboração do autor.

Notas

- 309 Só no final do século XX é que se adotou um sistema de tratamento da hanseníase baseado em poliquimioterapia, condição que permitiu devolver os seus portadores ao convívio social, decretando o fim dos leprosários. Com isso, foi encerrada a história daquele hospital.
- 310 Apesar de formado em Medicina, o diretor Ramiz Galvão apenas havia exercido essa carreira, como vimos, nos primeiros anos que se seguiram à sua diplomação. Depois, só se dedicaria à história e à educação.
- 311 AFBMP. Relatório 1901/02, pp. 122/3.
- 312 *Gazeta de Notícias*, 09/08/1908, p. 3.
- 313 AFBMP. Correspondência. 1915. Ref. 014.C.01147 (39). É provável que o fato tenha ocorrido no período 1905/1906, cujo relatório não faz parte dos arquivos da Irmandade.
- 314 AFBMP. Relatório 1909/10, p. 76.
- 315 AFBMP. Relatório 1910/11, p. 7.
- 316 AFBMP. Relatório 1923/24, pp. 130-131 e Relatório 1924/25, pp. 74-75.
- 317 AFBMP. Relatório 1907/08, p. 81.
- 318 AFBMP. Relatório 1901/02, pp. 122-124.
- 319 AFBMP. Relatório 1903/04, p. 141.
- 320 AFBMP. Relatório 1904/05, p. 159.
- 321 AFBMP. Correspondência. 1918. Ref. 014.C.01150 (18). Mercedes faleceu em 1918. (Cf. FamilySearch.org. 8ª Circ. RC/RJ.)
- 322 AFBMP. Relatório 1921/22, pp. 170-172 e Relatório de 1922/23, pp. 164-165.
- 323 AFBMP. Correspondência. 1925. Ref. 101.A.00001 (27).
- 324 FamilySearch.org. 12ª Circunscrição RC/RJ.
- 325 AFBMP. Correspondência. 1929. Ref. 014.D.01159 (240).
- 326 AFBMP. Relatório 1928/29, pp. 73-75.
- 327 AFBMP. Relatório 1930/31, p. 96.
- 328 AFBMP. Correspondência. 1918. Ref. 014.C.01150
- 329 *Gazeta de Notícias*, 15/10/1918, p. 1.
- 330 AFBMP. Relatório 1918/19, p. 231.
- 331 AFBMP. Relatório 1911/12, p. 5. É provável que o antigo equipamento tivesse sido instalado em 1905/6, época em que foi contratado o dentista Jorge Cavalcante de Albuquerque.
- 332 *Jornal do Comércio*, 21/12/1873, p. 3.
- 333 *O País*, 17/02/1922, p. 4.
- 334 *O País*, 17/12/1913, p. 3.
- 335 AFBMP. Relatório 1914/15, pp. 224-225.
- 336 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043.C.02888.

VII

Obras e melhoramentos

Um prédio com as dimensões do Asilo exigiria sempre um significativo orçamento para as manutenções periódicas. E ainda nos primeiros anos, apesar de novo, exigiu complementações e adaptações para atender a atividades não previstas, ou para incorporar melhoramentos tecnológicos, como no caso da luz elétrica. Além dessas modificações “funcionais”, o prédio receberia em suas paredes ou espaços alguns elementos decorativos (placas, retratos e outros tipos de registros artísticos), com o objetivo de homenagear pessoas que contribuíram de forma destacada para a instituição ou para o seu desenvolvimento. Esses elementos ficariam incorporados ao aspecto visual do imóvel.

Ao longo dos primeiros 30 anos de existência do colégio, o diretor Ramiz Galvão fez questão de registrar cada uma dessas modificações, algumas das quais fazemos aqui destaque.

Em seu primeiro relatório sobre o funcionamento do Asilo, datado de julho de 1901, Ramiz mencionou terem sido incorporados à capela “um harmônio de Rodolphe, fils & Debain, dádiva generosa dos membros da administração”. Disse também que, no salão de honra, foi instalado o busto em bronze de Antonio Gonçalves de Araújo, obra de autoria da escultora Nicolina de Assis. Na sala ao lado, fixou-se o retrato do provedor Júlio César de Oliveira, obra que havia sido encomendada ao pintor Daniel Bérard. E, no gabinete do próprio Ramiz, foi afixado o retrato de Araújo, obra oferecida pelo autor, o pintor Maurício Jobim. No saguão de entrada do Asilo, haviam sido afixadas duas grandes placas de mármore, uma em homenagem a Antonio Gonçalves de Araújo e outra, no lado oposto, com a inscrição dos nomes de todos os membros das administrações da Repartição da Caridade, que, juntamente com o provedor Júlio César

de Oliveira, haviam colaborado na construção do Asilo. Na parede do bloco dos fundos, dando para o grande pátio interno, havia sido instalado o grande relógio doado pelo irmão Domingos José Dias Pereira, peça que até os dias de hoje domina esse ambiente do colégio.

Outras placas foram fixadas em várias salas de aulas, como homenagem aos que haviam beneficiado o Asilo com suas doações, a saber: D. Anna Guilhermina Rodrigues Alves (em homenagem à falecida esposa de Rodrigues Alves), na classe primária de meninas; D. Augusta Carneiro Rocha, na classe de desenho das meninas; D. Leopoldina C. da Costa Andrade, na sala de classes dos meninos; Baronesa Bernardo Pinto, na oficina de costura; Conselheiro Diogo, na biblioteca e museu escolar; Rodolfo Bernardelli, na aula de desenho dos meninos; Dr. Alberto de Faria, na classe primária dos meninos; Visconde de Mauá, na oficina de trabalhos manuais; e Fernandes Vilella, na sala do museu industrial.

O diretor registrou ainda o nivelamento do terreno em torno do prédio do colégio, os muros que foram levantados para cercar completamente o imóvel e a pavimentação de uma faixa do terreno, que levava do portão de ferro que dava para a praça até a entrada principal do edifício. Também se referiu às obras em andamento para a nova caixa d'água, com capacidade de 30 mil litros, pois se chegara ao entendimento de que a original, com apenas 8 mil litros, seria insuficiente para atender às necessidades do colégio.³³⁷



O grande relógio fixado na parede do 3º andar, dando para o pátio interno do prédio.³³⁸

Os investimentos na área externa ao colégio, mas que também o beneficiavam, não foram esquecidos nas anotações do diretor. Em 1902, uma nova e importante melhoria veio facilitar enormemente a vida e a funcionalidade do Asilo, quando se conseguiu que a Companhia de Bondes de S. Cristóvão colocasse uma linha especial até a porta do prédio. A inauguração desse importante melhoramento ocorreu de forma festiva, no dia 25 de março daquele ano, com a presença de duas bandas de música. Coube ao ex-provedor Júlio Cesar de Oliveira representar a Irmandade.³³⁹

Os relatórios dos anos 1902/3 e 1903/4 registram a complementação da segurança do prédio com a elevação da altura dos muros e a formação de uma pequena horta nos fundos do terreno.³⁴⁰

Em 1904/5, decidida finalmente a abertura da seção masculina, foi construído o muro dividindo o pátio interno, aos fundos da capela. Na mesma ocasião, foi também feito o ajardinamento da parte do terreno em frente ao prédio do Asilo.³⁴¹

Em 1906, o prefeito Pereira Passos resolveu incluir o campo de São Cristóvão entre as áreas a serem beneficiadas pelo seu projeto de



Vista tomada de uma das janelas do Asilo, em 1910, vendo-se o Campo de São Cristóvão já remodelado, e os trilhos do bonde em frente ao colégio.³⁴²

renovação da cidade. A inauguração do novo espaço, transformado em um grande centro de lazer e de eventos, ocorreu a 11 de novembro daquele ano, o que valorizou ainda mais não só o belo prédio do Asilo, mas também o do Colégio Pedro II. Ainda se destacavam no entorno da praça a Escola Municipal Gonçalves Dias, que ainda ali permanece, e a sede do Clube São Cristóvão, posteriormente derrubado para as obras de ampliação do Colégio Pedro II.

No período 1907/8, com a população escolar bastante aumentada por conta do funcionamento da seção masculina, foi instalada uma nova e grande caldeira de cobre para a lavanderia, obra custeada pelo Conde de Avelar. Fez-se o revestimento da sala de trabalhos manuais, sendo as paredes em azulejo e o chão com ladrilhos. O mesmo se fez na sala da tipografia, neste caso custeada pelo Sr. José Gonçalves Guimarães. Também se mandou pintar a óleo toda a fachada do edifício e as grades, assim como foi renovada a caiação de toda a parte externa do restante do prédio. Revestiram-se os dois refeitórios com azulejos e renovou-se sua pintura; o mesmo foi feito nas paredes das varandas inferiores (que ladeiam os pátios), assim como os respectivos banheiros. Abriram-se duas portas novas para os recreios laterais. Na sala da oficina de bordado, foi feita uma nova caiação, serviço custeado também pelo citado Sr. Guimarães.³⁴³

No relatório do período 1909/10, Ramiz chama a atenção, pela primeira vez, para um problema que assolaria o colégio por muitos anos: o cupim, uma praga presente na região e que já havia infestado o madeiramento dos assoalhos, feitos em pinho, madeira bastante suscetível ao ataque desses insetos.³⁴⁴

Em junho de 1912, foram concluídos os trabalhos de instalação da luz elétrica no prédio, que até então tinha sua iluminação a base de gás. Um fato curioso nessa inovação foi que Ramiz, inseguro com a eficiência da nova tecnologia, decidiu não se desfazer de imediato do sistema a gás até então utilizado.³⁴⁵

Em 15 de agosto de 1914, iniciou-se a gestão do provedor Mário da Silva Nazareth, que se estenderia até 1923. Na condição de engenheiro civil, o novo provedor deu grande impulso às obras e

melhoramentos de que o Asilo ainda necessitava. No ano de 1915, com a extinção da seção masculina, foi derrubado o muro que dividia o pátio interno e remanejadas as dependências que antes eram ocupadas pelos meninos. Várias oficinas das meninas que ocupavam o térreo foram transferidas para o primeiro andar, por ser um local mais ensolarado.³⁴⁶

Em 1915, para diversão das meninas, a Irmandade adquiriu uma pianola (marca Steck) que, além do teclado normal, possuía um sistema de reprodução automática de músicas gravadas em rolos.³⁴⁷

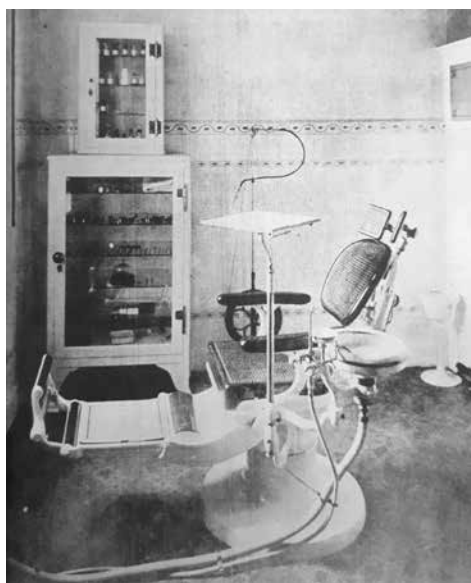
Na gestão 1915/6, foram feitas várias reformas, destacando-se a da cozinha, onde foi instalado um novo fogão a gás e realizadas adaptações apropriadas para o ensino da arte culinária. Também se fizeram melhorias na rouparia, instalada em uma nova dependência com novos armários, enquanto as duas antigas rouparias foram adaptadas para funcionar como residência de professoras.³⁴⁸

Em 1916/7, começou a ser feita nos dormitórios a troca dos assoalhos destruídos pelos cupins, substituídos por tábuas de madeiras mais resistentes (peroba e guarabu). Esse trabalho seria executado por etapas e levaria vários anos para ser concluído. Ainda nos dormitórios, foram também reformadas as janelas, de forma a melhorar a iluminação e ventilação.³⁴⁹

Em 1917/8, fez-se a adaptação de uma saleta e nela foram instaladas oito pequenas banheiras (semicupios), onde as alunas poderiam lavar-se à noite com água aquecida por um aparelho especial montado no pavimento interior (um aquecedor a gás). Segundo o diretor, destinavam-se a que as meninas lavassem os pés antes de dormir. Na época, porém, essas peças eram normalmente recomendadas para banhos de assento, como forma de amenizar cólicas, cistites, distúrbios gastro-intestinais e outros incômodos. As privadas foram reformadas e o banheiro ganhou duas banheiras de grande dimensão. As duas saletas que outrora separavam os dois refeitórios no 1º andar, com as escadas que levavam ao 2º andar, foram adaptadas e ganharam novas funções. As escadas desapareceram, mantendo-se apenas uma central, para acesso à despensa no pavimento térreo.

Das duas saletas se fez uma boa copa, com mesas de mármore e um armário novo. Também foi reformada a sala do gabinete dentário.³⁵⁰

Em 1918/9, registrou o diretor que a administração mandou realizar obras no lado direito do prédio, completando assim as que, no período anterior, haviam sido feitas na ala esquerda. Foram recuperados os dois dormitórios e adaptadas as saletas para fazer outra sala de banhos, com seu equipamento de água aquecida a gás.



Acima: as novas banheiras (semicupios) instaladas em 1917/18.
Abaixo: o novo consultório dentário.³⁵¹

O provedor Nazareth resumiu em seu relatório as atenções que ele e seus antecessores vinham dando ao prédio do Asilo:

O edifício adquirido para esse fim custou muito mais do que se esperava, e ainda assim, a instalação interna muito deixou a desejar, pelo que as administrações se têm sucedido sempre com a preocupação de melhorar esse edifício.

Encontrei-o, aliás, quando assumi a Provedoria, em condições muito deficientes para o conforto das asiladas, desde os dormitórios até às salas de aulas.

Mandei rasgar janelões, inundando o edifício de luz e ar; reformei os assoalhos, quase todos apodrecidos; abri ventiladores e forrei paredes até certa altura de azulejos de luxo; em tudo procurei fazer bom, duradouro e para o completo conforto das educandas.

Os dormitórios completamente remodelados nada deixam a desejar; as privadas são o que há de mais moderno e cômodo; as salas de banheiros e lavatórios foram completamente reformadas; assim como as salas de aulas estão convenientemente instaladas, obedecendo tudo ao que de mais perfeito se conhece, para tão cedo não haver necessidade de obras nas partes agora remodeladas.³⁵²

Em 21 de outubro de 1919 foi formalizada a escritura de aquisição de um terreno vizinho ao ocupado pelo Asilo. O terreno media 22,60 metros de largura por 141,30 metros de comprimento, dando frente para o campo de São Cristóvão e fundos para a rua General Bruce. Destinava-se a futuras ampliações e também a impedir que ali se construísse algo inconveniente às atividades do colégio.³⁵³ Ainda segundo o relatório do período, foram adquiridas máquinas de escrever e as respectivas mesas para o novo curso de Datilografia.

Em 1920/1, foram feitos reparos na copa e no banheiro dos aposentos do diretor, revestidos de ladrilho no assoalho e azulejos nas paredes.³⁵⁴ No último período de gestão do provedor Nazareth, foi reformada a parte relativas à enfermaria, que funcionava no 2º andar do prédio.³⁵⁵

No período 1923/4, sob gestão do provedor Albino Ferreira de Sá Coelho, foram iniciados os trabalhos para uma nova pintura geral

do interior do prédio e uma ampla restauração da capela. Também foi inaugurado o cinema, instalado em um salão adequado, no andar superior. A inauguração da sala ocorreu no dia 24 de dezembro de 1923, e a partir daquela data passou-se a exibir sessões semanais, com filmes oferecidos pelo irmão Izaac Frankel.

Também entrou em execução, nesse ano, o projeto do mausoléu em homenagem a Antonio Gonçalves de Araújo, no cemitério de São Francisco Xavier. O projeto foi encomendado ao escultor Rodolpho Bernardelli.³⁵⁶

Em agosto de 1924, foram concluídas as obras na capela e a pintura na parte interna do prédio. Fez-se também a caiação externa e a pintura nova da fachada; três salas do pavimento inferior foram reformadas e adaptadas para receber a nova oficina de chapéus e duas para rouparias suplementares.³⁵⁷

Em 29 de junho de 1926, realizou-se a inauguração do mausoléu em homenagem a Araújo, uma obra que levava a assinatura de Rodolpho Beardelli e do marmorista Bernardino di Palma.



Mausoléu no cemitério de S. Francisco Xavier, em homenagem a Araújo.³⁵⁸

No mesmo dia, após a inauguração do mausoléu, foi inaugurado no Asilo o retrato a óleo do conselheiro Gaspar da Rocha, que havia sido encomendado ao artista Giuseppe Boscagli.

Assim como havia feito no cemitério, Ramiz Galvão foi também o orador oficial desse ato. Uma ata conjunta registrou os dois eventos, assinada por membros da Irmandade, familiares de Gaspar da Rocha, professoras e o diretor do Asilo.³⁵⁹

O diretor registrou ainda, no relatório daquele ano, ter o provedor finalizado a troca dos assoalhos em várias unidades do prédio, assim como a reparação de portas, janelas e outros locais onde a madeira havia sido também atacada pelos cupins.³⁶⁰

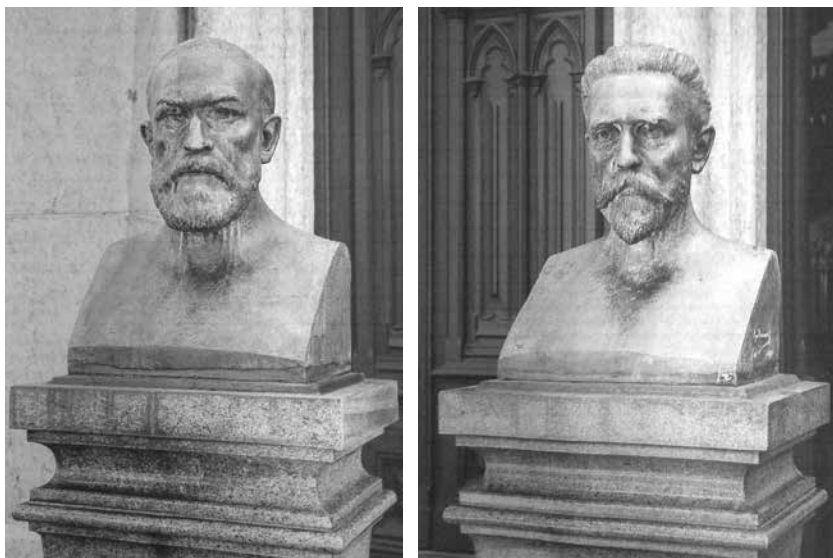
No relatório de 1926/7, Ramiz manifestou sua satisfação por ter sido atendido, finalmente, em seu pleito de ampliar o salão de honra, com a incorporação de duas salas laterais ao grande salão do palco. Nessa oportunidade, as paredes desse espaço receberam nova decoração, assim como as paredes do vasto hall, tudo segundo o projeto do pintor e decorador espanhol Francisco Puigdomenech Colon. Na capela, foi assentada uma artística grade de madeira entre o altar e o corpo da nave.

Em sete de agosto de 1927, na festa anual em homenagem ao aniversário do patrono, foram inaugurados, no início da manhã, os bustos de Araújo e de Gaspar da Rocha. Além do provedor e muitos membros da Irmandade, fizeram-se presentes ao ato familiares de Gaspar da Rocha (entre os quais o seu genro e autor da planta com que se iniciou a construção do prédio do Asilo, engenheiro José Aguiar Toledo Lisboa), representantes de outras irmandades, como o Sr. José Duarte Lopes Correa, da Ordem Terceira do Carmo, os irmãos Bernardelli (Rodolpho e Henrique), o marmorista Bernardino Di Palma, entre vários outros convidados. Em seu discurso, Ramiz Galvão lembrou que havia sido Gaspar da Rocha, na qualidade de inventariante dos bens deixados por Araújo, o responsável por destinar aquele importante legado para a Irmandade da Candelária.³⁶¹

Ainda no período 1927/8, foi reformado o pátio interno do Asilo, para acomodar melhor os exercícios de ginástica. Todo a área foi ci-

mentada e sua superfície marcada em quadrados, para melhor orientar os exercícios.³⁶²

A obra mais importante do período 1929/30 foi a construção do novo pavilhão de cinema, no espaço lateral entre o prédio do Asilo e o terreno adquirido anos antes. A obra foi executada mediante projeto do engenheiro Oscar Ferreira de Sá. Foram adquiridos trinta bancos de madeira para acomodar a assistência. O novo espaço foi solenemente inaugurado no dia 13 de abril de 1930, na presença do provedor Alberto Joaquim Esteves.



Os bustos de Gonçalves de Araújo e Gaspar da Rocha, por R. Bernardelli.³⁶³

De acordo com o diretor, o novo espaço servia também, aos domingos à noite, para diversão das alunas, que “dançam ao som da pianola para lá transferida”.

No local onde havia funcionado a antiga sala de cinema, foi instalado um novo dormitório; dois pequenos quartos foram preparados para uso das inspetoras; foi também instalado um banheiro suplementar para as alunas maiores, no andar térreo.³⁶⁴



Sessão inaugural do novo pavilhão de cinema, em 13 de abril de 1930, vendo-se o diretor Ramiz, em pé, à direita.³⁶⁵

Notas

- 337 AFBMP. Relatório 1900/01, pp. 201-210.
- 338 *Renascença*, jan-jun/1905, p. 4
- 339 AFBMP. Relatório 1901/02, pp. 129/130.
- 340 AFBMP. Relatório 1902/03, pp. 146/7 e Relatório 1903/04, pp. 140/141.
- 341 AFBMP. Relatório 1904/05, p. 159.
- 342 *Careta*, 18/06/1910, p. 17.
- 343 AFBMP. Relatório 1907/08, pp. 78/79.
- 344 AFBMP. Relatório 1909/10, p. 75/76.
- 345 AFBMP. Relatório 1911/12, p. 5.
- 346 AFBMP. Relatório 1914/15, p. 225
- 347 AFBMP. Relatório 1915/16, p. 197.
- 348 AFBMP. Relatório 1915/16, pp. 207/208.
- 349 AFBMP. Relatório 1916/17, p. 214.
- 350 AFBMP. Relatório 1917/18, pp. 92-95.
- 351 AFBMP. Relatório 1917/18, p. 261.

- 352 AFBMP. Relatório 1918/19, p. 78.
- 353 AFBMP. Relatório 1919/20, p. 122.
- 354 AFBMP. Relatório 1920/21, p. 151.
- 355 AFBMP. Relatório 1922/23, p. 164.
- 356 AFBMP. Relatório 1923/24, pp. 119, 129 e 130.
- 357 AFBMP. Relatório de 1924/25, p. 74.
- 358 AFBMP. Acervo fotográfico. Ref. 043.C.02889 (34.3). O mausoléu está localizado na quadra 3, da rua das Rosas, à esquerda da entrada principal daquela necrópole e ao lado do mausoléu dedicado ao Barão do Rio Branco.
- 359 AFBMP. Relatório 1925/26, pp. 109-113.
- 360 Idem, pp. 121-122.
- 361 AFBMP. Relatório 1927/28, pp. 60-61.
- 362 AFBMP. Relatório 1927/28, p. 67, 68, 79, 80 e 100.
- 363 ISSSC. Acervo Museológico. Bustos-hermas em bronze executados na Fundação Cavina, 1926; pedestais em granito por Benedito di Palma, 1926.
- 364 AFBMP. Relatório 1929/30, pp. 65 e 97
- 365 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043.C.02889

VIII

*As festas solenes
do colégio e os
discursos do diretor*

De acordo com o regulamento, a data de nascimento de Gonçalves de Araújo deveria ser lembrada com uma missa rezada na própria capela do estabelecimento.³⁶⁶ O diretor, entretanto, decidiu transformar aquele momento em um evento mais significativo, em que deveria não apenas relembrar o benemérito legado de Araújo e a dedicada administração da Irmandade, mas também prestar contas da sua gestão, dos avanços conquistados e das necessidades para melhorar as etapas futuras.

Esse evento acabaria por se transformar em um grande ato de conagração da Irmandade e da comunidade em torno do Asilo e suas crianças. Presidentes da República, ministros, prefeitos, representantes do clero e muitas outras autoridades se fizeram presentes à grande festa do Asilo Araújo, para prestar o seu reconhecimento à importante obra social e educacional mantida pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária. Por razões práticas, entretanto, a data dessa comemoração foi sendo ajustada para coincidir com um domingo do mês de agosto.

Ramiz criou também, como seria natural para um diretor de escola, um evento dedicado à premiação dos melhores alunos, marcando assim o encerramento do ano letivo. Era o momento especial para comentar e expor os avanços na educação das crianças sob seus cuidados.

As primeiras festas

A primeira festa em homenagem ao patrono realizou-se num domingo, 11 de agosto de 1901, mesmo tendo Ramiz recebido suas primeiras alunas apenas algumas semanas antes. Em seu Relatório, o diretor assim assinalou a data:

Posto que a 21 de julho de 1901 tivessem entrado as primeiras asiladas e, portanto, não houvesse tempo para preparar até 11 de agosto uma festa condigna, entendi que não era lícito deixar passar o primeiro aniversário de Gonçalves de Araújo sem tributar-lhe a homenagem de gratidão, que todos devemos à santa memória do benemérito fundador da casa.³⁶⁷

A festa teve início com uma missa na capela do Asilo, com a parte musical executada pelas próprias meninas e por D. Leonor Joppert, uma cantora amadora que passaria a ser presença frequente nas festas seguintes. Elas foram acompanhadas ao harmônio por D. Leonor Monteiro de Barros, mãe da regente do Asilo. Em seguida, no salão de honra, com as alunas uniformizadas postadas em torno do busto de Araújo, deu-se início à segunda parte do evento.

Abrindo os trabalhos, a aluna Maria Amorim, que naquelas escassas semanas já revelara seus dotes especiais, recitou um poema de autoria de Mello Moraes dedicado a Araújo.³⁶⁸

Em seguida, o diretor pronunciou seu discurso. Disse estar ciente das dificuldades que tinha pela frente naqueles primeiros momentos de vida do colégio, pois sabia do grande esforço financeiro assumido pela Irmandade. Mostrava preocupação com o ritmo lento daqueles primeiros passos, pois, apesar de ter sido inaugurado o prédio havia já sete meses, ainda faltavam investimentos indispensáveis para que o colégio funcionasse plenamente. Lembrou que não bastavam “a vastidão das salas, a solidez dos alicerces, a elegância das frontarias”: era necessário o aparelhamento das oficinas e das aulas, a contratação de mestres e a abertura das matrículas também para as crianças do sexo masculino, como previam os planos da instituição.

Depois de sublinhar a importância das grandes linhas de atuação que até então caracterizavam a Irmandade, disse que o Asilo era o complemento da sua grande obra apostólica. E, como que recordando os princípios que 20 anos antes haviam orientado o projeto do provedor Luiz Augusto de Magalhães, prosseguiu: “Nenhuma oração é mais frutífera do que a prática da caridade, e nenhuma caridade é mais eficaz e mais santa do que preparar a educação perfeita das crianças desvalidas...”

Certamente, ao fazer referência à “educação perfeita”, pretendia acentuar que a educação — mesmo vista como ato de caridade — não deveria deixar de primar pela qualidade que toda criança merece.

Ao encerrar, dirigindo-se ao busto de Araújo, pediu:

A ti, fundador augusto desta casa (e chamo-te augusto porque nada é soberano como a virtude), chega o momento de fazer-te também uma súplica: inspira-nos a todos a dedicação mais veemente; e do diamante raro e fúlgido de tua alma dá-nos a todos uma parcela para que possamos realizar o teu sonho, libertos de temores vãos e de preocupações mesquinhas, ousados na obra do bem, perseverantes na conquista do ideal, caridosos como tu, lúcidos como tu foste, imortal Gonçalves de Araújo!³⁶⁹

Nos anos seguintes, Ramiz encerraria sempre os seus discursos na Festa do Patrono dirigindo-se à imagem de Araújo, como se o patrono ali estivesse presidindo o evento.

Em 1902, as condições do colégio já haviam se modificado bastante. O número de crianças havia aumentado com a incorporação das meninas do Recolhimento. As aulas já estavam em curso e várias oficinas estavam em funcionamento. O quadro de pessoal ainda estava incompleto, mas o diretor havia conseguido que as poucas colaboradoras contratadas assumissem várias funções. Continuava a contar com algumas das alunas, as mais avançadas nos estudos, para ensinar as menores e as menos adiantadas. Também conseguiu atrair o concurso de várias pessoas, geralmente familiares de membros da Irmandade, na condição de colaboradores gratuitos, como para o ensino de música, por exemplo.

Portanto, na Festa do Patrono realizada no dia 10 de agosto de 1902, o diretor tinha algumas vitórias importantes a comemorar. Também tinha algo novo a apresentar: um hino em homenagem a Araújo. Seria o primeiro hino do colégio. Em seu discurso, utilizou uma história de um jardineiro muito cuidadoso com suas flores para representar o papel de Araújo e das crianças do Asilo. Ao final, resumiu: “Gonçalves de Araújo foi o jardineiro amoroso, que trabalhou toda a sua vida para deixar um opulento legado que levantou este

Asilo. As flores vivas do vergel ali estão, radiantes de alegria e prontas para entoar o grande hino da gratidão que lhes vai na alma.”

Disse, ainda, que entre os presentes estava o maestro Francisco Braga, um dos mais destacados compositores da época, a quem assim apresentou:

Um glorioso asilado, hoje mestre e mestre querido, que faz honra à Pátria, um glorioso asilado que vos deve servir de modelo e de estímulo, porque à força de talento e de trabalho subiu às culminâncias da Arte, o inspirado autor de Jupira, deu-vos com a generosidade dos ricos uma pérola do seu opulento escrínio no hino Gonçalves de Araújo, que de hoje em diante vai ser o vosso canto de amor. Cantai-o com entusiasmo e vida, glorificai o vosso extraordinário benfeitor, e cada nota desse cântico solene será uma nova estrela a engastar-se no diadema rútilo que lhe cinge a fronte junto ao trono de Deus!

Era a deixa para que, em seguida, fosse entoada pelas meninas aquele “hino de gratidão”, com o acompanhamento do maestro. A composição tinha letra de autoria do próprio diretor e traduzia um preito de gratidão ao patrono. Em sua parte final, dizia:

Protetor bendito, salve!
Que a dor converteste em riso;
Coroas teçam-te os anjos
Na glória do Paraíso!

O hino a Gonçalves de Araújo passaria a ser, nas festas seguintes, o ato de abertura da sessão, antecedendo o discurso do diretor.

O maestro Francisco Braga também passaria, a partir de então, a organizar e dirigir um pequeno concerto musical nas festas do colégio, tanto na Festa do Patrono como na festa de premiação, com peças executadas por artistas que ele próprio convidava.³⁷⁰

Com o passar dos anos, o diretor daria mais protagonismo às alunas nas festas, seja para recitar uma poesia ou para ler um pequeno discurso, agradecendo os cuidados e a dedicação da Irmandade.

Anos mais tarde, as alunas ganhariam um novo espaço, em que representavam uma peça teatral especialmente escrita para a oca-

sião pelo próprio diretor.³⁷¹ Os temas e outras particularidades dessas peças serão comentados adiante.

No encerramento da Festa do Patrono, o diretor conduzia os convidados e membros da Irmandade pelas instalações do colégio.

As missas continuaram sendo oficiadas na parte da manhã, sempre com o acompanhamento do coral das alunas e de artistas amadores convidados.

A festa de premiação ocorria após os exames de fim de curso e a correção das provas. Era normalmente realizada no mês de janeiro, no salão nobre, em uma tarde de domingo, com a participação de membros da Irmandade, familiares e responsáveis pelas alunas.

De um modo geral, o evento tinha início com as alunas cantando o hino do colégio sob a batuta do maestro Francisco Braga, ao que se seguia o discurso do diretor e, por fim, a distribuição dos prêmios. Ao longo dos anos, Ramiz introduziu algumas variações nesse programa. Em 1905, ano em que se inaugurou a sessão masculina, o evento foi encerrado com a inauguração da exposição de trabalhos executados nas oficinas. De acordo com os relatórios consultados, a exposição voltaria a se repetir na Festa do Patrono de 1910 e na festa de premiação de 1913. Mas essa atividade só foi incorporada definitivamente no programa a partir da festa de 1917. Nos últimos anos da gestão de Ramiz foi introduzida, ao final, uma apresentação de ginástica no pátio externo do colégio.

O primeiro desses eventos ocorreu em 28 de dezembro de 1902, pois no ano anterior as aulas apenas se esboçaram. Naquela oportunidade, Ramiz Galvão explicou às que formavam o seu primeiro grupo de alunas a visão da felicidade que todas deveriam não só almejar para suas vidas, mas, principalmente construir com esforço próprio:

A verdadeira felicidade reside na consciência tranquila de quem cumpriu o dever, está na alegria suprema de ser útil aos seus semelhantes, está no exercício da virtude que resiste a todas as tentações mundanas, está no emprego do tempo segundo as leis do Criador. E no mundo, tudo isso acaba as mais das vezes por conquistar a estima ou a admiração dos homens.

O que hoje aqui presenciamos é uma antecipação desse quadro, com a simples diferença de que na vossa vida colegial bastaram o trabalho e a correção de procedimento para ganhar os louros e cantar o hino da vitória, sem as lutas da vida material, sem os botes da inveja, sem os espinhos da maledicência ou da calúnia, sem os travos amargos da injustiça, que são no mundo lá fora os inimigos com que luta o merecimento real para despontar e vencer.³⁷²



*O maestro Francisco Braga e alunas do Asilo por ocasião da Festa do Patrono de 1925.*³⁷³

Os discursos do diretor

Ramiz Galvão desde cedo foi atraído pela arte da oratória, e foi nesse campo, como vimos, o primeiro de seus estudos históricos. No Instituto Histórico e Geográfico, exerceu o papel de orador perpétuo. Não poucas vezes foi convidado a ser orador em diversos momentos da vida cultural da cidade. Portanto, os seus discursos proferidos nas festas do Asilo Araújo formam, sem dúvida, os principais registros do seu pensamento e de suas preocupações como educador. Quase todos foram publicados nos seus relatórios anuais, e vários deles reproduzidos nos jornais da época. Se reunidos, esses discursos produziriam material suficiente para encher as páginas de

um novo volume, razão pela qual fazemos aqui apenas a transcrição de algumas passagens mais marcantes, para destacar alguns aspectos da sua visão como educador e cidadão.

Os discursos nas festas do patrono

Os discursos que lia nas festas do patrono, uma cerimônia mais formal, sempre com a presença de autoridades e muitos convidados, tinham como foco enaltecer a grande obra educacional e social que ali se construía pela magnanimidade de Gonçalves de Araújo e pela benemérita gestão da Irmandade da Candelária. Dentre os temas que Ramiz abordou em seus discursos no colégio, com base nesse pano de fundo, vale a pena destacar aqui três, aos quais retornava com frequência: o papel da educação para o resgate social dos mais pobres, mas, também, para o desenvolvimento da nação; o papel da mulher na sociedade; e, mais para o período final de sua gestão, o papel da religião para proteger as jovens do que classificava como “desvarios morais” da época.

O papel da educação para o resgate social dos mais pobres e para o desenvolvimento da pátria

Numa época em que os governos não se envolviam com programas em apoio aos mais pobres, Ramiz entendia que a iniciativa do Asilo Araújo deveria ser amplamente valorizada e ser tomada como exemplo para outras similares. Mostrava os progressos que ali se faziam, mas também registrava o que ainda poderia ser melhorado e ampliado em prol das crianças. E, sempre que alguma autoridade maior estava presente, lembrava o quanto poderiam fazer os governos em prol do país, dando mais atenção à educação.

Esse ponto, aliás, esteve em destaque em alguns momentos muito especiais, como em 9 de outubro de 1910, quando, na presença do presidente da República Nilo Peçanha, Ramiz apontou para os contrastes sociais cujo combate o governo da jovem República ainda estava longe de priorizar:

Olhai, em suma, poderosos da terra, para o rasgo generoso de Gonçalves de Araújo, como o mais belo programa da riqueza: fazer brilhar um raio de Esperança no albergue triste e sombrio do pobre.

E tu [dirigindo-se a Araújo], alma caridosa e boa, do seio dessa bem-aventurança a que subiste, do meio dessa claridade infinita, que sobre ti derramam os esplendores do Céu, inspira-os, dá-lhes uma chispa desse fogo sagrado em que ardeu o teu coração magnânimo. Das urzes brotarão flores, dos pauis da miséria surgirão nenúfares de nívea candidez, dos recessos escuros sairão a iluminar a sociedade e a pátria heróis do trabalho, apóstolos do dever cívico, luzeiros do saber, exemplares de virtude.³⁷⁴

Ele voltou ao tema no evento realizado em 13 de agosto de 1911, ao qual compareceu o presidente marechal Hermes da Fonseca:

De nada valerão as riquezas inauditas deste abençoado solo brasileiro se não houver quem as reconheça e explore e desenvolva sabiamente. Rios caudalosos, florestas colossais, campos ubérrimos, montanhas de ferro, ricas jazidas de ouro, carvão e diamantes, cascatas gigantescas, mares piscosos, fontes minerais abundantes — tudo isso que valerá perto de um povo sem instrução, de olhos fechados à luz?

A notável república Norte-Americana, que chegou em nossos dias ao auge da força e da prosperidade, começou criteriosamente pela escola primária, dando combate ao analfabetismo, derramando luz a mancheias pelas classes populares. A verdadeira democracia, a que assenta sua força na opinião esclarecida do povo, a única que devemos querer e ambicionar para a nação brasileira, só a conseguiremos por este processo; e enquanto o não pusermos em ação rasgadamente, patrioticamente, sem hesitação e sem olhar a sacrifícios, só poderemos ter o abuso das oligarquias fatais, o desastre das eleições fraudulentas, o predomínio funesto dos egoístas, e como consequência nefasta o germe temeroso de rebeliões insensatas, que comprometam ou retardem o progresso do país.³⁷⁵

Em 11 de agosto de 1912, época em que Ramiz Galvão exercia a dupla função de diretor do Asilo e diretor de Instrução Pública Municipal, mais razões tinha para destacar a importância da educação como motor para o progresso da nação:

Aos chefes de Estado nenhum problema social deve oferecer tamanho interesse como este: a educação da mocidade. E a razão é óbvia. Prepara-se nestas santas oficinas o futuro da Pátria, a qual só poderá crescer, prosperar e realizar os seus gloriosos destinos com o concurso esclarecido de seus filhos, com a integridade moral dos que amanhã têm de receber a herança da geração hodierna.

A nossa obra, instruindo e educando os futuros cidadãos, é a base segura do porvir; é roteando os campos e espalhando a boa semente que podemos garantir aos nossos pósteros farta colheita.³⁷⁶

A importância da educação para o país foi lembrada novamente na Festa do Patrono de 1914.³⁷⁷ Em seu discurso, o diretor apontou para as enormes riquezas naturais do país, que só a educação do povo permitiria explorar:

Que faz o sertanejo inculto junto às cachoeiras do Guaíra, do Iguaçu ou de Paulo Afonso? Ouve com supersticioso assombro o fragor das águas, que se despenham raivosas no abismo, e não suspeita sequer que ali ferve e reboa a grande geratriz de força e luz, que um dia há de movimentar as indústrias e iluminar as cidades prósperas e populosas deste continente maravilhoso.

Que força, que talismã fará surgir todo esse futuro brilhante, que não é fantasia de um sonhador, mas a predição segura, quase matemática, de uma realidade que as gerações vindouras apreciarão? Esse talismã precioso é a educação do povo, é a instrução da mocidade.³⁷⁸



*Ramiz lendo seu discurso na festa do Patrono de 1913.*³⁷⁹

Em 28 de setembro de 1919, após o aterrador episódio da Gripe Espanhola, o colégio retomou a sua vida normal, e a Festa do Patrono contou com a presença de Epitácio Pessoa, presidente da República, além do Cardeal Arcoverde e do prefeito Sá Freire, entre outras autoridades. Em seu discurso, Ramiz voltou a destacar o papel da educação na política brasileira:

Na nossa grande Capital a miséria e a ignorância já tomavam então grande vulto [referia-se ao ano de 1887, quando do testamento de Araújo] e prenunciavam perigos de que infelizmente ainda não nos achamos livre 30 anos depois, apesar do que há feito a República pela disseminação do ensino primário, pelo desenvolvimento do ensino profissional e pela assistência à pobreza.

Ora, deixar a mocidade sem luz e sem pão é em todos os tempos um crime; mas, no regime democrático, mais do que em qualquer outros, esse atentado pode até conduzir à ruína das instituições e ao desfalecimento da pátria, porque o povo que não saber ler, ou que não se adestra na oficina, falece de competência para a soberania que a lei lhe faculta, falece de aptidão e perícia para o trabalho, base única da prosperidade e da riqueza.³⁸⁰

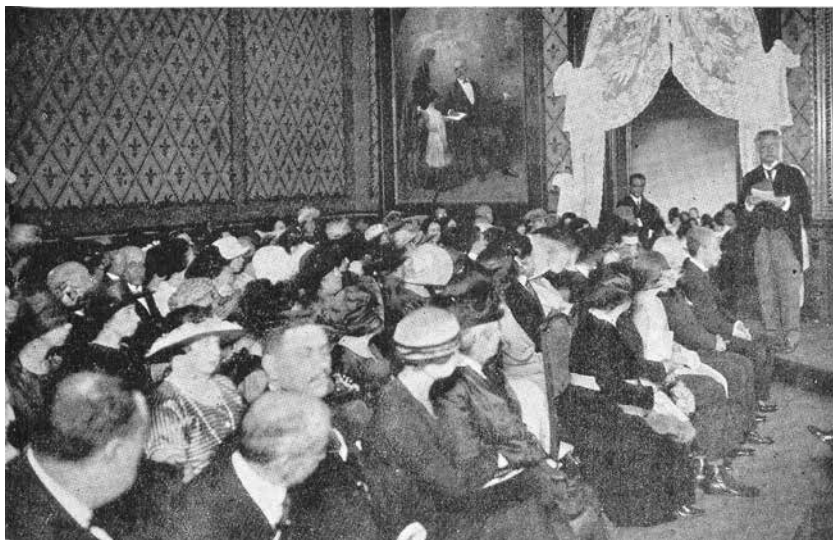
A comemoração do aniversário do patrono em 1920 realizou-se tardiamente, apenas em 31 de outubro. Em seu discurso, Ramiz relembrou que as riquezas naturais do Brasil precisavam de gente estudada para serem melhor aproveitadas em benefício da nação:

A nossa terra é deveras assombrosa: opulentam-na a uberdade do solo, a variedade de seus climas, a riqueza de suas matas, a rede providencial das suas artérias fluviais, a amplitude de seus portos. Que valerá, porém, todo este tesouro que a Providência nos concedeu se, no futuro, o povo brasileiro que o possui não tiver os dotes de instrução e educação indispensáveis para de sua terra fazer uma nação forte, próspera e respeitada pelo mundo?³⁸¹

O papel da mulher na sociedade

Com os anos 20, começava a se consolidar um novo patamar para situar o papel da mulher na sociedade. E, como o colégio suspendera as atividades da seção masculina desde 1915, as atenções do diretor se dirigiam exclusivamente às suas alunas. Por essa razão, dali por diante seus discursos seriam absorvidos por essa nova situação e por suas incertezas em como lidar com aquela nova realidade.

A primeira manifestação nesse sentido ocorreu na Festa do Patrono de 15 de outubro de 1922. Ao fazer referência aos novos cursos instituídos naquele ano, por proposta do provedor Mario Nazareth (datilografia, estenografia e escrituração comercial), Ramiz Galvão destacou que eram novas oportunidades de trabalho que se abriam para as jovens internas quando dali saíssem: “A sociedade moderna abriu para a mulher, o chamado outrora impropriamente sexo frágil, horizontes novos, carreiras auspiciosas e garantidoras do futuro.”³⁸²



*O diretor lendo seu discurso na Festa do Patrono de 1922.*³⁸³

No ano seguinte, na festa realizada em 12 de agosto de 1923, ele voltou a falar do novo papel da mulher na sociedade. Mas via desafios nesses novos caminhos, pelas questões morais que se apresentavam:

É mister que instrução e moral se conjuguem. Precisamos de cérebros e corações, ambos bem cultivados, ambos aprimorados por cuidado assíduo e nunca interrompido, para sermos um povo respeitado e digno, capaz de força produtora e capaz de heroísmos.

Pois bem. A bela obra de Gonçalves de Araújo colima este duplo objetivo; e, se ele a ideou assim, melhor a preparam os executores do seu ideal, instruídos pelo conhecimento do que vai pelo mundo contemporâneo, onde até o voto político se pretende proporcionar às representantes do sexo frágil.

Deve-se ir até essa extrema exaltação do papel da mulher? Não sei, e essa dúvida já aqui externei em cerimônia idêntica.

Penso que não é pouco vê-la professora e mestra, hábil operária e artista, e sobretudo exemplar mãe de família. Em todas estas funções delicadas a influência da mulher pode e deve ser preciosa; sobejam-lhe dotes naturais para isso.

Que há de mais nobre e de mais digno do que ser o anjo do lar? Que há de mais útil à sociedade do que instruir e educar a infância, aparelhando-a na escola desde os verdes anos para os altos misteres da vida social, inculcando na alma da juventude o germe de todas as virtudes públicas e particulares?

Igualmente útil e perfeitamente adequada é a intervenção da mulher em vários misteres, já na indústria, já no comércio, colaborando e até competindo com o homem em funções que não destoam da sua natural delicadeza.

Pois bem. A tudo isso atende a criação de Antonio Gonçalves de Araújo, mormente depois que a atual e benemérita administração da Irmandade aqui dilatou o círculo dos estudos e trabalhos, abrindo assim horizontes novos à atividade de nossas educandas.

Estas últimas palavras parecem revelar a origem das suas incertezas. Ele já havia assinalado, em outra oportunidade, que a iniciativa de introduzir os cursos de datilografia, estenografia e escrituração

mercantil havia sido do provedor Nazareth. Eram atividades que colocariam as jovens em novos espaços de trabalho, diferentes do lar doméstico, das oficinas dedicadas a ofícios femininos e das salas de aula do curso primário. Estariam as jovens “moralmente” preparadas para tais desafios?³⁸⁴



*Discursando na Festa do Patrono de 1924.*³⁸⁵

A religião como freio aos “desvarios morais” da época

Em 9 de agosto de 1925, ainda preocupado com os aspectos morais da inserção das mulheres em novos espaços da sociedade, Ramiz Galvão passou a defender que a religião atuasse como um freio para as ameaças que vislumbrava. Mas atribuiu essa argumentação ao próprio Araújo, sugerindo que o patrono, ao fazer seu testamento em 1887, quando vigoravam outros costumes, teria decidido entregar o seu projeto a uma instituição religiosa, a Irmandade da Candelária. E justificou: “As facilidades que entraram depois a predominar na educação da mocidade fizeram seu mal principalmente no sexo feminino, o mais delicado, o mais frágil e por isso mesmo o mais sujeito à influência deletéria das modas exageradas e da liberdade sem freio”. E, depois de lastimar que se tivesse eliminado nas escolas o espírito religioso, concluiu:

O futuro da sociedade brasileira se anuncia prenhe de perigos, e esses perigos virão sem dúvida, se não se opuser um dique à dissolução de costumes, aos arrebiques imoderados e à invasão do nu, que nas ruas, nos teatros, nos bailes, nas diversões de todo o gênero infelizmente impera sem resguardo, e para que não dizer também – sem pudor.

Araújo foi, pois, um vidente, quando entregou aos seus irmãos da Candelária este encargo santo que eles vão desempenhando com solicitude, com amor, com alta benemerência...³⁸⁶

Ramiz reiterou suas preocupações na festa do dia 8 de agosto de 1926, para enfatizar o papel da Irmandade ao proporcionar às alunas a necessária instrução religiosa:

O Asilo Gonçalves de Araújo não dá somente instrução a crianças pobres do Rio de Janeiro. Seu programa, acariciado e desenvolvido pela benemérita Irmandade do S. Sacramento da Candelária, vai além. Ele envolve alguma coisa que vale tanto, se é que não vale mais, do que a instrução. Ele educa esta mesma mocidade, incutindo-lhe hábitos de trabalho, fé religiosa e a prática da virtude, princípios fundamentais e salvadores da sociedade, base segura em que assenta o edifício da felicidade doméstica, esteio seguríssimo da família, e quem diz família diz a célula formadora do corpo social.³⁸⁷

Voltou ao tema na festa de 7 de agosto de 1927, insistindo na importância do ensino religioso proporcionado pela Irmandade para a sólida formação moral das suas alunas:

Mais do que nunca, nos dias que correm se faz necessária esta norma de educação para a mocidade brasileira. Ninguém ignora o que por aí vai de liberdade ou de licença (para dizer melhor), nos costumes públicos, nas diversões impróprias, no trajar descomposto das jovens que frequentam teatros, cinemas, bailes e festas de qualquer natureza. Nas próprias ruas e avenidas da nossa capital, à luz meridiana, se ostenta com garbo a quase nudez de moças incautas, filhas aliás de famílias distintas da nossa sociedade, mas que não encontram na severidade de suas mães nem na austeridade de seus pais o corretivo necessário para as exigências desta tirana implacável, que se intitula “A moda”.

Onde achar o remédio para estes males senão na moral religiosa? Hoje, portanto, mais do que nunca, é mister que se pregue *urbi et orbe*, pela

palavra e pelo exemplo, esta doutrina salvadora da sociedade brasileira. Sem Deus, sem os preceitos de seu Divino Filho, sem o culto da Virgem Santíssima que foi o modelo das mulheres, assim como, nos domínios da Política, sem a honradez exemplar, sem o desinteresse patriótico, sem o devotamento máximo aos deveres de bom cidadão, não há sociedade que se salve.³⁸⁸

Na Festa do Patrono de 19 de agosto de 1928, ele insistiu em demonstrar preocupação com a evolução dos costumes:

O meio em que agora vivemos, a sociedade que nos cerca, infunde grande temor pelo futuro no espírito dos que foram educados em outra escola, dos que beberam na mocidade outros princípios e tiveram a fortuna de outros exemplos.

Há, infelizmente, sabemo-lo todos, uma onda avassaladora de dissolução, que no Brasil, como em outras nações do mundo, põe em grande risco a educação da juventude, o que equivale a dizer, abala os fundamentos da grandeza e da prosperidade da Pátria.

E os males não se limitam à juventude, todos vemos também. Vêm de mais alto, vêm dos que pela sua idade e posição deveriam ser modelos de honradez e compostura, mas de fato o não são.

As seduções fatais do prazer e do luxo imoderado campeiam por toda a parte, ali dando origem a delapidações que prejudicam a fortuna pública, acolá a tortuosas manobras que malbaratam as rendas ou comprometem propriedades da nação.

Em círculos de menor notoriedade, qual é o aspecto do cenário? A desordem dos lares; espetáculos públicos em que a Moral se cobre de luto; a perfeição, e até por vezes, a mesquinhez das formas do corpo passeadas a nu nas praias, nos teatros e nas avenidas, para gaudío dos apreciadores, enfileirados nos pontos estratégicos, em que o trânsito se avoluma.

Perdoai-me, senhores, este quadro triste e lamentável da nossa sociedade atual, onde o que predomina é o mal, o que mais aparece é a falta de decoro e da modéstia, contrapondo-se aliás a exceções honrosas, que ainda existem e reconheço, graças a Deus.

Ora, para toda essa enfermidade social, que o grande Araújo parece ter previsto com a lucidez dum predestinado, há um remédio único: é a educação cristã aliada ao amor ao trabalho, é o preparo da juventude

nas escolas e nos institutos profissionais, que iluminem o espírito e adestrem as mãos, à luz, já se vê, dos princípios salvadores da Moral religiosa.³⁸⁹

Em 11 de agosto de 1929, voltou a advertir sobre as tentações frívolas da época:

Forçoso é que compreendais a necessidade do estudo afim de vos aparelhardes para a vida prática: passou o tempo das preciosas analfabetas ridículas, que apenas se preocupavam com os arrebiques, os enfeites, as caiações, as pinturas e mil outras frivolidades que a boa Moral condena, porque só demonstram leveza de espírito e vaidades.

Ao encerrar, usou uma vez mais a figura de Araújo, reproduzido no grande retrato de autoria de Décio Villares:

Ele me está ouvindo, senhores, e no arrebatamento da minha imaginação se me afigura até que daquela formosa tela se desprende o seu vulto simpático e meigo, para dizer aos dignos membros da Irmandade:

“Foi isso, amigos, que eu sonhei para as crianças: carinho que seduz, instrução que nobilita, moral religiosa que fortalece as almas, bem-estar, conforto e alegria que compensam os travos da penúria e da orfandade. Obrigado, queridos irmão da Candelária, que me compreendestes!”

E, dito isso, ei-lo de volta à serena mudez da tela, enquanto o eco de suas palavras, nas ondas do éter, sobre até o trono de Deus!³⁹⁰

O último discurso

No dia 10 de agosto de 1930, realizou-se a última Festa do Patro- no dirigida por Ramiz Galvão. Ele lembrou, ainda uma vez mais, a decisão de Araújo de deixar que seus bens resultassem em benefício das crianças pobres, por meio de um Asilo administrado pela Irmandade, e os muitos talentos da humanidade provenientes das classes pobres. Destacou o papel da Irmandade como dedicada administradora do legado de Araújo, permitindo que mais crianças estivessem sendo atendidas e ampliadas as opções de aprendizado profissional.

Em seguida, dirigiu-se às suas alunas para repetir-lhes uma última vez o significado e a importância da gratidão:

Agora, minhas caras alunas, filhas adotivas de Gonçalves de Araújo, uma só palavra! Gratidão. Amando vossos chefes solícitos e amorosos, não esqueçais jamais nunca que a esse amor deveis ligar em toda a vida, qualquer que seja a vossa posição, o agradecimento mais fervoroso ao alto protetor, que amparou a vossa pobreza, que vos deu luz e exemplos de virtude, que vos deu armas para a luta da existência, que vos deu o corpo robustecido para o trabalho e o espírito aparelhado para os rudes embates da vida, cada vez maiores à proporção que passam os anos e a competição das rivais de multiplica... Em vossas consciências, em vossos corações guardai eternamente este nome — Antonio Gonçalves de Araújo — como o de melhor pai, como o de maior benfeitor, pai da infância desvalida, benfeitor magnânimo das crianças do Rio de Janeiro, esse que à orfandade legou pão e luz, como está gravado no seu belo monumento. Hoje, amanhã e sempre, viva a memória augusta de Gonçalves de Araújo!³⁹¹

Os discursos nas festas de premiação

Sempre sistemático, Ramiz Galvão compunha esses discursos de modo a lembrar a seus alunos e alunas que tinham o dever de se dedicar aos estudos e que essa dedicação era uma demonstração de amor filial ao patrono Araújo, à administração da Irmandade, mas também às suas mães e responsáveis. Igualmente lhes recordava o duro trabalho de seus mestres, ao longo de todo o ano, esforçando-se para ensinar-lhes os temas do programa e as técnicas adequadas para serem aplicadas nas oficinas. Finalmente, parabenizava as crianças que se destacavam, embora sempre lhes recomendando conservar a humildade perante seus colegas, e estimulava as que não haviam conseguido as melhores posições para que continuassem a se empenhar no aprendizado.

Veza por outra, Ramiz abria espaço para discutir um ou outro aspecto que entendia relevante na ocasião. Também gostava de mencionar exemplos para melhor qualificar suas orientações. A partir da segunda metade da sua gestão, mormente a partir do encerramento

da seção masculina, passou a insistir muito sobre o fraco desempenho das meninas no curso primário, em comparação com o maior interesse que demonstravam nas oficinas.

Na última década de sua gestão, Ramiz passou a introduzir em seus discursos um tema que passara a dominar suas preocupações como educador e que frequentemente abordava por ocasião das festas do patrono: o impacto da revolução social da época sobre as jovens e as formas de defendê-las dos perigos que as novidades introduziam em suas vidas futuras, fora do colégio. A seguir, destacamos algumas passagens desses discursos.

O trabalho conjunto com meninas e meninos, que durou de 1905 a 1914, não parece ter dado margem a tratamentos diferenciados entre um e outro grupo. Assim, na festa de premiação realizada em 26 de janeiro de 1913, ao pedir a todos que se dedicassem com mais intensidade aos estudos, o diretor citou alguns exemplos que evidenciaram a diferença de horizontes que separavam os homens das mulheres. No caso destas, lembrou de Maria Amorim, Judith de Oliveira e Albertina Carvalhaes, ex-alunas que haviam passado a integrar o quadro de professoras e mestras do Asilo. Mas os exemplos masculinos sugeriam caminhos mais largos:

Eu poderia citar-vos centenas de nomes nascidos em posição humilde, no seio da maior pobreza, e que, todavia, ficaram na história, distintos em todos os ramos da atividade humana: nas letras, nas artes, na religião e na política. Mas para que volver às páginas do passado, se tendes diante de vós próprios a mais eloquente prova do valor do esforço pessoal?

Araújo, o benemérito fundador desta casa, abriu os olhos à luz em uma pobre choupana nas cercanias do Porto; estes amigos, altos representantes da Irmandade, que vos cercam e protegem, são outros tantos fidalgos da aristocracia do trabalho, que romperam o caminho glorioso da vida labutando bravamente.

Quem vos fala e vos preconiza neste momento as excelências do trabalho também não teve sedas, cambraias nem arminhos no leito infantil; filho de um modestíssimo artista, lutando desde cedo com as penúrias da orfandade, foi nas campanhas do estudo perseverante que alcançou

os seus galões, e, se me permitis a frase, dir-vos-ei que disso tenho orgulho e desvanecimento.³⁹²

Na festa de premiação realizada a 8 de fevereiro de 1914 (nessa época, Ramiz ainda acumulava seu cargo de diretor do colégio com o de diretor do ensino primário do Rio de Janeiro), lembrou aos seus alunos e alunas que os homens do governo tinham a atribuição de “zelar pelo patrimônio nacional e trabalhar pelo progresso do país” e que o mestre era “o maior dos servidores da pátria, (...) porque o mestre forma, prepara e ilustra todos os mais servidores da nação.” Mas lembrou-lhes também que o empenho nos estudos era uma atitude patriótica, e que o resultado do trabalho dos professores dependia muito da dedicação de seus alunos.³⁹³

A 13 de fevereiro de 1916, já então sem a seção masculina, Ramiz voltou a ressaltar a importância e o significado das premiações para suas famílias. Novamente recorreu à sua própria experiência:

Conheço, prezadas alunas, conheço de muito perto um amigo, hoje encanecido, mas que ainda estuda, porque é preciso sempre estudar; não foi um asilado, mas foi como vós um menino pobre, cuja educação gratuita se fez num estabelecimento do Estado. Nada no mundo equivale às santas lágrimas de soberano prazer que inundavam as faces de sua mãe, quando o filho estudioso lhe trazia todos os anos o prêmio recebido das mãos do próprio imperador em ato solene do Colégio Pedro II. E aquela cena era um incentivo poderoso para ele não afrouxar na campanha do trabalho, porque no coração do menino de então se constituíra dever sacratíssimo pagar com aquele prêmio as ternuras do coração materno.³⁹⁴

A partir de 1917, o diretor passou a cobrar com mais intensidade os resultados de suas alunas no curso primário, que considerava muito insatisfatórios. Embora aplaudisse o desempenho delas nas oficinas, entendia que não se aplicavam como deviam às matérias do primário. Na festa realizada no dia 28 de janeiro daquele ano, procurou estimulá-las, valorizando o papel que deveriam desempenhar como mães de família, bem administrando o lar e orientando sua prole:

A instrução elementar, que aqui vos é ministrada nas classes, nada tem de excessivo nem de supérfluo; ela constitui um fundo sólido, uma necessidade imprescindível para os usos da vida e para as exigências do meio social, em que haveis de entrar forçosamente, mais cedo ou mais tarde.

No mundo, um analfabeto, um ignorante, é um ente infeliz. Fecham-se ou dificultam-se para ele as portas de todas as carreiras. A própria mãe de família, que tem a fortuna de constituir o seu lar, para o desempenho perfeito dessa missão social carece de instrução. Como reger com acerto a casa, como vigiar eficazmente pela economia doméstica, como dirigir bem a educação dos filhos se lhe faltam os elementos fundamentais, as noções mais simples da vida prática?

O ignorante, por maior que seja a sua habilidade manual, é sempre um ser inferior, exposto às manobras do mais astuto, incapaz de progredir no próprio ofício em que adquiriu alguma destreza, condenado, portanto, a posições subalternas e a estacionar como um marco de pedra. Ora, não é decerto este papel inferior que deveis ambicionar. E, como sair dele, como evitá-lo senão enriquecendo o vosso espírito, senão cultivando as vossas faculdades nesta idade propícia à aquisição de conhecimentos?³⁹⁵

Embora não tenha havido exames nem promoções de classes no curso primário por conta da Gripe Espanhola de 1918, a premiação foi mantida e baseou-se no desempenho no período anterior à epidemia. Na festa realizada em 2 de fevereiro de 1919, Ramiz lembrou o grave episódio que levara ao leito mais de 90 alunas, e criticou a solução adotada no ensino público:

Ali fez-se a promoção indistinta dos estudiosos e dos relapsos, comprometendo destarte a seriedade dos estudos e dos graus acadêmicos, e, portanto, a solidez do preparo científico e literário da mocidade que vai entrar nas lutas da vida sem armas adequadas ao combate. Essas foram liberalidades que o são patriotismo não pode aceitar. Sobre areia move-dça e inconsistente, toda construção é precária.³⁹⁶

A partir de 1920, Ramiz passou a repetir nos seus discursos de fim de ano os temas que então mais o preocupavam: o novo papel da mulher na sociedade e as modificações nos costumes e na moral.

Em seu discurso na festa do dia 8 de fevereiro de 1920, incorporou aos seus argumentos o surgimento de novas opções de trabalho para as mulheres:

A mulher, além da sua função primordial no lar, tem hoje outros horizontes mais amplos, que se lhe abrem radiosos na sociedade humana, e para tais funções é mister que cultive o espírito, aprimore também a inteligência e saiba o que se não pode dispensar para o desempenho de mais altos encargos. Lavores são preciosos, sem dúvida, nem serei eu quem os desestime; mas estudos são igualmente preciosos como base fundamental de educação.

Ele buscou reforço na recente decisão de incorporar os cursos de datilografia, estenografia e escrituração mercantil:

Pois bem. Como colher frutos aproveitáveis nessas aulas se não tiverdes o preparo indispensável na língua pátria e no cálculo, que se ensina nas classes primárias, essas que não tem merecido o vosso desvelo, como eu quisera e como todas as vossas professoras incessantemente reclamam... Vede o exemplo feliz e que me enche de orgulho, das senhoritas Maria de Amorim, Judith de Oliveira, Albertina Carvalhaes e Benedita Vianna; vede o exemplo de D. Iza Lyrio. São hoje aqui todas elas distintas professoras ou mestras; nesses bancos em que vos sentais também aqui fizeram a sua educação e foram alunas tão estimadas nas classes como nas oficinas.



*Ramiz discursa na festa de premiação de 1919.*³⁹⁷

Na festa realizada em 29 de janeiro de 1922, o diretor abordou o tema da modificação dos costumes e da exploração comercial do sexo feminino, pelo seu aspecto físico.

Não me canso de vos repetir que na sociedade moderna a mulher tem papel mais saliente e preponderante do que teve no passado; ora, para o desempenho de tais funções a cultura do espírito é indispensável. Graça, beleza, doçura e virtude serão sempre dotes valiosos nas encantadoras representantes do vosso sexo, ninguém o contesta; mas todos esses primores avultarão e terão muito maior valia quando aliados à cultura do espírito, e esta cultura sobrepujará sem dúvida a quando adornos físicos se possam imaginar, em se tratando da luta pela vida, que é cada dia mais intensa no mundo.

A administração pública no Brasil, como em outros países, o comércio e a indústria, aqui como na Europa e nos Estados Unidos, estão hoje proporcionando às senhoras papéis novos, carreiras que em outro tempo lhes eram desconhecidas e até vedadas. E como podereis mais tarde ambicioná-las, filhas minhas, como podereis nelas entrar com êxito se vos falecerem as bases firmes que só o estudo vos pode dar?³⁹⁸

Na festa seguinte, em 20 de janeiro de 1923, Ramiz retornou ao tema da maior participação da mulher na sociedade e de como suas alunas deveriam se preparar para esses desafios. Entendia que havia exageros nas propostas feministas:

Ninguém ignora que um dos problemas mais interessantes deste século é a nobilitação da mulher pelo estudo e pelo trabalho, é a sua participação efetiva na vida social. Já uma vez tive ocasião de externar neste mesmo recinto, em cerimônia idêntica, o meu humilde parecer sobre este assunto, tão discutido aliás em assembleias e gazetas.

Quanto a mim, não posso aceitar os exageros do partido feminista, que esquece o verdadeiro, o admirável papel da mulher na sociedade, pretendendo atirá-la aos combates da política, expondo-a ao torvelinho de paixões e de lutas, que se não coadunam com a delicadeza encantadora do sexo.

Mas há um meio termo razoável entre esse exagero perigoso e a velha rotina, que condenava a mulher à simples obrigação do lar, quando não era a desoladora clausura, ou disfarçado cativoiro.

É esse meio termo razoável que os espíritos mais ponderados do nosso século aplaudem e aconselham. Como mãe, educadora das novas gerações; como mestra e meiga portadora de luz; como funcionária dedicada a misteres próprios de seu sexo; como operária em oficinas que não reclamam o vigor masculino, a mulher tem na sociedade moderna papel notável e digno de encômios, largo círculo de atividade fecunda.³⁹⁹

No evento de 20 de janeiro de 1924, ele aproveitou para advertir suas alunas sobre as incertezas do futuro:

Sabem acaso estas crianças e gentis meninas o destino que lhes reserva a Providência? A uma poderá sorrir quiçá desde logo a felicidade; mas outras poderão encontrar no lar materno e no mundo penúria e tristezas, depois que concluírem aqui o estágio de sua educação. Já não quero falar das múltiplas seduções perversas, de que está repleta desgraçadamente a sociedade que nos cerca, e onde elas terão de agir.

Qual o escudo e quais as armas para afrontar com vantagem aquela penúria e esses perigos?

A educação e as lições de moral que houverem aqui bebido, a obra santa de Gonçalves de Araújo e dos beneméritos executores do ideal desse magnânimo português, a quem todas elas devem amar e agradecer.

E não para aí o dever das educandas do Asilo. É-lhes forçoso também levar alívio e conforto ao coração de suas mães, cuja pobreza deu causa à dolorosa separação em que vivem...⁴⁰⁰

Em 18 de janeiro de 1925, Ramiz voltou a cobrar de suas alunas mais dedicação ao curso primário: “Não me cansarei jamais de repetir que, ao lado do trabalho das oficinas, vos é absolutamente indispensável a instrução literária, que a todos abre horizontes novos, enriquece o espírito, e nas labutações da vida é arma preciosa e insubstituível.” Ele exemplificou:

Em toda a minha vida de professor, exercida em mais de meio século, tive cinco grandes e extraordinários discípulos. Um foi o malogrado príncipe brasileiro D. Luiz de Bragança e Orleans, tão cedo e infelizmente roubado à vida quando heroicamente acabava de se bater defendendo a pátria de seus avós; dois foram mais tarde ilustres professores

de ensino superior em Ouro Preto e no Rio de Janeiro; outro veste hoje e honra a toga de juiz nesta capital; o quinto é uma laureada filha desta casa, que vos dá admiráveis lições e ao mesmo tempo ilustra o professorado municipal; não careço citar-vos o nome seu, de todos conhecido e querido.

Esses foram os grandes astros; mas a quantos outros tive a fortuna, a honra de ensinar, e se distinguiram na vida pública ou no magistério, graças ao seu esforço, à sua constância no trabalho, ao seu amor ao estudo, ao seu patriótico desejo de bem servir a Pátria?⁴⁰¹

Na festa do dia 24 de janeiro de 1926, Ramiz indicou o caminho para que suas alunas enfrentassem os novos perigos da sociedade:

Quanto à educação, aprimorada pelos firmes sentimentos religiosos, esse é outro fator preciosíssimo, do qual infelizmente a sociedade moderna parece descurar, e que entretanto a cada dia adquire maior importância no tempo em que vivemos, tempo de perigo contínuo para a mocidade, tempo de diversões raramente inocentes, tempo de seduções constantes nos passeios, nos teatros, nos cinemas, nos bailes, onde a licença impera, onde a quase nudez se ostenta com garbo lastimável, para não dizer repugnante.

De que matéria será feita a armadura para resistir a semelhantes golpes? Há só uma. É a Educação cristã; é a Educação da mocidade sob o influxo precioso da Religião de Jesus, que prega a virtude, o recato, a modéstia, a simplicidade, o culto da honra.

E mais adiante, contrastou os sonhos de suas jovens com a dura realidade que poderiam ter de enfrentar:

A vossa imaginação infantil engana-vos decerto, quando, ansiosas pelo complemento de idade e pelo dia do desligamento, suspirais pela hora da liberdade. Que ilusão! Lá fora, no tumulto do mundo, sereis mais cativas do que nunca: cativas do trabalho, às vezes penoso, com o qual tereis de acudir às necessidades, vossas ou de vossas pobres mães; cativas do dever de salvaguardar a vossa honra, bem preciosíssimo que não tem preço.

Se constituirdes famílias, sereis cem vezes cativas, porque às múltiplas obrigações de uma mãe de família correspondem sacrifícios, ansieda-

des, preocupações sem conta, e tudo isso equivale às agruras de um cativoiro.⁴⁰²

Em 20 de janeiro de 1929, demonstrou sua revolta para com a valorização da moda em detrimento do estudo:

Não é decerto, a se mirarem nos espelhos ou nas vidraças, a concertarem penteados pelos modelos da Mode élégante, não é assim que elas se hão de preparar para a conquista do futuro nem para dar glória ao instituto em que se educam.

Bem sei que lá fora predominam infelizmente os arrebiques, as pinturas ridículas e os exageros condenáveis, até imorais, das modas que escravizam e pervertem a juventude; nem é por outra razão que a sociedade moderna oferece espetáculos de dissolução e de ruína, que todos os homens de bom senso lastimam.

Mas as filhas de Gonçalves de Araujo, estas vivem graças a Deus, longe do tumulto perturbador, exatamente para se preservarem da invasão desse micróbio funesto e de todas as tentações da vaidade...

Abaixo portanto vaidades e arrebiques; para longe a desídia, o desalento, a sedução dos prazeres fúteis.⁴⁰³

No dia 26 de janeiro de 1930, Ramiz Galvão conduziu pela última vez a festa de premiação de suas alunas. Nessa ocasião, anunciou que havia percebido melhoras na dedicação das alunas aos estudos do curso primário, embora ainda deixassem a desejar quanto a recompensar os esforços dos professores. Mais uma vez alertou-as sobre os desafios da vida moderna e a importância dos estudos:

As jovens brasileiras, como as de todos os países civilizados modernos, entram agora com exuberância na vida social, no exercício de artes liberais, no magistério, no comércio, na indústria, na administração pública e até na Política. Mas qual a razão, qual o fundamento destes triunfos? Serão acaso os penteados abstrusos, o exagero das modas mundanas, a beleza escultural que se desnuda, as pinturas e os artificios das melindrosas? Não e não. Triunfam as que estudaram, as que sacrificaram leviãos passatempos à cultura do espírito e à prática de uma moral irrepreensível. Estes é que são os grandes promotores de um futuro está-

vel, são estes os fundamentos da verdadeira felicidade, que se completa na organização da família cristã.

Adiante, revelou-lhes pela última vez, a título de exemplo, um pouco de sua biografia como estudante e seu respeito pelos professores:

Não está longe de vós alguém, que outrora aluno do Colégio de Pedro II, e depois de laureado duas vezes, foi privado de prêmio no seu 3º ano do curso, vendo-o conferido a outro colega de somenos valor, porque o Reitor do estabelecimento observou com muita razão que esse menino incorrera em várias punições, arrastado por péssimo exemplo de companheiros trêfegos e pouco estudiosos.

Quereis saber o que sucedeu? Esse menino, assim desclassificado, sentiu por tal forma o incidente, que daí por diante, completamente regenerado, tornou a conquistar distinções e prêmios. Esse menino é hoje um velho brasileiro, mas não se esqueceu jamais da lição dolorosa e utilíssima; e por isso mesmo, minhas caras alunas, vo-la transmito como exemplo eficaz.⁴⁰⁴

Os presidentes da República na Festa do Patrono

Durante a longa gestão de Ramiz Galvão, o colégio foi visitado diversas vezes por altas figuras do clero, por autoridades do governo local e federal, além de várias outras pessoas interessadas em conhecer a obra educacional administrada pela Irmandade da Candelária. Era uma forma de reconhecimento desse trabalho, mas também uma demonstração do grande respeito que tanto o diretor quanto os homens que estavam no comando da Irmandade desfrutavam na sociedade da época.

O primeiro presidente da República a visitar o Asilo, como vimos no volume anterior, foi Campos Salles, quando da inauguração do prédio, em 30 de dezembro de 1900.

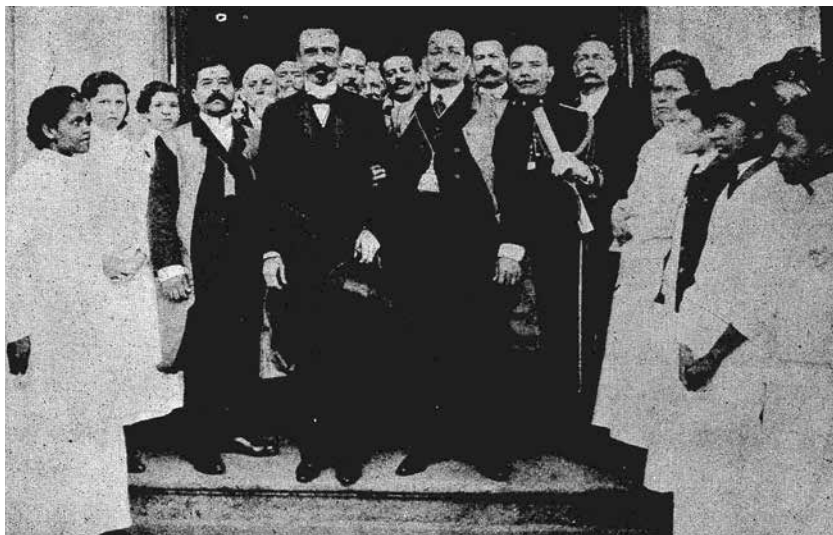
Depois dele, mas com o colégio já em funcionamento, outros cinco presidentes da República marcaram presença na principal festa do colégio, a do patrono.

Rodrigues Alves compareceu à festa realizada em 1905, acompanhado de suas duas filhas, Marietta e Celina. Era então provedor Manoel Lopes de Carvalho.⁴⁰⁵ Rodrigues Alves havia sido ministro da Fazenda em 1893, ocasião em que deu parecer favorável ao pleito da Irmandade solicitando a doação de um terreno na Quinta da Boa Vista para ali instalar o Asilo da Criança Desvalida.



*O presidente Rodrigues Alves, ladeado por Manuel de Carvalho e Ramiz Galvão.*⁴⁰⁶

À festa de 1910 compareceu o presidente Nilo Peçanha, que havia assumido o governo no ano anterior, em decorrência do falecimento do presidente Afonso Pena, de quem era o vice. Era ainda provedor Manoel Lopes de Carvalho. Na ocasião a Irmandade homenageou o presidente com o diploma de Irmão Benemérito, que lhe foi entregue pelas mãos da aluna Maria de Amorim Almada.⁴⁰⁷



O presidente Nilo Peçanha ao lado do provedor Manoel Lopes de Carvalho, o diretor, alunos, alunas e outras pessoas presentes à Festa do Patrono de 1910.⁴⁰⁸

No ano seguinte foi a vez do marechal Hermes da Fonseca, acompanhado da esposa, D. Orsina Fonseca. O presidente havia feito uma visita prévia no dia 4 de julho. Era provedor Antonio Gonçalves Reis.⁴⁰⁹ Hermes da Fonseca retornou ao colégio na festa do dia 24 de agosto de 1913, na provedoria de Mathias Augusto Tavares Ferreira.⁴¹⁰

À festa de 1919 compareceu o presidente Epitácio Pessoa, que havia acabado de assumir o posto em eleição convocada para completar o mandato do presidente Rodrigues Alves, falecido em consequência da Gripe Espanhola. Pessoa havia sido o representante brasileiro na Conferência de Paz, razão pela qual Ramiz Galvão re- apresentou, durante o evento, a peça “Os aliados e a paz”. Na mesma ocasião estiveram presentes o cardeal Arcoverde e o prefeito da capital, Sá Freire. Era então provedor Mario da Silva Nazareth.⁴¹¹ A primeira dama, D. Mary Pessoa, que acompanhou o marido nesse evento, voltou a visitar o Asilo em 27 de junho de 1922.⁴¹²



Presença de Epitácio Pessoa na festa de 1919, tendo ao seu lado o provedor Mario Nazareth, o diretor Ramiz Galvão, vários membros da Irmandade e convidados.⁴¹³

O presidente Washington Luís marcou presença na festa realizada em 10 de agosto de 1930, a última da gestão de Ramiz Galvão. Era provedor Albino Ferreira de Sá.⁴¹⁴

Vários foram os prefeitos do então Distrito Federal que também visitaram o colégio ou marcaram presença nos eventos ali realizados. O primeiro deles foi Joaquim Xavier da Silveira Júnior, em 22 de junho de 1902; depois foi a vez de Pereira Passos, em 20 de setembro de 1903, que foi acompanhado pelo ex-provedor Júlio Cesar de Oliveira, então membro da intendência (câmara municipal); mais adiante, em 22 de junho de 1909, lá esteve Inocêncio Serzedelo Correia, com a esposa; depois lá esteve o prefeito Sá Freire, em 1919, no evento acima mencionado, e, finalmente, Carlos Cesar de Oliveira Sampaio, em 9 de outubro de 1921.⁴¹⁵

Notas

- 366 AFBMP. Regulamento de 1900, art. 12-II.
- 367 AFBMP. Relatório 1901/02, p. 124 e segs.
- 368 Tratava-se de Alexandre José Mello Morais Filho (1844-1919), antes mencionado.
- 369 AFBMP. Relatório 1901/02, pp. 126-128.
- 370 Esse concerto fez parte do programa até o ano de 1924, sempre sob o comando do maestro Braga.
- 371 Essas peças, na verdade, começaram a ser apresentadas na festa de premiação, passando depois para a Festa do Patrono.
- 372 AFBMP. Relatório 1902/1903, pp. 159-162.
- 373 *Fon-Fon*, 15/08/1925, p. 54.
- 374 AFBMP. Relatório 1910/11, pp. 18-19.
- 375 AFBMP. Relatório 1910/11, pp. 8 e segs.
- 376 AFBMP. Relatório 1912/13, pp. 156 e segs.
- 377 Tendo-se deflagrado a guerra mundial em 28 de julho, a Festa do Patrono foi realizada apenas em 27 de dezembro daquele ano.
- 378 AFBMP. Relatório 1914/15, p. 234.
- 379 *Revista da Semana*, 30/08/1913, p. 50.
- 380 AFBMP. Relatório de 1919/20, pp. 292 e segs.
- 381 AFBMP. Relatório de 1920/21, pp. 159 e segs.
- 382 AFBMP. Relatório 1922/23, pp. 175 e segs.
- 383 *Fon-Fon*, 21/10/1922, p. 63.
- 384 AFBMP. Relatório 1923/24, pp. 140 e segs.
- 385 *Fon-Fon*, 23/08/1924, p. 51.
- 386 AFBMP. Relatório 1925/26, pp. 132 e segs.
- 387 AFBMP. Relatório 1926/27, pp. 110 e segs.
- 388 AFBMP. Relatório 1927/28, pp. 75 e segs.
- 389 AFBMP. Relatório 1928/29, pp. 80 e segs.
- 390 AFBMP. Relatório 1929/30, pp. 72 e segs.
- 391 AFBMP. Relatório 1930/31, pp. 109 e segs.
- 392 AFBMP. Relatório 1912/13, pp. 162-165. Este trecho evidencia o desconhecimento que então se tinha sobre as origens modestas de Gonçalves de Araújo em Portugal, embora essa fosse uma realidade bastante frequente para boa parte dos portugueses que haviam feito fortuna no Rio de Janeiro.
- 393 AFBMP. Relatório 1913/14, pp. 179-182.
- 394 AFBMP. Relatório 1915/16, pp. 226-230. Quando sua mãe faleceu, Ramiz cursava o 6º ano do Colégio Pedro II.
- 395 AFBMP. Relatório 1916/17, pp. 228-232.
- 396 AFBMP. Relatório 1918/19, pp. 252-260.
- 397 *O Malho*, 15/02/1919, p. 24.
- 398 AFBMP. Relatório 1921/22, pp. 194-205.
- 399 AFBMP. Relatório 1922/23, pp. 188-197.
- 400 AFBMP. Relatório 1923/24, pp. 157-160.

- 401 AFBMP. Relatório 1924/25, pp. 98-102.
- 402 AFBMP. Relatório 1925/26 pp. 144-148. O jornal católico *A União*, de 04/02/1926, p. 5, reproduziu trechos desse discurso, destacando o papel da educação religiosa para a formação das alunas.
- 403 AFBMP. Relatório 1928/29, pp 96-99.
- 404 *Idem*, pp. 90-93.
- 405 De acordo com os jornais da época que divulgaram o evento.
- 406 *Revista da Semana*, 10/09/1905, p. 12.
- 407 AFBMP. Relatório 1910/11, pp. 13 e segs.
- 408 *Revista da Semana*, 16/10/1910, p. 4.
- 409 AFBMP. Relatório 1911/12, pp. 8 e segs
- 410 AFBMP. Relatório 1913/14 pp. 173 e segs.
- 411 AFBMP. Relatório 1919/20, pp. 291 e segs.; *Correio da Manhã*, 20/09/1919, p. 3.
- 412 AFBMP. Relatório 1921/22, pp. 205-206.
- 413 AFBMP. Arquivo Fotográfico. Ref. 043.C. 02889 (35.1).
- 414 AFBMP. Relatório 1930/31, pp. 109 e segs. Washington Luís foi deposto por um golpe militar em outubro daquele ano, a menos de um mês de encerrar seu mandato. Getúlio Vargas assumiu o poder.
- 415 AFBMP. Relatórios: 1901/02, p. 130; 1909/10, p. 81 e 1921/22, p. 183; *Gazeta de Notícias*, 22/09/1903, p. 1.

IX

*Teatro e poesia:
cultura e gratidão*

O teatro educativo de Ramiz Galvão

Nos eventos festivos do colégio, o diretor sempre procurou abrir espaços para o protagonismo de suas alunas. Dava-lhes papéis em que pudessem praticar o exercício da gratidão, evidenciar a qualidade do ensino que ali recebiam e demonstrar os princípios morais e cívicos presentes na formação que se lhes proporcionava.

Já nos primeiros anos, o diretor identificou entre suas alunas duas meninas que tinham não só grande capacidade para absorver com fidelidade os seus ensinamentos e princípios, como também eram dotadas de notáveis qualidades de comunicação: Iza da Silva e Maria Coutinho de Amorim. Foram elas que, além do diretor, tomaram conta do palco nas primeiras festas do Asilo.

Iza da Silva era muito aplicada, tinha boa voz e era uma das componentes do coral que abrilhantava as cerimônias religiosas na Igreja da Candelária e no Hospital dos Lázaros. Tinha 17 anos quando foi transferida do Recolhimento para o Asilo, em 1901.

Entre as meninas mais novas, Ramiz descobriu uma pequena pérola, que levava o nome de Maria Coutinho Amorim. Era desembaraçada, aplicada nos estudos e tinha bons dotes vocais. Iria completar nove anos quando foi chamada a protagonizar um papel na Festa do Patrono de 1901, e o faria muitas vezes depois, sempre de forma brilhante. Maria se tornou um exemplo da qualidade da educação e das qualificações que uma criança pobre poderia desenvolver naquela instituição.

Ao longo do tempo, Ramiz envolveu várias outras meninas nas principais festas do Asilo, valorizando as que mais se destacavam

nos estudos e em outras atividades da vida colegial. Dava-lhes a oportunidade de fazer a leitura de poemas, monólogos e papéis em pequenas peças infantis de Bilac, Coelho Neto e outros autores da época. Mas seu foco era essencialmente destacar a figura do patrono e sua ação benemerita em favor das crianças pobres. Por isso, Ramiz escreveu ou encomendou a seus amigos poetas vários textos nesse sentido, geralmente apresentados naquelas festividades.

A partir de 1918, resolveu escrever ele próprio as peças que suas alunas deveriam representar.

Eram textos de cunho mais discursivo do que teatral, quase sem diálogos, mas que traduziam o conjunto de valores morais que estavam por trás da ação filantrópica de Araújo e da Irmandade. Em alguns desses textos, Ramiz procurou explorar acontecimentos da época que impactaram de alguma maneira a sociedade, e que ele entendia que deveriam merecer uma reflexão por parte de suas alunas.

Os textos dessas peças cobrem essencialmente duas categorias de temas que dominavam suas preocupações como educador. Uma dizia respeito à moral e aos costumes, aos valores que pretendia ver incorporados no espírito das suas alunas. A outra estava relacionada com a formação da cidadania e o estabelecimento de um compromisso fortemente patriótico com o Brasil. Por tais motivos, e ainda que muito resumidamente, fazemos aqui uma breve resenha de cada uma dessas peças.

Peças de cunho histórico-patriótico

Os Aliados e a Paz

A deflagração da Primeira Guerra Mundial, em 1914, causou grande comoção no Brasil pelas incertezas que poderiam decorrer do conflito. Em seus relatórios da época, o diretor chegou a mencionar algumas dificuldades, e a administração resolveu adiar a Festa do Patrono daquele ano. Muito resumidamente, a guerra teve início com a invasão da Bélgica pela Alemanha como forma de ampliar seu cerco à França, o que provocou o envolvimento da Inglaterra. A

Itália se posicionou contra a Alemanha no ano seguinte e Portugal se incorporou à luta em 1916. Mas foi com a participação dos Estados Unidos, em 1917, que o rumo da guerra começou a pender em favor dos Aliados. Quando o Brasil, por decreto do presidente Wenceslau Brás, declarou-se em guerra contra a Alemanha, em outubro desse mesmo ano, já se vislumbrava com muita clareza o fim do conflito.

Foi nessa fase final da guerra que Ramiz Galvão escreveu a peça a ser encenada na Festa do Patrono daquele ano, realizada em 25 de agosto. No palco, os sete países acima mencionados se revezaram fazendo referências sobre suas histórias e seus grandes heróis. Na cena final, a Paz assim se manifesta:

E agora, defensoras gloriosas da Civilização, esperando do Céu esse dia luminoso, esplendido e feliz, em que o mundo se restabeleça das angústias do cataclismo, exclamemos juntas, com a palavra vinda do coração: Glória ao Senhor nas alturas, e paz na Terra aos homens de boa vontade!⁴¹⁶

A peça teve a participação de oito meninas, sete representando países envolvidos no conflito e uma outra representando a figura da paz. Os países eram: Bélgica (representado por Italina Dourado), França (Helena Carvalho), Inglaterra (Hioscimina Terra), Itália (Julia Ferreira), Portugal (Maria de Assumpção Rodrigues), Estados Unidos (Elvira Leal) e Brasil (Nair de Almeida). A professora (e ex-aluna) Maria de Amorim representou a personagem Paz.

As previsões do diretor com relação ao fim da guerra estavam corretas: em novembro de 1918, foi assinado o armistício. A sensação de alívio foi enorme, especialmente porque, no mês anterior, o Rio de Janeiro (e o Asilo) haviam passado pelo terror da Gripe Espanhola, como vimos alguns capítulos atrás. Certamente pelo fato de que a epidemia não permitiu os ensaios de uma nova peça, mas também, provavelmente, por conta do armistício que selou o fim do conflito, Ramiz decidiu apresentar pela segunda vez *Os Aliados e a Paz* na festa de premiação, realizada em 9 de fevereiro de 1919.

A imagem abaixo mostra as participantes da peça, com a presença da professora Maria Amorim representando a Paz, por ocasião da festa de premiação, realizada em 9 de fevereiro de 1919.



As personagens da primeira apresentação de Os aliados e a Paz, em fevereiro de 1919. Note-se que a caracterização dos países republicanos (Brasil, Portugal, Estados Unidos e França, identificou-se pelo clássico barrete frígio).⁴¹⁷

Para a Festa do Patrono de 1919, marcada para o dia 28 de setembro, o diretor já havia preparado uma nova peça: *A Trindade Suprema*. Mas, quando se confirmou a presença no evento do novo presidente da República, Epitácio Pessoa, Ramiz entendeu ter motivos para apresentar, pela terceira vez, *Os Aliados e a Paz*. É que Epitácio havia sido o chefe da delegação brasileira que, após o armistício, negociou o tratado de paz firmado em Versalhes.⁴¹⁸ Nada mais justo, portanto, do que homenageá-lo com uma peça alusiva ao tema.



Alunas que participaram das apresentações teatrais da Festa do Patrono de 28/09/1919: ao alto, as quatro personagens de A Trindade Suprema (Zaira Sabóia, Ikisa Ferreira, Esmeraldina Leitão e Júlia Barreira); à frente, as sete intérpretes de Os Aliados e a Paz (ausente a professora Maria Amorim, que interpretou a Paz. Da esquerda para a direita: Inglaterra, Portugal, Itália, França, Bélgica, Estados Unidos e Brasil. Nesta terceira apresentação, Portugal foi representado pela aluna Maria Ribeiro, pois a intérprete anterior já havia deixado o colégio.⁴¹⁹

A pátria brasileira

Em 1922, o Brasil comemorou o primeiro centenário da Independência. O diretor aproveitou o evento para fazer encenar uma peça tendo por foco a evolução política do Brasil. Assim, na Festa do Patrono daquele ano, fez suas pupilas encenarem *A pátria brasileira*, que tinha como personagens: o Brasil Colônia (representado pela aluna Regina Guerra), o Brasil Reino (Emília Ferreira), o Brasil Império (Lúcia Lage), o Brasil República (Zaira Sabóia) e o Arauto da Glória (Rosa Iris Gonçalves). Ao longo do texto, as personagens relembravam as várias etapas da construção do país, e cabia ao Arauto da Glória anunciar o que se deveria esperar para o futuro.

Em sua visão, o Arauto anunciava:

Satisfeita a ambição de liberdade, o Brasil seguirá a rota de um brilhante destino entre as nações do mundo, que já o contemplam com respeito.

Braços válidos virão de toda parte auxiliá-lo na exploração de sua prodigiosa opulência natural. As maravilhas da ciência moderna, ao serviço do talento dos brasileiros, centuplicarão seus recursos. As cachoeiras admiráveis, em que se despenham as águas de rios caudalosos, serão fontes perenes de força e luz. De ferro, ouro, carvão, pedras preciosas, essências florestais e produtos agrícolas sairão daqui atestadas as frotas do Velho Mundo...

E a todo esse movimento de progresso e vida acompanharão decerto a prosperidade e o bem-estar do povo, o enraizamento da Moral cívica e da Moral religiosa, que são os esteios seguros das Nações. À virtude, que santifica os lares e à solida instrução da mocidade, que prepara o futuro, se há de associar o patriotismo intenso dos cidadãos, fiéis ao dever, estreitamente unidos na defesa da causa bendita.

Este é, pois, o meu voto e o meu prenúncio, que em breves termos resumo: “Ao amado Brasil se reserva a Glória.”



*Alunas que apresentaram a peça A pátria brasileira, em 1922.
Da esquerda para a direita: Rosa Iris (Arauto da Glória), Zaira Sabóia
(Brasil República), Lúcia Lage (Brasil Império), Emília Ferreira (Brasil
Reino) e Regina Guerra (Brasil Colônia).⁴²⁰*

Os Estados e a União

Para a Festa do Patrono do ano seguinte, realizada em 12 de agosto de 1923, Ramiz escreveu *Os estados e a União*, para celebrar a diversidade das várias regiões do país, e, ao final, a grande conquista política nacional, que era a preservação da união de todos os estados formando um único país. Participaram da peça as alunas Regina Guerra (a União), Zaira Sabóia (os estados do Norte), Emília Ferreira (os estados Centrais) e Lúcia Lage (os estados do Sul).



Integrantes da peça Os estados e a União, de 1923; da esquerda para a direita: Regina Guerra, Zaira Sabóia, Emília Ferreira e Lúcia Lage.⁴²¹

Portugal e Brasil

Na Festa do Patrono realizada em 17 de agosto de 1924, foi feita a apresentação da peça *Portugal e Brasil*. O motivo era destacar as boas relações entre os dois países e a união dos esforços de cidadãos portugueses e brasileiros na manutenção de uma obra de cunho social tão relevante como era o Asilo Araújo.

Para compor seu texto, Ramiz aproveitou como parte inicial da peça uma poesia de Tomás Ribeiro, intitulada *A Portugal*, e outra, *Estrofes ao Brasil*, de autoria de Carlos Magalhães de Azeredo.⁴²² A parte final foi de sua autoria, à qual deu o título de *Amor fraternal*.

O diretor escolheu duas alunas (Emília Ferreira e Cândida de Jesus) para representar Portugal e outras duas (Lucia Lage e Regina Guerra) para representar o Brasil, talvez por serem longos os dois poemas iniciais. No trecho final, a aluna Rosa Iris Alves deu voz à personagem Amor Fraternal, através da qual Ramiz enalteceu as duas nacionalidades responsáveis pela obra social que então dirigia:

Dai-vos, pois, as mãos umas às outras; enlaçai-vos em cordialíssimo amplexo. Do rosmarinho e do manacá perfumados compõe dois ramalhetes simbólicos e ofereci-os: um ao grande Gonçalves de Araújo, e outro aos ilustres membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, portugueses e brasileiros, beneméritos cooperadores da sua grande obra de amor...



As alunas que representaram a peça Portugal e Brasil, em 1924.⁴²³

Os gloriosos latinos

Esta peça foi representada em 8 de agosto de 1926. Seu objetivo era destacar os povos que haviam desempenhado papel destacado na descoberta e desbravamento do Novo Mundo: o italiano Colombo, responsável pela descoberta da América; o português Cabral, pela descoberta do Brasil; os espanhóis, pela colonização de grande parte

da América do Sul, e, finalmente, os bandeirantes brasileiros, pela conquista e desbravamento do interior do Brasil. Os personagens eram: Itália (Tarcila Leite), Portugal (Almerinda Ramalho), Espanha (Regina Guerra) e Brasil (Rosa Iris Alves).

A divina loucura

Representada em 7 de agosto de 1927, esta peça seguiu a linha da peça do ano anterior, embora dando um salto de alguns séculos. O texto punha em relevo os “loucos” desbravadores dos ares, que se notabilizaram pelos primeiros voos transoceânicos: os portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho, no Lusitânia, e Sarmiento de Beires, no Argos; o norte-americano Charles Lindberg, no seu Espírito de S. Luiz; o italiano marquês de Pinedo, piloto do hidroavião Santa Maria; e o brasileiro Ribeiro de Barros, intrépido piloto do Jaú. Com exceção do voo do Lusitânia, realizado em 1922, os demais haviam ocorrido em 1927.

Os integrantes da peça eram: Portugal (Maria dos Prazeres), Itália (Darcilia Goffredo), Estados Unidos (Giselia Neuser) e Brasil (Tarcilla Leite).

Peças sobre a moral e os costumes

Fé, esperança e caridade

A primeira dessas peças foi representada por três alunas, Helena Dourado, Elvira Leal e Nair de Almeida, por ocasião da festa da premiação, realizada em 27 de janeiro de 1918. Cada uma delas afirmava a força e importância da virtude que representava e, ao final, entoavam a uma só voz uma canção cujos versos Ramiz compôs e que foram musicados pelo maestro Francisco Braga.⁴²⁴

A Trindade Suprema

Esta peça foi encenada na Festa do Patrono realizada em 28 de setembro de 1919. Quatro alunas representaram: o Trabalho (Zaira Sabóia), o Estudo (Ikisa Ferreira), a Virtude (Esmeraldina Leitão) e a Verdade (Júlia Barreira).

Trabalho, Estudo e Virtude apresentam seus argumentos para demonstrar cada um o seu valor. Por fim, a Verdade sintetiza: “O Trabalho, o Estudo e a Virtude constituem a Trindade Suprema da Educação, como do futuro da Sociedade; nenhum deles por si só realiza o ideal, nenhum deles tem nem pode ter primazia.”

Na parte final, convencidos dos argumentos da Verdade, todos entoam uma canção cuja estrofe final dizia: “Unidos à voz de Deus, /Em liame estreito e forte, /Estudo, labor, virtude, /Sejam sempre o nosso norte.”⁴²⁵

As artes e a moral

Encenada na Festa do Patrono de 31 de outubro de 1920, esta peça era parte importante da campanha que então Ramiz iniciava contra as modernidades da época, que considerava afetar diretamente o público feminino e particularmente as alunas sob sua responsabilidade. A peça contou com as seguintes personagens: a Poesia (Italina Dourado), a Música (Zaira Sabóia), as Belas Artes (Júlia Ferreira), a Eloquência (Júlia Barreira) e a Moral (Nair de Almeida).

No desenvolvimento da peça, cada uma das artes expõe as suas características e procura disputar com as demais a primazia de ser a mais importante. A Moral, embora reconhecendo as qualidades de cada uma das artes, sentencia: “Imortais e abençoadas são só as obras de arte que o Bem inspira, que com as regras do Bem se arquetam, que nos alicerces inabaláveis do Bem se conservam para a legítima felicidade do homem. Deus, que é a fonte suprema de todo o Bem, a essas abençoa, a essas concede a palma da vitória em todos os tempos e em todos os lugares.”



*Alunas que representaram As artes e a moral,
em 1920, acompanhadas por um membro da Irmandade.⁴²⁶*

A santa caridade

Nesta peça, apresentada na Festa do Patrono de 9 de outubro de 1921, Ramiz Galvão trazia à baila várias formas de caridade que estavam relacionadas com eventos recentes, como a guerra, e com a atuação da Irmandade da Candelária e entidades similares. Uma das personagens era a Dama da Cruz Vermelha (Italina Dourado), que atuava para minorar os sofrimentos dos feridos nos campos de batalha. Outra era a Caridade nos Hospitais (Júlia Ferreira), voltada para o atendimento aos doentes, como os do Hospital dos Lázaros, administrado pela Irmandade. Também estava presente a Caridade aos Velhos (Júlia Barreira), por necessitarem de amparo no fim de suas vidas, quando suas capacidades físicas e mentais os deixavam frágeis e dependentes. A quarta participante era a Caridade às Crianças (Nair de Almeida), que necessitavam de todo o apoio para se prepararem para os desafios da vida. Por fim, entrava em cena a Mensageira Celeste (Rosa Iris Alves), que resumia:

Como a luz do dia se refrange nas cores belíssimas do arco-íris, mas é uma só, fúlgida e radiosa, da mesma sorte a Caridade no solar da Cruz

Vermelha, no Hospital dos Lázaros, no Asilo da Velhice Desamparada, na benemérita Casa de Santa Ignês, no Asilo Gonçalves de Araújo, em todos eles a Caridade é uma, de fonte sempre divina, porque procede do amor de Deus, de frutos dulcíssimos e salutareis, porque a toda parte leva consigo a consolação, o amparo, a alegria, a paz e o conforto, o alívio e a esperança.

As virtudes colegiais e a voz de Araújo

Esta cena foi apresentada na festa realizada no dia 11 de agosto de 1925. Nela, o diretor inseriu a participação do próprio patrono (representado pela aluna Rosa Iris Alves), para esclarecer qual das virtudes colegiais — o Estudo (Emília Ferreira), a Disciplina (Regina Guerra e a Piedade (Tarcila Leite) — seria a mais importante. Dizia:

O Estudo por si só não gera a felicidade. A Disciplina por si só não gera o amor. O misticismo cristão prepara santos para os altares, mas estes constituem exceções na humanidade. O sentimento religioso, que nos aproxima de Deus, é uma grande virtude; não deve, porém, absorver a criatura a tal ponto que a inutilize para a vida social e para a prática salutar de tantos outros deveres que a própria religião nos impõe. Deus criou o homem para servi-lo e amá-lo, mas criou também a sociedade para nela glorificarmos com o trabalho honesto, com a devoção comedida, com a prática constante do bem.

E, encerrando o ato, resumiu: “Nem só estudiosas, nem só disciplinadas, nem só piedosas. Tudo a um tempo, para que Deus, que é infinitamente bom e justo, vos engrinalde e alumie o futuro, e vos conduza à felicidade perene.”

A cruzada feminista

Esta peça, apresentada em 19 de agosto de 1928, pode ser considerada um dos destaques da campanha de Ramiz Galvão contra as mudanças nos padrões culturais da época, que atingiam a participação da mulher na sociedade. As personagens que atuavam em cena representavam: o Apostolado da Medicina (Tarcilla Leite), o Apostolado do Direito (Maria dos Prazeres), o Apostolado do Ma-

gistério (Gisella Neuser), o Apostolado da Arte (Brígida Cardoso), a Funcionária Pública (Darcilia Goffredo) e a Mãe de Família, Anjo do Lar (Emília dos Santos).

Embora cada uma delas defendesse com argumentos claros e precisos o direito das mulheres atuarem nas novas profissões, concorrendo em igualdade com os homens em termos de qualificação, mas até superando-os com vantagem, quando se tratava de agregar a maior capacidade de devotamento e sacrifícios no exercício da profissão, é o Apostolado do Magistério que se autoproclama como sendo a missão “mais apta” para a mulher, “porque só ela reúne todos os predicados necessários para conduzir a juventude ao primor da educação, em que se fundamentam as virtudes do bom Brasileiro.”

A última a se manifestar foi a Mãe de Família, que, embora concordasse com os argumentos das colegas, levantou algumas restrições:

Há sem dúvida no nosso sexo naturezas excepcionais, que se coadunam, ou com o exercício da Medicina, ou com outros misteres, que vi alegados. É forçoso, entretanto, convir em que tais naturezas são excepcionais e constituem casos particulares. Demais, espécies há, em certas profissões, que pela sua escabrosidade destoam em absoluto da delicadeza e do recato de uma dama. A mulher é e deve ser em todas as ocasiões e nos vários lances da vida a flor mimosa que se resguarda das lufadas do pampeiro ou do contato peçonhento de um inseto daninho. Como conciliar essa inata delicadeza com as violências de uma operação cirúrgica ou com certos casos de Medicina forense que reclamam explicações melindrosas? Eis porque faço restrições ao vosso entusiasmo pela participação da mulher em todos os misteres que até há pouco se entregavam ao sexo forte.

(...)

Fomos criadas por Deus para companheiras do homem. Os títulos de boa esposa e de mãe solícita valem mais, muito mais do que todos os graus acadêmicos, do que todos os triunfos literários e científicos. A coroa sublime da Maternidade, se a Virtude a acompanha, vale por todas as coroas da Terra. A esposa fiel que ampara e consola o seu marido nos transe difíceis da vida; a mãe modelar que dá, educa e prepara bons filhos para o serviço e para a prosperidade da Pátria, essa não tem rivais no mundo, essa vale mais do que todas as Corinas, Staeis, Rosas Bonheur e Curys.⁴²⁷

E mais adiante, resumindo:

Em uma palavra, a mãe de família é a fonte da vida social, é o coração da sociedade. Este é, pois, o destino primordial da mulher, minhas queridas colegas, e esse destino a Pátria com fervor aplaude, esse destino é abençoado por Deus.

A verdadeira soberania

Esta peça, apresentada nas comemorações do Dia do Patrono, em 11 de agosto de 1929, seguia a mesma linha da peça apresentada no ano anterior (*A cruzada feminista*), colocando em perspectiva o papel da mulher na sociedade.

Desta feita, porém, o tema foi enquadrado por um evento promovido pelo jornal *A Noite*, que havia movimentado a sociedade carioca naquele ano: um concurso para a escolha da Miss Brasil, que tinha como foco a identificação da “beleza feminina”. É razoável supor que o tema tenha sido alvo do interesse das meninas do Asilo, fato que teria levado o sempre atento diretor a usá-lo como tema de reflexão para discutir o papel da mulher no mundo de então, e particularmente fazer um alerta sobre a onda de exploração e exposição do corpo feminino.

No texto, ele contrapôs aos atributos da beleza estética outras qualidades que deveriam ser valoradas pelas internas. Para tanto, criou as figuras de Miss Trabalho (representada pela aluna Maria dos Prazeres), Miss Obediência (Darcília Goffredo), Miss Bondade (Brígida Cardoso), Miss Modéstia (Tarcilla Leite) e Miss Justiça (Hilda Ferreira).

No desenvolvimento do enredo, a primeira a se apresentar foi a Miss Trabalho. Sua fala inicial teve o objetivo de louvar a participação da própria Miss Brasil, presente na plateia, que havia sido a primeira brasileira a participar de um concurso internacional de beleza:

Ainda ecoam nesta cidade as delirantes festas dedicadas às formosas filhas dos Estados, que acudiram a nossa capital para dentre elas ser aqui

eleita a *Miss Brasil*, representante da nossa querida pátria no famoso concurso de Galveston...⁴²⁸

Ali figurou também a nossa encantadora patricia, a senhorita Olga Bergamini de Sá, justamente laureada nesta cidade por juizes imparciais e corretissimos, como o mais perfeito conjunto de predicados esteticos. A sua recepção estrondosa, quando a Nova York chegou o [navio] *Western World*, ultrapassou os limites da gentileza com que os Americanos nossos amigos costumam receber os seus mais augustos hospedes.

Recorda que Olga havia sido “um primor de graça, de composição e perfeições”, (...) “embora o júri dos Estados Unidos, por motivos que nos escapam, não lhes houvesse dado a primazia proclamada ali mesmo pela voz do povo americano em festivas e ruidosas aclamações.”

Completando essa introdução, *Miss Trabalho* esclareceu que ela e suas colegas não tinham “a pretensão de disputar o prêmio da beleza, pleiteado em tempos mitológicos por Afrodite”, e que de sua parte só desejava “representar a beleza e a nobreza do trabalho”.

Na sequência da sua apresentação e das demais colegas, *Miss Justiça* anunciou o veredito dos juizes: eles haviam considerado que os melhores predicados eram os de *Miss Modéstia*, sendo assim eleita como *Miss Gonçalves de Araújo*. É desta a última fala da peça:

Esta altíssima distinção me confunde, e de fato não sei explicar a suprema generosidade dos meus juizes.

Filha adotiva do grande Araújo desde os dias da minha primeira infância, educada pelos beneméritos servidores da Irmandade, que realizam com rara dedicação o programa do imortal benfeitor da mocidade brasileira, só uma coisa posso dizer, senhores e minhas diletas irmãs.

Tudo, tudo farei para corresponder a tamanha honra. Assim Deus me ilumine, e a Santíssima Virgem guie os meus passos, livrando-me dos perigos e das falazes seduções do mundo.

Não penseis que me desvaneço com a láurea. Se ela por um lado me atordoa, por outro me anima a perseverar no bom caminho; e, assim como a nossa gentilíssima patricia *Miss Brasil*, no meio de tantos triunfos em Nova York, e por toda a parte, só pensava no seu querido Bra-

sil, desprendida de vaidade, simples, amena e risonha até quando viu a palma da vitória final distribuída à sua companheira e amiga, assim no decurso de minha vida, lembrando esta hora solene, só pensarei no meu querido Asilo Gonçalves de Araújo, nos meus amados provedores e nos meus dignos mestres, para os honrar como merecem.

Evidentemente, além das questões propostas por Ramiz, a peça chamou a atenção pela presença da jovem Olga Bergamini, que se havia tornado a brasileira mais famosa do ano.

Não ficou explicada a razão dessa presença. Talvez o diretor apenas quisesse mostrar às suas pupilas que a jovem que estivera todo aquele ano sob a atenção dos holofotes da imprensa brasileira e internacional era simplesmente uma moça normal, educada e de modos recatados, qualidade que todos os meios de comunicação haviam atestado. Nesse contexto, seria um exemplo para suas alunas.



Da esquerda para a direita: Maria dos Prazeres (Miss Trabalho), Hilda Ferreira (Miss Justiça), Ramiz Galvão, Tarcila Leite (Miss Modéstia/ Miss Gonçalves de Araújo), Olga Bergamini de Sá, (Miss Brasil), Brígida Cardoso (Miss Bondade) e Darcília Goffredo (Miss Obediência).⁴²⁹

E mais razão teria o diretor para tomá-la como exemplo se soubesse, como só muitos anos depois se publicou, que a jovem brasileira não havia sido injustiçada, mas que simplesmente havia desistido de participar do concurso em Galveston, justamente por sua atitude recatada. Essa afirmação seria confirmada em 1954 pelo embaixador Sebastião Sampaio, então cônsul do Brasil em Nova Iorque, que havia acompanhado a trajetória da Miss Brasil nos EUA. Segundo ele, a moça teria se recusado a participar de “um circuito de *music hall* no qual as moças se exibiriam como artistas, com as outras 43 *misses*, atirando beijos para o público e com trajes de banho próprios dessas exibições.”⁴³⁰

Tal postura parecia coincidir com as proposições de Ramiz e teria sido essa a qualidade da jovem que ele talvez estivesse interessado em mostrar às suas pupilas. Mas nada sobre esse tema veio a público nos jornais da época, nem mesmo durante o evento no Asilo.

O caso, aliás, serve para demonstrar que Ramiz não estava só na campanha que fazia contra a exploração da imagem da mulher e da valorização dos seus dotes físicos. Vale registrar, a propósito, que tanto o regulamento do concurso de Miss Brasil quanto o de Miss Universo previam a apresentação das candidatas em trajes de banho (embora com meias cobrindo as pernas).⁴³¹ Na fase nacional, deve-se ressaltar, nenhum jornal do Rio de Janeiro pôde publicar imagens das concorrentes em tais trajes, pois o chefe dos jurados, o escritor Coelho Neto, exigiu que a apresentação fosse feita só para os membros do júri, sem presença de público, nem mesmo dos familiares das candidatas.

As joias da natureza

Esta cena, apresentada em 10 de agosto de 1930, foi a última escrita por Ramiz Galvão para as suas alunas do Asilo Araújo. Seus personagens eram: a Abelha (Maria Júlia Villela), o Sirgo [bicho-da-seda] (Alsina Campos), o Beija-Flor (Ruth Alves) e a Mestra (Brígida Cardoso). Os textos revelavam o necessário respeito à natureza e

os benefícios que ela traz ao ser humano: o mel e a cera produzidos pela abelha, a seda produzida pelo sirgo e a polinização feita pelo beija-flor. A Mestra utiliza, então, estes exemplos da natureza para orientar suas alunas:

Do fulgurante colibri, que tanto ama a liberdade, aceitai, mas aceitai com moderação, o gosto pela vida ativa. Nada certamente é pior do que a inação e a indiferença.

Da laboriosa abelha há tudo a aprender: a regra, o método, a disciplina. A sua constante agitação tem sempre um fim utilíssimo, que se traduz em benefício próprio e em benefício alheio.

Do simpático sirgo, que vos posso dizer que já não esteja subentendido? Ele é o protótipo da indústria, e nisto deveis imitá-lo com o máximo desvelo para produzir obra útil e apreciada.

Ela finaliza a sua fala desejando felicidade a todas e ensinando a como obtê-la: “Conquistai-a sempre com estudo, trabalho, virtude e disciplina; são os grandes esteios da vida!”

Essas últimas palavras também resumiam os princípios que Ramiz havia seguido por toda a sua longa vida de mestre.

Após a morte de Ramiz Galvão, essas peças foram reunidas e publicadas por seu neto, Waldemar, em 1938.⁴³² Nesse mesmo ano, lembrando uma entrevista que fizera ao velho mestre sobre a reforma da Língua Portuguesa, Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000), então redator do *Jornal do Brasil*, fez o seguinte comentário: “Lendo, agora, o livro em que se reúne o seu Teatro Educativo, não posso fugir à recordação de sua atitude em face da reforma ortográfica. Num e noutro caso, encontro o preceptor, identificado com os interesses do ensino e com as reivindicações da mocidade, a que ele sempre serviu, com indulgência verdadeiramente paternal.”⁴³³

Obras poéticas dedicadas ao Asilo Gonçalves de Araújo e a seu patrono

Ramiz Galvão era amigo de muitos poetas de sua época, a quem apelou para enriquecer as festas em homenagem a Antonio Gonçalves de Araújo, especialmente na primeira década de funcionamento do Asilo.

Concentramos, neste texto, um conjunto de seis poesias que enfocavam a orfandade, a caridade e o gesto magnânimo de Araújo. Todas elas foram recitadas pela aluna Maria Coutinho de Amorim. Foram publicadas nos relatórios anuais do diretor, e três delas reproduzidas também no *Almanaque Gonçalves de Araújo* para 1912. Apenas uma delas, segundo nossa pesquisa, foi reproduzida em um livro pelo seu autor, Alberto de Oliveira, junto a outras obras suas.

A primeira dessas obras foi apresentada na primeira Festa do Patrono, que foi realizada, como já apontado, poucos dias após a chegada das primeiras crianças ao Asilo. Ramiz registrou que o texto era de autoria de Mello Moraes Filho, ao qual já nos referimos. Embora não conste a indicação de que tenha sido expressamente criada para o evento, as referências à “lusitana plaga” e ao “aniversário”, dentre outras expressões utilizadas pelo artista, sugerem muito fortemente que se referisse de fato a Araújo e ao Asilo. Não deixa de ser curioso, também, o fato de os versos de Moraes Filho evocarem os sentimentos que Ramiz Galvão teria catalisado, pouco depois, nos versos do *Hino a Araújo*, de sua autoria. Esta segunda peça, datada de 1901/1902, foi cantada pela primeira vez na Festa do Patrono de 1902.

A terceira peça é uma extensa ode em louvor a Araújo, recitada por ocasião da Festa do Patrono de 1908. Trata-se de uma narrativa poética de sua biografia, desde seu nascimento no Porto até sua morte no Brasil e sua decisão de destinar sua fortuna para a criação de um asilo para cuidar e educar crianças pobres. Ramiz apresentou o texto sem identificar o seu autor, registrando apenas tratar-se de “um amigo das crianças”. O formato e o conteúdo do poema, contu-

do, sugerem ter sido o próprio Ramiz o autor, pois, como o fez em vários de seus discursos, imaginava Araújo como filho único de uma família pobre.

A terceira peça, intitulada *Oblata filial*, parece ser uma continuação da anterior, e embora Ramiz tampouco tenha dado indicações sobre o autor, tudo indica que foi ele próprio. Esse texto descreve a morte de Araújo e sua chegada ao Paraíso. Prestando contas a Deus da sua vida e do destino que deu ao seu ouro, ele faz jus a um lugar no Céu. A parte final descreve a gratidão de uma aluna pelos benefícios recebidos no Asilo e seu pedido para que Deus proteja suas colegas e os responsáveis pela manutenção da instituição.

A duas últimas peças são de autoria do poeta Alberto de Oliveira, e, ao que tudo indica, escritas especialmente para as festas no Asilo.⁴³⁴ Na Festa do Patrono de 1908, foi apresentada a poesia *O ouro dos homens e o ouro de Deus*, que foi posteriormente revisada pelo autor e publicada sob o título *A grande esmola*. Na Festa do Patrono de 1909, foi apresentada *A festa da caridade*.

Poesia sem título, de Melo Moraes Filho, recitada na Festa do Patrono de 11 de agosto de 1901:⁴³⁵

Bem como ao sol, tão alta,
Das selvas, das colinas,
As aves, pequeninas,
Despertam para saudar;
A ti, que nos contemplas
Da mais excelsa aurora,
Viemos, sim, agora,
Louvar, louvar, louvar!
Prevendo cruas lutas,
Da sorte as deserdadas
Livraste! E amparadas
Hoje felizes são...
E qual o sol esplêndido

Que os mundos esclarece,
A tua luz nos desce,
Dando-nos abrigo e pão.
A lusitana plaga
Honrando e a humanidade,
O pai da caridade
É nosso pai além.
O seu Asilo é plácido...
E lá, desses espaços,
A todos abre os braços...
Acolhe-nos também.

Salve, do Bem ó gênio!
Em teu aniversário
Te isolas no sacrário
Do nosso coração...
E nele um sentir mágico,
Que o tempo mais renova,
Celebra a missa nova
Da nossa gratidão.
Crianças todas — órfãs
De pai, de mãe, de afetos,
Que dias inquietos!...
Que sina, ó Deus! Que horror!
Mas, recuando abismos
Tanta miséria, tanta,
Ergueu-se a sombra santa
Do nosso benfeitor.

Hino a Gonçalves de Araújo, apresentado pela primeira vez na Festa do Patrono de 10 de agosto de 1902, com letra de Ramiz Galvão e música de Francisco Braga:

Da orfandade, da pobreza
Feriu-nos o agudo espinho;
A aurora da vida em prantos,
Sem amparo e sem carinho.

Mas deu-nos plácido asilo
Araújo, o grande amigo;
Legou-nos conforto, vida,
Luz, amor, ventura, abrigo.

Sobre as vagas da procela
Mal fora de nós, sem norte,
Implumes aves, batidas
À mercê d'íngrata sorte.

[Mas deu-nos plácido asilo, etc.]

Doces gozos do trabalho,
Encanto da criatura,
Que fora d'eles, se o ócio
Nos deixasse me treva escura?

[Mas deu-nos plácido asilo, etc.]

Da virtude que é flor d'alma,
Do ofício que nobilita,
Das letras que são luzeiros
Não teríamos a dita.

[Mas deu-nos plácido asilo, etc.]

Mas agora o labor santo
Nos enflora a mocidade;
Fugiram sombras, raiou-nos
D'um sol vivo a claridade.

[Pois deu-nos plácido asilo, etc.]

No quadrante do destino
Já vemos alegres horas;
Da nova luz que nos banha
Deus fez do Céu as auroras.

[Pois deu-nos plácido asilo, etc.]

Protetor bendito, salve!
Que a dor converteste em riso;
Coroas teçam-te os anjos
Na glória do Paraíso!

Salve! Salve!

The image shows a handwritten musical score on aged paper. It features three staves. The top staff is for 'Vozes' (Voices) in a soprano clef, with the tempo marking 'Moderato' and a key signature of one sharp (F#). It includes a section for '(Solo a 1.º voz, Coro a 2.º)' and the lyrics 'Da or-phã-nã-ã'. The middle staff is for 'Orgão' (Organ) in a bass clef, also marked 'Moderato' and in the same key signature. The bottom staff contains the lyrics 'da po-bre-za Je-ru-sa-lém e a-qui-és-pu-nho: Au-er-ra-va a vi-da em prân-to-s, Sim-am'. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings like 'dim.' and 'p'.

Trecho inicial da partitura original, manuscrita pelo autor.⁴³⁶

Poema *Antonio Gonçalves de Araújo*, de autoria de um “amigo das crianças”, recitado na festa do dia 9 de agosto de 1908:⁴³⁷

Na cidade do Porto, heróica, invicta,
Demorava o casal, que um amor santo
Unira. No prazer e na desdita,
No riso, no labor, também no pranto,
Ligados para sempre se afanavam
Na lida do trabalho honesto e rude,
Ele — feliz das horas que passavam,
Ela — tipo de candor e de virtude.
O céu lhes dera um filho, belo e forte,
Botão angélico de flor, que um dia,
Arrostando os vaivéns da dura sorte,
Almo consolo aos velhos pais daria.
Deus, que os pobres alenta, compensara
Com este régio mimo cobiçado o suarento
esforço, a luta amara
Do par bendito. Adeus triste passado,
Adeus trevas, adeus mágoas e dores
Da mansarda! Uma estrela radiosa,
Fúlgido sol, um astro sem palores
Iluminava agora o lar. A rosa
Que do menino as faces matizava,
O lindo azul do seu olhar sereno,
O riso que seus lábios enflorava,
Sedutor, gracioso, doce, ameno,
Tudo era encanto mágico, que abria
Aos país a porta franca da alegria.
Antonio cresceu. Na escola
Do trabalho sempre honrado,
Fez da alma escudo valente
Para arcar co’o duro fado.

O santo rocio materno
Formou-o bom, carinhoso;
Do pai o severo exemplo fê-lo rijo e valoroso.

Mas... veio a grande penúria;
Faltava à família o pão.
Nas longas noites do inverno
Que tristonho era o serão!

— E mãe, disse o menino um dia,
Não chores. Eu longe irei
Em busca de sorte amiga;
Teus males mitigarei.
Não se me dá que tropeços
Encontre nesta jornada;
Hei de vence-los à sombra
De tua benção bem amada.
Trégua a dor. Esses teus olhos
São para mim fontes de vida;
Teu pranto me desalenta;
Não chores, ó mãe querida!

Todo trabalho enobrece,
M'ò disse a lição paterna;
Tal será, mãe de minh'alma,
De Antonio a divisa eterna.
Parto a gemer de saudades,
Tuas, do pai e de amigos;
Mas em terra brasileira
Hei de achar conforto, abrigos;

Terra irmã, hospitaleira,
Nova, grande, rica e forte,
Dar-me-á tudo com que sane
Esta penúria de morte.

Adeus, meus pais adorados;
Sou pequeno, sou criança,
Mas dão-me força, coragem,
Asas de firme esperança.

II

E partiu à conquista rude do futuro
O denodado Antonio. A longa travessia,
A água torva em caixões, e o céu toldado, escuro,
Nas tardes de tormenta, e o vento que zunia
Na enxárcia da galera, os flancos sacudindo,
Tudo o deixou imoto e tranquilo. Uma ideia,
Só uma lhe ocupava o pensamento.
Rindo, a cismar, qual se fora doce melopeias
O áspero concerto de irados aquilões,
Os perigos não viu; na mente lhe bailavam
Os planos encantados, áureas previsões
De abastado porvir. As nuvens que voavam,
Do raio o zig-zague a coruscar nos ares,
O clamor da maruja, imprecações, lamentos,
O bramir dos trovões, o frêmito dos mares,
O feroz, desabrido uivar dos loucos ventos,
Todo aquele espetáculo pávido, medonho,
Dir-se-ia que o embalava no dourado sonho.

...

Passaram as borrascas, notos amainaram;
Alísios bonançosos, velas enfunando,
O susto pela calma céleres trocaram
No árdido coração daquele alegre bando.
Numa manhã d'abril, o flavo sol dourava
Os picos da gigantea serra donairosos
Da grácil Guanabara. Enfim aqui chegava
A galera veloz, co'os nautas ansiosos.

Vai já ter início a luta:
O animoso, rijo atleta
Não treme, a voar disputa
A vitória mais completa.
E o combate do valente,
Do menino-homem audaz,
Não tem folga: ele contente
Pugna, porfia tenaz.

Se a sombra do desalento
Turbava-lhe o rosto um dia,
Era palor de um momento,
O vigor recrudescia.

Da boa mãe a lembrança,
Da mãe que ele sempre adora,
Dava-lhe nova pujança
P'ra luta de cada hora.

Ganha amigos, protetores,
Pesquisa, sobe... enriquece;
Da sorte iníqua os rigores
Ele feliz não conhece.

É que o céu pagava em ouro
A mãos largas a piedade.
Deus alteara-lhe o tesouro,
À proporção da bondade.

Venceu assim os espinhos
Da jornada tormentosa;
Tudo agora são carinhos
Da fortuna caprichosa.

...

Rico, vai ver outros povos;
Viaja, examina, estuda;
Nestes livros sempre novos
A lição é farta e muda.

Volvido após ao repouso,
No seu Rio bem amado,
Vem fruir da paz e gozo,
Das paixões nunca turbado.

De amigos fieis no seio,
Com serena quietude
Aguarda num doce enleio
O galardão da virtude.

III

Chegaram da velhice os dias. A alta fronte
Anéis de prata, níveas cãs já lhe esmaltavam;
Da vida o viajor descendo vinha o monte,
Pendia a natureza... as forças lhe faltavam.

...

No leito jaz prostrado o enfermo combalido;
Araújo medita. A sombra merencória
Da tarde um quê de triste, lúgubre e dorido
Sobre tudo esparzia. À mente toda a história
Do seu viver passava qual um fugitivo
Quadro, que mão oculta aos olhos descobrisse:
Da infância o despertar, o brilho intenso, vivo
Da alegria do lar, a rósea meninice,
O cambiar desta luz p'ra negra tempestade
Do infortúnio, da mesta e mísera pobreza,
Que tudo em dor mudara — o pranto, a ansiedade
Dos bons pais, a nudez, a fome, a ruim braveza
Da penúria cruel — e... nisto, o resoluto

Passo que dera um dia, em busca de outros climas,
O ardor do seu lidar, a messe, o doce fruto,
Do indefesso lavrar as prósperas vindimas.

...

Araújo medita. — Eis faz-se a noite escura,
E do seio da treva um ponto transparente
Vai surgindo e crescendo; vera criatura
Envolvida parece agora em véu fulgente.

...

— Sim, é ela, ela mesmo, diz o débil ancião
Alçando o corpo, é ela, a doce mãe querida,
Aquela que me encheu a trabalhada vida
De coragem, de ardor, de nobre fortidão!

— Filho, branda a voz suspira
Da fantástica visão;
Baixo da eterna morada,
Vim falar-te ao coração.

Foste bom e carinhoso,
Meu triste pranto enxugaste;
Tive em teu braço um escudo,
Teus velhos pais amparaste.

Hoje vivemos felizes
Na etérea mansão de Deus;
Não mais, não mais carecemos
Dos fartos tesouros teus.

Dá-os aos pobres, querido;
Eles são flores mimosas,
Que à mingua d'orvalho pendem
Nas frouxas hastes sequiosas.

Por essas choças humildes
Vê quanta lágrima corre
Dos olhos de tristes mães;
Vê como de dor se morre.

Órfãos aos centos lastimam
O abandono, a pena, o olvido;
O ouro, que a lidar ganhaste,
Parte-o c'os pobres, querido!

Tua alma é grande, meu filho;
Faz do luto alegrias,
Converte em almos sorrisos
Da miséria as agonias.

Completa tua obra ingente,
Primor dos filhos bendito;
No céu te esperam os anjos
E o amor de um Deus infinito!

E a imagem se esvaiu. Mas clara como o dia
Toda a mansão ficou... O herói empunha a pena,
E à luz da Caridade, límpida, serena,
Estas frases escreve, enquanto a melodia
Dos arcanjos no Empíreo célica descanta
Das doações no mundo feitas a mais santa!

— Meu Portugal deu-me a vida;
Mas esta terra querida
Do Brasil fez-me feliz;
Quero deixar-lhe um penhor
De grande, entranhado amor
Por tantas graças gentis.

Não quero que outras mães chorem,
Não quero que outros deplorem
O que minha mãe sofreu;
Venha dos pobres a benção,
Não quero que a outros pertençam
Haveres que Deus me deu.

O meu ouro é das crianças;
Meu fito é dar esperanças
A quem luta co'o destino,
Lego tudo, erijo um templo,
Deixo um "Asilo", um exemplo,
Que aos séc'los sirva de ensino.

E o monumento aqui vêdes.
Estas sagradas paredes
Só rescendem santo Amor.
Glória ao Gênio caridoso,
Pai dos pobres extremoso,
Deste "Asilo" o fundador!

Como Sirius no céu brilha,
Das estrelas maravilha,
Entre sóis ardentes mil,
Viverá teu nome agosto,
Araújo, santo e justo,
Nos fastos do meu Brasil!

Oblata filial — *Ao grande e nobre Gonçalves de Araújo*, poesia lida por Maria Amorim na Festa do Patrono realizada no dia 29 de agosto de 1915. Ramiz Galvão é provavelmente o autor. Publicada no Relatório 1915/16, pp. 222-226:

Frouxos os laços da terrena vida,
Terminada a missão que Deus lhe dera,
Não restava ao herói mais que a partida
Deste mundo enganoso. A vã quimera
Dos prazeres, dos gozos, diluída
Como sombra fugaz se desfizera;
Aspirações, anelos, a ventura
Que sonhara no albor da mocidade,
Tudo se consumira. Só a futura
Vida, de um novo sol a claridade
Etérea e divinal, a mansão pura
Do Senhor pode dar-lhe a f'licidade.

...

Solta Araújo o alento derradeiro,
E su'alma, por Anjos conduzida,
Sobe ao Empíreo — sólio verdadeiro
Da Justiça e do Amor, corte luzida
Dos eleitos, d'aqueles que o pampeiro
Do mal não abatera nesta vida.

...

No Empíreo tudo são galas.
Fulge no esplendor da Glória
O Senhor. Célicas vozes
Cantam hinos de vitória.

Cercam-lhe o trono luzente,
Marchetado de diamantes,
Maria, a Virgem Santíssima,
Os Serafins triunfantes.

Segue-os a corte bendita
Dos heróis da Caridade,
Que deram conforto às dores
Da pobreza, da orfandade;

Cobre-os manto alvinitente
Salpicado de rubis;
Seus braços agitam palmas
De rosas, lírios, jasmíns.

Ante a cena deslumbrante
Do celeste Paraíso
Os seus lábios emudecem,
Mas neles canta o sorriso,

O doce, calmo sorriso,
Que a f'licidade traduz
Dos que passaram da treva
Para o santuário da luz.

...

Entra Araújo. Ao tribunal divino
Um anjo o guia. O brilho adamantino
Do sólio, em que resplende a Divindade,
Tanta luz e tamanha majestade
Não n'ó cegam. Sereno, austero e grave
Do trono se aproxima, e diz suave:

“Aqui ‘stou, meu Deus, julgai-me;
Mas sede, Senhor, clemente.
Se homem frágil pequei,
Amei-vos d’amor ardente”.

— “Quem és, bem sei. Vi-te menino
Deixando as plagas nativas

Em busca d'alívio à dores
Da penúria, cruas, vivas.

“No meu Brasil bem amado,
Na Terra de Santa Cruz
Foste um herói do trabalho,
Que à f'licidade conduz.

“Segui-te os passos; a estrada
Bordei-te de lindas flores;
Foste bom filho, poupei-te
Da vida os cruéis rigores.

“Já por mim abençoado
Ganhaste farto tesouro.
Posto que eu saiba, repete,
Que fizeste do teu ouro?”

— “Senhor, meu ouro dei-o aos orfãozinhos,
Aos filhos da pobreza, coitadinhos,
Às crianças que sem pai, sem mãe, sem teto,
Sem um doce carinho, sem afeto,
Viviam condenadas à má sina,
Falhas de pão, de escola, de doutrina.
Plantinhas, estioladas, sem cultura,
Quem lhes mitigaria a desventura,
As dores do abandono, da orfandade?
Pensei, Senhor, salvá-las da maldade,
Dos perigos do mundo. Brasileiros
Foram os corações que prazenteiros
Se me abriram na vida, quando os lares
Pátrios abandonei. Nos mil azares
Da luta ali achei novos irmãos,
Pátria nova, carinhos, muitas mãos

Que me ajudaram a galgar o cimo
Da montanha: o Brasil por isso estimo,
E aos Brasileiros quis render meu preito
De amor, de gratidão e de respeito.
Que obra melhor a Deus fazer pudera
Do que esta — dar o sol da primavera,
O orvalho da instrução às florezinhas
Do futuro? Cuidei das pobrezinhas,
Dei-lhes abrigo, pão e uma esperança
De ventura, de luz e de abundância.
Meu mestre foi Jesus, que os pequeninos
A si chamou, clareando os seus destinos.

...

Eis, Senhor Deus, o fruto do meu ouro.
Para gerir honesto esse tesouro
Busquei varões honrados, piedosos;
E eles um templo ergueram. Caridosos
P’la sorte se desvelam das crianças.
Tudo ali são benditas esperanças
De um futuro risonho, afortunado;
Tudo ali é trabalho; fulge ao lado
Da oficina a escola; cresce a flor
Orvalhada p’las bênçãos do Senhor,
Para volver-se em fruto sazonado
De pais, de irmãos, de Deus abençoado!”

...

— “P’ra ganhar o prêmio augusto
Araújo, assaz fizeste”;
Disse Deus, e um coro de anjos
Tornou na mansão celeste:

“Glória ao protetor dos pobres!
Tens no Empíreo teu lugar,

Bravo herói da Caridade,
Filho e cristão modelar!

“Neste Céu que não tem nuvens,
Neste Céu que só tem luz,
Goza a flicidade eterna,
Bravo soldado da Cruz!”

...

E tu la'stás. Meus olhos te distinguem
Na brilhante coorte dos eleitos.
Eu que sou também órfã, que fui presa
Do infortúnio, consente que proclame:

Araújo, também achei a luz,
O lenitivo, o amparo, a mão amiga
E paternal, que abriu-me os horizontes
Da vida, em teu Asilo venerando.
As lições da Virtude, o amor ardente
Do trabalho aprendi no santuário
Que tão nobre, tão grande levantaste
Para arrimo dos pobres. Sê bendito!
Se os louros eu colhi do magistério,
Se desses louros nasce alguma glória,
Essa glória é só tua, é deste Asilo.
Às crianças levando o pão do ensino
Teu nome exaltarei, direi quem foste,
De tu'alma a nobreza, a piedade,
Os frutos do teu ouro abençoado,
Grande e sublime Benfeitor ilustre.
— Escuta-me porém, se tal mereço,
E se as preces de filha mover podem
Tu'alma generosa: — pede, roga
A nosso Deus augusto pela sorte
Dos caros benfeitores deste Asilo,

Dos meus bons protetores, dos meus mestres,
Das minhas companheiras, doces, meigas,
Sócias no riso, no labor, nas lidas,
Que o destino espalhou. Tu, que desfrutas
A visão celestial, suplica sempre
À Virgem Santa, que proteja os dias
D'este bando infantil, a que presides,
Araújo, com teu caro e doce nome!

...

E agora, que te fiz a minha oblata,
Que as flores de minh'alma te ofertei,
Amorosa, sincera, agradecida,
Consente que eu remate, comovida,
Co'a frase de teu Hino:

“Protetor bendito, salve,
Que a dor converteste em riso;
Coroas teçam-te os Anjos
Na glória do Paraíso!”

A grande esmola (ou *O ouro dos homens e o ouro de Deus*), de Alberto de Oliveira, recitada em 8 de agosto de 1909:⁴³⁸

I
Nessa parte da Frigia, ondo o Pactolo escoia,
Houve um rei a quem grato um nume galardoa
Concedendo-lhe obter o que lhe peça. E que pede?
Que em ouro (de ouro à farto era a infartável sede)
Tudo em que as mãos puser se lhe converta. E logo
E eis tudo em que as mãos põe a reluzir em fogo
E a soar, com a cor e o som próprios do ouro. Ouro é tudo.
Ouro é o seu régio manto, a púrpura e o veludo,
Ouro é o leito em que dorme, a mesa à que se assenta

Ouro. Toda iguaria em ouro se apresenta;
Ouro é a água que bebe em copos de ouro, e o vinho.
E ei-lo, em tanta riqueza, humilhado e mesquinho!
Devora-o a fome atroz, arde a sede e o consome.
Não pode o ouro, que vê, matar-lhe a sede e a fome,
Nem pode repousar, porque seu leito é um frio
Metal duro a reluzir... Ei-lo num desvario
Pelos paços a errar dias e noites, vendo
O ouro tudo invadir — Oh! Suplício tremendo!
— Basta! Exclama, por fim, aos céus mandando um brado,
Basta! E como de um raio de ouro fulminado,
Rola em terra a sentir do horrífico tesouro
Esmaga-lo brutal o pesadelo de ouro.

II

Justo o castigo foi. O ouro ninguém o queira,
Como esse rei, que o teve a encher-lhe a casa inteira,
Só para o ver brilhar, só para o gozo seu.
Tome-se exemplo ao sol: o sol, em vindo ao céu,
Tudo o que em guarda e tem, generoso reparte
Em dádivas de amor mandando-o a toda parte.
Que plantazinha enferma há aí sem seu quinhão?
Que palude doentia, ou apaulado chão,
Socava ou gruta, em que, na sua ignota mágoa,
Treme a sombra ou soluça escasso fio de água,
Não o sentiu benigno a lhe espargir à flux
O ouro dos raios seus em óbolos de luz?
Vede-o como de seu trono o espalha a mancheias
Sobre ribeiros nus e queimadas areias,
Vede-o com ele a acender à cega pedra o olhar,
Com ele a fazer, fecundo, o campo germinar,
Com ele a empoar, cuidadoso, à flor mimosa o estame,
Asas à borboleta ou zumbidor enxame,
Com ele a adoçar a dor do céu do escurecer,

Barras de sombra ou fumo ao longe a guarnecer
De rendado arrebol... Ó! piedade infinita!
Ao seu almo calor tudo exulta e palpita,
Vive, abençoa o Eterno! E há milênios, assim,
Dando ao mar, dando à terra e dando as céu sem fim
Com sorrir prazenteiro e seu reflexo louro,
Todo o seu ouro e amor — o sol é sempre de ouro.

III

Assim como o do sol — ouro divino! Seja
O dos homens! Deixai que em tudo benfazeja,
O parta vossa mão com quanta dor existe.
Levai-o à infância pobre, à invalidez, à triste
Carecida velhice. O óbolo é como um raio
De luz em sua noite. Almas piedosas, dai-o!
Irradiai compaixão! Irradiai caridade!

IV

Só assim o ouro vale e das mãos do que o deu,
Sai, todo a reluzir qualquer coisa do céu,
Só assim, bem-estar propiciando aos que o ignoram,
Lágrimas a enxugar a pálpebras que as choram,
Só assim, da miséria indo piedoso em prol,
O ouro dos homens pode igualar o do sol.

V

Tome-se o exemplo a este, a quem no amor, que o abraça
Dos sem lar e sem pão, devemos esta casa.
Pobre, viu desde cedo o que a miséria custa;
Tinha, porém, de herói a têmpera robusta,
E saiu pela vida a batalhar. Trabalha,
Esforça, ganha, vence a homérica batalha.
É opulento, é feliz. Mas, o ouro que lhe presta?
Um dia, ao fim da vida, abre pequena fresta

O céu para deixar que amiga voz lhe fale:
— Homem, todo o teu ouro é nada ou nada vale,
Se o não cedas ao Bem. — Ele ouve e de improviso
Ilumina-lhe o rosto espiritual sorriso.
— Desde hoje o que possuo, ó santa Caridade,
É teu, — diz — leva-o, dá-o à mísera orfandade,
Veste-a, agasalha-a bem, e satisfeito expiro.

Seu espírito aqui paira neste retiro,
Nesta casa que é sua. A recordar-lhe o exemplo,
Entre bençãos que inspira, amemo-lo em seu templo!

A festa da caridade, escrita por Alberto de Oliveira, recitada em
9 de outubro de 1910:⁴³⁹

Festas... Se é tão triste a vida
— vale de amargura e pranto,
Se em meio de tanta lida sofremos tanto,
Justa é a diversão; é justo
Males contidos a custo
Breve instante espairecer,
Pois a alma votada apenas
A tribulações e penas
Não poderia viver.
Festas... Desde as que em florestas,
Lá na remotas soedades,
Reboam — selvagens festas, às das cidades,
Às das praças e às dos templos,
Ora de heróis os exemplos
Celebrando e feitos seus,
Ora em cânticos subindo
À glória, ao poder infindo
Dos deuses ou de um só Deus;

Festas.... Tiveram, têm todos
No mundo as suas, maiores
Ou breves, de vários modos, cheias de flores.
Cheias de hinos e harmonias,
De exaltações e alegrias,
E onde, já em lauto festim
Tinham cristais, já em salas
Ferve a dança, e tudo em galas
É gozo, é loucura enfim.
Festas... A nossa é modesta,
Destoa das da cidade,
Por ser tão simples. É a festa da Caridade.
Mas simples embora, espraia
Em júbilos. — Observai-a!
Pois, como Deus assim quis,
À Caridade um momento
Também o contentamento
Lhe chega, e folga, e é feliz.

Basta-lhe, simples embora,
Tal festa. Outra, diferente,
Alguém sonhou, mais sonora, mais esplendente?
Sonhou-lhe aqui, por ventura, pompas, bailado, loucura?
Se os sonhou, não viesse aqui.
Aqui não há desses gozos,
Há corações venturosos
Num dia que lhes sorri.

Não! Outra é a nossa alegria,
Outro é o modo de expressá-la.
Vede a luz que se irradia por esta sala;
Vede à nossa festa as flores,
Ouvi-lhe os brandos rumores
À sua música; e mais:

Em vós mesmos satisfeitos
Senti-a nos vossos peitos,
No coração que lhe dais.

Aqui na casa modesta,
A que se abriga a orfandade,
Não pode outra ser a festa da Caridade.
E assim como é, lhe basta,
Que ela, compassiva e casta,
Doce filha do Senhor,
Prefere a toda a grandeza
Desvalimento e pobreza,
E a todo amor — este amor!

Notas

416 AFBMP. Relatório 1918/19, pp. 243 a 250.

417 *Selecta*, 15/02/1919, p. 19.

418 Enquanto esteve na França participando das negociações de paz, Eptácio Pessoa foi indicado candidato à Presidência da República. Ainda estava lá quando ganhou as eleições, realizadas em abril de 1919.

419 AFBMP. Acervo Fotográfico. Ref. 043.C.02889 (36.1)

420 *Fon-Fon*, 21/10/1922, pp. 62-63.

421 *O Malho*, 25/08/1923, p. 35.

422 O político e poeta português Tomás Antonio Ribeiro Ferreira (1831-1901) havia sido nomeado embaixador no Brasil em 1895, quando se restabeleceram as relações diplomáticas entre Brasil e Portugal, que Floriano Peixoto encerrara por motivo da Revolta da Armada. O poema *A Portugal*, escolhido por Ramiz para a peça, havia sido publicado no livro *D. Jaime*, de 1862, a mesma obra em que Tomás Ribeiro havia definido o seu país como um “jardim da Europa à beira-mar plantado”, que se tornaria uma expressão identificadora da terra lusitana. Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963) era diplomata e literato. Integrou o grupo dos 10 primeiros intelectuais a compor a Academia Brasileira de Letras, quando de sua fundação, em 1897, e era membro do Instituto Histórico e Geográfico. Na época, era o embaixador brasileiro na Santa Sé, e, ao final de 1923, havia publicado, na Itália, *Estrofes para o Hino Nacional*, de onde Ramiz tirou o trecho utilizado em sua peça.

423 *Fon-Fon*, 23/08/1924, p. 51.

- 424 A partitura dessa canção não foi preservada.
- 425 Também aqui a partitura do maestro Francisco Braga não se conservou.
- 426 *Selecta*, 06/11/1920, p. 21.
- 427 Referia-se a: Corina de Tângra, poetisa grega; Germaine de Staël, escritora francesa; Rosa Bonheur, pintora e escultora francesa; e Marie Curie, física e química polonesa.
- 428 Galveston é uma pequena cidade praiana no estado do Texas (EUA).
- 429 *Fon-Fon*, 17/08/1929, p. 54.
- 430 *Manchete*, 26/06/1954, p. 18. Antonio Accioly Netto, repórter e depois diretor da revista *O Cruzeiro*, confirmou essa versão. Cf. *O Cruzeiro*, 15/10/1979, p. 69.
- 431 A revista *Careta*, de 06/07/1929, p. 2, chegou a publicar as fotos de Miss Brasil, Miss Áustria e Miss EUA em roupas de banho, mas foi a única publicação brasileira que o fez.
- 432 Ramiz Galvão, B.F. *Teatro Educativo*, RJ, Tip. Jornal do Comércio, 1938, 160p.
- 433 *Jornal do Brasil*, 07/08/1938, p. 5.
- 434 Antonio Mariano Alberto de Oliveira (1857-1937), um dos expoentes do parnasianismo no Brasil, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
- 435 AFBMP. Relatório 1901/02, pp. 125-126.
- 436 AFBMP. Ref. 161.C.01137.05175.
- 437 AFBMP. Relatório 1908/09, p. 92. O texto completo foi publicado no *Almanaque Gonçalves de Araújo* para 1912, pp. 39 a 45.
- 438 Publicado no *Almanaque Gonçalves de Araújo* para 1912, pp. 89 a 91, sob o título *O ouro dos homens e o ouro de Deus*. A versão aqui reproduzida é a que foi revista pelo autor e publicada mais tarde sob o título *A grande esmola*, em Oliveira, Alberto. *Poesias – 4ª série (1912-1925)*. Liv. F. Alves, 1928, R.J., pp. 96-99. Versão digital disponível em <https://pt.scribd.com/doc/298466968/Alberto-de-Oliveira-Poesias-Quarta-Serie>
- 439 Publicado no *Almanaque Gonçalves de Araújo para 1912*, pp. 53-55.

X

*O diretor no lar e
seu lazer produtivo*

Vida em família

Para o melhor funcionamento de um colégio interno, era imprescindível que um grupo de pessoas residisse permanentemente no local. Era o caso do diretor, da regente, de algumas professoras e das inspetoras. O diretor tinha sua residência em um espaço localizado no segundo andar, com cerca de 250 metros quadrados. Nesse mesmo andar, em anexos no fundo do prédio, ficavam as dependências destinadas à regente e algumas professoras. As inspetoras dormiam em quartos vizinhos aos dormitórios das internas, no terceiro andar. O jardineiro e o chacareiro (hortelão) ficavam nesses mesmos anexos, no térreo, mas com acesso apenas ao exterior do prédio.

Um aspecto muito característico da gestão de Ramiz no Asilo é que, embora ali residindo com sua família, inicialmente composta por sua esposa, D. Leonor, a filha viúva, Anita, e os dois netos, Roberto e Waldemar, não se encontrou qualquer registro do envolvimento deles nas atividades do colégio. Em nenhum dos muitos eventos do Asilo eles parecem ter participado, mesmo que na condição de meros espectadores. Jamais a presença de qualquer um deles foi mencionada ou pôde ser identificada nas fotografias então tomadas. Tampouco se tem notícia de nenhum outro evento de natureza familiar, nem mesmo de cunho religioso, que tenha sido realizado no colégio. Isso não quer dizer que seus familiares não estivessem presentes aos eventos festivos do colégio, como na Festa do Patrono de 1909, ocasião em que a jovem Heloisa de Saldanha da Gama, de 16 anos, sobrinha de D. Leonor, teria recitado uma poesia.⁴⁴⁰

D. Leonor, a esposa, e Anita, a filha, só foram mencionadas uma única vez nos relatórios da época. A esposa, por ocasião de seu falecimento, em 1920. A filha, por ter sido convidada a participar da inauguração do busto do pai, em 1928. Foi tudo o que logramos encontrar sobre os familiares de Ramiz Galvão.

Além disso, as notícias e os registros fotográficos localizados nos jornais e revistas da época, relativos aos membros de sua família, são raros e sempre relacionados a atividades fora do colégio. No caso de Anita, por exemplo, foi algumas vezes mencionada em atividades em prol do Asilo da Velhice Desamparada e em atividades sociais. Como na imagem a seguir, de 1908, em que foi fotografada ao lado de um dos filhos, em espaço público.

Quanto aos netos, Roberto e Waldemar, nascidos em 1896 e 1898, respectivamente, embora tivessem a mesma idade de muitos dos meninos admitidos no Asilo em 1905, quando foi inaugurada a seção masculina, não há qualquer indicação de que tenham frequentado as aulas no Asilo ou compartilhado qualquer outra atividade escolar. É bastante provável que tivessem frequentado a Escola Gonçalves Dias, escola pública localizada ali perto. Sabe-se apenas que, em 1909, frequentaram o Colégio Pio Americano, nos dois primeiros anos do curso secundário.⁴⁴¹ Esse colégio funcionava na vizinha



*Anita e um de seus
filhos na Avenida
Central em 1908.*⁴⁴²

rua Teixeira Júnior (no prédio que atualmente abriga a unidade 2 do Educandário Gonçalves de Araújo), e era então dirigido pelo padre Manuel Lobato. Ramiz Galvão ali também lecionava, naquela época.

Diferentemente do avô estudioso, não encontramos indicações de que Roberto e Waldemar tenham cursado alguma faculdade. Cedo, entretanto, encontraram emprego. Roberto, no escritório da Companhia Docas de Santos, no Rio de Janeiro, enquanto Waldemar foi admitido no Banco do Brasil.⁴⁴³



Cenas dos casamentos de Roberto, em 1915 (esq.) e Waldemar, em 1921 (dir.).⁴⁴⁴

Ambos deixaram de morar com o avô apenas quando contraíram matrimônio. Roberto casou-se, em 1918, com Natalina Ferreira Fontes, residente em São Cristóvão. A jovem era filha de D. Albertina Santiago de Sá e Benevides, cunhada de Irmã Benevides, a religiosa vicentina que respondia pelo Hospital dos Lázaros. A cerimônia religiosa ocorreu na igreja de São Cristóvão, ocasião em que Maria Amorim cantou a Ave Maria, acompanhada ao piano pela professora Bivar.⁴⁴⁵ Waldemar casou-se em 1921, com a maranhense Alice Saraiva, na igreja de Nossa Senhora da Lagoa, em cerimônia que foi celebrado por padre Séve.

D. Leonor faleceu no dia 4 de janeiro de 1920, nas dependências destinadas à residência do diretor. Tinha 70 anos. A missa de sétimo dia foi celebrada na igreja da Candelária.⁴⁴⁶ Em seu relatório daque-

le ano Ramiz, fez constar, sob o título “cerimônias várias”, que “uma comissão de alunas, por obsequiosa determinação do ilustre irmão provedor, no dia 5 de janeiro deste ano, acompanhou ao seu último jazigo os restos mortais de minha saudosa esposa”.⁴⁴⁷

A reserva do diretor quanto ao registro da presença de seus familiares na vida do colégio se aplicava também à sua própria pessoa, como ficou claro no Relatório de 1907/08, onde omitiu completamente a grande festa que ali se organizou por ocasião de seu 62º aniversário natalício, em 16 de junho de 1908, mas que a *Gazeta de Notícias* publicou com destaque no dia seguinte. De acordo com o jornal, além do provedor, Visconde da Veiga Cabral, e de vários outros membros da Irmandade, estiveram presentes familiares, amigos, alunos do Ginásio Nacional e crianças do Asilo. Algumas de suas alunas dirigiram-lhe uma saudação e declamaram poesias e monólogos. A festa terminou com um pequeno baile e uma mesa de doces oferecida pelo homenageado.⁴⁴⁸

É certo, como vimos páginas atrás, que Ramiz mencionou, em discursos para suas alunas, várias passagens de sua infância como estudante, mas o fez a título de exemplo. Sobre sua vida familiar, o único registro que encontramos foi o texto que publicou no *Almanaque Gonçalves de Araújo* de 1912, assinado com o pseudônimo de Zimar, dedicado a Leonor, uma das filhas falecidas.

A inauguração do busto de Ramiz Galvão

Mencionamos, há pouco, que uma das raras referências à família feita por Ramiz nos seus relatórios dizia respeito à presença de sua filha, Anita, num evento organizado pelo provedor, para inaugurar o busto do diretor. Naquela data comemorava-se também o aniversário natalício do provedor Albino de Sá. Houve missa de ação de graças na capela do Asilo, pela manhã, após o que a aluna Clarisse Guimarães leu uma saudação, em nome de suas colegas, ao provedor homenageado, e presenteou-o com flores feitas nas oficinas da casa.

De acordo com o que informou o provedor, Ramiz havia sido presenteado com um busto feito em gesso pela professora de de-

senho, D. Cadma Couto, e “querendo aproveitar a oportunidade de uma justa homenagem, os membros da Mesa Administrativa da Irmandade mandaram fundir em bronze (...) como um modelo perpétuo para aquela casa de ensino”.⁴⁴⁹

No dia da inauguração, discursou o irmão Américo de Almeida Guimarães em nome da Irmandade, após o que a senhora provedora, D. Emília de Sá, e D. Anita, filha do Diretor, descerraram a cortina que cobria a escultura. Ao agradecer a homenagem, Ramiz lembrou os 28 anos do colégio sob sua direção, os avanços que se tinham conseguido nesse período, tanto em termos materiais do edifício, quanto ao bem-estar e ensino das asiladas, assim como a gestão financeira conduzida pelos dirigentes da Irmandade.



*Busto de Ramiz Galvão (1928).*⁴⁵⁰

A minha missão tem sido, pois, a de executor dos melhoramentos efetuados e a de mantenedor dos créditos do estabelecimento, o qual, mercê de Deus e com o auxílio de bons funcionários, goza de estima geral entre os institutos de natureza similar, existentes na capital da República.

Ensinando, doutrinando sem rigores escusados, dirigindo antes como amoroso pai de família do que como chefe austero e rígido, porque entendendo que é sobretudo pelo coração que se consegue modelar a infância, tenho assim agido por mais de um quarto de século na qualidade de diretor do Asilo. (...)

É, portanto, ato de generosidade dela [da Irmandade] o distinguir-me neste dia com um prêmio, que excede a tudo o que mereço. A essa magnanimidade só posso responder com palavras de gratidão vivíssima e com o protesto solene de cooperar, quanto em mim couber e enquanto a Providência Divina me der vigor, para a glória da Irmandade, realizadora deste grande ideal do sempre amado e sempre venerando Gonçalves de Araújo.

Cooperando aliás para o renome deste instituto, sinto a consolação de continuar ainda nos dias da velhice a obra santa de educar a infância brasileira, depois de haver exercido por largos anos importantes cargos do ensino público. E neste mister não me julgo diminuído. Ao contrário; presidindo a formação de caracteres que se iniciam na vida, sinto o gozo do jardineiro que vê germinar a semente, que acompanha desvanecido o crescimento da plantinha mimosa a anunciar flores e frutos, flores de aroma suavíssimo, frutos de sabor delicado.

É este o prazer que compensa contrariedades e desgostos, aliás inseparáveis da árdua missão de educador.

A maior das compensações, entretanto é a que hoje se deduz do ato que se realiza.

Contarei este dia como um dos melhores da vida. Devo-o, repito, a cavalheiros que tem alma e grande coração (...).⁴⁵¹

Lazer produtivo

Durante as três décadas em que respondeu pela direção do Asilo Gonçalves de Araújo, Ramiz continuou desempenhando (e ampliando) seu papel na vida cultural da cidade.

Sua incansável capacidade de trabalhar lhe renderia uma menção por parte de Escagnolle Doria (1869-1948), professor e historiador do Colégio Pedro II. Em 1946, ao homenagear o amigo, lembrou-se de revelar que os moradores do Campo de São Cristóvão costumavam afirmar que “no Campo duas luzes permaneciam [sempre acesas], as luzes do Internato do colégio de Pedro Segundo, da tarde ao romper do dia, e as luzes do gabinete de estudo de Ramiz Galvão [no Asilo Araújo] no silêncio da alta noite.”⁴⁵²

Os tópicos seguintes recuperam algumas das atividades desenvolvidas por ele, paralelamente à sua atuação como diretor do Asilo.

Professor do Ginásio Pio Americano

Ramiz Galvão dedicou-se a dar aulas de grego no vizinho colégio Pio Americano (de 1902 a 1911).⁴⁵³ Embora não tenhamos encontrado nos arquivos da Irmandade qualquer nota sobre o assunto, é de se supor que essa tenha sido uma forma de compensar, em parte, o corte salarial aplicado logo ao início da gestão do provedor Manoel Lopes de Carvalho, ao qual nos referimos anteriormente.

Esse colégio ficava na rua Teixeira Júnior, a poucos quarteirões do campo de São Cristóvão, e funcionava em um prédio que seria, algumas décadas depois, adquirido pela Irmandade para ali instalar a seção masculina do Educandário Gonçalves de Araújo.



*Solenidade de diplomação de alunos no Ginásio Pio Americano, em dezembro de 1909, vendo-se o presidente Rodrigues Alves, monsenhor Manuel Lobato, diretor do colégio e Ramiz Galvão.*⁴⁵⁴

Diretor da Instrução Pública Municipal

Em abril de 1912, o prefeito do Distrito Federal, general Bento Ribeiro, convidou Ramiz Galvão para assumir o cargo de diretor da Instrução Pública Municipal. Ele já havia exercido essa função no alvorecer da República, quando era prefeito o seu amigo e colega da Faculdade de Medicina, Barata Ribeiro.

Por acordo com a Irmandade, acumulou essa função com a de diretor do Asilo. Sua nomeação foi muito elogiada pelos jornais, e ele tomou posse no dia 24 de abril, recepcionado com flores por um grande número de alunas da Escola Normal.⁴⁵⁵

Durante sua gestão, Ramiz procurou amenizar as dificuldades tradicionais enfrentadas pelo ensino básico da capital federal por conta de dotações orçamentárias muito inferiores às crescentes demandas da cidade, e se dedicou a gerenciar as tensões frequentes que envolviam o professorado, sempre mal pago e em número muito inferior às necessidades das escolas. Por sua grande experiência e capacidade de trato com o professorado, por quem foi sempre muito respeitado, conseguiu contornar as tensões da época e concluir sua gestão sem maiores problemas. Apesar da escassez de recursos orçamentários, conseguiu inaugurar duas novas escolas profissionais femininas, uma escola profissional masculina e uma escola noturna, previstas no plano que havia sido aprovado com a reforma do ensino primário de 1911. Também em sua gestão foi inaugurada, em 18 de janeiro de 1914, a terceira Escola Noturna Feminina, destinada a “meninas e moças que se empregassem em serviços domésticos e em estabelecimentos industriais durante o dia.”⁴⁵⁶ Nesse mesmo ano, em 2 de setembro, foi publicado o decreto municipal nº 981, reformulando o ensino público no Distrito Federal.⁴⁵⁷

Dos registros de suas atividades na época, ressaltam as inúmeras visitas que fez aos institutos profissionais (escolas similares ao Asilo Araújo), enaltecendo sempre a qualidade do ensino e dos trabalhos que ali se faziam. Em um desses eventos, foi o orador oficial na inauguração do retrato de D. Orsina da Fonseca, a falecida esposa do presidente Hermes, no Instituto que levava seu nome. O presidente

compareceu ao ato, assim como o prefeito. Era diretora dessa escola D. Evangelina, irmã de D. Paulina, a regente do Asilo Araújo.⁴⁵⁸

Ramiz solicitou sua demissão no dia 24 de março de 1915.⁴⁵⁹ No dia 26, comunicou sua decisão ao provedor da Irmandade:

Da mesma forma por que procedi em 1912, pedindo permissão ao Provedor da Irmandade do S. S. Sacramento da Candelária para aceitar o cargo de Diretor de Instrução Pública Municipal, e não o tendo assumido senão depois da sua resposta “que não só não via nisso incompatibilidade, como até semelhante fato revertia em honra para o Asilo e para a Irmandade”, — da mesma forma julgo-me hoje obrigado a participar a V. Exa. e à digna Mesa que, tendo obtido dispensa daquela função pública a 24 do corrente, volto a dedicar exclusivos cuidados ao Instituto que dirijo há 16 anos, desde sua fundação, graças à confiança com que me honraram todas as administrações neste longo período.

Além da direção propriamente dita, fiz eu por muitos anos os misteres de escriturário, de professor de duas classes, e por vezes, em casos urgentes, até o de médico. É fato conhecido que, pela prontidão de recursos com que acudi, salvei de grave envenenamento uma asilada.

Pois bem, Sr. Provedor, voltando a todos esses encargos com íntimo prazer, comunico a V. Exa. que de 1º de abril em diante vou dispensar a professora das duas classes mais adiantadas, cujo ordenado paguei de meu bolso durante estes três anos, e tomarei eu próprio a direção do ensino nas referidas classes.

Julgo demonstrar desta maneira, e mais uma vez, o alto interesse que tenho pelo Asilo, nascido em minhas mãos e trazido até esta data com uma série de não interrompida de serviços prestados à mocidade pobre, que ele abriga, educa e prepara para a sociedade.

Não pretendo com isto vangloriar-me, Sr. Provedor, nem alardear benemerências que não tenho; cumpro simplesmente o que acredito um dever, procurando zelar pelos interesses econômicos do Asilo, como sempre fiz desde que me foi cometida a honrosa tarefa de o dirigir.⁴⁶⁰

Ramiz e seu automóvel alemão

As múltiplas atividades de Ramiz Galvão, especialmente na época em que foi diretor do ensino público, devem ter exigido dele uma solução para se locomover rapidamente entre os diferentes lugares onde sua presença era necessária. E, embora não se tenha identifi-

cado qualquer referência sua sobre o assunto, a imprensa da época revelou que ele era possuidor de um moderno automóvel, que o ajudava a cumprir sua agenda.

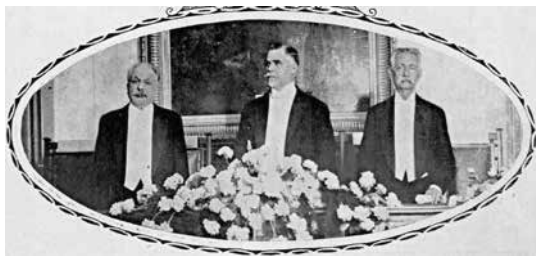
A revelação veio por intermédio de um concurso organizado pelo jornal *O País*, para escolha, por votação dos leitores, do carro mais bonito da cidade.

Na edição do dia 19 de janeiro de 1913, saiu o resultado final. O automóvel de Ramiz não foi o vitorioso, mas ostentou um honroso 7º lugar, com 765 votos. Era um Lloyd, de fabricação alemã.⁴⁶¹

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Seu vínculo mais permanente foi sempre com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do qual era membro desde 1872 e onde foi orador oficial e diretor da revista. Dedicou a essas funções principalmente as horas do seu descanso noturno, embora, periodicamente, a sua presença fosse necessária nas reuniões regulamentares e nas ocasiões festivas em que deveria representar o Instituto.

Em 1912, por ocasião de seu 65º aniversário, foi homenageado por seus pares com a inauguração do seu retrato no salão da biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico.⁴⁶² Em 1914, coordenou no Instituto a organização do 1º Congresso de História Nacional, que se realizou em setembro daquele ano.⁴⁶³ Em 1916, participou da organização da Academia de Altos Estudos, e depois, em 1919, participou da sua transformação em Faculdade de Filosofia e Letras, para a qual foi nomeado diretor.⁴⁶⁴



*Affonso Celso (à esquerda), presidente do IHGB, Washington Luís (ao centro), presidente da República e Ramiz, por ocasião das comemorações do 89º aniversário do Instituto, em 1927.*⁴⁶⁵

Presidente do Conselho Superior de Ensino e reitor da Universidade

Ainda em 1919, deixou a direção da faculdade para assumir a presidência do Conselho Superior de Ensino, encarregado de supervisionar o ensino universitário no país.⁴⁶⁶ Exerceu essa função até 1925, quando foi aposentado pelo governo federal.⁴⁶⁷ Durante esse período, foi também o reitor da Universidade do Rio de Janeiro (mais tarde transformada na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), instituição criada pelo governo federal em 1920 e cuja direção foi então atribuída ao presidente do Conselho Superior de Ensino.⁴⁶⁸

Na Academia Brasileira de Letras

Em 1912, Ramiz Galvão havia sido indicado por José Veríssimo (1857-1916) para a Academia Brasileira de Letras, na vaga aberta por morte do Barão de Rio Branco. A política, entretanto, influenciou o processo eleitoral, beneficiando o então ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller (1863-1926), embora este não tivesse qualquer obra literária publicada.⁴⁶⁹

Dezesseis anos depois, o nome do diretor do Asilo Araújo voltou a ser lembrado pelos acadêmicos. E dessa vez não houve surpresas: no dia 12 de abril de 1928, foi ele o escolhido. Estava prestes a completar 82 anos de idade.

A eleição foi comemorada pelos membros da Irmandade. Na ocasião, emocionado, Ramiz dirigiu ao provedor uma carta de agradecimento nos seguintes termos:

A mensagem de aplauso e congratulações, que com o maior desvanecimento acabo de receber, subscrita por V. Exa. e por vários dignos membros da Irmandade do S. Sacramento da Candelária, a propósito da minha recente eleição para a Academia Brasileira de Letras, constitui valioso documento, que guardarei como título honrosíssimo para legar à minha família, e particularmente a meus netos, como estímulo, brasão e salutar conforto.

A suma bondade que inspirou a referida mensagem retrata a alma generosa de amigos que me honram com sua estima, e é ao mesmo tempo uma consagração do amor que voto ao Asilo Gonçalves de Araújo, superiormente administrado pela benemérita Irmandade e por mim dirigido desde a sua fundação, isto é, desde perto de 30 anos.

A V. Exa. e a seus ilustres companheiros declaro, por minha vez, que nenhum outro trabalho me distrairá jamais do dever que contraí de zelar com solícitude pela instrução e pela educação das crianças pobres confiadas à minha guarda — as filhas espirituais do grande e imortal Gonçalves de Araújo. Entre as obrigações que me preocupam, esta vive no meu coração e dela se não arredará.⁴⁷⁰

A Irmandade também presenteou o novo acadêmico mandando confeccionar o tradicional fardão, na Alfaiataria de Almeida Rabello & Cia., na rua do Ouvidor. O conjunto, composto por fardão, calça, chapéu e espadim, custou Rs 5:300\$000.⁴⁷¹

A cerimônia de posse na Academia ocorreu no dia 23 de junho, sendo Ramiz recepcionado pelo acadêmico Fernando Magalhães (1878-1944).

Em seu discurso Ramiz, discorreu primeiramente sobre a biografia do patrono da cadeira 32 que iria ocupar, Araújo Porto Alegre (1806-1879), que, por coincidência, havia nascido, como ele, no município gaúcho de Rio Pardo. Em seguida, referiu-se ao seu antecessor, o carioca Carlos de Laet (1847-1927), escritor, jornalista e político, que conhecera como aluno brilhante do Colégio Pedro II. Relembrou a fase de perseguição política de que ambos foram vítimas por parte de Floriano Peixoto, o que os levou a se exilarem nas quietas regiões montanhosas de Minas Gerais. Destacou, por fim, a forte atuação de Laet no Círculo Católico. Aproveitou esse último tema para reafirmar suas convicções (como vinha fazendo nos seus discursos no Asilo) de que a religião católica era um “incentivo para a regeneração dos costumes que cada dia se faz mais necessária, como lábaro santo da Paz, da Ordem e do Progresso, como farol que ilumine o futuro da Pátria”.⁴⁷²



Ramiz Galvão, vestindo o tradicional fardão, no dia da posse na Academia Brasileira de Letras. Entre os presentes, o cardeal D. Sebastião Leme.⁴⁷³

Ramiz iria se dedicar à Academia somente após sua aposentadoria do Asilo. Ali passou a maior parte dos últimos dias de sua vida, dedicando-se a escrever verbetes para um novo dicionário da Língua Portuguesa e participando das tradicionais reuniões dos acadêmicos.

Sempre atencioso com a imprensa, concedeu algumas entrevistas aos jornais da época. Em uma dessas oportunidades, questionaram sua opinião sobre a presença de mulheres na Academia. Sabendo que era já uma realidade o avanço das mulheres em todos os espaços da sociedade, Ramiz afirmou estar de acordo com a ideia. Espirituoso, entretanto, disse que, em sua opinião, elas deveriam criar sua própria Academia.⁴⁷⁴

Artigos publicados na imprensa

Apesar do seu fácil acesso à imprensa, Ramiz Galvão pouco se utilizou desse meio de comunicação para divulgar algum artigo sobre os temas que o interessavam e que estivessem fora da área de interesse do Asilo Gonçalves de Araújo ou de suas atividades a serviço do governo. Ainda assim, vale aqui destacar que, entre os raros textos publicados em jornais que levaram a sua assinatura, dois faziam referência ao imperador Pedro II, de quem sempre guardou boas lembranças e a quem foi sempre grato.

Um desses textos foi escrito a convite de *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, para compor uma edição especial em homenagem ao centenário do imperador, comemorado a 2 de dezembro de 1925. Sob o título *O Imperador e a Instrução Pública*, Ramiz relembrou as

medidas que Pedro II havia adotado em seu longo governo em prol da educação.⁴⁷⁵ Em outro texto, ao qual já nos referimos no primeiro capítulo, Ramiz recordou as atenções que recebera do imperador quando ainda estudante. Esse artigo foi publicado na mesma data, mas no *Jornal do Brasil*.

Talvez o último artigo publicado na imprensa tenha sido uma Homenagem à República Portuguesa, a propósito da comemoração da data da proclamação da República em Portugal, no dia 5 de outubro, a pedido dos editores da revista *O Cruzeiro*. No texto, ele aproveita para relembrar sua longa convivência com a comunidade portuguesa do Rio de Janeiro, muito especialmente no Asilo Gonçalves de Araújo.⁴⁷⁶

Notas

- 440 *O País*, 09/08/1909, p. 3.
441 *O País*, 28/12/1909, p. 3 e 30/12/1909, p. 5.
442 *O Malho*, 26/12/1908, p. 32.
443 *O País*, 01/04/1916, p. 6 e *Correio de São Paulo*, 16/02/1933, p. 2.
444 *Fon-Fon*, 11/05/1915, p. 14 e 23/07/1921, p. 31.
445 *O País*, 05/05/1918, p. 5.
446 *O País*, 05/01/1920, p. 4 e 09/01/1920, p. 4.
447 AFBMP. Relatório 1919/20, p. 314.
448 *Gazeta de Notícias*, 17/06/1908, p. 5.
449 AFBMP. Relatório 1927/8, pp. 59-60.
450 ISSSC. Acervo Museológico. Souto, Cadma. 1928. 67,2 x 47,5 x 23 cm. Fundação Mario Liberato (Rio).
451 AFBMP. Relatório 1927/28, pp. 101-104.
452 *Revista da Semana*, 1946, ed. 029, p. 29.
453 *Almanak Laemmert*, 1902, p. 718.
454 *O Malho*, 30/12/1905, p. 15.
455 *O País*, 24/04/1912, p. 2 e *A Imprensa*, 25/04/1912, p. 2.
456 *O País*, 01/02/1914, p. 9.
457 *O País*, 04/09/1914, pp. 9 e segs.
458 *O País*, 21/05/1913, p. 2.
459 *O País*, 25/03/1915, p. 1.
460 AFBMP. Correspondência. 1915. Ref. 014.C.01147
461 *O País*, 19/01/1913.

- 462 *A Imprensa*, 17/06/1912, p. 2.
- 463 *O País*, 08/09/1914, p. 3.
- 464 O IHGB encerrou as atividades dessa faculdade em 1921. Ver Guimarães, Lucia M. P. *A experiência pioneira da Academia de Altos Estudos – Faculdade de Filosofia e Letras do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1916-1921)*, consultado em <https://www.e-publicações.uerj.br> em agosto de 2019.
- 465 *Fon-Fon*, 29/10/1927, p. 29.
- 466 *O País*, 01/11/1919, p. 4.
- 467 *Jornal do Brasil*, 18/04/1925, p. 11.
- 468 Decreto 14.343, de 07/09/1920 (Diário Oficial da União de 10/9/1920, p. 15115).
- 469 *A Imprensa*, 15/19/1912, p. 1.
- 470 AFBMP. Correspondência. 1928. D.01159. Ref.14. Era então provedor interino Antonio Louçã de Moraes Carvalho.
- 471 *Idem, idem*. Ref. 062.
- 472 Os discursos completos de Ramiz e de Magalhães estão disponíveis na página web da Academia Brasileira de Letras (<https://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao>).
- 473 *O Malho*, 07/07/1928, p. 29.
- 474 *O Malho*, 24/09/1936, p. 19.
- 475 *O Jornal*, 02/12/1925, p. 37.
- 476 Ramiz Galvão, B.F. “Homenagem à república portuguesa”. *O Cruzeiro*, 03/10/1936, p. 17.

XI

Provedores e benfeitores

Durante o período em que dirigiu o colégio, Ramiz Galvão trabalhou com vários provedores da Irmandade. Todos confiaram integralmente na sua competência e de tudo fizeram para garantir o sucesso da missão que lhe foi confiada. Além do provedor Júlio Cesar de Oliveira, que o havia contratado em 1889 e que encerrou seu ciclo na administração em julho de 1891, dirigiram a instituição mantenedora os seguintes provedores: Manuel Lopes de Carvalho (1901-1906), Visconde da Veiga Cabral (1906-1909), Manuel Lopes de Carvalho (1909-1910), Antônio Gonçalves Reis (1910-1912), Mathias Augusto Tavares Ferreira (1912-1914), Mario da Silva Nazareth (1914-1923) e Albino Ferreira de Sá Coelho (1923-1929), Alberto Joaquim Esteves (1929-1930) e novamente Albino Ferreira de Sá Coelho (1930-1931).

Além desses provedores e suas respectivas equipes, inúmeros membros da Irmandade apoiaram o Asilo, ora fazendo parte do corpo de mordomos, ora com doações as mais diversas, que significavam, mais do que o seu valor material, um enorme sentimento de simpatia e atenção pelas crianças ali mantidas. Eles estão aqui representados nas figuras de D. Guilhermina Raythe e pelo casal Conde de Vilella.

Manoel Lopes de Carvalho

Filho de Antônio Lopes de Carvalho e de D. Anna Joaquina de Abreu, nasceu em Vila Meã, província do Minho, em Portugal, no dia 23 de setembro de 1862.

Era figura bastante conhecida no Rio de Janeiro por ser o principal sócio da firma Carvalho & Cia, proprietária da tradicional Confeitaria Paschoal, na rua do Ouvidor.

Carvalho atuou em diversas entidades filantrópicas do Rio de Janeiro, como na Ordem Terceira da Penitência, na de São Francisco de Paula, na da Conceição e Boa Morte, na Ordem Terceira do Carmo e, por fim, na Irmandade da Candelária, onde entrou como definidor em 1894. Foi eleito provedor em 1901 e reconduzido por vários mandatos até 1906. Voltou a exercer a provedoria em 1909/10. Foi reeleito para o período seguinte, mas não o completou, por ter falecido no dia 28 de novembro de 1910. Seu mandato foi concluído por Antônio Gonçalves Reis.

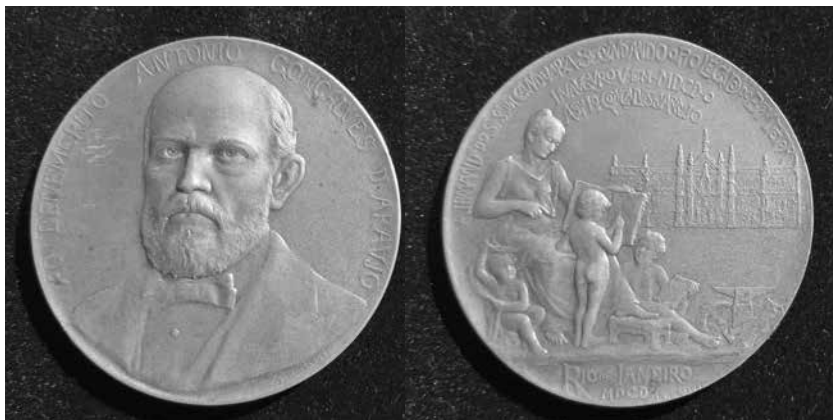
Embora o colégio tenha sido inaugurado e recebido suas primeiras alunas na gestão de Júlio Cesar de Oliveira, foi Carvalho o responsável por colocar o colégio plenamente em atividade. Ainda em 1901, transferiu para o prédio do Asilo Araújo as meninas que ainda estavam vinculadas ao Recolhimento N. S. da Piedade, integrando-as na vida da nova instituição. Depois de se dedicar ao saneamento das finanças da Irmandade, sobrecarregadas pelas obras da Igreja da Candelária, pôde, em 1905, inaugurar a seção masculina do Asilo, completando assim o grande projeto socioeducativo da Irmandade. Tais realizações justificaram que fossem mandadas confeccionar finalmente as medalhas comemorativas da inauguração do Asilo, encomendadas ao gravador Girardet, que foram distribuídas por ocasião da Festa do Patrono daquele mesmo ano.



Em 1907, foi homenageado por seus pares com um retrato, inaugurado no dia 30 de março, na sala do Consistório da Irmandade.⁴⁷⁷

Durante sua gestão, o colégio foi visitado pelos presidentes da República Rodrigues Alves (em 1905) e Nilo Peçanha (em 1910).

*Manuel Lopes de Carvalho retratado em 1907 por Cañizares (detalhe).*⁴⁷⁸



A medalha confeccionada para comemorar a inauguração do Asilo, em 1900, distribuída em 1905.

Um dos últimos atos de sua administração foi a inauguração das instalações de luz elétrica na igreja da Candelária, em 1910.⁴⁷⁹

Ao falecer, Manuel Lopes de Carvalho tinha 48 anos de idade. Era solteiro.⁴⁸⁰

Visconde de Veiga Cabral (Cesário Augusto Teixeira Cabral)

Nascido a 13 de maio de 1851, no Concelho de Santa Marta de Penaguião, Sever, Vila Real, Portugal, era filho de Antonio Augusto Veiga Cabral e Josefa Josefina de Veiga Cabral.

Teria vindo para o Brasil em 1873, com 22 anos, dedicando-se ao comércio de roupas e tecidos. Em 1879, era sócio de Teixeira Gonçalves & Cia, firma que, em 1882, passou a girar sob a razão social de Teixeira, Cabral & Cia. Em 1886, decidiu mudar o sobrenome Veiga Cabral, que até então utilizava, para Teixeira Cabral. Mais tarde, passou a ser o mandatário de D. Fernandes & Cia. Foi ainda acionista e diretor do Banco de Crédito e Garantia Real e presidente de uma empresa de seguros.

Teve grande participação na comunidade portuguesa do Rio de Janeiro, como membro das principais associações culturais e beneficentes da época: Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, Gabinete Português de Leitura, Irmandade do Divino Espírito Santo, Sociedade Amantes da Instrução, Grêmio Literário Português e Santa Casa da Misericórdia. Foi ainda um dos mais destacados presidentes da Caixa de Socorros de D. Pedro V, onde teve o seu retrato inaugurado em 16 de setembro de 1897. No ano anterior, por seu intenso trabalho em favor dessa instituição, foi agraciado pelo governo português com a comenda da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, e, em 1898, foi homenageado pelo rei D. Carlos I com o título de Visconde de Veiga Cabral. No Brasil, em 1889, havia recebido a Ordem da Rosa.

Como provedor da Irmandade da Candelária, esforçou-se por evitar que se agravasse a situação financeira da instituição, embora não tivesse descurado de investir nas obras de manutenção que se faziam necessárias. No relatório que encerrava o seu terceiro mandato, assim se expressou:

Nada se criou de novo nesse período; não houve empreendimentos que pesassem nos cofres da Irmandade. O que eu procurei, foi não estabelecer soluções de continuidade no que já encontrei iniciado, esforçando-me, mesmo, por mais desenvolver as criações de meus antecessores, nos limites do possível.⁴⁸¹

A situação financeira da Irmandade foi beneficiada em seu período como provedor com o legado de 315 contos de réis, deixado pelo benfeitor Manoel Mattos de Souza e Souto.

No Asilo, autorizou a repintura e caiação geral do prédio, além de pequenas melhorias que vinham sendo reclamadas pelo diretor.

Durante seu mandato na Irmandade, ocorreu o regicídio de D. Carlos I, rei de Portugal, em 1º de fevereiro de 1908, provocando um enorme choque na comunidade lusa, pois sua visita ao Brasil estava programada para aquele mesmo ano. Veiga Cabral foi um dos que haviam trabalhado para a realização da vinda do rei ao Brasil,

razão pela qual seu nome constou de um “livro de ouro” editado em Portugal e que destacava as principais figuras do governo português, brasileiro e da comunidade lusa no Brasil.⁴⁸²



*Veiga Cabral
retratado
por Cañizares.⁴⁸³*

Faleceu no Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 1916, aos 65 anos.⁴⁸⁴ Era casado com D. Anna Carneiro da Veiga Cabral, nascida no Rio de Janeiro, com quem teve sete filhos.

Antônio Gonçalves Reis

Antônio Joaquim José Gonçalves Reis, ou Antônio Gonçalves Reis, nome que passou a usar a partir de janeiro de 1905, nasceu em Portugal, no ano de 1856, filho de Antônio Monteiro da Silva Guimarães e de D. Anna Moreira dos Reis.

No Rio de Janeiro, foi comerciante com atuação no ramo de bebidas. Em maio de 1900, passou a ser um dos sócios da firma Joaquim José Gonçalves & Cia, que se tornou uma empresa tradicional desse ramo de negócios. Em janeiro de 1905, a firma passou por uma alteração societária, passando a girar sob o nome de Gonçalves, Zinha & Cia.⁴⁸⁵

Na Irmandade da Candelária, havia sido eleito vice-provedor na gestão de Manoel Lopes de Carvalho, para o período 1909/10.

Com a morte deste, Gonçalves Reis assumiu a provedoria em 7 de dezembro de 1910, para completar o mandato de seu antecessor. Na gestão de Veiga Cabral, ocupou a Tesouraria da Caridade, e depois a do Hospital. Em 1912, foi eleito provedor para o ano compromissal de 1912/13, tendo como vice o engenheiro Mario da Silva Nazareth. Pouco pôde realizar em seu mandato, entretanto, falecendo pouco depois, em 5 de setembro. Tinha 56 anos e era casado com Lídia Maria de Brito Reis, viúva de seu irmão Antonio Monteiro da Silva Reis, mãe de seis filhos.



*Antônio Gonçalves Reis
retratado por Sebastião
V. Fernandes.⁴⁸⁶*

Após sua morte, uma comissão de empregados da Irmandade fez-lhe uma homenagem póstuma, fixando seu retrato na galeria de honra do Hospital, peça que foi inaugurada em ato realizado no dia 20 de outubro de 1912.⁴⁸⁷

Durante o período em que esteve à frente da administração da Irmandade, pode-se destacar a sua decisão de manter o diretor Ramiz Galvão à frente do Asilo, acumulando o cargo para o qual havia sido convidado pelo prefeito da cidade, para comandar a Diretoria de Instrução Pública Municipal.⁴⁸⁸

Mathias Augusto Tavares Ferreira

Nasceu em Portugal, por volta de 1862. Era filho de Manoel Tavares Ferreira e Anna dos Prazeres Machado.

Foi sócio de Didot, Filhos & Ferreira, uma casa de roupas para senhoras com lojas na rua do Ouvidor e na rua do Rosário (início dos 1900).

Foi membro da Sociedade Portuguesa de Beneficência e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, onde era benemérito.

Na Irmandade da Candelária, ocupou vários cargos, destacando-se os de Tesoureiro do Hospital, Secretário da Caridade, vice-provedor e finalmente provedor em 1912/13 e 1913/14.



*Retrato de Mathias Augusto
Tavares Ferreira,
por Auguste Petit.⁴⁸⁹*

Ao longo de seu mandato, vale destacar algumas decisões: contratar o escultor Rodolpho Pinto do Couto para projetar e elaborar os púlpitos da Igreja da Candelária; contratar o pintor Zeferino da Costa para fazer a restauração dos grandes painéis de sua autoria, na mesma igreja; reequipar os laboratórios do Hospital com material importado da Europa; e realizar outras melhorias naquele prédio.

Foi também responsável por ter colocado em dia as obrigações da Repartição da Caridade e de ter liquidado a pendência com o pintor Décio Villares, por conta do quadro representando o patrono Gonçalves de Araújo, que lhe havia sido encomendado por ocasião da inauguração do prédio do Asilo. Por conta dessa atuação e da sua especial atenção para com o Hospital, do qual fora tesoureiro em gestões anteriores, Tavares Ferreira foi homenageado com a inauguração, no dia 18 de maio de 1913, de seu retrato pintado por Auguste Petit. A obra ficou originalmente instalada no Hospital, na Galeria dos Provedores.

Casado desde 28 de maio de 1892 com Maria Amélia Pimentel Ferreira, ficou viúvo em 1917. Não tiveram filhos. Casou-se em segundas núpcias com Anna Monteiro de Castro Gomes.

Mathias Augusto faleceu no dia 10 de outubro de 1926, aos 64 anos de idade.

Mario da Silva Nazareth

Nascido no Rio de Janeiro, a 4 de janeiro de 1862, era filho de Joaquim da Silva Nazareth e Carolina Amália dos Santos Nazareth.

Na juventude havia decidido fazer a carreira militar, entrando para a Escola Naval em 1877. Concluiu o curso em 1879 e tornou-se 2º tenente em 1881. Em 1885, matriculou-se na Escola Politécnica para o curso de Engenharia Civil. Em 1890, foi engenheiro da Seção Hidráulica do Arsenal de Marinha. Em agosto daquele ano, foi promovido por antiguidade ao posto de 1º tenente, mas em dezembro pediu sua reforma e deixou a Marinha.⁴⁹⁰

Ainda em 1890, com os estímulos creditícios promovidos pelo ministro da fazenda, Ruy Barbosa, envolveu-se no projeto de constituição de uma grande empresa metalúrgica, a Companhia de Estamparia e Ferragens, da qual seria um dos incorporadores e futuro diretor técnico.⁴⁹¹ O projeto, entretanto, não foi avante, o que ocorreu com a grande maioria das iniciativas do chamado “encilhamento”.

Mas não desistiu da atividade empresarial. Pouco tempo depois, constituiu a firma Mario Nazareth & Cia., uma fábrica de tubos me-

tálicos e artefatos de chumbo, com depósito na Gamboa e escritório na antiga rua General Canabarro. A empresa se manteve em operação por muitos anos (pelo menos até 1950), mesmo após o seu falecimento, sob a gerência de um de seus filhos, o também engenheiro Iberê Nazareth.

Mario Nazareth se incorporou à Irmandade da Candelária em 1908, como definidor, na provedoria de Veiga Cabral. Na gestão de Mathias Ferreira, foi o vice-provedor. Foi eleito provedor para o ano compromissal de 1914/15, e reconduzido nos anos seguintes até junho de 1923, quando concluiu seu 9º mandato.

Foi responsável por várias obras de recuperação no prédio do Asilo e de melhoria de suas instalações. Foi também pioneiro na introdução de registros fotográficos em eventos da Irmandade, utilizando grande parte desse material em seus relatórios anuais. Em 1915, teve posição determinante nas discussões que levaram ao encerramento da seção masculina.

Acompanhando as mudanças no papel da mulher, introduziu novos cursos profissionais, que expandiram muito as oportunidades de trabalho para as jovens que deixavam a instituição. Também introduziu a tradição da árvore de Natal e a distribuição de presentes às crianças do Asilo.

Por conta de suas realizações no Asilo Araújo e no Hospital dos Lázaros, foi várias vezes homenageado por seus pares com retratos pintados por vários artistas, destacando-se os de autoria de Rodolpho Chambelland, um em 1919 e outro em 1924.⁴⁹²

Era casado com Alice Silva Nazareth, sua prima, com quem teve oito filhos. Sua esposa faleceu em 1910, aos 43 anos, vítima de tuberculose pulmonar. Três anos depois, a família sofreu novo golpe, com a morte de Mario Nazareth Filho, com apenas 19 anos. O jovem iniciava sua carreira na Marinha e acabava de se formar na Escola Naval quando foi vitimado por um desastre marítimo, durante exercícios militares a bordo do rebocador Guarani.⁴⁹³



O provedor Mario Nazareth retratado por Giuseppe Boscagli.⁴⁹⁴

Mario Nazareth faleceu no dia 2 de novembro de 1926, aos 64 anos, em consequência de um acidente de viação na cidade do Rio de Janeiro.⁴⁹⁵

Albino Ferreira de Sá Coelho

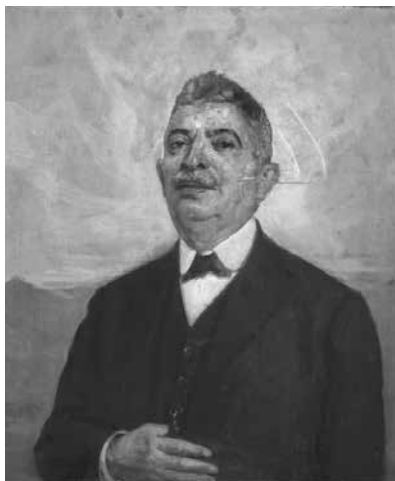
Nasceu em Portugal em 1863, filho de Francisco de Sá e Angeli-na Ferreira dos Santos.

Dedicou-se ao comércio em um estabelecimento situado na rua Teófilo Otoni. O primeiro registro de suas atividades data de janeiro de 1888, quando inscreveu na Junta Comercial do Rio de Janeiro a firma da qual fazia parte. Tratava-se de Carvalho, Mello & Cia, que atuava no ramo de armarinho e ferragens.⁴⁹⁶ Em janeiro de 1890, foi alterada a razão social para Mello, Sá & Companhia.⁴⁹⁷ Em janeiro de 1891, requereu sua matrícula de comerciante, o que lhe permitiu expandir suas atividades.⁴⁹⁸ A partir de 1890, passou a se dedicar também a importações e exportações. Anos depois, em 1896, ainda no mesmo endereço e ramo de negócio, organizou a firma Albino Sá & Companhia, com novos sócios, entre os quais Antonio Dias Garcia, que seria seu companheiro na Irmandade da Candelária, e outras associações.⁴⁹⁹ Em 1907, novo arranjo social, através da firma Albino, Castro & Cia.⁵⁰⁰

Albino Ferreira foi um ativo participante das associações de classes e entidades filantrópicas. Foi membro fundador da Associação dos Empregados no Comércio de Rio de Janeiro, da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência, dos Mínimos de S. Francisco de Paula, da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência e da Irmandade N. S. Mãe dos Homens. Foi ainda prior da Ordem Terceira de N. S. do Monte do Carmo, e presidente da Caixa de Socorros de D. Pedro V.

Na Irmandade da Candelária, foi definidor em 1898, com o provedor Júlio Cesar de Oliveira, depois procurador do Hospital, com Manuel Lopes de Carvalho, e provedor por seis mandatos consecutivos, de 1923/24 a 1928/29. Recusou sua indicação para o ano compromissal 1929/30, mas retornou para seu sétimo e último mandato em 1930/1931.

Teve sua atuação à frente da Irmandade reconhecida por seus pares, que o homenagearam com vários retratos seus, hoje integrados ao acervo museológico da instituição.



*Albino Ferreira de Sá
Coelho retratado por
Eliseu Visconti (1930).⁵⁰¹*

Casou-se em 1890 com D. Emília Carolina Lima de Sá, nascida no Rio Grande do Sul, com quem teve quatro filhos: Albino Filho, Eduardo, Vito e Oscar. Este último, o engenheiro Oscar Ferreira de Sá, foi durante três décadas o responsável pelas obras da Irmandade.

Faleceu em 3 abril de 1933, com 70 anos.

Alberto Joaquim Esteves

Nasceu em 3 de abril de 1872, em Resende, distrito de Viseu, Portugal, filho de Manoel Joaquim Esteves e Ermelinda Pinto Esteves. Veio para o Brasil em 1886, com cerca de 15 anos de idade. Empregou-se no comércio e, em 1904, era sócio de uma das casas mais tradicionais do Rio de Janeiro, a Casa Salgado Zenha, de confecções.

Em 1905, casou-se com Laura Emília Madruga Esteves. Em 1919, adquiriu a nacionalidade brasileira.



*Alberto Joaquim Esteves
retratado por Sebastião
V. Fernandes.⁵⁰²*

Em 16 de junho de 1917, foi admitido como irmão da Irmandade da Candelária.⁵⁰³ Em 1921, na gestão do provedor Mario Nazaré, foi definidor. Em 1923, na gestão do provedor Abilio Ferreira, foi síndico. Com o mesmo provedor seria eleito, em 1925, tesoureiro dos Asilos, e, em 1928, procurador do Hospital dos Lázaros.⁵⁰⁴

Em 1929, foi eleito provedor. Durante sua gestão foi inaugurada a nova sala de cinema, em prédio anexo ao colégio.

Em 1932, foi diretor interino do Asilo, e a partir de 1933 passou a responder pela administração da Igreja da Candelária, cargo que ocupou até 1952, quando se aposentou.

Faleceu em 15 de setembro de 1952. Deixou nove filhos.⁵⁰⁵

*Maria Guilhermina Bernardes Raythe*⁵⁰⁶

Era filha do comendador Antonio José Bernardes e de Augusta Maria da Silva Bernardes. Nasceu em Arrozal, no estado do Rio de Janeiro, por volta de 1937. Era irmã do barão de São Joaquim, José Francisco Bernardes. Em 1856, casou-se com o capitalista Antonio Calazans Raythe, de quem ficou viúva em 1898.⁵⁰⁷ Não tiveram filhos. Faleceu em 21 de outubro de 1912, aos 75 anos.

Dedicou-se à filantropia, auxiliando instituições que davam apoio a crianças pobres. Participava de várias irmandades, como a de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, Venerável Ordem Terceira da Imaculada Conceição, Irmandade do Patriarca São Joaquim, Santa Casa da Misericórdia, Real Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, e, a partir de 1903, da Irmandade da Candelária.⁵⁰⁸

Seu nome foi muitas vezes citado nos relatórios do diretor Ramiz Galvão, sempre como doadora de importantes somas para auxi-

liar nas necessidades do Asilo e para concessão de prêmios às alunas. Suas contribuições foram reconhecidas pela Irmandade, que a homenageou com um quadro pintado por Daniel Berard, inaugurado em 9 de outubro de 1910, por ocasião da Festa do Patrono.⁵⁰⁹



*Maria Guilhermina Bernardes Raythe, retratada por Daniel Berard.*⁵¹⁰

Dentre suas muitas contribuições, vale relembrar a que foi mencionada no Relatório de 1904/5, em que ajudou a Irmandade a solucionar uma pendência com o gravador Girardet, por conta das medalhas comemorativas da inauguração do Asilo, que lhe tinham sido encomendadas em 1900 e que, ao que tudo indica, não ficaram prontas em tempo hábil e não foram pagas.⁵¹¹ Essa benfeitora doou a importância necessária para pagar o valor da encomenda e as medalhas (em ouro, prata e bronze) foram distribuídas pelo provedor Manoel Lopes de Carvalho, por ocasião da Festa do Patrono de 1905. Entre os agraciados estava o presidente Rodrigues Alves e, evidentemente, a própria benfeitora.⁵¹²

Após seu falecimento, foi homenageada com um novo retrato encomendado a Vale de Sousa Pinto, inaugurado no dia 26 de janeiro de 1913, ao final da festa de premiação do Asilo.⁵¹³

Deixou legados em favor do Asilo e de outras instituições, sendo uma delas a instituição mantenedora do Colégio Maria Raythe, na Tijuca, ainda em atividade.

Os condes de Villela (José Luiz Fernandes Villela e Maria da Piedade Carneiro Villela)

Maria da Piedade era filha de Braz Antonio Carneiro e Maria Evangelista da Cunha Guimarães. Nasceu em 1º de setembro de 1852. Em 1870, com 18 anos, casou-se com Joaquim Gaspar da Rocha, irmão de José Gaspar da Rocha Júnior, que seria mais tarde o inventariante de Araújo. O relacionamento entre os Carneiro e os Gaspar da Rocha se fortaleceu três anos mais tarde com o casamento entre a irmã de Maria da Piedade, Amélia Cristina, com José Gaspar.

Maria da Piedade ficou viúva ainda muito jovem e, em 5 de maio de 1877, com 26 anos, casou-se em segundas núpcias com José Luiz Fernandes Villela, futuro conde de Villela. José Luiz era nascido em 24/06/1840, em Santa Marta do Bouro, Braga, Portugal, filho de Alexandre José Fernandes e de Maria da Silva Fernandes.

Fernandes Villela tornou-se irmão da Candelária em 1873, mas Maria da Piedade só passou a fazer parte da instituição em 1896, provavelmente devido ao grande envolvimento de seu cunhado na gestão do legado de Araújo destinado ao Asilo. A partir de então, ocupou várias funções na Irmandade. Foi a partir de 1903 que passou a auxiliar mais assiduamente o Asilo Gonçalves de Araújo, com donativos em dinheiro e em materiais e equipamentos para as oficinas de flores, bordado e costura. Nos primeiros anos de funcionamento dessas oficinas, chegou mesmo a contratar, às suas expensas, mestras para orientar essas atividades.

A condessa de Villela faleceu a 4 de fevereiro de 1911, aos 59 anos de idade. Ramiz compareceu ao velório em sua residência com um grupo de alunas, ocasião em que a aluna Maria Amorim leu um pequeno discurso de agradecimento e despedida à benfeitora.⁵¹⁴

Ao final daquele mesmo ano, no dia 27 de dezembro, faleceu o conde de Villela, com 71 anos.

Na festa de Corpus Christi de 1913, em cerimônia realizada no consistório da Igreja da Candelária, o conde e a condessa foram postumamente homenageados com a inauguração de seus retratos, encomendados ao pintor Valle de Souza Pinto. Mais tarde, foi incorporado ao acervo da Irmandade um retrato supostamente da condessa, datado de 1877, de autoria de Vicente Pereira Málio. É, muito possivelmente, “o retrato a óleo da benemérita e saudosíssima condessa de Vilela, oferecido por sua irmã, a Exma. Sra. D. Amélia Rocha”, que Ramiz Galvão registrou entre os donativos de 1914/15.⁵¹⁵



*Retratos (detalhes)
da condessa e do
conde de Villela, por
Valle de Souza Pinto.⁵¹⁶*

Notas

- 477 AFBMP. Relatório 1906/07, p. 105.
- 478 ISSSC: Acervo Museológico. Cañizares, Miguel Navarro (1834-1913), OST, 249,0 x 158,5 cm (1907).
- 479 AFBMP. Relatório 1910/11, pp. 24-25.
- 480 *O Século*, 28/11/1910, p. 2; *A Notícia*, 28/11/1910, p. 1; *O País*, 29/11/1910, p. 3; *Correio da Manhã*, 29/11/1910, p. 3.
- 481 AFBMP. Relatório 1908/09, p. ix
- 482 *Livro de ouro comemorativo da visita de Sua Majestade El-Rei Dom Carlos I aos Estados Unidos do Brasil e da abertura dos portos ao comércio mundial*. Lisboa: Escola Tipográfica das Oficinas de S. José, 1908. XXXIX, 282p.; 36 cm. Versão digital disponível em <https://purl.pt/17319/5/index.html>
- 483 ISSSC. Acervo Museológico. Miguel Navarro Cañizares (1834-1913), OST, 73 x 60 cm (s/data).
- 484 *A Noite*, 15/11/1916, p. 2; *Gazeta de Notícias*, 16/11/1916, p. 5; *O País*, 16/11/1916, p. 5.
- 485 *Jornal do Brasil*, 03/01/1905, p. 5.
- 486 ISSSC. Acervo Museológico. Sebastião Vieira Fernandes (1866-1943), OST, 73,5 x 60,5 cm (1913).
- 487 AFBMP. Correspondência. 1912. Ref. 014.C.01144 (62) e Relatório 1912/1913, p. 38.
- 488 AFBMP. Relatório 1912/13, p. 56.
- 489 ISSSC. Acervo Museológico. Auguste Petit (1844-1927), OST. 73 x 60 cm (1913).
- 490 *Diário de Notícias*, 24/04/1890, p. 1 e
- 491 *Diário do Comércio*, 27/07/1890, p. 5 e *Gazeta da Tarde*, 25/09/1890, p. 3.
- 492 ISSSC. Acervo Museológico. Rodolpho Chambelland (1879-1967), OST 271,4 x 180,6 cm (1919) e OST 250,5 x 171,5 cm (1924).
- 493 *O País*, 05/10/1913, p. 1.
- 494 ISSSC. Acervo Museológico. Giuseppe Boscagli (1862-1945), OST. 73 x 60 cm (s/d).
- 495 *Correio da Manhã*, 03/11/1926, p. 3.
- 496 *Diário de Notícias*, 23/01/1888, p. 2.
- 497 *Jornal do Comércio*, 26/01/1890, p. 5.
- 498 *Diário do Comércio*, 30/01/1891, p. 3.
- 499 *Gazeta de Notícias*, 03/03/1896, p. 6.
- 500 *Jornal do Comércio*, 08/04/1907, p. 8.
- 501 ISSSC. Acervo Museológico. Eliseu D'Angelo Visconti (1866-1944): OST 70 x 64,5 cm (1930).
- 502 ISSSC. Acervo Museológico. Sebastião Vieira Fernandes (1866-1943), OST, 73 x 60 cm (1932).
- 503 AFBMP. Irmãos da Candelária. Ref. 045.A.03222.
- 504 *O País*, 08/06/1921, p. 8; 14/06/1923, p. 10 e 25/06/1928, p. 9; *Correio da Manhã*, 25/06/1925, p. 6.
- 505 FamilySearch.org.
- 506 *Idem*.
- 507 *Jornal do Comércio*, 20/05/1898, p. 5.

- 508 *O País*, 09/09/1910, p. 8, 12/12/1910, p. 7, 25/09/1913, p. 12; *Jornal do Brasil*, 03/02/1903, p. 4.
- 509 *Gazeta de Notícias*, 10/10/1910, p. 3 e Relatório 1910/11, pp. 21-22.
- 510 ISSSC. Acervo Museológico. OST, 73,2 x 60 cm. 1910.
- 511 AFBMP. Correspondência. 1899. Ref. 014.C.01132 (132).
- 512 AFBMP. Correspondência. 1905. Ref. 014.C.01137 (142).
- 513 Relatório de 1912/1913, pp 161 e 166.
- 514 AFBMP. Relatório 1910/11, pp. 39-40.
- 515 AFBMP. Relatório de 1914/15, p.226.
- 516 ISSSC. Acervo Museológico. As obras são datadas de 1912/13. OST 234,5 x 122 cm e OST 236,2 x 123,5 cm.

XII

Fim de um ciclo

Aposentadoria

Em outubro de 1930, Ramiz solicitou ao provedor uma licença de 60 dias para tratar de sua saúde. Era a primeira vez que o fazia desde que assumira o cargo, em 1899. Estava já com 84 anos de idade, porém, e aquele descanso não seria capaz de devolver-lhe o vigor necessário para dirigir o Asilo. Por isso, ao final da licença ele achou melhor solicitar a aposentadoria, dando por encerrada a longa missão que recebera da Irmandade.

O provedor Albino de Sá, entretanto, acreditava que ainda poderia contar com o diretor por mais algum tempo. Em ofício de 10 de dezembro, resolveu conceder ao velho diretor mais 60 dias de repouso. Mas Ramiz estava decidido, e, ao fim daquele novo período, reiterou sua decisão de se aposentar.

A Comissão de Aposentadorias preparou seu relatório e a Mesa Administrativa, em sessão de 4 de março de 1931, concedeu finalmente a jubilação de Ramiz. Na mesma ocasião, efetivou como nova diretora a professora Cadma Souto.⁵¹⁷

Ao apresentar seu Relatório Anual aos membros da Irmandade, o provedor Albino de Sá registrou:

(...) o testemunho de nosso apreço pela inestimável soma de serviços prestados, com o fulgor da sua inteligência e vasta cultura, pelo eminente pedagogo Exmo. Sr. Barão de Ramiz Galvão, cuja aposentação tivemos de conceder por sua própria solicitação.

Não podíamos, por mais que sua presença se impusesse, abusar do seu direito ao descanso, após tantos louros que colheu no longo transcurso

de tempo que esteve à frente do estabelecimento, orientando-o com o seu notável saber e a ele identificado pela nobreza do seu coração.⁵¹⁸

Esse foi também o último mandato de Albino como provedor da Irmandade; ele foi substituído, a partir de 15 de agosto de 1931, por Antonio Louçã de Moraes Carvalho.

Ramiz Galvão havia dirigido não apenas uma escola, mas a vida de quase cinco centenas de crianças, muitas delas já adultas e encaminhadas. Jovens que saíram do colégio com o curso primário completo (uma condição que na época ainda era restrita a poucas famílias, mesmo nas classes sociais mais aquinhoadas), com o conhecimento de alguns ofícios úteis para suas vidas adultas, mas também uma educação (no sentido mais amplo do termo) que jamais teriam condições de obter no seio de suas famílias, dadas as condições e o meio em que viviam. No colégio tiveram, ainda, oportunidades para desenvolver o interesse pela cultura, pela justiça e pelo respeito às normas de conduta social.

As qualidades que ali adquiriram teriam, sem dúvida, ampliado as possibilidades de construir um futuro melhor e mais digno, seja pelo próprio trabalho, seja através da oportunidade de se casarem com pessoas de melhor condição social, o que, no caso da maioria das moças da época, era o que poderiam almejar.

Indicações para o futuro

Ao dar por concluída sua longa missão, Ramiz havia também transmitido aos membros da Irmandade, responsáveis por dar continuidade à obra instituída por Gonçalves de Araújo, suas recomendações quanto à condução futura do colégio, tendo em conta os emergentes desafios relacionados com a maior inserção das mulheres na sociedade. Como vimos anteriormente, ao longo dos últimos anos de sua longa gestão ele havia sustentado uma acirrada campanha para reforçar os princípios morais tradicionais, pelos quais havia pautado a sua forma de entender o papel da mulher na sociedade e, portanto, a forma pela qual conduzira a sua missão educadora no

Asilo Gonçalves de Araújo. Ele afirmou seus pontos de vista repetidamente, nos discursos que fazia por ocasião das grandes festas do colégio e em várias das peças que criou para serem encenadas por suas alunas, nessas mesmas oportunidades.

É verdade que Ramiz reconheceu que os novos tempos ampliavam a gama de atividades que as mulheres poderiam pretender desempenhar na nova sociedade, e aplaudiu a introdução dos cursos de datilografia, estenografia e escrituração mercantil.

Ele admitia que a mulher pudesse encontrar trabalho em outras atividades que não as do lar, como dona de casa, ou na escola, como professora. Mas discordava profundamente da participação feminina na política, ainda que fosse apenas como eleitora. O que mais o assustava, contudo, eram as inovações nos costumes, que procuravam valorizar o papel da mulher como consumidora, em busca de novos padrões de beleza e de atender aos caprichos da moda.

Para preservar suas jovens educandas desses “perigos”, a única solução que anteviu foi a de reforçar o ensino religioso e fortalecer os princípios da moral cristã. E foi tão insistente nesse propósito que chegou mesmo a atribuir essa intenção — ainda que figurativamente, em um de seus discursos — ao próprio Gonçalves de Araújo.

Por esse motivo, parece ser de justiça creditar ao velho diretor boa parte da responsabilidade intelectual pela decisão adotada pela administração da Irmandade, escassos anos após sua aposentadoria, de entregar a gestão do colégio a uma congregação religiosa.

Efetivamente, em 1932, o provedor Antonio Louçã de Moraes Carvalho iniciou tratativas para buscar uma congregação religiosa feminina que pudesse assumir a administração do colégio.⁵¹⁹ Suas negociações acabariam por se concretizar no final do ano seguinte, com a chegada de religiosas espanholas da congregação Filhas de São José.

As últimas homenagens da Irmandade da Candelária

Já entrado nos noventa, a saúde de Ramiz Galvão começou a afetá-lo. No início de 1937, esteve internado na casa de Saúde São José, ocasião em que recebeu a visita de um grupo de alunas do Asilo.⁵²⁰ Incansável, depois de completar 91 anos, ainda foi chamado a compor a comissão de honra das comemorações do centenário do Colégio Pedro II. Ele era o decano dos bacharelados do histórico colégio e foi um dos oradores do evento.⁵²¹

No dia 9 de março de 1938, Ramiz faleceu em sua casa. Seu corpo foi velado na Academia Brasileira de Letras e sepultado no Cemitério São João Batista.⁵²²

Ele foi lembrado com carinho pela direção da Irmandade da Candelária. O provedor Antonio Louçã de Moraes Carvalho, em seu relatório daquele ano, assim registrou o falecimento do antigo diretor do Asilo:

Com o desaparecimento do Barão de Ramiz Galvão, não perdeu somente o país um de seus filhos mais insignes no domínio da ciência e das letras; também a Irmandade tem o direito de associar-se às demonstrações de sentidíssimo pesar justamente tributadas à sua memória.

É que grande parte da sua laboriosa existência, do seu saber, da sua experiência e da sua bondade, consagrou ao Asilo Gonçalves de Araújo, onde exerceu, por largos anos, o cargo de Diretor.

Não careço de rememorar — outros já o fizeram, com autoridade maior — a atuação do Barão de Ramiz Galvão nos setores da Inteligência brasileira; nesse particular, referendamos todos nós os panegíricos que lhe foram tributados pelas associações culturais.

Fica-nos, ainda assim, um direito que não devemos alienar; o relembramento da obra que realizou neste Instituto, com inextinguível entusiasmo, formando, por sua ciência e, sobretudo, por seus exemplos de austeridade, algumas gerações de educandas, que formaram seu espírito sob o influxo de suas virtudes privadas e cívicas e reconhecida capacidade de professor.

Homem perfeito, pois o são aqueles que à pujança do espírito reúnem a força dos nobres sentimentos, o Barão de Ramiz Galvão bem mereceu os preitos de saudade que a posteridade lhe tributa.

Nestas modestas linhas, que traduzem o mais vivo do nosso apreço, consignamos nossa sincera e respeitosa homenagem ao grande brasileiro.⁵²³

Notas

- 517 AFBMP. Relatório 1930/31, p. 106 e segs.
- 518 *Idem*, p. 88.
- 519 AFBMP. Correspondência. 1932.
- 520 AFBMP. Relatório 1936/37, p. 85.
- 521 *A Noite*, 03/12/1937, p. 3.
- 522 *Jornal do Brasil*, 10/03/1938, p. 7.
- 523 AFBMP. Relatório 1938/39, pp. 163-4.

Bibliografia

Arquivo Francisco Batista Marques Pinheiro (AFBMP), da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária: relatórios anuais, fotografias, correspondências e outros fundos.

Arquivo Nacional: fundos e arquivos digitalizados disponíveis em <https://sian.an.gov.br/>.

Pasqualette Martins, Tarcilla Leite (ex-aluna). Acervo familiar dos descendentes.

BRASIL. Ministério do Império. “Expediente do dia 23 de janeiro de 1855”. *Jornal do Comercio*, 27/02/1855, p. 1.

BRASIL. Decreto nº 4982, de 24/12/1925. Coleção de Leis do Brasil – 1925, página 126, vol. 1.

Cabrita, Edith. “Preito de saudades: Maria Amorim Almada”. *Diário de Notícias*, 14/08/1962, p. 8.

Caldeira, Ana Paula Sampaio. “O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional”. Tese de doutorado em História na FGV, RJ, 2015. Versão digital disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13985>.

Dolores, Carmen (pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo). “Apotheoses”. *Correio da Manhã*, 12/04/1924, p. 7.

Estado do Rio de Janeiro. Poder Judiciário. Informações de nascimentos e óbitos consultadas no site <https://www3.tjrj.jus.br/POR-TALEXTRAJUDICIAL/CNO>

FamilySearch.org. Registros cartoriais e paroquiais de nascimentos, óbitos e casamentos no Brasil disponíveis em versão digital em <https://www.familysearch.org/>

Fundação Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira: todos os jornais e revistas citados. Disponíveis em versão digital em <http://memoria.bn.br/hdb/>.

Guimarães, Lucia M. P. *A experiência pioneira da Academia de Altos Estudos – Faculdade de Filosofia e Letras do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1916-1921)*, versão digital disponível em <https://www.e-publicações.uerj.br>

Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária (ISSSC). Acervo Museológico.

Gaspar, Jorge Alexandre dos Santos e Vilela, Lucia Maria Aversa. *O ensino de desenho no Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca: Os livros de Luiz Dumont*. Versão digital disponível em <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/437/4372136006/index.html>

Lindsay, R. N. “Conego Francisco Bernardino de Souza”, in *A Faceira*, novembro de 1912 p19.

Livro de ouro comemorativo da visita de Sua Majestade El-rei Dom Carlos I aos Estados Unidos do Brasil e da abertura dos portos ao comércio mundial. Lisboa: Escola Tipográfica das Oficinas de S. José, 1908. XXXIX, 282p; 36cm. Versão digital disponível em <https://purl.pt/17319/5/index.html>

Malta, Augusto. Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS RJ), fotografias reproduzidas no blog “Madureira Ontem e Hoje”: <https://www.facebook.com/madureiraontemehoje/>

Mauricéa Filho, A. *Ramiz Galvão (o barão de Ramiz)*, 16-6-1846 a 9-3-1938 – *Ensaio biográfico e crítico*. RJ. Instituto Nacional do Livro. 1972, 348p.

Monteiro, Frederico de Barros. *A família Monteiro de Barros*, SP, 1951, disponível em <https://pt.scribd.com/doc/306365152/Livro-Barao-de-Paraopeba>

Oliveira, Alberto de. *Poesias – 4ª série (1912-1925)*. Liv. F. Alves, 1928, RJ., pp. 96-99. Versão digital disponível em <https://pt.scribd.com/doc/298466968/Alberto-de-Oliveira-Poesias-Quarta-Serie>

Ramiz Galvão, B. F. “A mulher regenerada pelo cristianismo”. *Revista da Sociedade de Ensaio Literários* (RJ), 1863, pp. 125-130.

Ramiz Galvão, B. F. “Nossas ideias”. *Idem*. 1863, pp. 382-385.

Ramiz Galvão, B. F. “Os conventos”. *Idem*, 1864, pp. 15-19.

Ramiz Galvão, B. F. “A glória de Colombo”. *Idem*, 1864, ed. 007, pp. 247-262; 1864, ed. 008, pp. 292-307; 1865, ed. 009, pp. 327-336.

Ramiz Galvão, B. F. “O púlpito no Brasil (Fragmento)”. *Idem*, 1865, ed. 005, pp 165-170.

Ramiz Galvão, B. F. “O púlpito no Brasil” (texto completo) in *Biblioteca do Instituto dos Bacharéis em Letras*. 1867, RJ. Tip. do Correio Mercantil, pp.29 a 248. Versão digital disponível na Biblioteca do Senado Federal <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=inu.30000006715324&seq=9>.

Ramiz Galvão, B. F. “Apontamentos históricos sobre a ordem beneditina em geral e em particular sobre o Mosteiro de N. S. do Monserrate da Ordem do patriarca São Bento desta Cidade do Rio de Janeiro.” 1872. *Revista do IHGB*, Tomo 35, volume 45 – II, pp. 249-422. Versão digital disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Ramiz Galvão, B. F. “Biografia de Frei Camilo de Monserrate”. Anais da Biblioteca Nacional, 1887, RJ, 1889, pp. 7-521. Versão digital disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Ramiz Galvão, B. F. “Gratas reminiscências”. *Jornal do Brasil*, 02/12/1925, p. 12.

Ramiz Galvão, B. F. “Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras”. 1928. Versão digital disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao>

Ramiz Galvão, B. F. *Teatro Educativo*, RJ, Tip. Jornal do Comércio, 1938, 160p.

Ramiz Wright, Waldemar S. “Ramiz Galvão no Mosteiro de São Bento”. *Jornal do Comércio*, 07/05/1939, p. 6.

Ramiz Wright, Waldemar S. “Ramiz Galvão: preceptor dos príncipes imperiais”. *Jornal do Comércio*, 10/03/1940, p. 8 e 17/03/1940, p. 4.

Ramiz Wright, Waldemar S. “Ramiz Galvão na Academia Brasileira de Letras”. *Jornal do Comércio*, 09/08/1941, p. 6 e 07/09/1941, p. 3.

Ramiz Wright, Waldemar S. “Ramiz Galvão e a República”. *Jornal do Comércio*, 07/09/1941, p. 3.

Santos, Noronha. “Olavo Freire e os estudos geográficos”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, 1943/1944, p.255

“Saudação ao esperançoso e jovem escritor brasileiro Benjamin Franklin Ramis Galvão, homenagem a seu recente trabalho O púlpito no Brasil”. *Jornal do Comércio*, 10/09/1867, p1.

Taraciuk, Denise Campello. “Memorial Histórico: Cronologia do Colégio Santa Rosa: 1883-2005”. Versão digital disponível em <https://docplayer.com.br/50391858-Colegio-salesiano-santa-rosa-memorial-historico.html>

Zimar (pseudônimo de Ramiz Galvão, B. F.) “A Rediviva”. *Almanaque Gonçalves de Araújo para 1912*, pp.81-86.

Síntese cronológica: 1901-1930

- 27/07/1899 Por indicação do provedor Júlio César de Oliveira, a Mesa Administrativa aprova o nome de Benjamin Franklin Ramiz Galvão para diretor do Asilo.
- 01/09/1899 Ramiz Galvão toma posse do cargo de diretor do Asilo.
- 01/09/1900 O empreiteiro Conde de Santa Marinha faz entrega à Irmandade do prédio destinado ao Asilo.
- 01/09/1900 Ramiz Galvão e sua família passam a residir no Asilo.
- 20/06/1900 Aprovado pela Mesa Administrativa o primeiro regulamento do Asilo (sancionado pelo Capítulo em 04/07/1900).
- 30/12/1900 Inauguração do prédio do Asilo, com a presença do presidente da República, Campos Salles, e do cardeal D. Joaquim Arcoverde. Ramiz Galvão fez o discurso de encerramento do ato.
- 06/01/1901 Primeira missa rezada na capela do Asilo (em intenção de Gonçalves de Araújo).
- 12/07/1901 A Mesa Administrativa resolve transferir as alunas com até 10 anos de idade do Recolhimento N. S. Piedade para o Asilo Araújo.
- 12/07/1901 São contratadas para compor a equipe do diretor Ramiz Galvão: D. Paulina Pereira da Silva, para regente da seção feminina, Dr. Luiz Pereira, médico, padre Thomaz Guizan, pároco, além da roupeira, D. Armida Vasconcellos, e de outros três funcionários.

- 21/07/1901 Com a chegada das primeiras internas transferidas do Recolhimento, têm início as atividades da nova instituição.
- /07/1901 Início das aulas do primário.
- /07/1901 Início da oficina de costura.
- /07/1901 Início dos cursos de música (solfejo e canto coral).
- 31/07/1901 Assume o provedor Manoel Lopes de Carvalho.
- 11/08/1901 Realizada, pela primeira vez no Asilo, a Festa do Patrono, dedicada a comemorar o aniversário natalício de Antonio Gonçalves de Araújo.
- 28/11/1901 Transferidas para o prédio do Asilo as 37 meninas remanescentes do Recolhimento N. S. da Piedade.
- /12/1901 Início das oficinas de lavagem e engomado.
- /01/1902 Início das oficinas de bordado e flores.
- /02/1902 Assume como vigário da paróquia de S. Cristóvão o padre Ricardino Séve.
- 25/03/1902 Inaugurada a linha de bonde que passava a atender às necessidades do colégio, de seu pessoal e de familiares das crianças.
- 05/06/1902 Vítima de febre amarela, falece no hospital a aluna Maria da Conceição Ramos, de 14 anos.
- 10/05/1902 Assume a capelania do Asilo o cônego Bernardino Souza.
- 10/08/1902 É interpretado, pela primeira vez, o hino a Gonçalves de Araújo.
- 03/09/1902 Pela primeira vez, um grupo de oito crianças faz a primeira comunhão no colégio.
- 28/12/1902 É realizada, pela primeira vez, a Festa de Premiação das alunas.
- /03/1903 Início da oficina de cozinha.
- 20/09/1903 Visita do prefeito Pereira Passos.
- 01/04/1904 Contratada a primeira professora, D. Luiza Alvarenga Cunha.
- 08/06/1905 Recebidos os primeiros alunos da seção masculina.

- 11/06/1905 Inauguração da seção masculina.
- 27/08/1905 O presidente da República, Rodrigues Alves, comparece à Festa do Patrono.
- 27/08/1905 Lançamento e distribuição das medalhas comemorativas da fundação do Asilo.
- 28/08/1905 A *Revista da Semana*, do *Jornal do Brasil*, publica o primeiro conjunto de fotos do Asilo, com alunos, professora e pessoal da administração.
- 31/07/1906 Assume o provedor Visconde de Veiga Cabral.
- 20/01/1907 Primeira exposição de que se tem registro dos trabalhos elaborados nas oficinas do colégio, ao final da Festa de Premiação daquele ano.
- 30/06/1907 De acordo com o relatório do diretor do Asilo, o número de crianças que vivem no colégio é de 111, sendo 80 meninas e 33 meninos.
- 11/09/1907 Inauguração da aula de ginástica, patrocinada pela Condessa de Vilela (funcionou até maio de 1908).
- 10/01/1909 Inauguração da oficina de tipografia, na seção masculina.
- 16/04/1909 Início das aulas de desenho, com o professor Claudionor V. Oliveira (funcionaram por pouco tempo).
- 31/07/1909 Assume o provedor Manoel Lopes de Carvalho.
- 10/10/1909 O prefeito Serzedelo Correa visita o Asilo.
- 21/07/1910 Falecimento do ex-provedor Júlio César de Oliveira.
- 09/10/1910 O presidente da República Nilo Peçanha comparece à Festa do Patrono.
- /06/1911 Inauguração da oficina de alfaiataria, na seção masculina.
- 13/08/1911 O presidente da República Hermes da Fonseca comparece à Festa do Patrono.
- 27/09/1911 É concedida à aluna Maria Amorim bolsa de estudos para cursar a Escola Normal.
- 06/11/1911 Inauguração da aula de música instrumental, na seção masculina.

- 23/11/1911 Retomado o curso de desenho, com o professor Braz de Vasconcellos (funcionou até dez/1914).
- 28/11/1910 Falecimento do provedor Manoel Lopes de Carvalho.
- 07/12/1910 Assume o provedor Antonio Gonçalves Reis.
- /04/1912 Instalação de luz elétrica no prédio do Asilo.
- 23/04/1912 Ramiz é nomeado diretor de Instrução Pública do Distrito Federal.
- 30/06/1912 O número de crianças no colégio é de 134, sendo 83 meninas e 51 meninos.
- 11/08/1912 Na Festa do Patrono, a banda de música da seção masculina se apresenta pela primeira vez.
- 05/09/1912 Falecimento do provedor Antonio Gonçalves Reis.
- 06/09/1912 Assume o provedor Mathias Augusto Tavares.
- 01/10/1912 Assume a capelania do Asilo o padre Bento Alves da Rocha.
- 26/01/1913 Inaugurado no Asilo o retrato de Ramiz Galvão, de autoria do professor de desenho, Braz de Vasconcellos.
- 01/07/1914 Assume o provedor Mario da Silva Nazareth.
- 11/01/1915 Ramiz Galvão propõe o encerramento da seção masculina.
- 06/02/1915 Capítulo sanciona a decisão de encerrar a seção masculina e reduz para 16 anos a idade para desligamento.
- /02/1915 Dezesesseis meninos da extinta seção masculina são matriculados no Colégio Santa Rosa, dos padres Salesianos, às custas do Asilo Araújo.
- 21/02/1915 Ramiz Galvão oferece um jantar para homenagear a ex-aluna Maria Amorim, por ter concluído o curso da Escola Normal.
- 24/03/1915 Ramiz Galvão deixa o cargo de diretor de Instrução Pública do Distrito Federal.
- 11/04/1915 Por iniciativa do provedor Mario Nazareth, é inaugurado, em uma das salas de aula, o retrato da ex-aluna Maria Amorim. Ela permanecerá lecionando no Asilo até 1936.

- 30/06/1915 Com o encerramento da seção masculina, o colégio tem a população escolar reduzida para 84 meninas.
- 26/10/1915 O menino Claudionor Medeiros, ex-aluno do Asilo matriculado no Colégio Santa Rosa, é uma das vítimas do acidente com a Barca Sétima.
- 01/04/1916 Reiniciado o curso de desenho, com o professor Luis Dumont.
- 24/12/1916 Nas comemorações do Natal, é instalada pela primeira vez no Asilo uma árvore de Natal, e realizada uma distribuição de presentes.
- 28/01/1917 Ao fim da Festa de Premiação, foi aberta a visitação à exposição dos trabalhos executados nas oficinas, que passou a ser uma das tradições do colégio.
- 05/03/1917 Desligada a aluna Lydia Alves, última remanescente do Recolhimento N. S. da Piedade.
- 30/05/1917 Restabelecida em 18 anos a idade para desligamento.
- /02/1918 Ramiz Galvão passa a considerar a aula de caligrafia como matéria destacada, com avaliação e premiação em separado.
- 27/01/1918 Pela primeira vez, é encenada pelas alunas uma peça teatral escrita por Ramiz Galvão.
- 16/10/1918 Manifesta-se no colégio a Gripe Espanhola, contaminando a quase totalidade das crianças e do quadro de pessoal. Não houve mortes.
- 28/09/1919 O presidente da República Epitácio Pessoa comparece à Festa do Patrono.
- 30/09/1919 Ramiz é nomeado Presidente do Conselho Superior de Ensino, do Ministério da Justiça.
- 30/12/1919 Criadas as aulas de datilografia e estenografia.
- 30/12/1919 Aposentado o médico Dr. Luiz Alves.
- 21/10/1919 Aquisição do terreno vizinho ao colégio para futura expansão do Asilo.
- /03/1920 Início dos cursos de datilografia e estenografia.
- /06/1920 Início do curso de escrituração mercantil.

- 27/06/1921 Mary Pessoa, esposa do presidente da República, Epi-tácio Pessoa, visita o Asilo.
- 17/01/1921 Aposentada a regente D. Paulina Pereira da Silva.
- 01/03/1921 Festa de Despedida de D. Paulina.
- 31/01/1922 Inauguração do retrato de D. Paulina, de autoria de A. Petit.
- 30/06/1922 A população escolar é de 122 meninas.
- 18/01/1923 Falecimento do ex-provedor Luiz Augusto de Magalhães, que em 1881 havia proposto à Irmandade a criação do Asilo para Crianças Desvalidas.
- 01/07/1923 Assume o provedor Albino Ferreira de Sá Coelho.
- 24/12/1923 Inaugurada a sala da sessão de cinema do Asilo.
- /--/1925 Início da oficina de luvas.
- 02/05/1925 Início da oficina de chapéus.
- 29/06/1926 Inaugurado o mausoléu dedicado a Araújo, no cemitério São Francisco Xavier.
- 08/09/1924 Assume a capelania do Asilo o padre Henrique de Magalhães.
- 07/02/1926 Assume a capelania do Asilo o monsenhor Rosalvo C. Rego.
- 06/04/1927 Assume a capelania do Asilo o monsenhor Francisco Mello e Souza.
- 07/08/1927 Inaugurados os bustos de Gonçalves de Araújo e Gaspar da Rocha, no jardim do Asilo.
- 12/08/1927 Retomado o curso de ginástica.
- 12/08/1927 Aposentada a mestra D. Armida de Vasconcelos.
- 12/04/1928 Ramiz Galvão é eleito para a Academia Brasileira de Letras.
- 22/11/1928 A Irmandade decide elevar para 150 educandas a lotação do Asilo.
- 01/07/1929 Assume o provedor Alberto Joaquim Esteves.
- 13/04/1930 Inaugurado o novo pavilhão de cinema.
- 30/06/1930 O número de educandas no Asilo chega a 142.
- 01/07/1930 Assume o provedor Albino Ferreira de Sá Coelho.

- 10/08/1930 O presidente da República Washington Luís comparece à Festa do Patrono.
- 09/10/1930 Ramiz é licenciado por motivo de saúde (seria seu último dia no exercício da direção do colégio).
- 09/10/1931 A professora Cadma Souto é nomeada como diretora interina do Asilo Araújo.
- 04/03/1931 É concedida a aposentadoria a Ramiz Galvão.
- 15/08/1931 Assume o provedor Antonio Louçã de Moraes Carvalho.
- 30/11/1933 Ramiz é eleito presidente da Academia Brasileira de Letras.
- 09/03/1938 Falecimento de Ramiz Galvão, aos 91 anos.

O Educandário Gonçalves de Araújo, nome pelo qual este tradicional colégio do bairro de São Cristóvão ficou conhecido a partir de 1940, teve sua criação proposta no distante ano de 1881, com o nome de Asilo da Infância Desvalida. Sua inauguração, entretanto, só ocorreria 20 anos mais tarde, em 1901, com o nome de Asilo do Beneficor Antonio Gonçalves de Araújo. Sempre sob administração da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, o colégio funcionou até 2008, exclusivamente no regime de internato, acolhendo meninas e meninos órfãos e pobres da cidade do Rio de Janeiro. A partir desse ano passou a adotar o regime de externato, mas sempre voltado para o atendimento aos mais necessitados.

Neste segundo volume, recuperamos os primeiros 30 anos de funcionamento do colégio, período durante o qual foi dirigido por uma das principais eminências do mundo pedagógico e cultural da cidade, o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, barão de Ramiz Galvão.

Contratado para dirigir o Asilo Gonçalves de Araújo em 1899, quando o prédio do colégio ainda estava em construção, acompanhou a fase final das obras, recomendando os ajustes que lhe pareciam necessários. Esteve presente na sua inauguração, em 30 de dezembro de 1900, e recebeu as primeiras alunas em 21 de julho de 1901.

Manteve-se na direção do colégio até 9 de outubro de 1930, quando, aos 84 anos de idade, entendeu que não tinha mais condições físicas para continuar. Completava 31 anos, 2 meses e 10 dias no cargo, a serviço das crianças do Asilo e da Irmandade da Candelária.

Durante esse largo período enfrentou muitos desafios, talvez o mais sério deles o de se ver obrigado a propor o encerramento da seção masculina do colégio. Dotado de uma extraordinária capacidade de trabalho, ainda encontrou tempo para lecionar no Colégio Pio Americano, para atuar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para servir como Diretor de Instrução Primária da Prefeitura do Distrito Federal (de 1912 a 1915) e ainda para atuar como primeiro reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (de 1920 a 1925). E, em 12 de abril de 1928, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Permanentemente preocupado com o futuro de suas alunas, esteve atento aos efeitos que os ventos da modernidade impunham à participação da mulher na sociedade, dedicando boa parte dos seus últimos anos como diretor a mostrar os rumos que a instituição deveria seguir para fornecer a formação mais adequada para aquelas jovens e para garantir-lhes um futuro mais consentâneo com os padrões educacionais e morais que ali eram professados.

